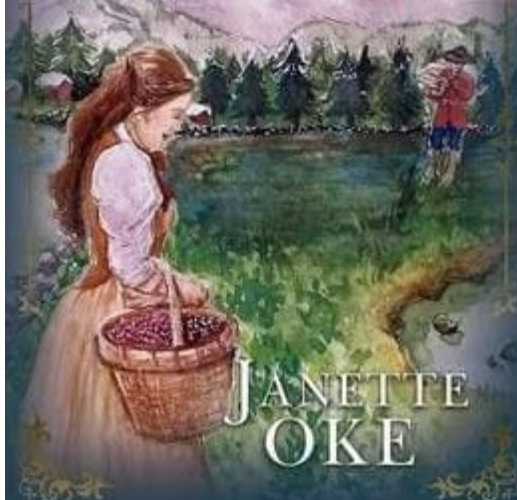


QUANDO
e chega a
PRIMAVERA



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

QUANDO
e chega a
PRIMAVERA

JANETTE
OKE

Copyright 1985 by Janette Oke Originally published in English under the title *When Comes the Spring* by Bethany House Publishers, a division of Baker Publishing Group, Grand Rapids, Michigan, 49516, U.S.A. All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA
UPBOOKS

Rua Francisco Otaviano Queluz, 103 Braz Cavenaghi, Itapira,
SP - 13976-508

email: contato@upbooks.net.br

www.upbooks.com.br

Direção e tradução **Eneas Francisco**

Edição e copidesque **Carla Montebeler**

Ilustração da capa **Dyene Corrêa Nogueira**

Revisão **Angélica Pina Bianca e B. Fauro**

Dedicado com amor à minha paciente e amante da paz quarta
irmã, Margie L. Wiens, e a seu marido igualmente
descontraído, Wilf. Eu amo vocês.

Sinopse - Quando chama o coração

Dias de preparação

Boas e más notícias

Os Planos se intensificam

Os Preparativos

O dia do casamento

A Cerimônia

Banff

Mountain Lake

De volta a Calgary

A jornada começa

Prosseguindo

Na Carroça

O último dia na trilha

Nosso lar

Construindo um lar

Vizinhos

Ajustes

Chás e coisas do tipo

Amigos

Um dia difícil

A Contadora de Histórias

Estudos Bíblicos

O Inverno

A adaptação

A tempestade

Consequências

A Vida no vilarejo

Março

Nimmie

Mãos à Obra

À Espera

Armadilhas

A Primavera

A Escritora

Sinopse de Quando Chama o Coração

Q

uando a bem-educada e sofisticada Elizabeth Thatcher, uma garota da cidade de Toronto, concordou com um período de ensino na recém-criada província de Alberta, era mais para agradar sua mãe e se familiarizar com seu meio-irmão Jonathan do que de certo modo como uma aventura por sua própria parte. Elizabeth estava mais do que um pouco hesitante em deixar o conforto e a segurança da casa de seu pai para se misturar com as pessoas ásperas e incultas da nova fronteira. Mas, ao chegar ao Oeste, Elizabeth logo aprendeu a amar seu irmão mais velho, sua esposa Mary e seus quatro filhos pequenos. Ela também foi cativada por famílias e alunos da pequena escola de uma única sala e pelo próprio Oeste. Depois, na vida de Elizabeth entrou Wynn, o membro alto, bonito e dedicado da Real Polícia Montada do Noroeste. Elizabeth, anteriormente determinada a nunca se casar com um homem do Oeste, começou a ter dúvidas. Wynn era quem agora resistia. Ele era inflexível em sua crença de que os rigores da vida de um *Montado* eram muito exigentes para serem compartilhados com uma esposa, particularmente uma mulher tão amável e culta quanto Elizabeth.

Elizabeth, sentindo-se rejeitada e magoada pela aparente falta de sentimento de Wynn por ela, decidiu voltar para Toronto, onde pertencia. Mas Wynn sabia que não podia deixá-la ir – pelo menos não sem expressar a ela seus profundos sentimentos de amor e dando-lhe a oportunidade de responder. Uma proposta na estação de trem levou Elizabeth aos braços de Wynn com a garantia de que ela estava mais do que disposta a enfrentar o que o futuro reservava para eles.

Personagens

ELIZABETH THATCHER - jovem professora do Leste que amava seu Deus, sua família e seus alunos. Bonita, protegida, mas de opinião própria, Elizabeth foi rápida em responder aos sussurros de seu Deus e às necessidades dos outros.

JONATHAN, MARY, WILLIAM, SARAH, KATHLEEN, BEBÊ ELIZABETH - família de Elizabeth no Oeste. Jonathan era meio-irmão do primeiro casamento de sua mãe. O Oeste o atraía de Toronto quando jovem. Lá ele conheceu e se casou com a ruiva Mary, e a casa deles foi abençoada com um filho e três filhas. A pequena Kathleen gostava especialmente de sua tia Beth.

JULIE - a irmã mais nova de Elizabeth; atraente, bastante volátil, mas muito amada.

MATTHEW - O irmão mais novo de Elizabeth. Matthew era o membro mais jovem e muito mimado da família Thatcher. A família de Elizabeth em Toronto também incluía duas irmãs mais velhas, Margaret e Ruthie.

WYNN DELANEY - apelidado de “Dee” pelos filhos de Jon. Wynn era um membro competente e dedicado da Real Polícia Montada do Noroeste. Ele já havia passado algum tempo em um posto do Norte e conhecia as dificuldades e a solidão que esse posto apresentava.

Capítulo 1 – Dias de preparação

Deve ter sido pelo menos a décima vez que minha jovem sobrinha Kathleen fazia a pergunta nos últimos dias.

— Já está pronto?

— Não — respondi pacientemente. — Ainda não.

Ela ficou em silêncio ao meu lado, com sua boneca favorita pendurada nos braços.

— Por que precisa de tantos tempos para fazer um vestido de noiva? — ela perguntou de novo.

Tanto tempo, a professora em mim a corrigiu silenciosamente. Em voz alta, eu disse, sem tirar os olhos da agulha, movendo-a suavemente para dentro e para fora do cetim branco-amarelado:

— Porque um vestido de noiva tem que ficar perfeito.

— Perfeito? — perguntou Kathleen.

— Hum-hum. Isso significa “adequado” para o homem com quem vou me casar.

— Dee não vai usá-lo. — Sua voz não expressava nenhum argumento.

Eu levantei minha cabeça e ri suavemente do olhar perplexo de Kathleen. Parecia que o apelido de Wynn ainda estava firme.

— Não, ele não vai usar. Mas ele vai me ver usá-lo, e eu quero que esteja perfeito.

Kathleen ficou ali teimosamente, agora com um olhar de frustração no rosto de duende.

— Ele não vai se importar — disse ela com sentimento. — Papai disse que mamãe ficaria linda até em um velho saco de batata.

Eu ri e trouxe Kathleen para perto de mim.

— Talvez você esteja certa — eu disse, afastando suavemente de sua testa um cacho.

Seus olhos me diziam que algo mais a estava incomodando. Eu

decidi que o vestido poderia esperar por alguns minutos. Verificando se havia deixado o pé da máquina de costura na posição correta e as preciosas dobras de material acetinado cuidadosamente colocadas no lenço de papel espalhado por baixo delas, levantei-me da cadeira. Minhas costas doíam e meus ombros pareciam apertados. Eu precisava de um tempo. Talvez devesse ter feito o que mamãe havia sugerido e providenciado para que Madame Tanier costurasse meu vestido, afinal. Eu mesma queria costurar meu vestido de noiva, mas não fazia ideia de que seria tão trabalhoso. Tomei a mão minúscula e meio pegajosa de Kathleen na minha e a conduzi até a porta.

— Por que não damos uma volta pelo jardim? — perguntei.

O brilho em seus olhos foi a resposta. Ela colocou a boneca embaixo do braço e saltou para o meu lado. Caminhamos juntas pelo jardim. As primeiras flores já estavam brotando. Ao olhá-las, minha mente voltou-se para o casamento planejado para o início de setembro e me perguntei que flores estariam disponíveis. Essa era outra decisão que tinha que ser tomada. Meu Deus! Elas não terminavam? Parecia que desde que Wynn me pediu em casamento, eu tomava uma decisão após a outra – algumas grandes e outras não tão grandes. Quando meus pensamentos se voltaram para Wynn, sorri comigo mesma. Quão afortunada eu era em me casar com um homem como ele. Ele era tudo o que uma garota poderia desejar – sua altura, seu porte, seu sorriso, sua tranquila autoconfiança, seu carinho. E ele me amava! Eu continuaria sonhando acordada, mas Kathleen me interrompeu.

— Mamãe vai fazer o meu vestido. — Eu assenti. — Você viu a cor? — Eu balancei a cabeça novamente, lembrando-me das horas que Mary e eu passamos examinando materiais e estilos, debatendo e decidindo. Kathleen e Sarah estariam na minha festa de casamento.

— Vai ser perfeito também – insistiu Kathleen.

— Sim – eu concordei. — Com sua mãe costurando, também será perfeito.

— Mamãe já terminou o vestido de Sarah.

Houve um silêncio enquanto eu estudava as tonalidades suaves de uma rosa do jardim. Essas cores seriam perfeitas, pensei, mas será que

ainda florescerão em setembro? Vou perguntar a Mary. Mas novamente Kathleen interrompeu meus pensamentos.

— Por que eu sou a última?

— Perdão? — Minha mente ocupada não acompanhou o questionamento de Kathleen.

— Por que eu sou a última? O vestido de Sarah já está pronto, mas mamãe acabou de começar o meu.

Olhei para o rosto ansioso dela. Era uma pergunta honesta, mas, para uma menina tão pequena, uma pergunta preocupante.

— Bem... — gaguejei, procurando uma explicação satisfatória. — Bem... seu vestido estará pronto em pouco tempo. Sua mãe é uma costureira muito boa e muito eficiente. Não demora muito tempo para costurar um vestido, mesmo um vestido extravagante como o que ela fará para você. Seu vestido estará pronto muito antes de setembro. De fato, seu vestido estará pronto muito antes que o meu, tenho certeza. Então o seu não será o último... o meu será.

Os olhos de Kathleen não se desviavam do meu rosto enquanto eu falava. Ela pareceu relaxar com minhas últimas palavras. Ela soltou a respiração como em um suspiro suave.

— Você é lenta, tudo bem — ela concordou solenemente. — Estou feliz que a mamãe seja rápida. — Então seus pensamentos se voltaram para outros assuntos. — Por que mamãe está fazendo os vestidos tão rápido?

— Tão rápido? Porque sua mãe tem tantas coisas para fazer, e ela pode fazer os vestidos agora.

— Que coisas?

— Bem, ela está planejando o jantar da recepção. E ela quer muito tempo para se preparar para a chegada da vovó e do vovô. E ela tem algumas decorações para fazer. E ela planeja fazer uma limpeza completa na casa...

Continuei pensando na pobre Mary e em todo o trabalho que meu casamento estava lhe causando. Como eu a amava! Não era nem um pouco necessário tanta confusão, mas ela insistiu. Afinal, seria a

primeira vez que seus sogros estariam em sua casa e ela também queria que tudo fosse perfeito.

— A vovó é exigiosa? — perguntou Kathleen séria.

— Exigente? — Eu sorri, mas não deixei Kathleen saber que sua palavra tinha saído errada. — Bem, sim e não. Vovó gosta de coisas boas, e quando ela está no comando, quer ter certeza de que tudo está certo. Mas ela não julga outras pessoas pelas mesmas regras que impõe sobre si.

— O que isso significa?

— Isso significa que sua avó ama as pessoas como elas são. Ela não pede que todos sejam perfeitos ou morem em casas perfeitas.

— Vai ser divertido ver a vovó — disse Kathleen com entusiasmo.

Meus olhos lacrimejaram e engoli o nó na garganta.

— Sim, vai — eu disse tranquilamente.

— Será maravilhoso.

Mas ainda parecia muito longe. O pessoal não chegaria a Calgary até pouco antes do casamento em 10 de setembro, e ainda estávamos na metade de julho.

— Você gostaria de balançar por um minuto? — perguntei à agora quieta Kathleen, para que meus pensamentos voltassem a um terreno mais seguro. Ela sorriu para mim, e eu aceitei como resposta. Kathleen adorava o balanço. — O balanço da árvore ou o balanço da varanda? — perguntei.

— O balanço da varanda — ela decidiu rapidamente. — Você pode se sentar ao meu lado.

Nós nos acomodamos no balanço da varanda e o impulsionamos com o ritmo de nossos corpos. Kathleen aconchegou-se perto de mim e abraçou a boneca pendurada em uma posição mais infantil. Percebi então que ela estava sentindo falta de atenção. Com todos os meus pensamentos concentrados no casamento que se aproximava, e Mary envolvida descontroladamente nos preparativos, nós duas sem querer deixamos as crianças de lado. Decidi que nos próximos dias eu seria mais sensível e atenciosa. Puxei Kathleen para mais perto de mim e a

segurei — uma coisinha tão preciosa. Nós ficamos em silêncio por muitos minutos. Minha mente voltou-se para as outras crianças. Será que também estavam sentindo a tensão da família ocupada?

— Onde está Sarah? — perguntei a Kathleen.

— Ela foi à casa de Molly. A mãe de Molly deixou que elas fizessem vestidos para as bonecas com as sobras do vestido novo de Sarah.

Bom para a mãe de Molly, pensei, mas não é de admirar que Kathleen tenha andado por aí se sentindo abandonada.

— E cadê o William?

— Papai o levou até a loja. Ele vai ajudar a empilhar as coisas. Ele até ganha dinheiro fazendo isso. — Kathleen se contorceu ao olhar para mim deixando a inveja transparecer em seu rosto. — William acha que ele é grande — disse ela com um pouco de nojo. — Ele vai economizar o dinheiro e comprar uma arma que atira em coisinhas redondas. — Kathleen enrolou os dedos curtos para demonstrar as pequenas coisas redondas. Então ela se aventurou em mais algumas informações. — Bebê Lisbeth está dormindo. Ela dorme quase o tempo todo. Mamãe está costurando. Não para mim — para a bebê Lisbeth. Stacy disse que o pote de biscoitos já está cheio, então não podemos assar mais biscoitos.

Apertei-a em meus braços. *Pobrezinha*, pensei, mas não disse. Em vez disso, falei:

— O que você acha de pegarmos o bonde para o centro da cidade e pararmos na sorveteria?

O brilho estava de volta.

— Podemos? — ela gritou. — Podemos, tia Beth?

— Vou perguntar a sua mãe. — Kathleen bateu palmas com empolgação e depois lançou os braços em meu pescoço. Senti meu penteado ficar todo torto. — Vamos verificar — eu disse.

Kathleen pulou e rapidamente correu na minha frente para encontrar Mary. Quando entrei na sala de costura de Mary, Kathleen já estava lá e havia feito a pergunta. Ela poderia tomar sorvete com a

tia Beth? Mary olhou para mim com uma pergunta nos olhos.

— Você terminou seu vestido? — ela perguntou intencionalmente.

— Não. Ainda tenho um longo caminho a percorrer — respondi honestamente. — Mas descansar me fará bem. — Não acrescentei que achava que Kathleen também precisava de atenção especial. Mary assentiu.

— Uma pequena pausa também me faria bem — disse ela, afastando-se da máquina. — Venha, Kathleen, eu vou limpar você.

Mary esfregou o pescoço cansado e levou Kathleen da sala. Voltei para o meu próprio quarto para trocar meu vestido e reparar meu cabelo. Meus olhos vagaram para a pilha de cetim brilhante. Parte de mim ansiava por estar lá na máquina. Eu estava muito ansiosa para ver o produto final de todo o meu trabalho. Mas tirei o vestido da minha mente. Kathleen era mais importante.

Além disso, estava tão ocupada com os detalhes do casamento que me sentia tensa e nervosa. Eu nem conseguia relaxar e desfrutar da companhia de Wynn, e ele viria fazer uma visita à noite. Uma tarde na agradável companhia de Kathleen poderia ser exatamente o que me deixaria em um estado de espírito mais relaxado. Peguei minha pequena bolsa de brocado com todo cetim e renda e saí da sala, fechando a porta. Respirei fundo e sorri quando fui encontrar minha animada sobrinha.

Capítulo 2 – Boas e más notícias

Wynn chegou um pouco mais cedo do que eu esperava.

Eu ainda estava no meu quarto fazendo preparativos de última hora, por isso foi Sarah quem o recebeu. Ela passou a tarde procurando pessoas que admirassem sua boneca, vestida com a elegância de seu novo vestido feito à mão, um azul claro cintilante. Wynn fez uma inspeção adequada e elogiou a jovem costureira por seu bom trabalho. Sarah sorriu e deixou Wynn, esperando nos degraus pelo retorno de seu pai. Ela também estava muito ansiosa para mostrar-lhe o vestido novo.

Kathleen assumiu a tarefa de entreter Wynn, encantando-o com todas as nossas aventuras da tarde. Estou certa que Wynn deve ter se surpreendido por eu ter encontrado tempo na minha agenda cheia para passar uma tarde tranquila com minha sobrinha. Tudo o que ele ouvia de mim recentemente era à respeito dos planos, trabalhos, preparações e a diligência que eu estava dando a todos os detalhes do casamento que se aproximava.

Kathleen conseguiu me tirar do foco. As pessoas são mais importantes do que a preocupação com preparativos. Eu não tenho sido uma boa companhia nem mesmo para Wynn, percebi, envergonhada por algumas das últimas noites que conseguimos passar juntos.

Bem, eu mudaria isso. Afinal, um casamento era muito mais importante que uma cerimônia. Eu cantarolava enquanto caminhava lentamente para a sala. Eu queria estar na sala esperando Wynn quando ele chegasse, em vez de entrar toda agitada depois que ele já tivesse lá... como eu tinha feito em tantas noites anteriores.

Wynn estava ouvindo atentamente a tagarela Kathleen, e não pude deixar de sorrir para a imagem amigável que eles passavam.

— Depois disso, ficamos vendo as vitrines das lojas – apenas por diversão —, explicou Kathleen. — Depois pegamos o bonde e fomos

até onde conseguimos – só para ver para onde ele ia – e depois o pegamos para voltar para casa! — Kathleen acenou com a mãozinha mostrando para Wynn toda a distância para chegar em casa. Wynn sorriu para a menina. Claramente ele estava gostando da conversa deles.

— Foi divertido? — ele perguntou, não porque precisava da resposta, mas porque sentia que Kathleen precisava se expressar.

— Foi muito divertido! — exclamou Kathleen. — Tomamos dois tipos de sorvete. Até tia Beth tomou dois. E trouxemos balas de limão para Sarah e William. Baby Lisbeth pode se engasgar com balas de limão — explicou ela seriamente, para que Wynn entendesse por que o bebê Lisbeth não ganhou bala. — Então, subimos a colina, desde lá de baixo, em vez de tomar o bonde, porque tia Beth disse que precisava de exercício. — Ela riu. — Para se livrar do sorvete — acrescentou. — E cantamos enquanto andávamos.

Foi um dia divertido. Tive ainda mais certeza ao ouvir Kathleen compartilhar com Wynn.

— Da próxima vez você vai me levar também? — Wynn perguntou seriamente e Kathleen assentiu, subitamente sentindo pena de Wynn por ele ter perdido tanto.

— Talvez possamos ir de novo amanhã — disse ela, pensativa. — Vou perguntar a tia Beth.

Kathleen saltou do sofá para correr para o meu quarto e então me notou em pé ao lado da porta. Wynn também ergueu os olhos. Surpresa, depois prazer, surgiram em seu rosto quando ele se levantou e estendeu a mão para mim. Nenhum de nós falou, mas pude perceber que perguntas estavam a caminho.

— Tivemos um dia maravilhoso — confirmei a história de Kathleen.

— Parece que você realmente teve um dia maravilhoso — disse Wynn, pegando minha mão e puxando-me para mais perto. — Suas bochechas estão radiantes e seus olhos estão brilhando — ainda mais lindamente que o normal.

Afastei-me um pouco quando Wynn tentou me puxar para perto,

atenta aos olhos curiosos da jovem Kathleen. Wynn deve ter lido meus pensamentos.

— Kathleen — ele disse, virando-se para a pequenina. — Por que você não fica no degrau e espera com Sarah por seu pai e William? Eles também vão querer ouvir tudo sobre o seu grande dia.

Kathleen correu da sala, e Wynn sorriu para mim e me puxou para perto. Eu não o resisti. A força de seus braços sobre mim e seu beijo gentil me lembraram novamente o quanto eu tinha perdido sem passar um tempo com ele durante os últimos dias tão tumultuados. Eu ficaria muito feliz quando as longas semanas finalmente tivessem passado e eu me tornasse a Sra. Wynn Delaney. Parecia uma eternidade. Esqueci tudo o que tinha para fazer nas próximas semanas e pensei apenas no homem que amava. Quando ele parou de me beijar, sussurrou encostado em meu cabelo:

— Eu te amo, Elizabeth. Eu já te disse isso?

Olhei para o rosto dele. Tinha brincadeira nos olhos, mas falava sério.

— Não o suficiente, ou recentemente — provoquei.

— Preciso consertar isso — disse ele. — Que tal um passeio ao luar hoje à noite?

Eu ri, pensando em quão tarde seria quando a lua estivesse brilhando na noite de Alberta.

— Bem — eu disse. — Gostaria que fosse um pouco antes disso. Você sabe que só começa a escurecer depois das dez horas. É uma longa espera. — Wynn também riu.

— Então não vamos esperar pela lua — concordou. — Eu ainda gostaria de dar um passeio.

— Vamos caminhar — prometi. — E apenas conversar. Temos muito o que conversar, Wynn.

— Mais decisões sobre o casamento? — Ele parecia quase apreensivo.

— Não essa noite. Isso pode esperar. Hoje à noite vamos conversar apenas sobre nós. Ainda há muita coisa que eu quero saber

sobre o homem com quem vou me casar, você sabe.

Wynn me beijou novamente. O som da porta da frente anunciou que Jonathan havia chegado. Ele entrou e encontrou suas duas filhas conversando animadamente. Jonathan tentava ouvi-las, querendo compartilhar da empolgação e entusiasmo delas. E William tinha suas próprias histórias que estava ansioso para contar. Ele havia trabalhado como um homem nos negócios de seu pai e estava fazendo ótimos planos para todo o dinheiro que ganharia durante o verão. Mary juntou-se à alegre comoção no salão e foi recebida pelo marido com um abraço caloroso e um beijo. Jonathan não concordava com a tradição dos pais de esconder sua afeição dos seus filhos.

“Quem precisa saber mais do que eles que eu te amo?”, ele costumava dizer a Mary; e os filhos cresceram em uma casa onde o amor era uma parte da vida tão aceita quanto esperada. Ao som da família se aproximando, eu me afastei relutantemente de Wynn. Talvez não fosse a hora de mostrar abertamente meus sentimentos por ele na frente dos filhos de Jonathan, embora eu soubesse que não era nenhum segredo. Como eu poderia esconder, me sentindo assim? O agradável jantar pareceu passar muito rapidamente. Compartilhamos muitas conversas e risadas ao redor da mesa. As crianças foram autorizadas e até incentivadas a participar. A bebê Elizabeth, que agora insistia em comer sozinha, era o motivo de grande parte da alegria.

Suas intenções eram boas, mas nem toda a comida chegava ao seu destino. Ela se lambuzava tanto quanto comia. As crianças riam e Elizabeth fazia um show ainda maior. Wynn, com entusiasmo, participava da alegria da noite. De vez em quando, por debaixo da toalha branca e damasco, ele apertava suavemente a minha mão. Exterioamente, ele estava receptivo como sempre, mas, por algum motivo, o jantar não tinha avançado muito quando senti que algo nele estava diferente. Parecia haver uma leve tensão no seu rosto. Olhei em volta da mesa para ver se alguém mais havia notado. Jonathan e Wynn conversavam sobre alguns dos novos negócios que haviam sido estabelecidos recentemente em nossa jovem cidade. Eles estavam satisfeitos com o crescimento e o que ele significava para os

moradores da cidade. Jonathan parecia não sentir diferença em Wynn. Voltei meus olhos para Mary. Embora ocupada com a difícil Elizabeth, que recusava sua ajuda, Mary parecia tranquila como sempre. Decidi que talvez tivesse imaginado coisas e me concentrei na conversa. Mas não. Eu tinha certeza que tinha alguma coisa. O jeito que Wynn olhava para mim, o jeito que segurava minha mão em todas as oportunidades, o jeito que ele se inclinou levemente na minha direção e seu braço roçou no meu ombro – tudo enviava pequenas mensagens para mim. Fiquei ansiosa para que a refeição terminasse, para poder ficar sozinha com o homem com quem me casaria. Eu não quis sobremesa. Dei a desculpa de que eu já tinha tomado dois sorvetes na cidade com Kathleen. Fiquei ali, mexendo impacientemente na minha xícara de café, girando a colher enquanto esperava o resto da família terminar a refeição. Eu tinha decidido ficar completamente relaxada esta noite – completamente relaxada e como uma companhia agradável para Wynn. Tinha decidido deixar de lado todos os planos e decisões referentes ao casamento que estava chegando, para que eu pudesse me concentrar apenas nele – e aqui estava eu, ficando tensa novamente. E por uma razão que eu não podia explicar.

— Por que não vamos dar um passeio? — perguntei a Wynn quando a refeição finalmente acabou. Fui recompensada com um largo sorriso.

— Ora, não há nada que eu prefira fazer, Srta. Thatcher — ele brincou.

Mas vi certa seriedade em seus olhos, e um curioso arrepio de medo passou pelo meu corpo. Saímos de casa e passeamos pela rua familiar. Não tínhamos ido longe quando me virei impulsivamente para ele e perguntei:

— Você se importaria muito se, em vez de caminhar, déssemos uma volta de carro? Adoraria ir até onde pudéssemos para ver as montanhas. — Ele sorriu.

— Essa é uma ideia maravilhosa — ele concordou. — Talvez possamos ficar e assistir ao pôr do sol.

O sol não demoraria muitas horas para se pôr. Sorri de volta para

Wynn. Parecia bom para mim — todo esse tempo para sentar e conversar. Voltamos para casa e estávamos prestes a entrar no carro de Wynn, quando ele sugeriu:

— Talvez você deva usar um xale ou casaco, Elizabeth. Pode esfriar antes de voltarmos. Posso buscar para você? Deixei um casaco leve no corredor dos fundos. Vai servir. — Wynn me ajudou a entrar no carro e foi buscar o casaco.

Imaginei que enquanto estava lá dentro ele tenha falado com Jon e Mary sobre nossa mudança de planos. Quando estávamos a caminho, Wynn conversou com facilidade. Saímos da cidade e subimos a familiar colina até o local onde poderíamos contemplar as montanhas a oeste. Ainda podia sentir algo, embora não o tenha questionado. Quando chegamos ao cume, deixamos o carro e caminhamos para um tronco caído. Era o local perfeito para observar a grandeza da montanha diante de nós. Suspirei enquanto me acomodava. Em apenas sete semanas, eu estaria visitando aquelas montanhas como a Sra. Wynn Delaney. Em vez disso, desejei que nosso casamento fosse na próxima semana – não, queria que fosse amanhã! Wynn sentou-se ao meu lado e seu braço me puxou para perto. Ele me beijou e depois ficamos em silêncio, nós dois olhando para as montanhas. O braço dele me apertou. Ele deve ter pensado na lua de mel que estava por vir também, pois invadiu meus pensamentos com uma pergunta.

— Você não vai mudar de ideia, Elizabeth?

— Eu? — eu disse surpresa.

— Bem, eu me perguntei se depois de todo o trabalho e preparativos você poderia decidir que, no final, não valeria a pena.

Suspirei novamente, mas desta vez por um motivo diferente.

— Eu sou entediante, não sou? Deixando a conversa, toda a inquietação e todas as frustrações evidentes. Receio não ter sido muito divertido estar perto de mim recentemente, mas eu...

Wynn me parou com um beijo gentil.

— Não tenho apoiado muito, não é? — ele confessou. — A verdade é que eu gostaria de apoiar, mas não sei como. Eu não tinha ideia que, com um casamento, haveria tanto planejamento e... e...

frustração. — Ele terminou fracamente. — Às vezes, receio que tudo seja demais para você e para Mary. Vocês duas parecem cansadas e fracas.

— Oh, Wynn — eu quase gemi. — É um absurdo. Hoje percebi isso. Vou falar com Mary amanhã. Podemos fazer as coisas de maneira muito mais simples. Não há necessidade de tanto desgaste antes de começar a vida juntos. Porque se eu fizer metade do esforço para fazer o casamento dar certo, quanto tenho me esforçado para fazer a cerimônia...

Deixei a frase no ar. O braço de Wynn se apertou sobre mim novamente.

— É isso que está incomodando você? — Finalmente perguntei. Eu senti a tensão no braço de Wynn.

— Eu disse que algo estava me incomodando? — ele perguntou.

— Não. Você não disse — falei devagar. — Mas pude sentir de alguma forma. Não sei bem como, mas...

Wynn se levantou, me puxando para si. Ele olhou profundamente nos meus olhos.

— Eu te amo, Elizabeth — disse ele calmamente. — Eu te amo muito. Quão tolo eu fui ao pensar que poderia viver sem você. — Ele pressionou minha cabeça contra seu peito, e pude ouvir as batidas leves e constantes de seu coração.

— Tem alguma coisa, não tem? — eu perguntei, sem olhar para cima, com medo do que poderia encontrar nos olhos de Wynn.

Wynn respirou fundo e levantou meu queixo para que pudesse olhar nos meus olhos.

— Meu destacamento chegou hoje.

O destacamento dele! Minha mente disparou. Deve ser um lugar terrível para deixar Wynn tão sério. Bem, isso não importava. Eu suportaria. Eu poderia suportar qualquer coisa enquanto estivéssemos juntos.

— Não importa — eu disse equilibradamente, desejando que ele acreditasse em mim. — Não importa, Wynn. É sério! Não me importo

para onde vamos. Já te disse isso, e estou decidida. Eu consigo! Sei que consigo!

Ele me puxou para si novamente e pressionou os lábios no meu cabelo.

— Oh, Elizabeth — disse ele, e suas palavras foram como um gemido suave. — Não é onde, é quando — continuou ele.

— Quando? — Afastei-me e procurei seu rosto. — Quando? O que você quer dizer?

— Devo estar no meu novo posto até 1º de agosto.

Minha cabeça se recusou a colocar tudo em foco. Eu tentei fazer com que tudo fizesse sentido, mas por alguma razão nada parecia se encaixar.

— Mas você não pode — gaguejei. — Nosso casamento só acontece em 10 de setembro.

— Mas eu devo ir. Quando alguém é designado, deve ir.

— Mas você disse a eles?

— Certamente.

— Eles não podem mudar isso? Quero dizer...

— Não, Elizabeth, eles esperam que eu vá.

— Mas para onde você foi designado? Para o Norte, como você esperava?

— Sim, para o Norte.

— Mas é uma longa viagem a se fazer a tempo de voltar para o casamento. Realmente não faz sentido... Seria uma viagem tão longa e até voltar desperdiçaria muito do seu tempo...

— Elizabeth — disse Wynn gentilmente. — A Força Policial não permite que homens saiam do Norte enquanto seu tempo de serviço não estiver terminado.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que, quando eu for para o meu destacamento, ficarei lá, provavelmente por três ou quatro anos sem retornar. Depende de...

Mas eu cortei, com meus olhos arregalados e questionadores.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que não pode haver um casamento em setembro.

Eu senti meu corpo enfraquecer. Fiquei feliz por Wynn estar me segurando – temi não conseguir me manter de pé. Por um momento, fiquei atordoada, e então meu cérebro enevoado começou a funcionar novamente. Não haveria casamento em setembro. A Força Policial não deixaria Wynn voltar do Norte depois que estabelecesse residência. Wynn deveria estar no posto em apenas duas semanas. Isso não nos deixava muito tempo. Forcei minhas pernas para ficar de pé e levantei minha cabeça para olhar para Wynn novamente. Eu nunca tinha visto seu rosto tão cheio de angústia.

— Quanto tempo leva para chegar lá?

Ele pareceu confuso com a minha pergunta, mas respondeu:

— Eles disseram que a viagem levaria uns seis dias.

— Seis dias... — Pensei alto. — Isso nos deixa com apenas nove.
— Wynn pareceu intrigado.

— Nove?

— Meus pais podem estar aqui em três ou quatro dias — prossegui. — Até então eu devo ter meu vestido pronto. Vai dar certo para um casamento no sábado. Isso nos deixa com quatro dias nas montanhas e um dia para fazer as malas para nos prepararmos para partir. Será que conseguiremos, Wynn?

Wynn ficou impressionado.

— Nós conseguiremos? — eu repeti. — Podemos fazer as malas em um dia?

— Oh, Elizabeth — disse Wynn, me apertando contra si. — Você faria isso?

Voltei e olhei profundamente nos olhos de Wynn. As lágrimas faziam meus olhos arder.

— Não poderia deixar você ir sem mim, Wynn. Eu não conseguiria — gaguejei. — A cerimônia pode não ser exatamente como

planejamos, mas é o casamento que conta. E teremos nossa família e amigos presentes. Ainda assim será lindo.

Havia lágrimas nos olhos de Wynn quando ele me beijou. Eu finalmente me afastei e olhei para as montanhas. Portanto, não levaria sete semanas para que eu pudesse estar ali como Sra. Wynn Delaney. Levaria menos de uma semana. Parecia irreal, quase inebriante. Wynn deve ter pensado a mesma coisa.

— Deus abençoe a Força Policial — ele murmurou, quase sussurrando.

— Deus abençoe a Força Policial? — eu repeti, indagando sua repentina mudança de emoção. Ele sorriu para mim.

— Setembro parecia muito, muito distante.

Eu dei-lhe um empurrãozinho, embora minhas bochechas tenham corado. Eu podia sentir o rubor.

— Bem, setembro podia estar muito longe — concordei. — Mas *este* sábado está muito perto. Temos muito o que fazer, Wynn, o que é absolutamente assustador.

De repente, percebi todo o impacto da declaração que acabara de fazer.

— É melhor voltarmos para a casa de Mary. Meu Deus, ela ficará desesperada.

— Espere — disse Wynn, ainda me segurando. — Você não me prometeu a noite toda?

— Mas isso foi antes de saber que... — Wynn me parou.

— Tudo bem — disse ele. — Não vou te prender à sua promessa. Admito que as coisas mudaram um pouco nos últimos cinco minutos. No entanto, vou insistir em pelo menos meia hora de sua total atenção. Depois iremos para a casa de Mary.

Sorri para ele e me acomodei novamente em seus braços.

— Eu acho que gosto disso — respondi timidamente.

Capítulo 3 – Os planos se intensificam

A casa estava cheia de comoção nos dias que se seguiram. Mary parecia correr em todas as direções ao mesmo tempo. Surpreendentemente, fui eu, Elizabeth, quem levou as coisas com bastante calma - eu que sempre sonhei com o casamento perfeito. Eu, que me imaginara muitas vezes descendo o corredor de uma grande catedral com vitrais guiada meu pai, o altar cercado por delicados buquês de flores de laranja ou gardênias, meu requintado arranjo de orquídeas em meu braço coberto de cetim. Imaginara muitas convidadas com vestidos cintilantes feitos pela melhor costureira da Inglaterra ou Paris. Ouvia melancolicamente as melodias dos tubos magníficos do órgão, enquanto a marcha nupcial era tocada. E agora, eu me casaria em uma igreja muito simples, minúscula e de construção rústica. Não haveria vitrais para deixar entrar a luz do verão. Não haveria sons magníficos da garganta de um órgão de tubos. Seriam poucos convidados, e seus vestidos não seriam dignos de nota pelos padrões do mundo da moda. E, no entanto, seria puro céu, pois eu estaria em pé no altar com o homem que eu amava. De repente, percebi que isso era tudo o que importava.

E assim fui eu quem abrandou Mary e a acalmei com palavras de segurança de que tudo seria simplesmente adorável. Tudo ficaria bem. O telegrama foi enviado para casa, e mamãe, papai, Julie e Matthew chegariam no trem de sexta-feira. Meu único arrependimento foi não ter mais tempo para vê-los antes do casamento no Sábado. Bem, era muito mais importante que eu estivesse pronta para ir para o Norte com Wynn. Eu terminei apressadamente meu vestido de noiva, que ficou pronto a tempo - na verdade, eu tinha um dia inteiro de sobra; então voltei minha atenção para outras coisas. Passei rapidamente pelo meu guarda-roupa, selecionando as poucas coisas que seriam adequadas para a vida no Norte.

Coloquei na mala todas as roupas que havia usado na escola e depois peguei o bonde até a cidade para fazer mais algumas compras. Wynn assumiu toda a responsabilidade pela compra e organização dos utensílios domésticos de que precisaríamos. Senti um pouco de apreensão, mas percebi que Wynn - tendo morado no Norte - teria uma compreensão muito melhor do que seria necessário. Ainda assim, achei difícil não me envolver. Meus instintos femininos me disseram que Wynn poderia falhar um pouco no conforto do lar para se concentrar na sobrevivência. Tentei afastar os pensamentos ansiosos de mim sempre que invadiam minha mente e disse a mim mesma que

poderia confiar completamente em Wynn.

A quinta-feira passou voando. Eu prolonguei o dia ficando acordada até muito tarde.

Continuei a separar, a arrumar as malas e a me antecipar ao que uma mulher precisaria para sobreviver aos rigores do Norte por três ou quatro anos sem um retorno à civilização. Minha mente parecia ficar em branco. Como eu saberia? Eu nunca tinha estado a mais que alguns quilômetros das lojas da cidade. Wynn estava tão ocupado quanto eu - separando, encaixotando e rotulando os itens e suprimentos que precisaríamos para nossa casa. Não seria chique, ele continuava me lembrando; e eu seguia lhe assegurando que não me importava. Dei a ele os poucos itens que havia comprado no ano anterior para minhas tarefas domésticas, esperando que ajudassem a reduzir nossas despesas. Ele parece ter ficado satisfeito e me disse que, com tudo o que eu tinha, além dos poucos itens essenciais que já estariam guardados em nossa cabana no Norte, havia poucas coisas que ele precisaria acrescentar.

Pensei muito em nossa casa no deserto. Eu queria torná-la um lar, não apenas um lugar vazio e funcional para onde Wynn voltaria ao final de um dia longo e difícil.

Mas como converter paredes de toras e pisos de madeira em um lugar aconchegante e acolhedor? Cortinas, almofadas e tapetes pareciam ser a resposta. Eu não tinha tempo para essas coisas agora. Eu já tinha feito tudo o que podia para apenas arrumar e empacotar. Decidi comprar algumas coisas para levar.

Então, no início da manhã de sexta-feira, entrei no bonde rumo à cidade. Não comprei musselinas finas e frágeis. Em vez disso, passei meu tempo estudando materiais mais pesados e masculinos. Eles pareciam muito mais adequados para uma cabana no Norte do que os mais leves e mais luxuosos.

Para os materiais mais pesados, escolhi estampas mais ousadas e claras do que normalmente compraria e, em seguida, adicionei alguns tecidos mais finos para o caso de eu estar costurando para um novo membro da família antes de voltarmos do Norte. Minhas bochechas coraram levemente com esse pensamento, e esperava que ninguém que eu conhecesse estivesse me observando comprar flanelas em tom pastel. Quase deixei de pensar em tal possibilidade em meio a tanta correria, mas três ou quatro anos eram muito tempo. Com o peso de todas aquelas compras, tomei o bonde de volta à casa de Jon e tentei reorganizar meus baús para espremer os itens adicionais.

Tive que deixar alguns vestidos para trás, mas decidi que me sairia muito bem sem eles. O material de costura era muito mais importante. Depois de empurrar, forçar e apertar as coisas o mais

firmemente possível, consegui baixar e travar a tampa do baú. Eu me sentei no chão enquanto o suor umedecia minha testa. *Eu devo estar horrível*, pensei. Podia sentir meus cachos cor de cobre começando a perder o penteado. Meu rosto estava vermelho e quente, meu vestido estava amassado e minhas mãos... Olhei para minhas mãos. Elas estavam tremendo - tremendo como se eu tivesse sentido um medo terrível ou simplesmente me esforçado demais. Bem, isso não importava. Eu tinha conseguido. As malas estavam feitas e eu estava pronta. Pronta para ir com Wynn para o Norte.

Tudo o que estava por fazer eram os preparativos finais para o nosso casamento; então partiríamos para uma breve lua de mel. E então, depois de um dia corrido com os preparativos finais, estaríamos a caminho da pequena cabana que chamaríamos de lar. Afastei o cabelo da testa com a mão trêmula e, apoiando-me em minha cama, me levantei.

Faltavam vinte minutos para que o almoço fosse servido. Ainda tinha tempo para um banho rápido e pentear o cabelo. *Não devo ficar acomodada! Tenho que me apressar! A manhã de sexta-feira se foi e ainda há muito a ser feito para o meu casamento. E minha família chegará no trem das quatro horas.*

— Beth! — O grito de Julie fez muitas cabeças se virarem a tempo de ver a bonita e bem vestida moça do Leste deixar cair o que estava em seus braços e correr com tudo para mim.

Eu queria gritar o nome dela e correr da mesma maneira que ela, mas me contive. Avancei ao seu encontro, e nos abraçamos. Até aquele minuto, não sabia quão intensamente havia sentido a sua falta. Nós duas choramos enquanto nos abraçávamos. Levou alguns minutos até que pudéssemos conversar.

— Deixe-me olhar para você — disse Julie, afastando-se. Eu só queria agarrá-la. Eu sabia que nosso tempo juntas seria curto. Ela mudou. Mas ainda era tão atraente quanto antes. Ela ainda era muito alegre. Mas havia certa maturidade nela. Como eu a amava! Eu sentia falta dela mais do que poderia descrever. Ela jogou os braços espalhafatosamente sobre mim de novo, desajeitando meu chapéu.

— Oh, senti tanto sua falta! — ela choramingou. — Como você pôde, Beth? Como você pôde vir aqui e decidir se casar com um homem que vai tirar você de mim para sempre? — Mas havia provocação no tom de voz de Julie.

— Apenas espere até ver *o homem* — provoqueei de volta.

— Ah! — disse Julie, afastando-se novamente e estendendo a mão para tentar ajeitar meu chapéu, mas não conseguiu. — Ah! — ela disse novamente. — Beth, a prática, encontrou seu par.

Rimos juntas, e então fui solicitada por outros braços. Mamãe não chegou num turbilhão como Julie, mas com seu jeito silencioso e digno como de costume.

— Elizabeth — disse ela baixinho. — Como você está querida?

Minhas lágrimas rolaram novamente, descendo pelas minhas bochechas e ameaçando encharcar a todos perto de mim. Mamãe também chorava, mas delicadamente - como chuva que caía suavemente, não em torrentes selvagens. Nós nos abraçamos por um longo tempo.

— Você está linda, querida — ela sussurrou ao meu ouvido: — Acho que o amor cai bem em você.

— Oh, mãe! — Exclamei: — apenas espere até conhecê-lo. Mal posso esperar...

— Nem eu, querida.

Wynn, de plantão até 17h30min, não poderia estar conosco para a chegada do trem.

Então Jon esperou por mamãe. Foi emocionante ver mãe e filho se cumprimentarem depois dos muitos anos que estiveram separados. Depois que Jon a abraçou e lhe permitiu recuperar a compostura, ele orgulhosamente apresentou sua Mary. As duas pareceram se apaixonar imediatamente. As crianças se amontoaram. Eu podia ouvi-las enquanto revezavam para serem abraçadas por sua avó e pela tia Julie. Mas eu estava ocupada recebendo meus próprios abraços.

Papai me segurou. Eu tinha o costume de abraçar meu pai, mas desta vez foi diferente. Acho que nós dois sentimos isso. Desta vez, eu não era mais sua garotinha. Eu estava prestes a deixar seus cuidados para estar nos braços de outro homem. Ele deu um beijo no meu cabelo logo acima da minha orelha e sussurrou.

— Estou feliz por você, Elizabeth. Feliz e triste - tudo ao mesmo tempo. Você consegue entender isso?

Balancei a cabeça no ombro dele. Sim, eu entendia, pois me sentia exatamente da mesma forma. Odiava ter que deixar minha família. Seria tão maravilhoso se eu pudesse empacotar todos eles também - como fiz com meus vestidos simples e todos aqueles materiais - e levá-los comigo para o Norte. Mas, não. Sinceramente, eu não gostaria e nem precisava disso. Não exatamente.

Agora, Wynn era tudo que eu realmente precisava. As coisas haviam mudado. E, apesar de ainda amar minha família, não era mais dependente deles. Eu estava cortando os laços. Eu estava me ligando a outra pessoa.

As palavras solenes seriam ditas no dia seguinte, mas meu coração sabia que já havia assumido o compromisso. Na mente e no

coração, eu já pertencia a Wynn — só a ele por todo o tempo e eternidade. Ele seria minha família, meu protetor, minha autoridade espiritual, meu amante, meu amigo.

— Eu te amo, papai — disse suavemente. — Obrigada por tudo. Obrigada por me criar e me preparar para o meu lar. Eu não percebi isso até... até... agora. Mas você o fez. Você me preparou para isso - para Wynn - e eu agradeço.

De repente me senti calma. Muito calma e segura de mim. Eu estava ocupada demais para pensar na diferença que o dia seguinte faria na minha vida. Estava apaixonada demais para considerar que poderia haver problemas a serem enfrentados e ajustes a serem feitos, mas vi isso agora.

Os braços do homem que me segurava me fizeram pensar claramente em tudo o que estava à frente, e de repente percebi que estava realmente pronta. Não era apenas um capricho, ou apenas um romance de uma colegial.

Era amor. Um amor profundo e duradouro, e eu seria esposa e ajudadora do homem que amava.

E meu pai me mostrou como. Inconscientemente, em todos esses anos da minha criação, ele estava me mostrando o caminho para um bom relacionamento matrimonial - com sua gentileza, consideração e forte lealdade àqueles que amava.

Eu o abracei com mais força. Eu o amava muito.

Quando meu pai me soltou, eu estava encarando um rapaz alto, com braços desgrenhados e um sorriso meio torto. No começo apenas olhei para ele, incapaz de acreditar no que via. Mas era, realmente, meu querido Matthew. Ele não parecia muito seguro, e não parecia saber lidar com toda aquela saudação emotiva dos membros de sua família; então recuou um pouco e ficou como espectador. Dei uma pestanejada para conter as lágrimas e olhei para ele novamente. Como ele cresceu nesse ano curto que estive fora! Eu também não tinha muita certeza de como cumprimentá-lo.

— Matthew — eu disse, quase num sussurro. — Matthew... você... você cresceu! Está tão alto.

Ele deu um passo em minha direção quando me virei para ele, e então o abracei, como havia feito tantas vezes quando ele era menino. Ele me envolveu em seus braços, me segurando com força.

— Oh, Matt, eu não acredito! Você está mais alto que o papai.

Tentei não chorar, mas era impossível impedir que as lágrimas caíssem. Matthew engoliu em seco. Ele era quase um homem, e o choro não era uma opção a ser considerada. Em vez disso, ele deu um tapinha desajeitado nas minhas costas, como se alguém

cumprimentasse um velho amigo da escola. Então chegou a vez de Jonathan. Era a primeira vez que meu irmão caçula encontrava meu irmão mais velho, e eles se avaliaram de homem para homem. Devem ter gostado do que viram; pois, movendo-se quase que juntos, foram de um aperto de mão para um abraço caloroso.

Pude ver os olhos de Matthew, pois ele estava à minha frente. Eles brilharam com admiração. Eu soube então que essa viagem para o Oeste causaria um efeito permanente na vida do jovem Matt.

Finalmente nos reunimos e juntamos todos os nossos pertences, empilhando-os nos dois carros que nos esperavam. Jonathan contratou os serviços de um amigo para ajudar a nos transportar de volta para casa.

Wynn foi convidado a se juntar à família para o jantar. Mal podia esperar para mostrá-lo à minha família e apresentá-la a ele. Eu estava muito orgulhosa de todos eles. Eu os amava demais!

Um grupo barulhento chegou à casa de Jonathan. Tínhamos muita coisa para contar. E ainda havia as crianças.

Cada uma delas tinha muita pressa para recuperar o tempo perdido e conhecer a avó e o avô e essa nova tia e tio o mais rápido possível.

Como sempre, todos pareciam falar ao mesmo tempo. Jon e Mary mostraram a cada um dos membros da família seus respectivos aposentos, Mary se desculpava, já que a limpeza e decoração pretendidas não foram feitas por causa da antecipação do casamento. Mamãe declarou que tudo estava adorável daquele jeito; e acho que Mary sentiu que mamãe foi intencional ao dizer cada palavra.

Julie, exuberante como sempre, tinha exclamação para tudo. Ela e a bebê Elizabeth, que agora dava alguns passos trêmulos por conta própria, logo se apegaram. As outras crianças também amaram Julie imediatamente, mas notei que Kathleen ainda se apegava a mim. Matthew logo encontrou um admirador no jovem William. Ele olhava para Matthew com a mesma devoção demonstrada nos olhos de Matthew ao olhar para Jonathan. Julie ia dividir quarto comigo, então, nós duas carregando suas malas e caixas de chapéu, subimos as escadas.

— Oh, aquele velho trem — lamentou Julie. — Estava tão lotado e tão quente! Tinha um homenzinho gordo fumando charutos fedorentos sentado bem à minha frente. E ainda tinha quatro pessoas sentadas no corredor que conversavam e riam de uma maneira tão grosseira que...

Julie teria continuado, mas eu a parei com uma risada. Ela olhou para mim, confusa, mas eu estendi a mão e dei-lhe outro abraço.

— Você mudou — eu disse a ela. — Há alguns anos você teria visto cada um desses homens como um possível pretendente.

Os olhos de Julie brilharam.

— Oh, eu fiz isso também — ela admitiu. — A única diferença é que sou um pouco mais seletiva agora. Havia alguns espécimes de ótima aparência naquele trem. Eu ia chegar lá.

— Julie. Bobinha — provoqueei.

— Ainda não consigo acreditar. Minha cautelosa irmã mais velha se casando com um homem da fronteira!

— Ele não é um homem da fronteira. Ele é um membro da Real Polícia Montada do Noroeste — eu a corrigi. Ela deu de ombros e jogou o chapéu na minha cama.

Alguns anos atrás, eu a teria lembrado que aquele não era o lugar dele. Em vez disso, peguei-o e coloquei-o cuidadosamente na prateleira do armário.

— Espere até conhecê-lo — lembrei Julie. — Você vai ficar com inveja.

Julie riu.

— Bem, eu imaginei que onde há um bom partido deve ter mais do mesmo. Correto, Beth? Que tal você me apresentar a alguns amigos do Wynn lá na Força Policial? Há outros solteiros, eu espero.

— Certamente, inúmeros deles. Mas não espere encontrar outro como Wynn.

— Ele é tão especial assim? — Os olhos de Julie brilharam. — Talvez, Elizabeth Marie Thatcher, você seja um pouco preconceituosa.

— Veremos — eu disse a ela, querendo que o tempo passasse logo para que Wynn chegasse e ela pudesse ver por si própria. — Preciso ajudar Mary— finalmente disse a Julie, relutante de deixá-la por um minuto sequer. — Sinta-se em casa. O banho fica no fim do corredor e a lavanderia um pouquinho para a frente, à direita, caso você precise passar alguma coisa.

É muito bom ter todos eles aqui, meu coração cantava enquanto descia as escadas. Eu só gostaria de ter mais tempo para passar com eles. Mas amanhã seria o casamento, e depois Wynn e eu partiríamos. E mesmo assim eu não desejava, por um momento sequer, adiar meu casamento – nem mesmo pela chance de passar mais tempo com a minha família. Comecei a cantarolar ao entrar na cozinha. A melodia soava como *“Lá vem a noiva”*.

Capítulo 4 – Os preparativos

Wynn perguntou, enquanto dávamos um pequeno passeio a sós mais tarde naquela noite:

—Está tudo pronto?

Nós precisávamos daquele momento. Lá dentro, a casa ainda estava movimentada. Minha família gostou imediatamente do homem com quem me casaria, e parecia-me que cada um deles queria monopolizar seu tempo.

Julie ficou especialmente impressionada. Eu podia ver nos olhos dela. Era difícil para ela acreditar que sua irmã mais velha, que tantas vezes havia expressado seu desgosto com o lado masculino da espécie, teve a sorte de ser abençoada com uma união com alguém tão maravilhoso como ele. *Como você fez isso, Beth?* Sua expressão parecia perguntar do outro lado da sala. *Onde você o encontrou?* Ao que meus olhos respondiam silenciosamente, *eu te disse*.

Mas agora Wynn e eu estávamos finalmente sozinhos, e as coisas estavam calmas o suficiente para que pudéssemos realmente ter uma conversa decente. Me senti momentaneamente inspecionada pela pergunta de Wynn. Sem ter certeza de ter entendido, eu repeti.

— Se está tudo pronto? Honestamente não sei. Meus pensamentos estão um turbilhão. Mas isso importa? Quero dizer, isso realmente importa? Você tem a certidão e o anel; eu tenho um vestido; a família está aqui. Estamos prontos o suficiente para prosseguir com o casamento. E daí se alguns dos detalhes...

Wynn riu e me abraçou.

— Você é inacreditável, Elizabeth — disse ele. — Quem esperaria que minha elegante senhorita do Leste estivesse fazendo declarações como essas?! — Ele me beijou.

Ainda estava claro e estávamos andando por uma calçada de Calgary com muitas casas nas proximidades. Era impossível que não nos vissem. Sua *“elegante senhorita do Leste”* se afastou dele sem realmente querer. Wynn riu novamente.

— Sinto muito, Elizabeth — disse ele. — Eu não pude resistir. Mas vou ser bom, prometo. Até amanhã.

Os olhos dele brilharam. Corei levemente e voltei a andar.

— Sua família é maravilhosa — disse Wynn, subitamente mudando de assunto e de humor.

— E todos eles te amaram! — Exclamei. — Sabia que eles

amariam você. Oh, Wynn, estou tão feliz.

Wynn pegou e apegou minha mão. Não tentei puxá-la. *Deixe que os vizinhos vejam e façam cara feia caso se importem!* Era a véspera do meu casamento, com o homem que eu amava.

— Você está pronto? — Perguntei.

— Tudo está pronto e encaixotado. Foi muito difícil encontrar suprimentos médicos o suficiente. Tive que pedir que me enviassem um pouco de Edmonton, mas eu finalmente consegui tudo.

— Suprimentos médicos?— Eu perguntei, surpresa.

— Precisamos levar tudo, Elizabeth — ele me lembrou. — Não apenas para nós mesmos, mas para todo o assentamento.

Eu havia me esquecido que Wynn tinha uma grande tarefa.

— Eles têm um posto em Hudson's Bay — continuou ele, — aonde chegam as remessas de suprimentos. Mas nunca se conta com eles para coisas importantes como medicamentos. Cobertores, farinha, sal, armadilhas - essas coisas conseguem chegar sem problemas.

Armadilhas. Pensei naquele mundo estranho para o qual estava indo. Isso me fascinava. Havia muito o que aprender. Estava ansiosa para chegar e me envolver na vida de Wynn.

— Já empacotei tudo — informei orgulhosamente. — Já coloquei tudo nos baús. Veja bem, demorou um pouco! Eu tive que deixar para trás os livros que queria, e aquele chapéu que pensei levar, dois pares de sapatos e dois vestidos, mas fiquei com o resto. De qualquer forma, não vou precisar de tudo aquilo.

— Você deveria levar alguns de seus livros, Elizabeth. Eles podem ser um...

Eu o interrompi:

— Oh, peguei alguns dos meus favoritos. Os que deixei foram principalmente aqueles que pensei que poderia usar caso as crianças indígenas quisessem ter uma escola.

— Você ainda não desistiu dessa ideia, não é?

— Bem... — eu hesitei. — Não.

Ele apertou minha mão novamente.

— Estou feliz — disse ele. — Seria maravilhoso se você pudesse ensinar alguns deles a ler.

Sorri, agradecendo a compreensão e o encorajamento de Wynn.

— Acho que posso encontrar algum cantinho para colocar mais livros, se você quiser, Elizabeth.

Eu queria envolver meus braços em seu pescoço e abraçá-lo, mas ainda estávamos nas ruas de Calgary e o dia ainda estava claro; em

vez disso, apertei sua mão e dei outro sorriso.

— Oh, obrigada. Eu gostaria muito de levá-los. Na verdade não são muitos e não formam uma pilha muito grande, mas eu simplesmente não consegui colocar mais coisas no meu baú.

Continuamos conversando sobre nossa nova vida juntos dentre muitas outras coisas. Havia algo de muito especial nessa noite antes de nos tornarmos marido e mulher. Não gostamos de ela ter que terminar.

Quando voltamos para casa, o sol do Oeste havia acabado de mergulhar por trás das colinas distantes. Uma luz suave brilhava em cada uma das janelas ao longo da calçada tranquila. O ar estava ficando mais frio, mas ainda era agradável. Wynn diminuiu os passos enquanto subíamos o aclave.

— Acho que não vou entrar, Elizabeth. Você precisa desta última noite com sua família. Vou tê-la pelo resto de nossas vidas.

Wynn saiu da calçada para a sombra acolhedora de um grande olmeiro. Eu sabia que não protestaria desta vez quando ele me tomou em seus braços.

— Não te verei mais até amanhã na igreja — ele sussurrou. — Agora, vê se não vai mudar de ideia.

— Não existe a mínima chance — garanti, enquanto meus braços enlaçavam seu pescoço.

— Ainda não consigo acreditar - amanhã! E amanhã está quase chegando. Você nunca saberá o susto que levei quando recebi minha designação antecipadamente.

— Susto?

— Pensei que teria que deixar você para trás. Eu sabia que seria injusto pedir para você esperar três, quatro ou até cinco anos. Eu quase enlouqueci. Pensei em deixar a Força, mas não tinha dinheiro para começar em outro lugar.

— Oh, Wynn.

— Nunca sonhei que você poderia estar disposta a correr para casar dessa forma. Espero que você nunca se sinta enganada, Elizabeth.

— Enganada?

— Enganada; ter perdido um casamento como você sempre sonhou.

Eu ri.

— O fato é, Wynn — falei — que passei muito pouco tempo sonhando com casamento até conhecer você. Então eu sonhei - eu sonhei muito. Mas a cerimônia não seria lá muita coisa sem você ao

meu lado, seria? Portanto, se tiver que escolher entre os adereços e você, é fácil deixar os adereços de lado.

Wynn me beijou novamente.

— Tenho que ir — disse ele depois de alguns momentos. — Minha noiva deve estar revigorada e radiante no casamento; e se eu não deixar sua beleza dormir, será minha culpa se ela não estiver.

Ele me deixou à porta e partiu. Entrei para me juntar à família. Meu pai e minha mãe estavam prontos para se retirarem para dormir. Havia sido um dia difícil e longo para eles.

Por sugestão de meu pai, nos reunimos na sala para um tempo de leitura das Escrituras e oração. Lágrimas rolaram por nossos rostos enquanto orávamos juntos. Até mesmo Matthew, mesmo que timidamente, orou em voz alta. Fiquei emocionada com sua sincera petição para que Deus abençoasse sua irmã mais velha, Beth e seu Wynn, ao começarem a vida juntos.

Foi um momento que estará para sempre no meu coração. Nunca me senti tão próxima da minha família como quando estávamos sentados, de mãos dadas orando juntos enquanto nossas lágrimas corriam livremente.

Eu realmente não consegui descansar como Wynn havia sugerido, pois Julie e eu não conseguimos deixar de compartilhar os acontecimentos de um ano inteiro nas horas que se seguiram. Nós conversamos sem parar.

A cada vez que o cuco lá embaixo marcava a hora, eu decidia que precisava parar de falar para dormir um pouco; mas uma de nós sempre pensava em algo que realmente tínhamos que compartilhar ou perguntar à outra.

Julie insistiu em saber tudo sobre Wynn - onde eu o conheci, como o conquistei. Ela adoraria ouvir todos os detalhes do nosso romance; e, se eu fosse como Julie, poderia querer compartilhar tudo. Eu não era como ela e, portanto, guardei muitos detalhes para mim. Eram preciosos e não deveriam ser compartilhados com ninguém além do próprio Wynn.

— Quando ele disse que te amava pela primeira vez? — perguntou a intrometida Julie.

— Ei! — eu disse sonolenta, — isso não é um pouco pessoal?

— Oh, vamos lá, Beth. Você deve ter perdido o fôlego. Conte-me.

— Sem chance — eu rebati. — Isso me deixou sem fôlego, sim. Mas é só para mim.

Lembrei-me da cena na estação ferroviária quando estava pronta para voltar para o Leste. Foi a primeira vez que Wynn declarou que

me amava. Eu ainda formigava ao pensar nisso.

— Quanto tempo levou até ele te pedir em casamento? — Julie persistiu.

— Uma eternidade— eu disse rapidamente, e Julie riu.

— Oh, Beth... Fala sério!

— Estou falando sério.

— Você o amou primeiro?

— Acho que sim. Pensei desse jeito por um longo tempo. Wynn me disse desde então que me amava. Ele tinha tanta certeza que não ia dar certo que não quis admitir que me amava.

— Não ia dar certo?

— Por causa do trabalho dele. Ele não achava que eu era o tipo de mulher que poderia suportar o Norte.

— Oh, por favor! — explodiu Julie, depois cobriu a boca sentindo-se culpada por perturbar o silêncio da casa adormecida.

— Foi exatamente assim que me senti — repliquei em um sussurro alto; e nós duas rimos, colocando os cobertores nos nossos rostos para abafar o som como costumávamos fazer quando éramos crianças e nos mandavam dormir, mas ficávamos conversando.

— Como você finalmente o convenceu? — Julie perguntou.

— Bem, eu...eu... eu não tenho certeza — gaguejei. — Eu fui embora.

— Foi embora?

— No trem - para casa.

— Mas você ainda está aqui.

— Bem, sim. Na verdade não cheguei a ir. Mas comecei. Estava pronta para ir. Já tinha até mesmo enviado meus baús. Eu estava pronta para embarcar.

Julie, sentindo uma emocionante aventura romântica, gritou e depois colocou o cobertor no rosto para abafar o grito.

— Olha, Julie— eu disse com firmeza. — É tudo o que eu vou lhe dizer. Eu estava indo embora; Wynn veio me pegar. Ele me pediu para ficar e me pediu em casamento. Eu fiquei. Agora, vamos falar sobre outra coisa.

— Nós deveríamos tentar dormir. — Julie tentou esconder a decepção em sua voz.

— Bem, temos apenas esta noite para conversar. Ou você já quer dormir? Deve estar cansada depois de tanto tempo no trem.

— Ah não. Eu não estou cansada. De modo nenhum. Quero conversar. Ainda não te contei...

Por várias horas, fiquei deitada e escutei Julie relatar seus romances dos últimos meses. Havia emoções e sofrimentos. Havia companheiros fantásticos e chatos. Houve altos e baixos. Eu me perguntei com quem Julie compartilharia todos os seus segredos quando eu fosse embora.

— Existe alguém especial? — Finalmente perguntei. Julie pensou profundamente.

— Sabe, isso é engraçado, Beth. Mesmo enquanto eu deito aqui e penso em todos eles, nenhum deles é realmente o que eu quero. Não é um absurdo?

— Acho que não.

— Então por que eu presto atenção neles?

— Você apenas não encontrou o rapaz certo ainda — garanti. Eu também poderia ter acrescentado, *e você não amadureceu o suficiente para saber o que quer*, mas não disse.

— Você sabe o que eu penso? — disse Julie devagar, deliberadamente, como se tivesse recebido a revelação de uma verdade nova e surpreendente. — Acho que estou fazendo tudo errado. Eu tenho procurado o sujeito - oh, não particularmente o certo, apenas qualquer um - e eu deveria ter sido como você e deixá-lo vir me procurar.

— Mas Wynn também não estava me procurando — confessei.

— Bem, aconteceu, não foi? Vocês se encontraram. Alguém deve ter procurado alguém!

Ficamos deitadas em silêncio por alguns minutos.

— Beth — Julie sussurrou. — Você já orou sobre o homem com quem se casaria?

— Às vezes. Orei para que Deus me impedisse de tomar uma decisão errada.

— E mamãe orou. Eu sei disso. Ela ora o tempo todo. Ela não fala muito sobre isso, mas eu sempre a encontro orando. E o pai ora. Em nosso tempo de oração em família, ele sempre ora para que Deus guie cada um de seus filhos em todas as decisões da vida.

— Aonde você quer chegar? — Eu tive que lhe perguntar.

— Talvez não foi você, e talvez não tenha sido Wynn. Talvez tenha sido Deus quem deu um jeito de vocês ficarem juntos.

— Eu sempre senti isso — respondi.

— Bem, eu nunca tinha visto isso dessa maneira antes. Acho que meio que pensei que, se deixasse para Deus, ele escolheria um homem mais velho, sério e de cara fechada, com uma atitude paterna e gentil - e aparência de pobre. Não tenho certeza se estava disposta a confiar

nEle para escolher meu futuro marido.

Eu ri, mas Julie estava falando sério.

— Não, Beth, eu quero dizer exatamente isso — continuou ela. — Deus não escolheu esse tipo de homem para você. Wynn é apenas... é apenas... — Ela hesitou. Eu não tinha certeza se ela não conseguia encontrar a palavra certa ou se estava com medo de que eu protestasse contra ela “suspirar” pelo meu futuro marido.

— Perfeito. — Eu terminei por ela.

— Perfeito —, ela repetiu. — Alto, musculoso, forte - mas gentil, compreensivo e muito bonito! — ela terminou com um suspiro exagerado. Eu ri de novo. — Você acha que Deus realmente poderia encontrar alguém para mim como ele?

— Julie. Só existe um Wynn.

— Eu suponho que sim — Julie suspirou novamente. — Bem, e o segundo melhor?

— Olha, Julie, quando Deus o encontrar, você não vai achar que ele é o segundo melhor - ele não vai perder para ninguém no mundo.

— Sério? Você realmente acha que Deus pode direcionar isso também, Beth? — Julie estava falando sério de novo.

— Por que você não experimenta deixar com Ele? — Eu a incitei.

— Por que é muito mais fácil confiar em Deus para algumas coisas do que para outras? — ela se questionou.

— Eu realmente não sei. Devemos ser sábias o suficiente para saber que podemos confiar tudo a Ele, mas parece que Ele sempre precisa nos lembrar - uma coisa de cada vez. Talvez seja porque nós nos apegamos a algumas coisas com muita força, querendo demais que tudo seja do nosso jeito.

— É difícil deixar de lado algumas coisas.

— Eu sei.

— Eu não ia te contar isso, Beth; mas, depois que você saiu de casa, eu chorei. Chorei todas as noites por duas semanas e finalmente percebi que tinha que te liberar. Orei a respeito disso - e orei sinceramente - e Deus tirou a tristeza do meu coração e me deu um novo amor e respeito por minha irmã mais velha. Eu posso ser feliz com você agora, Beth, mesmo que isso signifique que realmente vou te perder.

Estendi minha mão na escuridão e toquei a bochecha de Julie. Senti suas lágrimas, mas sua voz não vacilou.

— Também senti sua falta — disse honestamente. — Também senti sua falta; e, Julie, meu desejo mais profundo é realmente que um dia Deus traga alguém para você - oh, não outro Wynn, mas alguém que

you can love as much, of whom you are proud very much. I am sure that in some place there is someone, only for you. Be ready for him, Julie. Be ready to be the type of wife that he needs, the type of woman that he can love deeply, can be proud - not only of his exterior beauty, but also of his interior beauty. I love you, Julie.

Capítulo 5 – O dia do casamento

Apesar de não ter dormido muito na noite anterior, acordei na manhã seguinte sendo tirada da cama rápida e facilmente pela empolgação. Julie ainda dormia, com uma mão sob seu lindo rosto. Ela parecia mais uma criança bonita do que uma jovem atraente, ainda tão alheia ao mundo e a todos os deveres deste dia importante.

Andei na ponta dos pés enquanto me vestia e saía do quarto. A cerimônia de casamento estava marcada para as onze horas. Depois disso teríamos uma recepção com a família e amigos íntimos. Mary, que Deus a abençoe, insistiu em ficar responsável por isso e contratou alguns fornecedores para ajudá-la com os preparativos e serviço.

Após a recepção, abríamos os presentes de casamento e passaríamos algum tempo com a família e com os amigos antes de embarcar às quatro horas no trem para Banff.

Nossa lua de mel não seria tão longa quanto havíamos planejado. Quatro dias nas belas montanhas não pareciam ser o suficiente. Não viajaríamos sem pressa. Nós não estaríamos pegando uma cabine em alguma área remota onde poderíamos caminhar e escalar, descansar e relaxar diante da grandiosidade daquelas montanhas magníficas. Em vez disso, nós pegaríamos o trem; Wynn havia reservado um quarto no hotel e de lá faríamos nossas pequenas excursões à privacidade.

Retornaríamos de Banff um dia antes de seguirmos para o Norte, de forma que todo o nosso tempo seria tomado pelas preparações de última hora e pela preparação da bagagem.

Meus amigos de Pine Springs ficaram muito decepcionados por não termos tempo para visitá-los antes de partir. Eles haviam planejado um chá de cozinha comunitário logo após nosso casamento, se tivesse ocorrido em setembro, como planejado originalmente.

— Não pode deixar você ir embora desse jeito — lamentou Anna. — Precisamos dar presentes também!

— Você não pode vir ao casamento? — Eu implorei através do chiado da linha telefônica.

— Vai tentar. Vamos esforçar muito. Os pequeninos ficar triste se perder — disse Anna. — Elsa por semanas não falar outra coisa.

— Talvez Phillip tenha espaço para trazê-los — sugeri. Mas temia que o carro de Phillip estivesse cheio.

— Vamos ver — prometeu Anna. — Vamos ver.

Mas tirei tudo aquilo da minha mente e tentei me concentrar no

que precisava ser feito nas poucas horas antes do meu casamento.

Mary, já na cozinha, me indicou uma cadeira ao lado dela e acenou com a cabeça em direção à cafeteira na parte de trás do fogão.

— Sirva uma xícara, Beth, e junte-se a mim. É sempre melhor para organizar os pensamentos antes de seguir adiante. E também ganhar tempo.

Eu concordei e decidi tomar um pouco. Os próximos minutos foram gastos “organizando”. Mary segurava um lápis nos dedos finos e anotava enquanto conversávamos.

— As flores! — ela gritou de repente. — Beth, você pediu as flores?

Bati a mão em minha testa.

— Eu não pedi. — Tinha pensado nisso inúmeras vezes, mas não o fiz. Mary parecia nervosa.

— O que vamos fazer? — ela me perguntou, não tão calma como quando começamos. Por um momento fiquei atordoada; de repente me lembrei daquelas lindas rosas no quintal de Mary.

— Você se importa de compartilhar suas rosas?

— Minhas rosas?

— As que estão lá atrás. Elas são lindas. Eu as notei alguns dias atrás. Elas serviriam.

— Mas não temos ninguém para prepará-las — Mary me interrompeu.

— Você pode arranjá-las. Você faz um trabalho bonito. Gostaria de dois buquês, um de cada lado do altar.

— Mas o seu buquê de noiva...

— Eu carregarei rosas também.

— Mas... — Mary protestou novamente.

— Vou carregar apenas um buquê solto. Apenas algumas flores de caule longo. Elas ficarão lindas.

— São muitos espinhos — argumentou Mary.

— Vamos cortar os espinhos. Matthew ou William ficarão felizes em fazer isso.

Mary sorriu. Então ela acenou com a cabeça e tomou outro gole de café.

— Então as flores estão resolvidas. Para onde vamos agora?

Repassamos tudo de novo. Meu vestido estava pronto. Julie ficaria ao meu lado. O vestido dela precisaria ser passado depois da longa viagem de trem, mas Julie cuidaria disso. Os vestidos estavam todos prontos para Sarah e Kathleen. O bolo foi feito por uma amiga

de Mary. Era mais simples do que teria sido se ela tivesse mais tempo; mas eu estava encontrando cada vez mais beleza na simplicidade.

Phillip, irmão de Wynn, ficaria ao lado de Wynn; e Phillip Jr. levaria as alianças.

— Não temos almofada para as alianças! — Exclamei de repente quando chegamos a esse item.

— Isso não é problema — disse uma voz suave atrás de mim. — Estava me sentindo mal por não ter me envolvido na preparação do casamento da minha filha. Apenas me dê alguns retalhos bonitos e eu farei a almofada em pouco tempo.

Era minha mãe. Eu pulei da cadeira para abraçá-la. Ela me segurou por um momento.

— Você tem tecidos adequados? — ela perguntou finalmente.

— Eu tenho alguns bons retalhos do meu vestido de noiva.

— Vai dar certo. E renda?

— Eu também tenho um pouco, embora não tenha certeza se é o suficiente.

Mary estava servindo outra xícara de café. Ela colocou na mesa e puxou outra cadeira para a mamãe.

— Eu tenho bastante fita e renda — garantiu. — Costuro a maior parte das coisas das meninas, e elas sempre insistem que eu coloque “enfeites” em todos os seus vestidos.

Tomamos nosso café e continuamos a cobrir todos os detalhes do casamento. Improvisávamos aqui e acolá para fazer outros arranjos. Por alguma razão, não entrei em pânico. A “Elizabeth organizada” de antigamente, ficaria horrorizada em fazer um casamento tão – tão casual. Em vez disso, passei pelas atividades da manhã em uma confortável correria. Em poucas horas, toda a confusão ficaria para trás e eu seria a Sra. Wynn Delaney.

Capítulo 6 – A cerimônia

O dia do nosso casamento estava gloriosamente ensolarado. Eu nem tinha pensado em olhar o tempo até estar literalmente no carro de Jonathan a caminho da igreja. Poderia estar um temporal e eu não teria notado, tamanha a minha empolgação. Parei tempo suficiente para fazer uma breve oração de agradecimento a Deus por preparar um dia tão lindo e depois voltei meus pensamentos para o meu casamento novamente.

Em alguns momentos pensei que nunca chegaria às onze horas ao encontro de Wynn. Apesar da nossa “*organização*”, houve muita comoção de última hora, e toda a casa parecia estar em um frenesi. Até Jonathan e papai foram convocados para prender os arquinhos das meninas e calçá-las.

Depois de deslizar pelas dobras macias e suaves do meu vestido de cetim, comecei a trabalhar no meu cabelo. Os grampos que normalmente se encaixavam com pouca persuasão se recusavam a ficar no lugar certo. Eu tentei novamente e o resultado foi o mesmo.

Percebi então que minhas mãos tremiam de emoção. Julie veio em meu socorro e, com alguns movimentos hábeis, ela deixou meu cabelo firme no lugar, pronto para o véu. Eu agradeci e fui calçar meus sapatos. Quando Julie e eu descemos, um carro já havia partido para a igreja. Mamãe e papai esperavam no corredor com serenidade e compostura, apesar das agitações de última hora da casa. Os olhos de mamãe marejaram um pouco ao olhar para mim.

— Você está linda, minha querida — ela sussurrou. — Seu vestido é encantador.

Papai comentou:

— É uma pena gastar tanto tempo com algo que dificilmente será notado. — Eu olhei para ele, intrigada. — Com suas bochechas radiantes e seus olhos brilhando tanto assim, Elizabeth, ninguém conseguirá tirar os olhos do seu rosto. — Entendendo, sorri para o papai quando ele se aproximou e e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo na bochecha.

Fizemos um círculo, nós quatro - Pai, Mãe, Julie e eu - entrelaçamos nossos braços quando ficamos juntos pela última vez no corredor da adorável casa do meu irmão Jon, em Calgary. Meu pai dirigiu a oração, pedindo que o Senhor fizesse do meu lar, onde quer que fosse, um lugar de amor.

— Que sempre haja harmonia e compromisso, amor e felicidade.

Que sempre haja força para os tempos difíceis, humor para facilitar os tempos tensos, e ombros sempre disponíveis para os tempos de lágrimas — ele orou.

Achei difícil impedir as lágrimas de rolares, mas eu não queria chegar à igreja com os olhos inchados e um rosto manchado, então me recusei a chorar. Mamãe assuou o nariz suavemente e enxugou os olhos, e então nos apressamos para o carro.

Enquanto esperava na entrada da igreja, com meus olhos nas costas do homem com quem logo me uniria no altar, meu coração batia violentamente. Meu pai deve ter percebido, pois estendeu sua mão tranquilizadora para mim e segurou a minha mão com força. Eu assisti Julie lentamente percorrer o corredor com passos leves e graciosos; sua saia drapeava suavemente enquanto ela andava. Por um momento aquilo causou um efeito estonteante em mim e fechei meus olhos. Eu era a próxima e tinha que estar pronta.

Eu ainda estava de pé com os olhos bem fechados quando papai deu seu primeiro passo. Assustada, abri meus olhos rapidamente e meu pai hesitou, para que eu pudesse caminhar em sintonia com ele. Estava na hora - hora de eu descer o corredor para encontrar Wynn.

Eu estava completamente alheia a todas as pessoas sentadas nos bancos. Nem mesmo me lembro de ver o pregador que estava no final do corredor. Tudo o que lembro é o rosto de Wynn quando ele se virou para me ver fazendo a interminável curta caminhada até ele. Em alguns minutos, eu seria sua esposa! Meu marido, Wynn, era o refrão em meus pensamentos enquanto me dirigia até ele. *Senhor, faça de mim uma esposa digna para este homem.* Com uma leve pressão no meu braço, meu pai me parou. Se ele não tivesse me avisado, tenho certeza de que continuaria andando até poder segurar a mão de Wynn. Meus pensamentos começaram a se ajustar, e repassei a cerimônia apressadamente. Eu estava esperando aqui com meu pai até que ele respondesse: *“Quem entrega essa mulher para se casar com esse homem?”* Então eu poderia dar um passo à frente para ficar ao lado de Wynn. A partir de então, me concentrei muito na cerimônia e pude dar as respostas certas nos momentos certos. Eu estava muito, muito consciente de Wynn ao meu lado, do significado das palavras que estávamos dizendo. Enquanto o solista cantava *The Wedding Prayer*, olhávamos profundamente nos olhos um do outro, trocando mensagens secretas entre nós. Wynn estava dizendo: *Você tem certeza absoluta?* E eu respondia sem qualquer hesitação: *nunca tive tanta certeza na minha vida.* Tivemos tempo para acrescentar, *eu te amo muito, muito*, e Wynn apertou minha mão gentilmente.

A cerimônia terminou e voltamos juntos pelo corredor. Marido e mulher. A partir de agora, eu estaria com Wynn para sempre. Não

haveria separação. Nada jamais se colocaria entre nós.

A entrada da igreja estava cheia de amigos. Anna e toda a sua família estava lá. Eu sequer tive oportunidade de perguntar como chegaram. Nos abraçamos e ela beijou minha bochecha, dizendo quão bonita eu estava. Eu cumprimentei as crianças. Lars tinha crescido perceptivelmente desde a última vez que o vi. Olga sorriu e sussurrou algumas frases bem ensaiadas sobre minha felicidade futura, mas Else parou e cautelosamente estendeu a mão para acariciar meu vestido.

— É lindo. Você que fez?

— Sim, eu que fiz — respondi.

— É lindo — ela disse novamente. — Tão macio e suave. Você é boa, Srta. Thatcher.

Não notei o título familiar, mas Wynn notou.

— Else, Senhorita não — ele riu. — Não é mais senhorita Thatcher.

Else corou um pouco, mas riu com Wynn. Ela colocou a mãozinha na boca e riu:

— Quero dizer, Sra. Wynn — ela se corrigiu. — Escapou.

Sra. Wynn parecia cair muito bem. Eu não me importaria de ser chamada Sra. Wynn; absolutamente. Após termos sido recebidos por aqueles que compartilharam nosso dia, voltamos para a casa de Jon e Mary para a recepção. Não me lembro muito da recepção. Eu acho que estava empolgada demais. Tenho certeza que o almoço foi delicioso, mas apenas porque ouvi outras pessoas dizerem.

A mesa foi retirada e abrimos nossos presentes. Ganhamos muitas coisas adoráveis, o que me manteve ocupada imaginando o quanto elas acrescentariam à nossa pequena casa no deserto. Não seria difícil torná-la acolhedora e familiar. Também me lembrei do dia cheio que teríamos quando voltássemos da lua de mel - todas essas coisas a mais teriam que ser cuidadosamente embaladas. Eu estava muito empolgada para pensar nisso agora. Devo cuidar de uma coisa de cada vez.

Finalmente chegou a hora de nos trocarmos para a nossa viagem de trem para Banff. Fui para o quarto que havia compartilhado na noite anterior com Julie e tirei o vestido de cetim cuidadosamente pela minha cabeça para não desarrumar meu cabelo. Tirei os sapatos novinhos em folha que beliscavam um pouco meus pés. Seria bom usar algo mais confortável.

Decidi tomar um banho rápido antes de me vestir para embarcar no trem. Levaria apenas alguns minutos e me ajudaria a relaxar e revigorar. Depois, vesti um terno de verão azul esverdeado que mamãe trouxera da loja de Madame Tanier. Eu amei ficar tão elegante

aqui no Oeste! Papai escolheu o chapéu, disseram; Eu cuidadosamente coloquei-o, satisfeita por me cair tão bem. Então peguei minha bolsa e, com um último olhar no espelho, fui me juntar a Wynn.

Jon nos levaria para a estação, o que significaria dizer adeus para minha família antes de sairmos. Eu odiaria deixá-los se não tivesse tantas promessas para o futuro. Abraçar a nova vida significava dizer adeus para a velha. Não havia como ficar com as duas. E eu sabia disso. Mas era difícil deixar todos aqueles a quem amava. Nossas despedidas foram bastante longas e chorosas, e repetidas inúmeras vezes. No entanto, estava ansiosa para sair e finalmente conseguimos nos afastar. O carro de Jon saiu em um ritmo um pouco mais rápido que o normal. O trem para Banff não poderia sair sem nós. Chegamos à estação bem a tempo e, com uma enxurrada de sacolas, conseguimos embarcar. No começo eu ainda estava em um turbilhão. Embora meu corpo tenha deixado de se apressar, minha mente ainda corria de um lugar para o outro. Parte estava no reencontro com minha família; parte estava revivendo o maravilhoso, célere, tenso e agitado dia do casamento. Parte estava ocupada imaginando minha nova vida com Wynn. Tentei me acomodar no assento confortável do Pullman; mas nem meu corpo nem minha mente cooperavam. Wynn parecia perfeitamente relaxado. Ele estendeu as pernas longas e sorriu, satisfeito. Ele olhou para mim e seus olhos me disseram que ele gostaria de me tomar em seus braços. Respeitando minha reserva na frente de uma “audiência”, ele se absteve por causa dos muitos outros passageiros no trem. Em vez disso, me lançou uma piscadela que fez meu coração pular. Ele segurou minha mão e me agarrei a ele. Ele deve ter sentido a minha tensão, pois começou a acariciar meus dedos, falando suavemente enquanto o fazia:

— Foi um casamento adorável, Elizabeth. Não vejo como poderia ter sido melhor mesmo se você tivesse tido todo o tempo do mundo.

Meus pensamentos repassaram algumas coisas que eu tinha esquecido ou misturado ou que não saíram como eu os havia planejado.

— Seu vestido era lindo; eu te disse isso?

Eu consegui dar um pequeno sorriso.

— Papai disse que ninguém notaria — eu murmurei.

— Eu quase não notei — admitiu Wynn. — Então me lembrei de um dos conselhos do meu irmão Phillip. ‘Não deixe de dar uma boa olhada no vestido’, ele me disse. ‘Ela espera que você conheça todos os detalhes, cada fileira de renda e o número de botões’ Bem, eu admito, Elizabeth, eu não contei os botões, nem mesmo as fileiras de renda, mas dei uma boa olhada no lindo vestido de seda.

— Cetim — eu corrigi.

— Cetim — Wynn repetiu, ainda esfregando um dedo grande suavemente para cima e para baixo pelas costas da minha mão. — Como eu saberia a diferença de seda e cetim? Mas tenho certeza de que não era sarja ou jeans.

Apesar da minha preocupação, eu ri. Aliviou minha tensão um pouco. Pensei na oração do papai sobre humor para os tempos tensos! Eu não tinha percebido antes o quão importante poderia ser um pouco de risada. A pressão de Wynn na minha mão aumentou.

— Do que você vai se lembrar de hoje, Elizabeth?

Sabia que ele estava tentando me ajudar a relaxar, e eu gostei. Eu tentei novamente deixar meu corpo aconchegar-se no encosto do banco, mas ainda estava rígido e resistente.

Me virei levemente para Wynn, deixando minha voz calma e leve.

— A correria. A agitação de última hora. O medo de que eu nunca chegasse a tempo e que você estivesse esperando na igreja, furioso comigo por estar tão atrasada - e talvez até mudar de ideia sobre se casar — eu provoquei. Wynn sorriu.

— Oh, eu não teria mudado de ideia. Havia pelo menos outras três mulheres solteiras lá - eu verifiquei, só por precaução.

Afastei minha mão e simulei um beicinho. Wynn voltou ao assunto.

— O que mais? — ele perguntou. Então fiquei mais séria.

— A oração do papai. Ele sempre ora conosco antes de qualquer grande evento em nossas vidas. Lembro-me de quando Margaret se casou. Eu era a dama de honra dela, então estava lá para a oração do papai. Foi tão bonito! Lembro-me de pensar: 'Se eu nunca me casar, sentirei falta disso'. Ainda assim, não estava convencida de que a oração fosse razão suficiente para arriscar um casamento.

— É sério?

— Na época era. É sério! Eu realmente nunca pensei que me sentiria inclinada a me casar.

— Aqui aprendi a acreditar que toda jovem está apenas esperando pela chance de levar algum homem - qualquer homem - ao altar.

— Eu acho que algumas estão.

— Então, por que você não?

— Realmente não sei. Eu acho que não era por ser tão contra casamento. Eu simplesmente não gostava da insinuação de que isso era tudo o que uma garota sensível pensava - que as mulheres eram apenas para o casamento, que se eu não me casasse, não seria nada.

Eu não gostava disso, dessa intolerância.

Eu não estava exatamente me acalmando como Wynn pretendia. Os pensamentos do meu passado e as crenças ridículas de algumas das pessoas que eu tinha conhecido estavam me estimulando. Eu me afastei um pouco de Wynn e estava prestes a expor mais sobre o assunto.

— As mulheres são bastante capazes — comecei, mas fui interrompida.

— Ei, calma, senhora Delaney! Você não precisa me convencer. Acredito em você. Eu assisti você na sala de aula, lembre-se; e tenho certeza que você, como mulher solteira, poderia lidar com qualquer coisa. Mas estou feliz que você não tenha se decidido a provar seu ponto de vista por toda a vida. Vocês podem não precisar de um homem - mas eu preciso de você. É por isso que as mulheres se casam, Elizabeth, para dar sua força interior a algum homem fraco. — Seu rosto estava sério, mas eu sabia que havia certa provocação ali também. Eu me lancei contra ele e deixei a intensidade morrer rapidamente dos meus olhos. Wynn estendeu a mão e levantou meu queixo, inclinando meu rosto levemente para que ele pudesse olhar nos meus olhos. — Sua força interior - e sua beleza exterior, Elizabeth - eu preciso de ambos.

Eu queria me inclinar e beijá-lo, mas minha educação proibiu.

Em vez disso, olhei para ele com amor nos olhos e depois me inclinei contra ele, meu corpo finalmente relaxou o suficiente para caber confortavelmente no assento. Depois de alguns momentos de silêncio, entrei no joguinho de Wynn.

— Do que você vai se lembrar de hoje, Wynn? — Não houve hesitação.

— Seu olhar quando fizemos nossos votos. A maneira como seus olhos afirmavam que você realmente queria dizer cada uma daquelas palavras.

— Eu quis dizer — sussurrei. — Eu quero.

— A covinha na sua bochecha quando você sorriu para mim.

Inconscientemente, coloquei a mão na minha bochecha.

— A maneira como seu cabelo brilhou quando o sol apareceu na janela. — Eu esperei por mais. — A suavidade da sua mão quando eu a segurei. — Ele acariciou a minha mão, olhando para ela enquanto o fazia. — A linda cor dos seus olhos, tão profundos e brilhantes.

Eu olhei para ele provocativamente e acrescentei uma coisa.

— E meu vestido de *'seda'*.

Ele riu. Nós dois estávamos completamente relaxados agora.

Aquele dia longo, lindo, cansativo e tenso havia terminado. Nosso casamento tinha sido adorável, mas agora estava no passado. Todo o nosso futuro estava diante de nós. Nosso matrimônio. Acho que naquele momento, como nunca antes, decidi em meu coração fazer do meu casamento algo ainda mais lindo do que minha cerimônia.

Talvez Wynn também tenha sentido, porque ele sussurrou suavemente contra o meu cabelo.

— Isso é apenas o começo, Elizabeth. Temos o hoje para memória, mas temos todos os amanhãs como possibilidades emocionantes. Nós podemos moldá-los com mãos cheias de amor para realizar nossos mais lindos sonhos. Eu também não era muito disposto a casar, Elizabeth, mas estou muito feliz por você ter entrado na minha vida e me ter feito mudar de ideia. Eu nunca fui tão feliz - e com a ajuda de Deus, pretendo fazê-la feliz, também.

Capítulo 7 – Banff

Banff era linda. Não há palavras para descrever adequadamente a beleza daquelas montanhas. Eu queria continuar olhando para elas – para carregá-las sempre em meu coração.

Na manhã seguinte, despertamos para mais um dia glorioso de sol. Tomamos um café da manhã descontraído no terraço do hotel e assisti o sol transformar o vale em rosa e dourado enquanto seus dedos desciam pelas profundezas. Depois de algumas perguntas, Wynn descobriu uma igreja, e tomamos o transporte do hotel até a pacata cidade de Banff para participar do culto matinal. Depois, encontramos uma pequena e discreta cafeteria onde desfrutamos de trutas no almoço e depois passamos um tempo preguiçoso da tarde andando pela cidade, apreciando as vistas e a sensação das montanhas e a agradável companhia um do outro.

— Conte-me sobre Banff — eu disse sonhadora enquanto caminhávamos.

— No que diz respeito ao homem branco, esta é uma cidade muito jovem — respondeu Wynn. — É claro que o povo indígena já conhece a região por muitos anos. Os exploradores passaram por aqui primeiro. Chegaram e foram embora sem dar muita atenção, exceto para admirar a beleza, até a década de 1880, quando a ferrovia chegou e a pequena cidade de Banff nasceu.

— E as pessoas adoraram e simplesmente não conseguiram ficar longe — arrisquei.

— Bem, o que realmente trouxe os visitantes foi a descoberta de fontes termais minerais em 1883. E então, os que eram bem relacionados e conheciam de investimentos construíram e abriram o Banff Springs Hotel para cuidar do comércio. O hotel foi avaliado como o melhor da América do Norte e foi visitado por turistas de todo o mundo.

— E aqui estou passando minha lua de mel neste famoso hotel —

interrompi, animada com o pensamento.

— As pessoas sempre foram fascinadas por montanhas; e montanhas não escaladas, não conquistadas e desconhecidas trouxeram muitos alpinistas para ver se poderiam ser os primeiros a chegar ao cume. Eles trouxeram guias suíços experientes para ajudar a atrair alpinistas, e a área logo ficou famosa.

— Acho que ainda é... — Fiz uma pausa para a palavra certa. — Rústica. — Eu finalmente decidi.

Wynn sorriu com a minha escolha.

— Sim — ele concordou. — Eu acho que isso é parte do seu charme. A robustez, as trilhas, os vendedores de peles – tudo se mistura nas ruas com os ricos do mundo todo. Enquanto andamos, você notou os diferentes idiomas à nossa volta?

Eu tinha notado. Era emocionante, como estar em outro país. Suspirei profundamente.

— Há tanta coisa que eu gostaria de ver que não sei por onde começar — disse a Wynn. — Nosso tempo é tão curto.

— Planejaremos com cuidado — ele me garantiu. — Agora, vamos começar com um lugar para comer.

Enquanto jantávamos no luxuoso restaurante do hotel, ouvi as pessoas na mesa ao lado discutindo uma caminhada que fizeram naquele dia e as paisagens que tinham visto.

— Podemos? — perguntei a Wynn. — Podemos ir? Por favor? Eu adoraria ver as montanhas, não apenas a cidade.

— Por que não? — Wynn sorriu. — É uma subida, mas tenho certeza de que poderia fazer isto. Vai ser muito cansativo, especialmente nessas alturas, mas vale a pena.

— Quando?

— Vamos fazer isso amanhã.

Bati palmas como criança ansiosa e depois me corrigi rapidamente; aquilo era inadequado demais para uma mulher casada.

Durante todo o jantar discutimos nossos planos para a manhã seguinte. Eu planejava acordar bem cedo, para que pudéssemos

começar bem. Quando voltamos ao nosso quarto, Wynn disse que tinha que ajustar algumas coisas. Ele mencionou que a cozinha nos prepararia o almoço que levaríamos na trilha, então eu assenti e comecei a dar uma olhada em minhas longas saias para decidir o que eu poderia usar no próximo dia. Apesar dos rigores da trilha, queria ficar bela para Wynn. Ninguém quer uma noiva modesta ou surrada. Eu encontrei uma saia que pensei que daria certo. Era elegante o suficiente para me deixar bela, mas não muito cheia a ponto de inibir minha caminhada. Então, escolhi meus sapatos. Na verdade, nenhum deles havia sido feito para uma longa caminhada, mas eu tinha um par comigo que não era muito desconfortável ou frágil.

Depois de fazer minhas escolhas, tomei um bom banho quente, cantarolando para mim mesma. Eu tomava um banho só por lazer enquanto Wynn estava fora.

Estava cheia de expectativas para o dia seguinte e a escalada gloriosa que faríamos juntos. Orei para que o tempo estivesse bom. Eu queria poder passar um tempo olhando de algum pico imponente para os belos e arborizados vales que se estendiam lá embaixo. Logo ouvi Wynn voltar e se movimentar no nosso quarto. Apressei-me. Lembrei-me de ter deixado minhas roupas para a caminhada largadas na cadeira mais confortável da sala, a que Wynn poderia querer usar. Enrolada confortavelmente em meu roupão branco saí correndo, com a intenção de tirar a saia e outras peças de roupa. Não estavam mais lá. Wynn estava sentado na cadeira. Uma rápida olhada me disse que Wynn havia pendurado as roupas cuidadosamente de volta no armário.

— Oh, obrigado. — Consegui dizer, mas fiquei um pouco envergonhada por ele poder pensar que eu era bagunceira e descuidada. — Eu não estava planejando deixar isso aí. — Me apressei em explicar. — Estava apenas tentando desamassá-las para amanhã.

— Amanhã? — Ele olhou interrogativamente para mim. — Eu temo que se fizermos nossa escalada amanhã, não haverá tempo para nada mais.

— É o que eu quis dizer. Para a caminhada.

Wynn pareceu surpreso.

— Essa roupa... para a caminhada?

Fiquei um pouco surpresa, mas gaguejei:

— Na verdade é o que tenho de mais adequado. Eu imaginei que os outros vestidos seriam extravagantes demais para eu andar.

— Você está certa. Então é essa — disse ele, acenando com a cabeça em direção à saia ainda visível pela porta aberta do armário.

— Mas é tudo o que tenho — argumentei.

— Eu tenho uma coisa para você. — Wynn parecia bastante confiante.

— Você comprou um vestido para mim?

— Não é um vestido.

— Bem, uma saia, então?

— Nada de saia. Você não pode escalar uma montanha com uma saia embolando em suas pernas, Elizabeth.

— Então... — Eu estava confusa e um pouco apreensiva a essa altura.

— Calça.

— Calça?

— Isso.

— Eu *nunca* usei calças na minha vida — soltei, enfatizando a palavra com desaprovação.

— Então, esta será a primeira vez — disse Wynn, completamente perplexo. Acenando com a cabeça em direção à cama.

Eu segui o seu olhar. Ali, jogada em nossa cama de uma forma bastante estranha e casual, estava uma calça masculina. Tinha uma cor feia e estavam muito enrugada, e quase desmaiei de choque ao olhar para ela.

— Essa? — Eu suspirei.

Wynn estava entendendo agora. Ele ficou de pé. Seus olhos procuraram os meus. Ele deve ter percebido a sinceridade do horror em meu rosto, pois sua voz se suavizou.

— Sinto muito, Elizabeth — ele se desculpou sinceramente. — Eu acho que não pensei como ela ficaria em você. Ela é horrível, não é?

Eu captei um vislumbre de decepção em seus olhos quando ele foi até a cama e pegou a calça que acabara de comprar. Ele começou desajeitadamente a suavizar as rugas com as suas mãos masculinas. Eu fiquei arrependida. Tentei tirá-la dele.

— Está tudo bem — eu disse, não querendo ofendê-lo. — Eu poderia passar. Não é isso. É que... é que eu não posso sair... eu não posso ser vista usando algo assim... em público e tudo... eu... — gaguejei até parar.

Wynn não disse nada, mas continuou a passar as mãos sobre o grosso tecido da calça. As rugas se recusaram a sair.

— A minha saia vai dar certo, Wynn; mas obrigada por pensar nisso...

Wynn olhou para mim fixamente e não me deixou continuar.

— Você não pode escalar uma montanha de saia, Elizabeth. Essas não são apenas trilhas para caminhadas. Elas são íngremes. Elas são perigosas. Você não pode ir sem uma roupa adequada.

A raiva repentina explodiu dentro de mim.

— E você chama isso de “roupa adequada”? — eu respondi, empurrando aquela calça nojenta.

— Para o que pretendemos fazer, sim.

— Bem, eu não vou usá-la — eu disse, um pouco rápido demais.

Wynn jogou-a em uma cadeira.

— Muito bem – disse ele, com a voz calma.

Eu venci. Não tinha certeza se deveria ficar feliz ou triste. Aquela foi nossa primeira briga e eu venci. Agora, como esposa, como eu poderia vencer com graça? Procurei palavras, maneiras de mostrar a Wynn que eu não esperava vencer todas as batalhas. Eu não sabia o que dizer, então cruzei o quarto e comecei a soltar meus cabelos e a escová-lo com movimentos longos e suaves. A tensão permaneceu dentro de mim, mesmo que Wynn parecesse estar imperturbável. Eu olhei para ele. Ele estava lendo um jornal. Ele deve ter comprado

quando saiu para comprar a calça. Notei um par de botas marrons no chão ao lado da cama. Comecei a perguntar a Wynn sobre elas e depois percebi que eram muito pequenas. Elas nunca serviriam em Wynn. O que elas estavam fazendo no nosso quarto? Então percebi: Wynn as comprou, não para si, mas para mim – para eu usar na minha caminhada na montanha! Não apenas a calça feia, mas as botas masculinas também. Como ele poderia ter considerado ser visto com uma mulher em trajes tão grotescos?

Estava escovando meus cabelos com tanta força que estremeci com a dor. Sequer conseguia imaginar um homem pensando em algo tão ridículo. Bem, minha saia e meus sapatos ficariam bem. Eu não seria vista passeando na minha lua de mel com aparência tão desgrenhada e ridícula. Alguém teve que quebrar o silêncio da sala.

— A que horas vamos partir? — perguntei inocentemente.

Já tínhamos decidido o horário, mas eu tinha que dizer algo.

— Para onde? — disse Wynn, abaixando o jornal.

— Subir a montanha — respondi com um pouco de impaciência.

Wynn demorou a responder.

— Elizabeth, eu temo ser culpado de não explicar completamente nossa viagem até a montanha. — Ele colocou o jornal de lado e ficou de pé. Eu me senti anã ao lado dele. — Partes da trilha são muito íngremes. É escalada difícil. Não precisa de cordas, mas é preciso ter muito cuidado. Uma queda pode significar ferimento grave.

— Você me disse isso. Eu vou tomar cuidado. Eu prometo.

— Na volta, existem partes da trilha onde é aconselhável sentar e descansar sobre alguns dos lugares mais íngremes.

Ele olhou para mim para ter certeza que eu estava entendendo o que ele estava dizendo. Eu balancei a cabeça que entendi.

— Existem lugares tão íngremes que você precisa usar os galhos das árvores próximas e se segurar nas rochas para poder se levantar.

Lembrei-me que Wynn já havia me dito isso também. Eu assenti novamente.

— É um longo caminho até o lago da montanha. É uma escalada

longa e difícil.

— O que você está tentando dizer, Wynn? — Eu impus. — Você acha que não tenho resistência para fazer a escalada?

— Não – ele disse calmamente. — Eu acho que você consegue. Nós não precisaríamos nos apressar. Eu posso ajudá-la sempre que você precisar – se precisar. Será um prazer.

Pensei em nossa muito comentada viagem pela encosta da montanha. Pensei na descrição de Wynn do belo lago da montanha. Pensei em compartilhar o almoço lá em cima no isolamento das montanhas. Os pensamentos agitavam minhas emoções. Eu estava mais ansiosa do que nunca para ir.

— Então, quando vamos partir? — eu perguntei novamente.

Wynn respirou fundo e olhou diretamente para mim.

— Estou com medo. Nós não vamos, Elizabeth.

Minha mão parou em meio a um movimento. Eu olhei para ele, incrédula. O que ele estava fazendo? Punindo-me por vencer? Mas Wynn não parecia ser do tipo que retaliava. No entanto, mamãe sempre disse que você não conhece uma pessoa enquanto não morar com ela. Então, esse era Wynn? Eu não podia acreditar.

— Não vamos? — Eu finalmente engasguei. — Por quê?

— Você não pode escalar uma montanha de saia, Elizabeth; e você se recusou a usar a calça — afirmou calma e pontualmente.

Então eu não venci. Wynn havia concordado que eu não usaria a calça, mas não havia concordado que eu não a usaria nas montanhas.

— Isso é bobagem! — Eu quase silvei. — Usei saia a vida toda e nunca me tornei vítima fatal.

— Você nunca escalou uma montanha. — Foi a resposta dele.

— E acho que não vou escalar agora. — Joguei de volta para ele.

Até eu me surpreendi com a intensidade das minhas palavras.

— Sinto muito. — Foi tudo o que ele disse.

Ele se virou e voltou para o seu jornal. Continuei a escovar rapidamente meu cabelo. Não precisava escovar mais. Eu já havia

escovado o suficiente, mas eu não sabia mais o que fazer comigo.

Meus pensamentos ficaram confusos. Eu tinha ouvido falar das primeiras brigas. Eu sabia que Wynn não era de ser pressionado. Mas essa briga foi por um motivo tão tolo... Certamente ele não esperava que eu cedesse e usasse aquelas calças ridículas e desagradáveis! Nenhum homem que amasse sua esposa proporia uma coisa dessas. Eu me irritei ainda mais. Mamãe teria vergonha de me ter dado à luz, caso me visse com essa roupa! Wynn não entendia nada sobre vestuário e decência das mulheres. Finalmente, Wynn deixou de lado o jornal. Eu sabia que ele realmente não estava concentrado, apenas escondia-se atrás dele.

— Você está com raiva de mim, não é, Elizabeth? — Sua voz soou tão contrita que me preparei para a mudança de ideia dele.

Eu não respondi. Ainda não tinha confiança em minha voz.

— Você percebe que estamos casados há um dia inteiro e nós já tivemos um desentendimento? — perguntou Wynn suavemente.

Novamente não respondi.

— Eu realmente não estava preparado para isso — afirmou Wynn. — Ainda não, em nenhum momento. Sinto muito, Elizabeth. Eu amo você – você sabe disso. Eu te amo muito e gostaria que isso não tivesse acontecido — ele falou tão sinceramente que eu deixei de lado a escova.

Talvez ele não fosse tão teimoso, afinal. Eu já estava pronta para fazer as pazes, perdoar e esquecer. Homens não entendiam sobre a preocupação das mulheres com a aparência, era isso. Agora que Wynn já sabia, não haveria problemas futuros sobre isso.

Fui até ele e coloquei meus braços em volta do seu pescoço. Ele me puxou para o seu colo e me segurou firme. Devolvi seu beijo e passei meus dedos por seus cabelos grossos e escuros. Eu o amava. Ele era meu marido e eu o amava.

— Sinto muito — sussurrei. — Sinto mesmo. Agi como uma criança mimada e normalmente não sou tão boba. Acho que fiquei terrivelmente decepcionada.

Ele me beijou novamente, me segurando com firmeza. Eu mal

podia respirar, mas não me importava. Eu tracei o contorno de sua mandíbula firme com um dedo.

— Que horas você quer que eu fique pronta? — sussurrei.

— Você não ficará com vergonha de ser vista com uma calça masculina?

Comecei, depois me levantei e afastei os braços dele.

— Wynn — eu disse com firmeza. — Eu não vou usar essa calça!

Ele também se levantou e disse com a mesma firmeza:

— Elizabeth, se você não vestir a calça, então não vamos subir aquela montanha. Fui claro? Eu não vou te levar por aquelas trilhas perigosas, varrendo a trilha com uma saia atrás de si. Você pode cair e se matar. Ou você usa a calça, ou não vamos, Elizabeth. Você decide.

Me afastei dele. Como ele podia ser tão teimoso? Eu não podia acreditar.

— Então acho que teremos que encontrar outra coisa para fazer — disse desafiadoramente. — *Eu não vou usar essa calça. Fui clara?* — Enfatizei cada palavra. — Não queria que nem o meu cadáver fosse visto usando aquela calça masculina horríveis ou aquelas botas pesadas igualmente horríveis. Nem mesmo para escalar uma montanha na minha lua de mel com o homem que amo.

Procurei afastar-me dele novamente, mas Wynn segurou meu braço.

— Não jogue sujo, Elizabeth — ele disse suavemente, mas havia firmeza em sua voz e uma leve tristeza também.

As palavras fizeram um pouco de sentido para mim. Eu não podia acreditar em como eu estava agindo. Não foi assim que fui criada. Em nossa casa, o homem sempre foi o responsável. Mamãe educara cuidadosamente cada uma de suas filhas a acreditar que esse era o caminho certo para um lar cristão ser administrado, e aqui estava eu — com um dia de casada — brigando como uma galinha garnisé.

Mordi o lábio para parar de tremer e me afastei de Wynn. Ele não me soltou.

— Precisamos conversar, Elizabeth — disse ele gentilmente. —

Não acho que qualquer um de nós está pronto para isso agora. Eu vou dar um passeio, tomar um pouco de ar. Não demorarei e, quando voltar, se você estiver pronta...

Ele deixou a frase inacabada e soltou meu braço. Eu ouvi a porta fechar silenciosamente atrás dele.

Realmente não sei por quanto tempo Wynn se foi. Eu só sei que passei o tempo em lágrimas e, finalmente, em oração. Wynn era o chefe da casa – da minha casa. Mesmo que não concordasse com ele, ainda era necessário submeter-me à sua autoridade se a nossa casa tivesse que ser verdadeiramente cristã, um lar feliz. Ele não estava errado. Eu estava errada. No fundo, sabia que teria ficado decepcionada com Wynn se ele tivesse me permitido ser a vencedora quando ele se sentia tão preocupado com minha segurança. Eu precisava poder me apoiar nele, para ter certeza de que ele estava no comando. Então, por que eu tentei assumir o controle? Por que a moda era tão importante para mim? Eu não sabia. Eu só sei que no momento em que os passos de Wynn soaram no corredor, eu havia resolvido tudo com oração e lágrimas de arrependimento.

Eu o encontrei na porta. Considerando minha preocupação com a aparência, eu devia estar horrível, mas Wynn não fez nenhuma menção. Ele levou-me para dentro em seus braços e começou a beijar meu rosto molhado pelas lágrimas.

— Me desculpe. — Eu solucei. — Lamento profundamente. Não por odiar calças – sequer espero que um dia vá gostar delas, Wynn. Mas sinto muito por ficar com raiva de você por fazer o que você achou que era certo para mim.

Wynn alisou meu cabelo.

— E me desculpe, Elizabeth. Desculpe-me por te magoar quando eu te amo tanto. Desculpe; não há outra maneira de te mostrar aquele lago da montanha. Desculpe, tive que insistir na calça se...

— Tenho que insistir — eu o corrigi. Ele franziu o cenho levemente. — Tenho que insistir na calça — repeti. — Eu ainda quero ver o lago, Wynn; e, se você ainda quiser me levar, eu vou usar a calça. Apenas peça a Deus para que não encontremos ninguém na

trilha – crescentei rapidamente. — Não desejo encontrar nem mesmo um urso usando essa coisa.

Wynn pareceu surpreso, depois satisfeito, depois divertido. Ele me abraçou mais forte e riu.

— Acredite, Elizabeth, se houvesse outro jeito...

— Está tudo bem — assegurei a ele.

— Eu te amo, Elizabeth. Eu te amo. Confia em mim?

Eu balancei a cabeça encostada em seu peito largo.

— Haverá momentos, Elizabeth, em que não concordaremos. Momentos em que precisarei tomar decisões sobre nosso futuro. — Eu sabia que Wynn estava pensando na nossa vida no Norte. — Talvez eu precise pedir para você fazer coisas que achará difíceis, coisas que você não entende ou não concorda. Você me entende?

Eu assenti novamente. Eu já tinha falado a respeito de tudo isso em minha conversa com meu Deus.

— Eu te amo, Elizabeth. Vou tentar nunca tomar decisões para satisfazer meu ego ou para mostrar minha autoridade viril, mas o que julgar ser o certo para você — para cuidar de você e protegê-la. Você consegue entender isso?

Procurei seu rosto e assenti novamente.

— Desta vez – as calças – seria muito perigoso andar na trilha de saia. Conheço a trilha, Elizabeth. Eu jamais a exporia à possibilidade de uma queda. Eu...

Eu o parei, colocando um dedo gentilmente em seus lábios.

— Está tudo certo. Eu entendo agora. Fico feliz que você me ame o suficiente para lutar contra meu orgulho tolo. De verdade, Wynn. Obrigado por permanecer firme – por ser forte. Eu precisava disso. Estou pronta para deixar você ser o chefe da casa. E quero que você me lembre disso quantas vezes for necessário, até que eu realmente aprenda.

Eu tinha lágrimas nos olhos. Mas então, Wynn também. Cheguei a secar sua bochecha.

— Eu amo você, senhora Delaney — ele sussurrou.

— E eu amo você, Sr. Delaney — eu respondi.

Seus braços me envolveram com firmeza.

— Sinto muito que isso tenha acontecido — ele disse.

Olhei profundamente em seus olhos.

— Eu não sinto — eu disse devagar, sinceramente. — Estou pronta agora, pronta para ser sua verdadeira esposa. Pronta para ir com você para o Norte – até os confins da Terra, se necessário. Eu preciso de você, Wynn. Eu preciso de você e te amo.

Capítulo 8 – Mountain Lake

Acordamos cedo na manhã seguinte. Tomamos um rápido café da manhã e depois fomos nos preparar para a viagem até a montanha. Wynn tinha ido à cozinha pegar nosso almoço, que ele colocou em uma mochila juntamente com um bom suprimento de água. Enquanto isso eu me vesti, não querendo que meu marido me visse com aquela calça feia. Eu não ia me olhar no espelho. Não queria saber como estava. Fui até a cômoda para pegar um cachecol e acidentalmente dei uma boa olhada em mim. Mais tarde, fiquei feliz por fazê-lo. O que vi me fez parar por um pouco e resultou numa boa risada. Wynn me encontrou assim. A princípio ele não tinha certeza se eu estava realmente me divertindo ou estava apenas histérica.

— Olhe para mim! — eu dizia. — Eu pareço um saco de batatas desagradável.

Quando Wynn descobriu que eu realmente estava me divertindo com a maneira como me olhava, ele riu comigo. As calças volumosas como um saco escondiam minha cintura e qualquer indício de uma forma feminina. Eu apertei o cinto o máximo que pude. Isso só aumentou o volume.

— Está um pouco grande — confessou Wynn. — Eu acho que deveria ter te perguntado seu número.

— De qualquer forma, eu não saberia dizer, pois nunca usei calça antes. Mas vai servir.

Parei para dobrar as barras e expus as botas estranhas em meus pés.

— Você está pronta? — perguntou Wynn quando conseguimos parar de rir do espetáculo que fiz.

— Pronta — respondi, colocando-me em pé e batendo uma continência.

Nós rimos de novo e fomos para a porta. Wynn fez a gentileza de me levar pelos fundos para evitar encontrar outros hóspedes do hotel.

Nós demos a volta e seguimos o caminho rumo à trilha da montanha e começamos nossa longa subida. Não tínhamos ido longe quando entendi o que Wynn queria dizer. Eu tinha que me agarrar em galhos e raízes para poder subir. Vez após vez, Wynn tinha que me dar uma ajuda. Subimos lentamente com paradas frequentes para descansar. Eu sabia que Wynn estabelecera um ritmo leve para mim e gostei disso. De vez em quando, eu parava para olhar a trilha que tínhamos acabado de subir. Era incrivelmente íngreme. Eu podia vislumbrar um vale ou outro através da espessura das árvores. Eu mal podia esperar para estar acima das árvores para ver o mundo solitário lá embaixo. Ao meio-dia alcançamos nosso objetivo. Uma imensidão rochosa se estendia acima de nós. Abaixo estava o vale com a pequena cidade de Banff aninhada segura em seus braços. Era de tirar o fôlego. Aqui e ali eu conseguia ver o caminho sinuoso que tínhamos acabado de subir, pois ele dava voltas em torno da vegetação diante de nós.

— É de tirar o fôlego — eu sussurrei, ainda um pouco ofegante por conta da escalada. — Oh, Wynn, estou tão feliz por termos vindo.

Wynn se aproximou para me segurar com firmeza em seu braço.

— Eu também. — Foi tudo o que ele disse.

Encontramos um lugar para almoçar. A esta altura eu já estava faminta. Wynn jogou o casaco sobre uma rocha e fez um sinal para eu me assentar. Eu o fiz, desfrutando da vista diante de mim.

— Onde fica o lago? — eu perguntei.

— Vê aquele afloramento rochoso irregular?— Ele apontou. Eu assenti. — Fica do outro lado.

— Demora muito para chegar lá?

— Cerca de meia hora.

— Vamos nos apressar — solicitei.

Wynn riu da minha impaciência.

— Temos muito tempo — ele me assegurou. — É mais rápido descer do que subir.

Ele pegou minha mão e nos curvamos para agradecer a Deus pelo alimento. A oração de Wynn também incluiu gratidão pela vista que

se estendia diante de nós e pela oportunidade de compartilhá-la. Eu apertei sua mão, pensando em quão perto ficamos de não fazer a escalada. Eu olhei para as calças engraçadas que estava vestindo. Elas não me chocavam mais. Elas só trouxeram muitas gargalhadas.

Estávamos quase terminando o almoço quando ouvimos vozes. Outro grupo também fez a escalada. Eles estavam se aproximando e eu estava procurando um lugar onde me esconder. Eu reconheci uma das vozes. Era de uma senhora muito elegante que eu tinha visto no saguão do hotel no dia anterior. *Ó, meu Deus! O que ela pensaria quando me visse naquela calça horrível?* Eu não via lugar nenhum para me proteger, então eu me abracei e comecei a dar uma risadinha. E daí? Eu provavelmente nunca mais veria a mulher na minha vida. As calças tinham me proporcionado um dia muito agradável com meu marido. Não era razão para me envergonhar.

Dei outra mordida no sanduíche e lancei um sorriso para Wynn. Ele estava me observando para ver para onde eu correria. Um homem apareceu. Ele era alto e moreno, com ombros muito finos e um rosto pálido. Parecia que ele estava mais acostumado a bondes e táxis do que às suas próprias pernas, e eu me perguntava como ele conseguira fazer a escalada. Ele parecia estar gostando e se virou para dar a mão para a pessoa que o acompanhava. Eu tinha razão. Era a mulher jovem e atraente. Eu queria saber como ela conseguiu subir uma montanha com o cabelo tão perfeitamente no lugar. O corpo dela surgiu lentamente da subida acentuada para o campo de visão. Eu suspirei. Ela também estava vestida com uma calça horrível. Wynn e eu olhamos um para o outro, tentando disfarçar nossa risada. Naquele momento, ela nos viu e gritou de onde estava:

— Não é absolutamente glorioso?

Ela tinha um certo sotaque. Não consegui identificar no momento. Ainda com meu pedaço de sanduíche, exclamei de volta:

— Sim, não é?

Eles vieram para onde estávamos sentados e se largaram na rocha ao nosso lado, ambos respirando ofegantemente.

— Eu nunca fiz algo assim na minha vida — disse o rapaz.

— Tive dificuldade em convencê-lo a princípio — informou a mulher, para minha surpresa.

— Você já subiu antes? — eu perguntei a ela.

— Com meu pai — muitas vezes. Ele adorava escalar.

Ela parecia estar perfeitamente à vontade com as calças e esticou as pernas para descansá-las da subida.

— Esta é sua primeira vez? — ela me perguntou, sentindo que deveria ser.

— Para mim é — respondi. — Meu marido já esteve aqui antes.

Ela deu um sorriso fugaz para Wynn.

— Depois da primeira vez... — afirmou. — Você vai querer voltar muitas vezes. Eu nunca me canso disso.

— É uma ótima vista — concordou Wynn.

De repente me lembrei das minhas boas maneiras. Eu olhei para nosso almoço embrulhado. Ainda restavam alguns sanduíches.

— Aqui — eu disse, passando o pacote para eles. — Vocês não querem se juntar a nós?

— Nós trouxemos a nossa — ela respondeu rapidamente, e ele tirou a mochila das costas. — Nós só precisamos recuperar o fôlego.

Sentamos juntos apreciando a vista e o almoço. Descobrimos que eles também eram recém-casados. De Boston. Ela implorou por uma lua de mel nas montanhas e ele consentiu, com certa relutância, teve que admitir; mas agora que chegara ali, ele estava muito agradecido por ter concordado. Ele era contador de uma empresa e ela era a filha mimada de um rico advogado. Seu pai havia falecido e ela estava ansiosa para ter outro companheiro de escalada. Seu marido não parecia resistente o bastante para assumir a missão, mas parecia ter mais coragem do que eu imaginava. Eles estavam planejando subir uma montanha ou outra antes de retornarem a Boston.

Depois de conversar por algum tempo, Wynn disse que era melhor partir se quiséssemos ver o lago antes de voltar, e a jovem concordou. Era uma subida íngreme de volta à montanha, ela afirmou, o que deveria ser feita em boa luz. Nós saímos, nos despedimos

desejando-lhes tudo de bom em seu casamento, o que eles retribuíssem. Me levantei, sem sentir vergonha da calça. Se uma garota rica de Boston podia aparecer tão malvestida, supus que uma garota de Toronto, por dentro da moda, podia fazer o mesmo. A trilha ao redor da montanha até o pequeno lago era realmente perigosa em alguns pontos. Eu me perguntava como uma mulher seria capaz de fazê-la de saia. Não dava. Simples assim. Fiquei feliz por minha calça pouco atrativa que me permitia movimentos fáceis. Também fiquei feliz pela mão de Wynn, que muitas vezes me apoiava.

O lago realmente fez a viagem valer a pena. O azul era tão profundo quanto o céu sem nuvens acima de nós, e a superfície do lago era tão lisa quanto vidro. Parecia ser possível que alguém andasse sobre ele, de tão calmo que era. No entanto, quando chegamos perto e eu me inclinei cuidadosamente para dar uma boa olhada em sua profundidade, fiquei surpresa ao descobrir o quanto era fundo. Podia-se ver toda pedra ou sombra por causa da limpidez da água. Levantei-me e recuei cuidadosamente, sentindo-me um pouco tonta. Não demoramos muito. A descida da montanha era longa, então sabíamos que tínhamos que seguir a trilha. Reencontramos o outro jovem casal. Eles ainda conversavam animadamente enquanto andavam com cuidado sobre as pedras afiadas e lugares escorregadios. Eu esperava que o futuro deles reservasse muitas outras subidas. De certa forma, eu os invejei. O Norte não tinha montanhas como essas – pelo menos não no lugar para onde Wynn fora designado. Wynn disse que as montanhas se estendiam para o Norte também; mas eram na maior parte desabitadas, então pouquíssimos homens eram designados para servir ali. *Desculpe-me por isso. Eu gostaria de viver nas montanhas.*

Tomamos o caminho lentamente de volta pela trilha. De certa forma, achei a descida mais difícil do que a subida. Parecia ser sempre necessário pisar no freio, e nem sempre era fácil ter certeza de onde eles estavam. Em mais de uma ocasião, comecei a deslizar para frente muito mais rápido do que pretendia. Wynn estava certo. Era necessário sentar e tentar descer mais lentamente as partes mais íngremes da maneira mais indecorosa. *E se mamãe me visse agora?*, eu pensei sem pesar. Eu segurava em raízes, galhos, pedras – onde quer

que pudesse colocar minhas mãos para diminuir minha velocidade na descida. No final do dia, minhas mãos estavam arranhadas, apesar de usar as luvas de couro de Wynn para os piores lugares; as calças masculinas estavam horríveis com terra da montanha e sujeira da floresta; e meu cabelo estava completamente despenteado. No entanto, eu ainda tinha um sorriso feliz. Tinha sido um dia e tanto, uma lembrança que guardaria para sempre.

Paramos em um córrego na montanha. Ajoelhei e me inclinei para beber uma água fria e clara.

— Veio diretamente de uma avalanche — Wynn me informou; e eu estava disposta a acreditar nele. A água estava tão fria que fez meus dedos formigarem e doerem meus dentes enquanto eu bebia. Nós realmente não precisávamos da bebida. Ainda tínhamos água nas mochilas, mas Wynn achava que para o dia ser completo, eu deveria beber a água da montanha. Eu concordei. Limpei os pingos do meu rosto, sacudi minhas mãos geladas e disse a Wynn como era boa. Wynn bebeu também, como um lembrete para si mesmo de que estava certo. Nenhuma outra água na terra tem o gosto de um córrego da montanha.

Capítulo 9 – De volta a Calgary

No dia seguinte, estava toda dolorida. Eu não podia acreditar que uma pessoa tinha tantas partes do corpo para doer. Wynn sugeriu um banho na banheira de hidromassagem. Ajudou um pouco, desde que eu ficasse sentada e imóvel. Quando eu me mexia, doía tudo de novo.

— Eu não fazia ideia que tinha tantos músculos — reclamei.

Wynn se ofereceu para me ajudar e eu aceitei.

— Me pergunto como ele deve estar se sentindo — murmurei no meu travesseiro, enquanto Wynn trabalhava nos músculos doloridos das minhas costas.

— Ele? Ele quem?

— O marido dela. Aquele jovem casal de ontem. Ele não parecia ter sido feito para escalar montanhas.

Wynn riu do meu comentário.

— Acho que não — ele concordou.

— Bem, pensando nisso — eu continuei. — Eu também não a definiria como alpinista.

— Bem — disse Wynn sério. — Quando vi pela primeira vez uma linda jovem professora, eu também não a teria definido como alpinista.

Eu ri, apesar das minhas dores, e então tomei uma decisão.

— Já chega — falei para Wynn. — Temos apenas mais um dia aqui nas montanhas e eu quero ver o máximo que puder. Talvez meus músculos aliviem um pouco enquanto eu ando. Para onde vamos hoje?

— Você tem certeza? — Wynn perguntou, com um pouco de dúvida.

— Positivo — eu respondi.

— Escalar ou caminhar? — perguntou Wynn.

— Caminhar. Essas calças velhas não podem ser usadas em nenhum lugar enquanto não forem lavadas.

— Você tem sapatos adequados? — perguntou meu pragmático marido.

Apontei para o par que havia escolhido para o dia anterior. Wynn balançou a cabeça.

— Eles não servem para isso — afirmou, e desta vez nem sequer discuti.

— Ok — eu disse. — Vou usar as botas.

Fui buscá-las, esperando de todo o meu coração que minha saia longa as escondesse. Quase esconderam. Eu sorri para mim mesma e informei para Wynn que estava pronta para ir. Não perdemos tempo. Pela manhã, fomos a Bow Falls. Não eram quedas altas, mas eram adoráveis de se ver. A água corria descontroladamente entre duas grandes rochas nas montanhas que a escondiam de ambos os lados. Enquanto a alta queda batia com força, a água passava de clara, de um brilho translúcido, para uma espuma leitosa branca. Era possível ouvir o barulho muito antes dela completar a curva, de onde podia-se olhar a correnteza e assistir ao espetáculo. Quase me tirou o fôlego. Eu ficaria sentada assistindo hipnotizada aquelas cataratas pela manhã inteira, se Wynn não me chamasse.

— Eu odeio cutucar, mas se tivermos que ir para Cave and Basin, temos que ir. É uma longa caminhada.

Foi uma longa caminhada, e meus pés já estavam cansados de levantar aquelas botas pesadas; então, assim que chegamos à área onde o transporte público estava disponível, eu concordei que seria prudente sermos transportados, em vez de tentar trilhar todo o percurso. O guia de Cave and Basin era um escocês alegre que parecia estar desfrutando do melhor tempo de sua vida escoltando visitantes no que ele tratava como seu domínio privado. Quando viu Wynn, abriu um grande sorriso.

— Sim, como vai, Delaney? — ele gritou, torcendo a mão de Wynn vigorosamente. Ele não deu chance para Wynn responder. — Então — ele continuou. — Não me diga que encontraram uma moça para você! E como ela é bonita!

Wynn me apresentou cheio de orgulho. Eu esperava de todo o

meu coração que aquele homem jovial não olhasse para baixo e visse minhas botas masculinas escondidas embaixo da minha longa saia. Ele não olhou para baixo. Em vez disso, pegou uma lanterna e nos apressamos rumo ao nosso passeio por Cave and Basin.

— Uma visão como essa, você nunca verá, em qualquer outro lugar — ele me informou, com sotaque carregado nos erres.

Estremeci um pouco ao segui-lo para dentro da caverna em passagens irregulares e rochosas até as profundezas da terra. À medida que avançávamos, ficava mais frio e mais misterioso; e o velho falava em um tom assustador e confidencial, apontando formas e sombras estranhas enquanto sussurrava assustadores mistérios sobre o que elas poderiam ter sido há muito tempo. Estremeci perceptivelmente, e Wynn lançou seu braço protetor sobre mim.

— Não preste atenção nas histórias dele — ele sussurrou no meu ouvido. — Ele as inventa enquanto caminha.

— Vamos lá agora — continuou o escocês, aproximando-se e baixando a voz como se algum morto do passado pudesse ouvi-lo e sentir-se ofendido. — Veja lá, além da parede, aquela forma misteriosa.

Ele apontou com o dedo, balançando a lanterna para frente e para trás, fazendo as estranhas sombras dançarem.

— Ali. — O homem se inclinou ainda mais para perto de mim para se certificar que meus olhos estavam seguindo o seu dedo indicador. — Aquilo é um esqueleto. O de um guerreiro indígena apanhado aqui na caverna. Ele deve ter sido ferido em uma batalha — ou então ficou esperando uma tempestade passar — e de alguma forma ficou preso aqui e nunca mais conseguiu sair.

Ele fez uma pausa.

— Claro, eu digo às moças que não quero assustar ninguém — ele acrescentou confidencialmente. — Eu aposto que o que realmente aconteceu, é que ele foi assassinado aqui.

Os erres eram abundantemente em seu sotaque. Estremeci novamente e seguimos em frente, e a lanterna seguia balançando e tremendo. Repetidas vezes ele nos apontava algumas coisas, e depois

descemos uma escada até uma piscina subterrânea de onde subia um vapor muito quente.

— Ajoelhe-se com cuidado e coloque sua mão lá dentro.

Eu não era muito corajosa e me agarrei à mão de Wynn enquanto me ajoelhava para sentir a água. Era, de fato, agradável e quente.

— Que calor é esse? — eu perguntei surpresa.

— Sim! — Riu o escocês. — Só o bom Deus sabe. Ele guarda alguns segredos para si. Acho que nunca saberemos, a menos que Ele decida nos contar.

Refizemos nossos passos. Eu estava ansiosa para voltar para o calor do sol novamente, apesar de que não teria perdido a experiência por nada. Eu não estava preparada para a claridade quando saí da caverna. Meus olhos protestaram, e eu os fechei com força e me virei para que pudesse abri-los quando fosse conveniente. Meus olhos logo se ajustaram e pude voltar ao alegre guia com um sorriso de aprovação para Cave and Basin. Pode ter sido muito importante para ele termos gostado da nossa aventura. Eu estendi minha mão.

— Muito obrigada — eu disse, com intencionalidade em cada palavra. — Eu gostei muito.

Seus olhos brilharam. Ele pegou minha mão estendida, apertou-a com entusiasmo e depois virou-se para Wynn.

— Eu sempre me perguntei o por quê dessa sua longa espera para ter uma esposa e agora eu sei. Você estava apenas esperando pela melhor. — Wynn sorriu. — Bem, tudo de bom para vocês — disse o escocês, e deu um tapa nas costas de Wynn e virou-se para atender outros turistas.

Estávamos quase de volta a Calgary quando meu sonho de lua de mel foi interrompido e meus pensamentos se voltaram para tudo o que precisava ser feito em um dia curto. Agitei-me desconfortavelmente e Wynn percebeu minha inquietação.

— Algo errado? — ele perguntou, muito sensível à minha mudança de humor.

— Eu estava pensando em tudo o que precisa ser feito amanhã —

admiti.

— Não deve ser tão ruim. — Ele tentou garantir. — Seu baú está pronto para partir e a maioria das outras coisas estão embaladas e esperando. Restam algumas coisas de última hora para serem organizadas.

— E todos aqueles presentes de casamento?

— Julie e Mary se ofereceram, não contei?

— Não me lembro.

— Sinto muito. Eu queria lhe contar, para que você ficasse mais tranquila.

— Tudo bem — disse, me sentindo melhor. — Espero que elas sejam cuidadosas e usem muitos embrulhos. Algumas das porcelanas são muito delicadas.

— Embrulhos? — ecoou Wynn. — Elas não vão precisar de muitos embrulhos. Mary se ofereceu para guardá-los em seu sótão. Elas vão tomar cuidado, tenho certeza.

— Guardá-los?

Agora foi a vez de Wynn mostrar surpresa.

— Elizabeth, você não estava pensando que levaríamos tudo aquilo conosco, estava?

— Bem, sim, eu...

— Não poderíamos. A Força Policial tem um limite de bagagem por pessoa. Já passamos do nosso limite. Além disso, elas não teriam nenhum propósito – não seriam úteis – no Norte.

Por um momento eu quis discutir. Sua função seria montar uma casa, me fazer sentir mais como uma dona de casa. Isso não seria função suficiente? Contudo não discuti. Lembrei-me bem da minha oração feita três dias antes e minha promessa ao meu Deus de deixar Wynn ser o chefe de família. Esperei por um momento até ter certeza de que tinha controle completo e então olhei para Wynn e dei a ele um dos meus melhores sorrisos.

— Acho que tudo está resolvido então.

Wynn colocou um braço sobre meus ombros e me puxou para

perto, ali mesmo no trem lotado.

— Obrigado, Elizabeth — ele sussurrou no meu cabelo, e eu sabia que havia ganhado muito mais do que perdi na troca.

Como esperado, o dia seguinte foi agitado. Minha família ainda estava com Jon e Mary. Eles ficariam por mais alguns dias antes de voltar para o Leste. Fiquei feliz por ainda ter esse breve dia com eles antes de partir para o Norte.

No entanto, não haveria mais conversas noturnas com minha irmã Julie. Suas coisas foram removidas do quarto que eu havia usado por tanto tempo na casa de Jon, e o quarto estava agora montado para Wynn e para mim. Pareceu bastante estranho no começo, mas eu rapidamente me acostumei com a ideia.

Eu não sabia como havia vivido sem Wynn, e era uma mulher casada há apenas quatro dias. Wynn passou boa parte do dia correndo prá lá e prá cá, nos preparativos finais. Ele tinha um compromisso no Quartel da Real Polícia do Noroeste para as últimas instruções e levou nossos últimos baús e caixas para serem pesados e despachados.

Iniciariamos nossa jornada em um trem, depois trocariamos para um barco e terminariamos em um carro de boi ou carroça. Se fosse nos meses de inverno, teríamos também que usar trenós.

Não nos recolhemos cedo. Não havia necessidade de preservar nossa energia. Tínhamos todo o dia seguinte para dormir no trem, se quiséssemos. Agora parecia mais importante sentar e conversar com a família. Relutantemente, finalmente fomos para a cama. Subi as escadas para o meu quarto pela última vez. *Quem sabe quando poderei dormir aqui novamente?* Eu tinha aprendido a amar aquele quarto. Sempre me senti bem-vinda e amada na casa de Jon. Eu sentiria falta daquilo. Sentiria falta deles. Sentiria falta de cada uma das crianças. Eles serão quase adultos quando eu os vir novamente. E o que dizer dos meus queridos pais? Será que ainda estariam em sua casa em Toronto quando eu voltasse do Norte? E Julie? Ela se casaria enquanto eu estivesse longe? E Matthew? Ele seria um homem.

Eu não temia meu futuro com Wynn no Norte. A única coisa que me incomodava era saber que sentiria falta do que aconteceu aqui. Se

eu pudesse congelar tudo no lugar até voltar novamente, não precisaria perder tanto. Mas era impossível. Não dá para estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. O mundo em Toronto e aqui em Calgary continuaria sem Elizabeth Delaney, e eu devia aceitar o fato. Eu me senti um pouco chorosa por dentro quando virei o rosto no meu travesseiro. Por um momento, fiquei com medo de chorar; e então Wynn me abraçou e esfregou sua bochecha na minha.

— Você está pronta para a aventura, Elizabeth? – ele sussurrou para mim, e eu pude detectar empolgação em sua voz.

— Hum-hum — murmurei, estendendo a mão para sentir a força do seu queixo.

Eu sorri na escuridão, e Wynn podia sentir a força dos meus músculos faciais enquanto eles formavam o sorriso. Ele me beijou.

— Nunca fiquei tão empolgado em ir para o Norte, Elizabeth — ele confidenciou. — Antes, eu sabia o quanto estava deixando para trás. Agora, só consigo pensar no que levo comigo.

Eu me agitei em seus braços.

— Espero nunca desapontá-lo, Wynn.

— Eu não estou preocupado com isso. – Sua voz ficou séria. — Apenas espero e oro para que você nunca se decepcione. O Norte pode ser cruel, Elizabeth. É lindo, mas também pode ser cruel. As pessoas são simples e carentes – de muitas formas, são como crianças. Acho que são as pessoas que me atraem para lá. Eu as amo de um jeito misterioso. Elas confiam e se apoiam em nós de uma maneira tão simples e completa. Surge em você um desejo de ser digno da confiança delas.

— E tenho certeza que você é.

— Eu não sei. Parece que nunca pude fazer o bastante. O que eles realmente precisam são médicos, escolas e, acima de tudo, missões. Missões através das quais eles possam realmente aprender a verdade de Deus e Seu plano para o homem. É tudo tão confuso para eles.

Um novo desejo despertou dentro de mim; um desejo não apenas de ensinar as pessoas a ler e escrever, mas também como encontrar e adorar a Deus. Engraçado... Eu nem havia encontrado nenhum deles

ainda, mas sentia como se já os amasse.

Capítulo 10 – A jornada começa

Depois de uma última despedida chorosa, estávamos a caminho. Me senti triste e animada, tudo ao mesmo tempo. Realmente não conseguia entender ou resolver o que estava acontecendo dentro de mim. Wynn percebeu como eu estava e me ajudou a acalmar os pensamentos. Ocasionalmente ele apontava coisas interessantes, mas não me pressionou por entusiasmo. Os primeiros quilômetros da viagem eu já tinha visto muitas vezes, pois nos levava a Red Deer e Lacombe.

Quando o trem parou em Lacombe, procurei atentamente por alguém na rua que eu talvez conhecesse; estava prestes a concluir que não havia ninguém quando Phillip, Lydia e o jovem Phillip – irmão de Wynn, cunhada e sobrinho – vieram a bordo, conduzindo a mãe de Wynn pelo corredor.

— O condutor disse que eles estarão aqui por alguns minutos, então ele avisará quando estiverem prestes a sair — Phillip nos informou.

Logo nos ocupamos na conversa, compartilhando todas as notícias da área. Não demorou para que o condutor viesse nos dizer que o trem estaria pronto para sair novamente em cerca de cinco minutos.

Odíamos vê-los partir, mas ficamos muito felizes pelo tempo que pudemos passar juntos. Foi a primeira vez que consegui chamar a sra. Delaney, de mãe, e tive prazer em fazê-lo.

— Deus te abençoe, Elizabeth— disse ela. — Não é tão difícil para mim deixar Wynn ir desta vez, sabendo que ele será bem cuidado. Você tome cuidado, no entanto. Pelo que Wynn disse anteriormente, o Norte pode ser um lugar solitário para uma mulher.

Tentei garantir à Sra. Delaney que eu ficaria bem e estava bastante preparada para tudo o que estava por vir. Eu não tinha tanta certeza quanto tentava soar. A cada quilômetro das rodas giratórias do

trem, meu estômago se amarrava em um nó um pouco mais apertado. Se não fosse por Wynn ao meu lado, tenho certeza de que teria entrado em pânico e fugido muito antes de chegar a Lacombe.

Tentei me concentrar nos pequenos assentamentos através dos quais nós passamos. Não foi fácil. Minha mente estava em outras coisas. Mesmo quando Wynn falava alegremente, apontando isso ou aquilo, ainda não conseguia me entusiasmar – embora tenha tentado.

Finalmente decidi que devia estar cansada e o que precisava era dormir, então me enrolei ao lado de Wynn com a cabeça no ombro dele e tentei fazer exatamente isso. Não deu certo. Minha mente estava muito ocupada. O sono não vinha. Ouvi uma respiração suave vindo do meu marido e percebi que ele tinha sido bem-sucedido. Fiquei feliz por ele. Ele estava mais cansado do que eu, tinha certeza. Esperava que ele descansasse bem. Eu tentei sentar-me muito quieta para não incomodá-lo. Eu poderia estar parada, mas o trem não. Fizemos outra parada brusca e depois, com um assobio e um estrondo, começamos a mudar para um lado e para o outro, em um esforço para desgatar alguns dos carros.

Wynn acordou rapidamente e se mexeu um pouco. Eu soube pelo jeito que se mexeu que ele tinha medo de me acordar, então me sentei e sorri para ele.

— Está tudo bem— assegurei a ele. — Eu já estou acordada.

— Você descansou?— ele perguntou, com preocupação em sua voz.

— Descansei sim. Mas não dormi – respondi.

— Eu sinto muito. Acho que cochilei por um tempo.

— Não por muito tempo— eu o informei. — Você não pode ter cochilado muito tempo já que o trem parava em cada estação e tenda.

Wynn riu.

— É assim que parece, não é? Bem, já não estamos tão longe de Edmonton.

— O que acontece em Edmonton?

— Passaremos a noite. Tenho uma breve reunião pela manhã com

alguns oficiais antes de seguirmos em frente. Você pode dormir até tarde, se quiser.

— Quando vamos embora?

— Não até as onze.

— Quando eu preciso acordar?

— Eu não pensaria antes das nove, a menos que você queira ver um pouco da cidade.

— Acho que vou passar— eu disse, sorrindo cansada. — Até nove soa muito cedo.

Quando acordei na manhã seguinte, Wynn, como prometido, havia me deixado dormindo. Eu olhei para o relógio na parede. Já passava das nove, então eu saí rapidamente da minha cama. Eu precisaria me apressar se quisesse estar pronta quando Wynn voltasse para me buscar.

Eu tinha acabado de arrumar meu cabelo quando a chave de Wynn se virou na fechadura.

— Você acordou— ele me cumprimentou. — Tinha medo que você dormisse demais.

— Eu dormi um pouco demais —admiti. — Realmente tive que me apressar para fazer as pazes com o tempo perdido.

— Não acho que seu tempo de sono tenha sido perdido— ele me garantiu. — Você precisava disso. — Ele se inclinou para me beijar. — Você parece mais descansada – afirmou. — Como se sente?

Eu sorri.

— Tudo bem—falei, tentando esconder qualquer ansiedade que pudesse sentir. — Pronta para começar a viagem ao seu deserto.

Ele me deu um grande abraço de urso.

— Então vamos lá— disse ele. — Ainda precisamos de um café da manhã antes de começarmos.

Continuamos nossa viagem por uma barcaça no rio, o que foi uma nova experiência para mim.

Primeiro fiquei bastante apreensiva. O dia estava nublado e não

me senti muito segura com a engenhoca flutuante. Ela era guiada ao longo do rio com apenas a ajuda de longas varas nas mãos dos homens da nossa equipe.

Wynn disse que anteriormente poderíamos fazer a mesma viagem no North Saskatchewan no conforto de uma cabine de popa, mas com o advento das ferrovias, os barcos tinham perdido negócios e tinham sido descontinuados. Não havia ferrovia para nos levar aonde queríamos, e agora viajávamos pela barcaça, permitindo que o rio nos levasse enquanto fluía para o Nordeste. Os homens que possuíam e operavam o barco não aceitavam desperdiçar combustível na viagem rio abaixo. Voltando, rio acima, eles ligariam um simples motor que faria o trabalho.

O céu anunciava que poderia chover. Eu não tinha certeza de como este barco estranho funcionaria se as águas comessem a descer. Ainda flutuaria?

Os assentos fornecidos não eram tão confortáveis, e logo eu estava com dores, querendo uma chance para me levantar e andar um pouco. Não parecia haver qualquer oportunidade, já que quase todo o espaço da barcaça estava tomado com uma pilha de coisas. Eu não podia acreditar na quantidade de carga que havia se amontoado nas laterais. Procurei por nossos baús e caixotes e quase entrei em pânico quando não os vi. Wynn deve ter lido meus pensamentos.

— Eles estão lá embaixo da tela— afirmou ele simplesmente, me deixando à vontade.

— Quer se alongar?— ele perguntou depois de muitos minutos.

— Eu adoraria— respondi rapidamente. — Mas onde?

— Venha— disse ele, estendendo a mão para mim. — Eu acho que podemos aproveitar alguns minutos.

Foi difícil. Tivemos que passar por cima de coisas, em torno de coisas, por baixo das coisas, e segurar firme para sobrevivermos. O vento estava forte e às vezes o rio ficava agitado. Amarrei meu cachecol com mais força sob o queixo e disse a Wynn que eu ficaria bem. Voltamos para nossos desconfortáveis assentos.

No início da tarde, as chuvas chegaram. Não havia onde se

esconder. Wynn encontrou algum tipo de lona com a qual envolveu-me com firmeza. O vento continuava chicoteando e rasgando, dificultando manter todos os lados cobertos.

Eu podia ver as marcas dos remendos encharcados se tornando cada vez maiores. Eu tentei não pensar nelas, mas não foi fácil. A água da chuva estava fria e o vento que ficava cada vez mais forte a tornava ainda mais fria. Em poucas horas eu estava miserável, mas tentava não demonstrar.

Wynn continuava se preocupando comigo –mudando o abrigo improvisado de um lado para o outro, apertando-o aqui e colocando-o ali. Enquanto isso, ele também estava se ficando todo molhado. Aqueles que operavam a barcaça pareciam não levar a tempestade em conta. Eles provavelmente já ficaram molhados muitas vezes ao fazerem o mesmo trajeto.

À medida que o dia passava, o céu ficava mais escuro e as chuvas mais pesadas. Eu me perguntei se viajaríamos a noite toda. Até onde iríamos nesse rio afinal? Eu tinha ouvido a palavra Athabasca, mas não achei que esse era o nosso destino.

Wynn veio me dizer:

— Vamos nos recolher hoje à noite. Vamos tentar secar um pouco. Há um pequeno posto comercial à frente onde podemos nos abrigar. Deveríamos ter avançado mais essa noite, mas vamos esperar pela manhã.

Estremeci e balancei a cabeça, agradecida. Eram boas notícias para mim.

Não demorou muito para os gritos e esforços da tripulação da barcaça me dizerem que estávamos desembarcando. Houve um choque e um estrondo quando batemos em algum tipo de cais na escuridão. Então Wynn estava lá para me ajudar a pisar em terra firme. O vento e a chuva afrouxaram meu cachecol e logo meu cabelo estava caindo loucamente em meu rosto. Eu tentei colocá-lo de volta, mas eu não tinha mão livre. Desisti e decidi deixá-lo bagunçado mesmo.

Fomos em direção a uma forma sombria na escuridão cada vez

mais densa. Então vi uma luz em uma janela enevoada. Embora fraca, a luz sinalizava humanidade; expressei uma oração de gratidão enquanto tentava, com a ajuda de Wynn, me apressar em direção a ela.

O cheiro de madeira queimada chegou ao meu nariz, e pensei no calor maravilhoso que o acompanharia. Eu me apressei ainda mais. No meu ímpeto de entrar na casa, não vi um tronco de árvore no caminho.

— Cuidado! — Wynn gritou quando viu o que estava prestes a acontecer, mas era tarde demais.

Bati minha canela com força contra a madeira dura, e soltei um gritinho agudo com o doloroso impacto.

Wynn me impediu de cair, mas daquele ponto até entrar na cabana caminhei devagar, mancando dolorosamente. Wynn pediu para me carregar, mas teimosamente sacudi minha cabeça.

Quando chegamos ao que eu pensava ser uma casa e entramos aos tropeços pela porta, fiquei desapontada ao ver que não havia casa ali. Era um galpão — um galpão comercial. Caixas, caixotes e pilhas estavam amontoados por todo o quarto, aleatoriamente.

Uma lamparina fraca estava em cima de um balcão improvisado, lançando uma luz anêmica. A única janela estava tão manchada e suja que me perguntei como tinha conseguido ver a luz de fora. No canto da sala estava o que parecia uma pilha de peles. Observando mais de perto, descobri que era, em vez disso, uma cama – de sortes. Estremeci ao pensar em dormir ali.

— Olá — disse uma voz, e me virei para ver um homem maltratado sentado ao lado do fogão a lenha no meio da sala lotada.

Ele soltou com um fio escuro de cuspe que errou uma lata aberta e respingou contra a lateral do fogão, fazendo um chiado. Ele não tinha se levantado para nos cumprimentar e como estava permaneceu.

Wynn sacudiu a cabeça para o homem.

— Olá, Charlie — disse ele. — Se importa se pegarmos emprestada sua cadeira por um minuto? Minha esposa acabou de dar uma pancada terrível com a perna em um tronco de árvore que você

tem aqui na frente.

Era a única cadeira da sala, e Charlie levantou-se relutantemente soltando um grunhido de repulsa.

Wynn me sentou e levantou minha saia para dar uma boa olhada nos meus ferimentos.

— Traga sua lamparina, Charlie. — Pelo tom da voz de Wynn, eu sabia que, embora fosse de Charlie o alojamento, Wynn estava no comando. Todos sabiam.

Charlie trouxe a lamparina. O sangue na minha perna escorria pela minha meia rasgada, criando um cola escura e pegajosa.

— Você precisa tirar essas meias — disse-me Wynn.

Eu olhei indefesa ao redor da sala. Não tinha para onde ir.

— Mas não, posso — insisti, lançando um olhar nervoso para Charlie.

— Vire as costas, Charlie — ordenou Wynn, e o resmunguento Charlie obedeceu.

A luz da lamparina virou com ele. Eu me senti um pouco mais confortável na penumbra e apressei-me a levantar minha saia e desapertei as ligas que sustentavam minha meia arruinada. Eu a deslizei para baixo mais rápido que pude e soltei minha saia de volta ao seu lugar. Charlie passou de um pé para o outro e cuspiu novamente. Não sei onde aquilo caiu. Enfraquecida, sentei-me novamente.

— Ok— disse Wynn. — A lamparina, Charlie.

Charlie se virou. Por um terrível momento, temi que ele pudesse cuspir na minha direção. Ele não o fez. Ele ficou segurando a lâmpada nervosamente, tentando não olhar para a perna que Wynn estava estudando.

— Não acho que tenha sido muito profundo— disse Wynn. — Não há nada quebrado aqui.

— Exceto minha meia— eu interrompi.

As sobrancelhas de Wynn subiram.

— Pernas se curam—eu disse, para informá-lo. — Meias não, e eu

trouxo apenas um número limitado comigo.

Apesar de tudo, Wynn sorriu, mas não respondeu.

— Charlie, você tem algum material de primeiros socorros por aqui?—ele perguntou.

Charlie resmungou e depois murmurou:

— Tenho algumas coisas.

— Deixe a lâmpada no chão e pegue-as, por favor— disse Wynn.
— Eu não quero ter que descarregar a barçaça para chegar ao meu suprimento.

Wynn levantou-se para verificar a chaleira no fogão. Tinha água e isso pareceu agradá-lo.

Enquanto Wynn limpava e enfaixava minha perna inchada, os outros homens entraram. Aparentemente, eles estavam satisfeitos por terem protegido a barçaça durante a tempestade, e agora queriam estar onde estava quente e seco.

Eles cumprimentaram Charlie ruidosamente. Em troca, ele os cumprimentou com um palavrão, um cuspe e um tapa nas costas.

Eu me senti muito deslocada. Era evidente que esses homens não passavam muito tempo na presença de uma dama. Eles brincaram e provocaram e cutucaram um ao outro com punhos inofensivos. Um homem logo providenciou uma garrafa de rum, que eles pareciam pensar que era exatamente o necessário para tirar o calafrio dos ossos.

Wynn assumiu o comando, porque ninguém mais parecia ter cabeça para fazê-lo. Ele encheu a cafeteira e pediu Charlie algumas latas para a refeição. Charlie parecia relutante em compartilhar, até que Wynn o lembrou que ele seria pago por qualquer coisa que o a Polícia Montada usasse. Charlie então trouxe algumas latas, e Wynn começou a preparar um jantar.

Eu me ofereci para ajudá-lo, mas ele recusou minha oferta.

— Eu acho que você deveria descansar essa perna o quanto puder. Aqui, deixe-me ajudá-la.

Antes que eu soubesse o que havia acontecido, Wynn me levantou da cadeira ao lado do fogão até a pilha de peles fedorentas no canto.

Eu queria protestar, mas as palavras ficaram presas na minha garganta.

— Sinto muito, Elizabeth— sussurrou Wynn. — Mas acho que isso será sua cama esta noite.

Fechei minha boca para não protestar e evitei o odor que vinha da pilha de peles quando Wynn me colocou gentilmente na cama.

— Você quer dizer que isso é tudo o que temos aqui?—perguntei incrédula.

— É isso aí— respondeu Wynn.

— Mas e você... e eles?

— Nós vamos ficar aqui também. Pelo menos está seco, e o fogo terá secado nossas roupas até de manhã.

Olhei rapidamente para a sala pequena e lotada. De repente parecia terrivelmente abafada e sufocante. Eu desejei correr para a porta para que pudesse respirar livremente novamente. Mas quando ouvi o uivo do vento e as pancadas da chuva, fechei os olhos e tentei agradecer pelo calor da cabana fedorenta. Wynn deu um tapinha no meu ombro em simpatia.

Quando o jantar estava pronto, um arranjo improvisado de uma mesa foi arrastado para perto do fogão. Wynn veio me ajudar.

Eu disse a ele que realmente não estava com fome e ficaria feliz em me contentar com apenas uma xícara quente de chá ou café. Ele percebeu então que eu ainda estava com minhas roupas molhadas e tremendo de frio.

— Sinto muito, Elizabeth— disse ele. — Eu estava tão ansioso para esquentar comida para você que eu esqueci de suas roupas molhadas. Eu não percebi que você ficou tão molhada quanto eu. Acho que a lona não a protegeu de grande parte da chuva, hein?

— Ah, sim— eu insisti bravamente, comparando sua aparência encharcada com a minha. — Só estou molhada em um lugar ou outro.

Wynn estendeu a mão para sentir minhas roupas.

— Você está molhada— ele argumentou. — Por completo. Vamos te livrar delas assim que conseguir tomar um pouco de sopa quente.

Queria protestar mais, mas Wynn não aceitou. Eu permiti que ele me levasse até a cadeira, e Wynn me serviu um copo da sopa que ele havia feito. Tomei devagar. Não foi a melhor refeição que já comi, mas estava quente, até saborosa, do tipo “enlatada”. Minhas roupas do lado mais próximo do fogão começaram a soltar vapor.

Virei algumas vezes para direcionar o calor para outra parte. Eu realmente não esquentava, embora alguns pontos em mim estivessem quentes. Foi uma sensação estranha me sentir tão quente em alguns lugares e ainda assim gelada ao mesmo tempo.

Terminei minha sopa e fiz um gesto para Wynn dizendo que estava pronta para voltar para a pilha chamada de cama.

— Tem alguns cobertores, Charlie?

Charlie se levantou do barriú onde estava sentado e cuspiu no fogão quando alcançou uma prateleira.

— Baía de Hudson— ele resmungou. — Raramente usados.

— Eles ainda serão raramente usados pela manhã— respondeu Wynn, não se deixando intimidar pelo rosnado de Charlie.

Wynn virou-se para onde pudesse me proteger da vista dos outros com o cobertor.

— Agora, tire as roupas molhadas — ele disse.

Olhei para ele, me perguntando se ele realmente quis dizer aquilo. O galpão estava cheio de homens.

Ele quis. Dei de ombros, soltei minha saia molhada e a deixei cair. Então tirei minha camisa e minha saia, lançando olhares apreensivos no cobertor que Wynn segurava para mim.

Poderia dizer pelos barulhos do outro lado da parede improvisada que os quatro homens saboreavam a sopa do jantar de Wynn. Eles faziam barulhos enquanto comiam, e fiquei feliz por não precisar ver além de ouvi-los comer. Gostaria de saber se Charlie poderia comer e mascar tabaco ao mesmo tempo, ou se ele realmente descartava seu maço enquanto jantava.

— Agora suba lá e deite—Wynn falou suavemente. — E eu vou te cobrir.

Ele fez como prometido, usando os dois cobertores que Charlie havia fornecido. Eu deitei tremendo. Wynn voltou ao fogão, pegou a xícara que eu tinha usado e serviu-se da sopa. Ele então pegou uma xícara de café e voltou para a minha cama.

— Você está se aquecendo?

Eu estava, embora meus dentes não parassem de bater.

Agora que Wynn não reivindicava mais o fogão para a preparação das refeições e eu não ocupava mais a única cadeira na sala, os homens aproximaram-se do calor. Suas roupas começaram a fumar e cheirar, não melhorando o odor na sala. Fiquei feliz por já ter comido. Eu não poderia ter engolido nada com aquele cheiro forte e repugnante na sala.

Tentei me mudar para dar espaço a Wynn para sentar na cama ao meu lado, mas esta era realmente uma cama masculina. Wynn agachou-se ao meu lado e tomou um gole de café. Eu podia ver as roupas grudadas nele.

— Você ainda está molhado— afirmei. — Você vai ficar doente.

— Vou secar rápido. Ficarei bem. Por que você não tenta dormir um pouco?

Queria responder “Aqui?”, mas eu sabia que “aqui” era o melhor que ele poderia oferecer, então simplesmente assenti.

Wynn voltou para o fogão onde os homens estavam ocupados comendo e brincando.

— Ei, sargento— brincou um dos barqueiros. — Sopa ruim para um homem da lei.

Os outros homens se uniram a ele na gargalhada pela piada muito engraçada. Wynn apenas acenou com a cabeça.

— Muito obrigado por sua casa e sua cama hoje à noite, Charlie— disse Wynn sinceramente.

Charlie olhou para o canto onde eu me aconcheguei. Ele terminou de comer, então estava livre para mastigar e cuspir novamente, o que acabara de fazer. Aterrissou em uma das botas dos barqueiros. O sujeito nem sequer olhou para baixo.

— Não tem problema— Charlie assegurou a Wynn. — Eu não tinha interesse na cama hoje à noite de qualquer maneira.

Os outros homens riram e eu me perguntei o porquê. Logo não precisaria me perguntar mais. A mesa improvisada foi rapidamente limpa dos poucos copos e um baralho de cartas providenciado.

— Não tem nada contra as cartas, não é, sargento?— perguntou o gordinho barqueiro.

— Desde que sejam justos e não causem brigas— respondeu Wynn.

— Então acho que isso aqui deve ser um jogo justo, senhores— o homem disse aos seus companheiros; e todos riram alto novamente, batendo nas coxas e nas costas uns dos outros.

Caixas ou barris serviram como assentos, e algumas garrafas logo se juntaram às cartas na mesa.

— Você quer se juntar a nós, sargento?— convidou o homenzinho de pele escura com sotaque francês e um bigode comprido.

Wynn balançou a cabeça. Os quatro homens se curvaram sobre a mesa e a longa noite começou.

Wynn não tinha para onde ir. Tentando secar suas roupas molhadas, ele puxou um pedaço de madeira para perto do fogão e sentou-se, encostado a uma pilha de caixas.

A lamparina piscava de vez em quando, e uma mão não lavada se esticava para aumentar um pouco o pavio. A bagunça tornou-se mais jocosa e mais grosseira. Wynn lembrou-lhes que uma dama estava presente e, por alguns minutos, a cabana ficou mais silenciosa. À medida que a noite progredia e as garrafas eram esvaziadas, a comoção cresceu. Wynn acabou assistindo sem comentar, parecendo prestar pouca atenção à coisa toda; mas eu sabia que ele estava bem ciente de todos os movimentos na sala.

Da minha cama no canto, eu assisti também. Eu não estava mais tremendo – os cobertores ásperos da Baía de Hudson estavam fazendo bem seu trabalho. Eu quase cochilei uma ou duas vezes, mas logo risos ou uma onda de obscenidades me acordavam novamente.

Wynn levantou-se de seu lugar junto ao fogo para me verificar. Quando o vi chegando, fechei meus olhos levemente. Sabia que poderia estar fingindo, mas não queria que Wynn se preocupasse comigo. Ele já tinha muita coisa em sua mente. Eu não o enganei, no entanto.

— Você está bem?—ele perguntou suavemente.

Eu não respondi imediatamente. A verdade é que me sentia muito estranha, muito fora do lugar, na sala com homens que falavam palavrões e jogavam. Nunca estive em tal situação antes. Era o tipo de coisa que evitei toda a minha vida. Se não fosse pela presença do meu marido, ficaria muito assustada. Olhei rapidamente para os quatro homens na sala. O grandão estava tomando outro longo gole na garrafa; e o baixinho de pele mais escura estava esperando impacientemente sua vez, com a mão estendida. Eu olhei rapidamente de volta para Wynn. Via a preocupação em seu semblante.

— Estou bem. — Consegui dizer com a voz fraca; mas depois repeti com mais firmeza, querendo que ele percebesse que falei a verdade. — Estou bem.

— Sua perna?

— Não dói muito.

— Você está aquecida?

Apenas assenti. Ele se ajoelhou ao meu lado e mudou alguns cobertores, colocando-os firmemente ao meu redor.

— Sinto muito, Elizabeth. Eu planejei a viagem para você ter acomodações melhores do que essas. Se esta tempestade...

— Está tudo bem. — Rapidamente afirmei. — Você está aqui — é isso o que importa.

Ele se inclinou e me beijou, deixando o amor transparecer em seus olhos, mas a preocupação não saía de seu rosto.

— Tente dormir um pouco— ele sussurrou.

Eu sorri para ele e ele me beijou novamente, depois voltou para seu lugar ao lado do fogão. Estava ficando muito tarde e os homens ainda estavam jogando cartas, bebendo e xingando. Charlie levantou-

se de sua caixa e foi buscar outra garrafa. Quando ele a colocou sobre a mesa, Wynn, quase sem se mexer, levantou-se devagar, inclinou-se e removeu-a. Quatro pares de olhos virados olharam para ele.

— Temos uma longa viagem pela frente amanhã. Quero um homem sóbrio na barcaça. Charlie, você pode beber se quiser. É a sua bebida, mas não passe sua garrafa.

Havia autoridade na voz de Wynn; e, embora houvesse alguns resmungos em torno da mesa, ninguém o desafiou.

O jogo de cartas continuou, mas ficou claro que grande parte da “diversão” tinha esfriado.

Por fim, os homens decidiram que já tinham jogado o suficiente. Eles empurraram os assentos improvisados, abriram um pouco de espaço ao redor do fogão e se esticaram no chão para dormir. Por alguns momentos, o silêncio foi abençoador. Então, um por um, eles encheram a sala com um coro de roncoss.

O ronco parecia ainda mais alto e mais vulgar do que a conversa deles. Resignada, virei meu rosto para a parede e tentei dormir um pouco no pouco tempo que restava.

Por uma ou duas vezes ouvi o barulho do fogo sendo reabastecido. Eu sabia, mesmo sem olhar, que era Wynn.

Quando a manhã chegou, eu ainda estava cansada. Mas pelo menos o esforço de tentar dormir havia acabado. A chuva ainda caía, mas o vento parecia ter cessado. Fiquei agradecida por essas pequenas misericórdias.

Mais uma vez, Wynn estava ao meu lado.

— Como você se sente, Elizabeth?—ele sussurrou.

Tudo em mim doía, e minha perna dolorida latejava a cada batida do meu coração. Consegui um sorriso vacilante.

— Ok— respondi. — Você pode me ajudar?

Os braços fortes de Wynn me ajudaram a me levantar e me protegeram com o cobertor enquanto eu vestia minhas roupas. Elas já estavam completamente secas e muito mais macias do que os cobertores.

Os homens ainda estavam espalhados pelo chão, dormindo depois da bebedeira da noite anterior.

— Eu preciso fazer xixi, Wynn— sussurrei. — Para onde eu vou?

Wynn acenou com a cabeça em direção a uma porta.

— Em qualquer lugar da floresta— ele me respondeu.

Com meu olhar de preocupação, ele olhou de volta para os homens.

— Não se preocupe com nenhum deles. Eles não acordariam até a próxima semana se fossem deixados sozinhos. Eu fico de olho neles.

Fiquei aliviada, mas ainda apreensiva em ter que usar o ar livre como o banheiro.

— Você precisa de ajuda para andar?— Wynn perguntou.

Experimentei colocar meu peso sobre minha perna machucada para ter certeza antes de responder.

— Vou ficar bem.

— Você tem certeza?

Eu dei um passo instável.

— Me seguro na cabana se precisar de apoio—disse a ele.

Ele me ajudou a ir até a porta e a abriu para mim. Então pegou sua jaqueta.

— Aqui— ele disse. — É melhor você usar isso. Ainda está chovendo.

Enrolei-me no casaco firmemente e entrei na manhã nublada. O rio próximo estava quase escondido pela névoa que se apegara a ele. A água das árvores pingava no chão encharcado. Cada passo que dava era na água. Fiquei feliz pelo vento não estar soprando.

Não fui mais longe do que o necessário. Mesmo assim, no momento em que voltei mancando à cabana pequena, fedorenta e superlotada, meus sapatos estavam encharcados e a barra do meu vestido molhada por vários centímetros. Ansiava pelo calor do fogão, mas hesitei em passar por cima dos homens que dormiam. Wynn me ajudou a dar a volta por eles e tomei meu lugar na cadeira e estiquei

meus pés em direção ao calor.

— Não é muito legal lá fora, é?— Wynn comentou.

— Está molhado e frio, mas o vento não está soprando como ontem.

Wynn pareceu aprovar minha atitude saudável. Ele me deu um sorriso e colocou a mão no meu ombro enquanto me entregava uma xícara de café quente.

— Agora que você viu o dia, o que você acha? Gostaria de voltar à jornada ou esperar a tempestade passar aqui na cabine?

Olhei para os quatro homens encharcados no chão. A bebida da noite anterior se misturou com os outros cheiros. Os roncos ainda vinham de bocas entreabertas, e às vezes contraíam suas gargantas como num rosnado áspero que puxavam até o limite do ar.

Olhei de volta para a cama improvisada no canto. Era tão estreita que mal se podia virar e tão irregular que eu me perguntava como Charlie conseguia dormir.

— Onde estaremos hoje à noite?

— Há uma pequeno posto rio abaixo.

— Há... existem...? —Hesitei em dizer “casas”, porque não estava certa se havia tal coisa no Norte. — Há acomodações lá?—Finalmente consegui.

— Muito confortável – respondeu Wynn.

— Então eu voto para seguir em frente— eu disse sem hesitar.

Wynn sorriu e avançou para mexer no capitão da barcaça adormecido. O homem nem abriu um olho, apenas mudou de posição e começou a roncar novamente em um tom diferente.

— Blackjack— Wynn chamou em voz alta. — É hora de partir!

O homem apenas se mexeu novamente. Wynn se ajoelhou ao lado dele e balançou seu ombro.

— Hora de levantar. Tire essa sua tripulação do chão—Wynn ordenou ao homem.

Blackjack fez uma careta para ele como se estivesse prestes a

discutir o assunto, mas Wynn não quis discutir.

— Você está sendo pago para nos levar a River's Bend, lembra? Se vocês querem o pagamento, é depois da entrega das mercadorias.

O homem soltou um palavrão e se apoiou no cotovelo.

— O café está quente. — Wynn o cutucou. — Tome um pouco e vamos seguir em frente.

Foi bastante divertido assistir aos foliões da noite anterior. Eles não pareciam tão animados agora. Resmungando, segurando suas cabeças e murmurando, eles tentavam fazer com que seus corpos os obedecessem.

Wynn foi pouco simpático.

— Vamos nos mexer— ele ordenou novamente. — A neblina está prestes a se elevar e temos tempo para compensar.

Eles finalmente estavam de pé e em movimento. Wynn serviu a cada um uma xícara de café, exceto Charlie.

Apesar da comoção em cima dele, Charlie dormia, se mexendo de vez em quando para se reposicionar.

— Já chega da cama, Elizabeth?— Wynn perguntou.

Quando felizmente acenei que sim, Wynn sem cerimônia levantou Charlie e levou-o para sua cama. Wynn endireitou o corpo inconsciente para o que parecia uma posição confortável e jogou um cobertor sobre ele. Charlie dormiu.

Dois dos homens saíram para preparar a barcaça para a partida, enquanto o outro companheiro murmurava e reclamava do dia ruim para viajar.

Wynn olhou para o relógio de bolso.

— Tenho que sair daqui em dez minutos, Wally— afirmou esem rodeios. — Dez minutos, não mais.

Wally, ainda resmungando foi se juntar aos outros.

Wynn deixou dinheiro na prateleira ao lado da cafeteira para cobrir nossas despesas de hospedagem e alimentação. Charlie ainda estava roncando quando fechamos a porta atrás de nós.

De volta ao barco com a lona arrumada ao meu redor, descobri que não estava chovendo muito. Sem o vento, eu tinha certeza que me sairia muito bem.

Apesar das constantes chuvas com gotas frias, me vi apreciando a paisagem nas margens do rio que passavam rapidamente em ambos os lados. Havia muito pouca habitação, mas ocasionalmente via a fumaça de um fogão a lenha e de uma cabana, meio escondida entre as árvores.

No meio da manhã, a chuva parou, o vento tornou-se uma brisa leve, e no início da tarde o sol chegou. Colocando a lona de lado, deixei o sol quente cair sobre meus ombros.

Nós não tínhamos parado, exceto para fazer uma refeição apressada ao meio-dia, que consistia em algumas latas de comida aquecidas em fogo aberto.

O território por onde passamos era fresco e limpo. Nenhum cheiro de fábrica contaminava o ar com a civilização. Apreciei ainda mais o frescor do ar depois de passar a noite na casa de Charlie.

Passamos por uma área pantanosa e Wynn se aproximou para apontar dois alces grandes. Eles colocaram suas cabeças completamente debaixo da água pelo que pareceu ser muito tempo. Quando eles finalmente levantaram suas cabeças com suas bocas pingando a grama alta do pântano, olharam em nossa direção quase com desdém, parecendo indicar que aquele era território deles e nós éramos invasores.

— Olhe para eles— eu disse a Wynn, espantada. — Dá para pensar que sequer precisam respirar; ficaram debaixo d'água por muito tempo!

— Oh, eles respiram bem. — Wynn me assegurou. — Embora eles sejam diferentes. Eles podem até mergulhar para buscar comida – alguns dizem que atingem até nove metros, se necessário. Eles colhem as ervas no fundo e depois sobem novamente.

— Eles precisam voltar para a terra para comer?

— Ah, não. Eles apenas pisam na água. Alces são nadadores maravilhosos. Não pense que exista m muitos animais melhores.

— Eles não são feios? Eles parecem restos de alguma coisa. Wynn riu.

— Bem, há um ditado... — Ele pensou. — Dizem que um alce é um cavalo feito por um comitê.

Rimos da piada de Wynn.

Já que os condutores da barcaça começaram o dia de mau humor, tentei ficar o mais longe possível deles. De vez em quando um deles se debatia segurando a cabeça. Eu me perguntava se eles estavam em condições de dirigir a barcaça, especialmente quando atingimos algumas corredeiras; mas eles pareciam estar alertas o bastante quando precisavam. Wynn não parecia preocupado, então eu relaxei também. Finalmente, o ânimo deles melhorou. No final da tarde, até ouvi Blackjack cantando.

Com o passar do dia, acho que minha disposição melhorou. Wynn esteve muitas vezes ao meu lado para apontar itens interessantes na água ou nas margens do rio. O sol estava se inclinando para o Oeste, os homens não estavam mais xingando a cada duas palavras, e o território todo ao meu redor parecia misterioso e emocionante. Sim, as coisas foram definitivamente melhores do que no dia anterior.

Deitada naquela pequena cabana, eu me perguntei se um dia eu conseguiria ser a esposa do Montado. Como alguém poderia suportar tais condições? Hoje estava confiante que conseguiria. Minha perna não estava mais me incomodando. Logo estaríamos no posto, e Wynn me disse que lá teríamos boas acomodações. Eu não tinha certeza de quantas noites levaríamos na viagem, mas agora eu tinha certeza que suportaria. Eu tinha passado pela primeira noite e essa certamente não poderia ser pior. De agora em diante eu não teria problemas.

Capítulo 11 – Prosseguindo

A cabine era simples, mas parecia muito adequada, e a melhor coisa era que eu não precisava compartilhá-la com quatro bêbados. Outra coisa boa é que poderia compartilhá-la em privacidade com Wynn.

Depois de ir para a cama, ouvi um som estranho. Parecia ficar cada vez mais alto até que se tornou um zumbido constante nos meus ouvidos. Estava confusa e quis perguntar a Wynn o que era mas poderia dizer, pela respiração, que ele já estava dormindo.

Na escuridão, algo me picou. Pulei e dei um tapa naquilo.

Outra picada. Estapeei o ar novamente.

— Cubra a cabeça, se eles estiverem incomodando —, disse Wynn tranquilamente.

— O que é isso?

— Mosquitos.

Já tinha visto mosquitos antes. Até já fui picada por alguns; mas isso - esse barulho - era algo novo para mim.

— Você tem certeza? — Perguntei a Wynn.

— Tenho certeza —, ele respondeu. — Esta cabine não tem telas nas janelas.

— Como você dorme?

— Você se acostuma.

Wynn virou-se para me puxar para perto e cobrir meu rosto com os cobertores.

— Tente dormir, Elizabeth —, ele me incentivou. — Você não descansou muito na noite passada.

Deitei-me em silêncio nos braços de Wynn, sem me mexer, com receio de atrapalhar seu sono. O zumbido era como uma porção de violinos, que hora se afastavam, hora se aproximavam. Eu me perguntava quantos milhões de mosquitos eram necessários para emitir esse som.

Apesar da proteção dos braços e do cobertor de Wynn, os mosquitos ainda me encontravam. Podia ouvir o zumbido deles se aproximando e então sentia a picada aguda quando sugavam meu sangue.

Uma coisa é certa, prometi a mim mesma. Nossa cabana no Norte terá proteção nas janelas, mesmo que para isso eu tenha que rasgar minhas saias!

De manhã me levantei cansada e mal-humorada. Ficaria muito feliz em subir à barcaça e ficar longe dos mosquitos.

Meu triunfo durou pouco; embora logo estivéssemos de volta ao rio, os temidos mosquitos enxameavam ao nosso redor, nos seguindo pela corrente.

— Wynn —, eu disse irritada, — eles vieram conosco.

— Tem muitos mosquitos no Norte —, Wynn me informou. — Eles são uma das piores pragas da região.

— Quais são as outras? — Murmurei sarcástica, mas Wynn não pegou o tom da minha pergunta.

— Moscas negras —, ele respondeu. — As moscas são outra verdadeira praga para homens e animais.

Wynn estava certo. As moscas negras se uniram aos mosquitos naquele dia. Pensei que seria mordida e mastigada. Bem diante dos meus olhos, novos vergões surgiram em meus braços. Eu odiava imaginar como estaria meu rosto. Estava quase frenética com a intensidade da coceira.

Wynn era compreensivo.

— Talvez eu tenha algo que ajude —, ele ofereceu e foi procurar nos seus suprimentos médicos. Voltou com uma pomada. Tinha um cheiro ruim e parecia horrível, mas permiti que ele esfregasse aquilo em mim de qualquer maneira. Ajudou um pouco, embora não parecesse desencorajar os insetos terríveis de levar mais alguns pedaços de mim em suas picadas.

— Por que eles não nos incomodaram ontem? — perguntei a Wynn.

— O vento e a chuva os mantiveram afastados.

— Sério?

— Eles não podem voar bem com vento forte. São muito leves, e também não conseguem enfrentar a chuva.

Estava pronta para orar por mais vento e chuva. Qualquer coisa para me livrar daquelas pragas miseráveis.

Acho que me acostumei com eles, afinal. Consegui pensar outras coisas depois de um tempo e até pude, de certo modo, desfrutar novamente a viagem.

No final da tarde, Wynn apontou uma mãe urso e seu dois filhotes. Ela estava numa curva no rio. Talvez ela estivesse pescando, porque estava olhando atentamente para a água, parecendo ignorar a barcaça completamente enquanto passávamos. Os filhotes fofos tiraram minha mente dos mosquitos e moscas por alguns minutos enquanto eu considerava ter um filhote como animal de estimação.

Já estava escurecendo antes de entrarmos em River's Bend, o lugar onde deveríamos passar a noite. Wynn me ajudou a desembarcar porque não havia doca alguma, ou um cais sequer, o que não fazia sentido para mim.

— Por que —, perguntei, — não há cais e, ainda assim, este é o lugar onde todas as nossas coisas precisam ser descarregadas? Não será um esforço terrível descarregar todos aqueles baús e caixas pesados?

Wynn me recompensou com um sorriso largo. Aparentemente, ele gostava de ter uma esposa observadora.

— A doca está na curva do rio. Nossas coisas serão descarregadas lá. Existem também alguns edifícios temporários e uma agência de correios da Baía de Hudson, mas achei que você preferiria usar essa cabana de caçador. Tem mais privacidade, embora eu tema não ser luxuosa. Combinei com Pierre para usá-la durante a noite.

— Quem é Pierre?

— Ele é o chefe do correio.

— Ele é casado?

— Não. Ele faz entregas. E seus aposentos são ainda piores do que os de Charlie.

Nem conseguia imaginar como seria.

— Não quero que você tenha que ficar nessas condições novamente — afirmou Wynn com firmeza. — Sei que deve ter sido extremamente ofensivo para você.

Meus pensamentos se voltaram para a casa de Charlie. A cabana fedorenta e cheia de gente. Os xingadores, bêbados e jogadores de cartas. Não, eu particularmente também não estava interessada naquilo novamente. Fiquei contente por Wynn ter feito outros arranjos.

Ele abriu a rangente porta da cabana; ouvi algumas corridas rápidas, como se algum antigo residente estivesse se protegendo. Me aproximei de Wynn. Ele colocou seu braço tranquilizador sobre meus ombros.

— Nada tão pequeno poderia prejudicá-la —, ele sorriu.

Wynn encontrou e acendeu a lâmpada, e coloquei minha pequena caixa na mesa coberta de jornal.

— Esta é a cabana do Pierre? — Perguntei, olhando ao meu redor para o pequeno quarto vazio.

— Não, é de algum caçador.

— Então por que Pierre?

— É costume. Caçadores sempre deixam suas cabanas disponíveis

para outros usarem. Pierre provavelmente pediu ao caçador para viajantes como nós usarem seus alojamentos; mas mesmo que ele não tenha pedido, ainda não seremos considerados invasores.

Wynn se moveu, sacudindo a poeira pesada dos poucos móveis e verificando o que estaria disponível para acender o fogo. Havia um bom suprimento de madeira seca em um canto, e logo tínhamos uma fogueira acesa.

— Você se lembra da sua primeira experiência com um fogão a lenha em Pine Springs? — Ele piscou para mim e corei com sua brincadeira.

— Foi um milagre eunão ter queimado o prédio! — Torci o nariz para ele e nós rimos juntos da lembrança.

Wynn foi ao rio, trouxe a chaleira cheia de água e a colocou para ferver. Então ele verificou a cama. Era muito estreita para um, e secretamente questionei como dois dormiriam nela. Wynn sacudiu os cobertores da Baía de Hudson; eles tinham visto uso demais e lavagens de menos. Um pedaço pesado de brim foi estendido sobre um colchão de ramos de abeto entrelaçados, cobertos de musgo. Estremeci e torci para que Wynn não tivesse notado.

Nossa refeição foi simples: biscoitos secos e comita enlatada da polícia. Saboroso não era, mas eu estava com muita fome e comi com vontade.

Insisti em lavar a louça. Wynn tinha sido o único a cozinhar durante toda a selvagem jornada e fiquei feliz por finalmente poder fazer algo útil.

Não demorou muito tempo para lavar as poucas coisas e colocá-las de volta na prateleira do caçador desconhecido.

Wynn estendeu um dos cobertores gastos no chão de madeira em frente ao fogo e nos acomodamos diante dele para conversar. Olhei em volta da pequena cabana, simples e pitoresca, e me perguntei se a minha seria parecida como ela. Decidi perguntar.

— Você sabe como será a nossa casa?

— Na verdade, não. Eu nunca estive em Beaver River antes.

— Mas você tem uma boa noção?

— É boa.

— Será que tem apenas um quarto?

— Não é provável. A casa de um Montado geralmente tem uma função dupla - ser escritório e casa. Portanto, provavelmente tem pelo menos dois quartos.

Fiquei satisfeita ao ouvir isso. Queria a privacidade de um quarto.

— Será de toras?

— Tenho certeza que sim.

— Com piso de madeira?

— Com piso de madeira.

Ficamos em silêncio por alguns momentos. Wynn quebrou o silêncio, me envolvendo com seu braço enquanto falava:

— Isso deve parecer terrivelmente bruto para você, Elizabeth.

Me virei para poder olhar em seus olhos.

— De certa forma, sim - mas realmente - eu não me importo com isso. Olhe para esta cabana agora. Verdade, não é muito, mas com um pouco de ajuste aqui e ali... — Eu hesitei, imaginando enquanto falava exatamente qual “ajuste” alguém poderia fazer para que essa cabana muito vazia se parecesse com uma casa.

Wynn roçou um beijo na minha bochecha.

Um som estranho, triste e assustador nos interrompeu. Senti os cabelos do meu couro cabeludo se eriçarem e minha espinha formigar. Me acostumei ao lamento do coitote, mas isso - isso era algo completamente diferente. Me acomodei mais perto de Wynn.

— Um lobo cinzento —, ele comentou. Estremeci quando o uivo voltou e foi respondido de outra direção.

Eu tinha ouvido falar de lobos cinzentos. A maioria das histórias ouvi de Julie - ou de sua fértil imaginação. Lobos viajavam em matilhas assassinas, tinham ameaçadores olhos vermelhos e rastejavam furtivamente em direção àqueles a quem devorariam.

— Eles estão perto? — Sussurrei nervosamente, com meus olhos arregalados de susto.

Wynn me abraçou, me abrigando no refúgio dos seus fortes braços.

— Eu duvido —, disse ele, sem nenhum traço de preocupação. — Mas, se estiverem, não há nada com o que se preocupar. Sugiro que você apenas fique em frente ao fogo e ouça com atenção, Elizabeth. É quase possível contar quantos são na matilha pela diferença de seus uivos. Eles são parte do nosso mundo aqui no Norte - uma parte que precisa ser respeitada, mas não temida. Aceite-os - talvez até aproveite-os se puder.

Duvidava que algum dia viveria para apreciar os uivos de um lobo cinzento, mas tentei ficar calma. Outro uivo rasgou o ar da noite.

— Ouviu isso? — observou Wynn perto do meu ouvido. — Acho que foi o líder da matilha. Você percebeu a autoridade na voz dele?

Tentei balançar a cabeça, mas Wynn estava me segurando muito perto.

— Autoridade? Não particularmente.

Outro uivo chegou até nós. Este era mais curto e mais distante.

— Este está respondendo ao chefe. Adentrando o território. Você percebe a diferença?

Dessa vez eu percebia. Foi inacreditável.

Houve outro uivo. Veio de muito perto da nossa cabana, mas não era tão assustador por algum motivo.

— Uma fêmea —, comentou Wynn. — Provavelmente a companheira do líder.

— As fêmeas são mais mansas que os machos? — Perguntei, pensando que este havia soado muito mais gentil do que outros.

— Oh, não —, riu Wynn. — De fato, a fêmea pode ser ainda mais agressiva e mais mortal que os machos - especialmente se ela tiver filhotes. O bando de caça sempre consiste em algumas fêmeas. Não sei como os machos se saíam sem elas. A matilha depende da habilidade e da agressividade delas para a matança. A fêmea deve ter comida não apenas para si, mas também para alimentar seus filhotes - e ela fará qualquer coisa para conseguir o que quer.

Os lobos faziam parte do ambiente de Wynn. Eu não tinha certeza se seria capaz, um dia, de ouvir seus uivos sem estremecer, mas a calma de Wynn e fácil aceitação dessas criaturas selvagens certamente me ajudou a vê-los sob outra perspectiva.

Outro uivo. Outro arrepio. Outra explicação de Wynn.

Ele parecia pintar uma imagem do bando à nossa volta, localizando e identificando cada membro. Ele não os descreveu com brilhantes olhos vermelhos e línguas salivando. Eu os via como criaturas carentes e famintas, dependentes da natureza e de suas habilidades para alimentar a si e suas famílias.

— Ao contrário do que você já deve ter ouvido —, Wynn me contou, — os lobos caçam apenas para sobreviver. Na floresta, a sobrevivência nem sempre é fácil.

Ouvia os ecos dos lobos enquanto eles seguiam em frente, para longe da cabana. Meu coração voltou a bater no seu ritmo natural. Consegui até mesmo desejar-lhes uma boa caçada.

Capítulo 12 – Na carroça

Nós pegamos a trilha na manhã seguinte até as pequenas e improvisadas construções que formavam o pequeno posto avançado. Antes de deixarmos a cabana, arrumei a cama e lavei a louça. Wynn trouxe um suprimento de madeira seca, certificando-se de que ele havia deixado mais lenha estocada do que encontramos na noite anterior.

A trilha através da floresta cruzava um riacho com algumas pedras por onde era possível atravessá-lo, e Wynn apontou para o leste, onde os castores haviam represado a água e feito um pequeno lago. O sol da manhã já prometia um dia agradável, e os pássaros cantavam e voavam entre as árvores. A caminhada teria sido perfeita, não fosse pelos miseráveis insetos. Até Wynn andava com uma tela de pano pendurada em seu chapéu na parte de trás.

Quando chegamos ao forte, olhei em volta para aquelas pobres construções. Mesmo do lado de fora, tinha certeza de que não gostaria de passar a noite em nenhum delas. Fiquei muito feliz por Wynn ter arranjado a cabana.

— Acho que você deveria esperar aqui fora —, ele me disse. Me perguntei porque, mas não o questionei. Encontrei um toco de árvore nas proximidades e me sentei. Como parecia não haver ninguém por perto, então levantei minha saia para verificar minha perna. Não estava mais coberta com um curativo; Wynn decidiu que o ar faria bem.

Cascas feias de várias densidades e cores cobriam a canela. Movi meu pé para frente e para trás. Quase toda a dor havia sumido. Wynn tinha dito que é importante ter um corpo que se cure sozinho quando se está a quilômetros de distância da ajuda médica. Ele parecia muito satisfeito por ter escolhido uma mulher com essa qualidade.

Wynn não ficou ali por muito tempo. Ele voltou com uma expressão de frustração em seu rosto.

— O que há de errado? Eles estão bêbados?

— Bêbados não é a palavra certa. Eles estão apagados! Todos eles. Não consegui acordá-los.

— Você está bravo com eles por beberem, não é? Eu não culpa...

Mas Wynn não me deixou terminar de consolá-lo como eu pretendia.

— Sim, estou com raiva. Com a bebida deles? Eu não gosto, mas

não posso obrigá-los a parar. Esse é o negócio deles, eu acho - o modo de vida deles. Esse é o jeito com que eles amenizam as dificuldades da vida no Norte. Quando os homens não têm Deus, eles precisam de subterfúgios. No meu ponto de vista, o uísque é um pobre subterfúgio - mas muitos homens dependem disso. Mas o que me enfurece é que eles não obedeceram às minhas ordens.

Olhei para cima, surpresa.

— Eles deviam ter descarregado a barça ontem à noite antes de começarem a beber. Eu sabia muito bem que eles não conseguiriam fazer nada esta manhã. Ali está a carroça, vazia; e lá, esparramados no chão, estão os homens que deveriam carregá-la e o homem que deveria conduzi-la.

— O que faremos agora? — Eu finalmente perguntei em voz baixa.

Wynn se animou e estendeu a mão para segurar meu queixo. Ele sorriu então pela primeira vez desde que saiu da casa.

— Nós faremos sozinhos, meu amor —, ele respondeu, com a força e confiança em sua voz novamente.

Foi um trabalho longo e difícil. O sol da manhã estava alto no céu antes de terminarmos. Na verdade, eu não fui de muita ajuda. Os caixotes e baús eram pesados demais para os ombros de uma mulher, e Wynn nem sequer me deixaria tentar. Wynn havia empurrado a carroça o mais perto possível do cais para eliminar etapas desnecessárias. Eu me ofereci para segurar a parelha, pois não havia lugar para passageiros. Wynn parecia satisfeito por eu estar disposta a ajudar, mas o trabalho que fiz não foi bom. Os cavalos estavam nervosos. Os mosquitos e moscas os atormentavam, e eles balançavam a cabeça e se desviavam. Wynn observou meus esforços com cautela por um tempo então e decidiu desatrelar os cavalos, levá-los à margem e amarrá-los firmemente a uma árvore.

Agora eu não tinha nada para fazer.

Tentava dar uma ajudinha de vez em quando, mas logo descobri que estava mais atrapalhando do que qualquer outra coisa. Finalmente desisti e encontrei um toco de árvore à sombra.

Enquanto estava sentada, pensava furiosa nos homens na cabana.

Ali, eles dormiam como resultado da bebedeira enquanto meu marido fazia o trabalho para o qual eles foram contratados!

Finalmente, o carregamento foi concluído e os cavalos foram atrelados novamente na carroça.

Wynn fez mais uma visita à cabana para verificar nosso condutor.

— Alguma sorte? — Perguntei quando ele voltou, seus lábios

demonstrando sua contrariedade.

— Nenhuma. — Foi uma resposta seca e direta.

— O que faremos agora? — Perguntei. — Temos que esperar aqui até ele acordar?

— Não, não esperamos. Já estamos atrasados o suficiente se sairmos agora e também não iremos muito longe. Nós vamos dirigir. Quando ele acordar, que caminhe.

Os cavalos não foram feitos para a velocidade e a carroça era desajeitada e pesada. Teria sido muito mais rápido viajar pelo rio. O sol ardia nas minhas costas e os insetos zumbiam persistentemente.

Não conversamos muito. Wynn se concentrava na direção, e eu tentava manter minha mente ocupada com outras coisas além do meu desconforto.

A barcaça do rio parecia um lancha de passeio em comparação com essa carroça pesada.

Paramos ao meio-dia para uma refeição rápida. Wynn comeu de olho no céu, pois as nuvens estavam se acumulando. Sabia que ele temia uma tempestade antes de chegarmos ao nosso destino. Nenhum de nós manifestou preocupação, mas percebi que Wynn tentava ir um pouco mais rápido.

A estrada poderia, na melhor das hipóteses, ser chamada de trilha. Descia e subia, dava voltas e atravessava, seguindo o caminho de menor resistência, quase como um rio. Às vezes, não havia escolha a não ser encarar o terreno. Os cavalos subiam morros íngremes e depois deslizavam para baixo, e a carroça sacudia atrás. Felizmente, Wynn era um excelente condutor, e eu fazia uma oração de agradecimento sempre que alcançávamos um terreno razoavelmente nivelado.

A certa altura, mesmo Wynn temia pela segurança dos cavalos e da carroça. Ele me pediu para sair e descer a ladeira, que mais se parecia um paredão. Pensando melhor, Wynn se arrastou para fora da carroça, remexeu em alguns de seus pertences e subiu com aquelas calças masculinas horríveis. Elas foram lavadas desde que as vi pela última vez, o que assumi que Wynn havia feito.

— É melhor você vestir isso —, disse ele. — Você pode passar parte da descida sentada.

Sem questionar, rapidamente obedeci e enfiei minha saia simples e minha anágua na bolsa de noite, que estava no topo da carga.

Wynn foi o primeiro. Eu realmente não queria assistir, mas não conseguia obrigar meus olhos a se afastarem. Um bom sistema de freios na carroça mantinha as rodas patinando ladeira abaixo, sempre nos cascos deslizantes dos cavalos.

Fiquei ali, com a respiração suspensa, arquejando de vez em quando e cobrindo meus olhos, depois rapidamente os descobrindo de novo só para ter certeza de que Wynn ainda estava bem.

Me esqueci de segui-lo. Quando Wynn finalmente rolou a carroça para uma parada em terreno comparativamente plano, eu ainda estava de pé, com a boca aberta, no topo da colina.

Corei e corri para me juntar a ele. O grito dele, “Desacelere!”, chegou tarde demais. Eu já havia adquirido mais velocidade do que podia controlar na encosta íngreme. Tentei deesacelerar, mas o meu corpo estava se movendo rápido demais para meus pés desajeitados, e me vi caindo e rolando até o final. A próxima coisa que percebi foi a cara pálida de Wynn, se curvando sobre mim.

— Elizabeth —, ele me chamou, ofegante, — Elizabeth, tudo bem com você?

Eu gemia e tentava rolar para uma posição mais digna. Não tinha certeza se estava bem ou meio morta. Tinha presença de espírito o bastante para ficar feliz pelas calças horríveis.

Wynn começou a checar os meus ossos. Eu despertei um pouco, com a minha cabeça ainda tonta, começando a me situar.

— Acho que estou bem —, disse a ele, lutando para me sentar.

— Fique quieta — ele pediu. — Não se mexa até termos certeza.

Ele continuou a verificar. À essa altura minha mente já estava clara.

— Estou bem —, insisti, sentindo apenas dor em apenas alguns lugares do meu corpo. — Apenas envergonhada até a morte, só isso.

Wynn ficou satisfeito quando viu que eu não tinha quebrado nada e suspirou aliviado. Ele então voltou sua atenção para os arranhões e contusões.

— Deixe-me levantar —, implorei, e ele cuidadosamente me ajudou a ficar em pé. Ele escovou a sujeira da minha roupa e tirou as folhas do meu cabelo, demonstrando alívio e preocupação em seu rosto.

— Eu queria que você descesse a pé para evitar lesões —, ele disse suavemente, balançando a cabeça, desanimado.

Comecei a rir. Wynn olhou para mim com mais preocupação em seus olhos e então ele sorriu lentamente.

— Esse é um recorde na descida dessa colina —, eu disse entre suspiros de riso.

— Acho —, ele observou, — que poderia ter batido o recorde na subida também - Ei!

Seu grito me fez virar para olhar na mesma direção. A parrelha desertora decidiu seguir em frente sem nós. Eles não estavam muito à

frente, mas ainda estavam andando; e se não tivéssemos pressa ou se algo os assustasse, poderíamos precisar caminhar uma longa distância. Wynn subiu o restante da colina, correndo atrás deles. Eu o segui, mas em um ritmo muito mais lento. Não queria repetir a performance. Já doía e incomodava o suficiente.

Wynn alcançou a parelha cerca de quatrocentos metros abaixo.

Eles não seguiram exatamente a trilha, e Wynn teve trabalho para tirá-los do trecho sem saída entre as árvores para o qual haviam se encaminhado.

Finalmente de volta à trilha, notamos que as nuvens haviam ficado mais escuras sobre nós. Tinha esfriado e o vento estava ficando mais forte.

— Alguém mora aqui perto? — Perguntei-lhe, sentindo sua inquietação.

— Não que eu saiba —, ele respondeu.

Até os cavalos pareciam sentir a tempestade que se aproximava e jogavam suas cabeças para os lados, protestando sob a carga.

Eles deslizaram quando chegamos a um trecho pantanoso, onde foram obrigados a atravessar à *corduroy* (sobre toras de madeira colocadas lado a lado).

Wynn os persuadiu e depois os forçou a dar os primeiros passos. As toras rolavam e balançavam, espremendo o solo úmido do pântano enquanto passávamos. Eu parecia tão relutante quanto os cavalos. Gostaria de poder andar, mas repensei. Em alguns lugares, as toras ficavam abaixo da superfície da água.

Os cavalos pisavam e escorregaram, bufando e avançando no caminho adiante. Um cavalo escorregava e se recusava a dar outro passo enquanto seu companheiro de parelha ainda se movia. Então, dava um salto nervoso e subia, escorregando nos troncos. E então, o seu companheiro de parelha decidia escorregar. Nós abrimos caminho pela precária ponte flutuante, e dei um suspiro aliviado quando as rodas da carroça finalmente tocaram terra firme outra vez.

Os cavalos, suando mais de nervoso do que pela energia exercida, agora estavam ainda mais instáveis. Então, ao som do primeiro trovão, eles pularam e teriam fugido se Wynn não estivesse preparado e mantido as rédeas firmes nas mãos.

Permaneci inquieta no assento, com meus olhos nas nuvens acima. A chuva caía a qualquer minuto e não havia onde procurar

abrigo.

Wynn se manteve firme com a parelha. Era impossível esperar que eles corressem. A carroça era muito pesada e a pista muito ruim, mas ele os instigou a um passo mais acelerado. Eles se esforçaram, parecendo tão relutantes quanto nós em ser apanhados pela tempestade.

Assim que a chuva começou a cair sobre nós, dobramos uma curva e logo adiante havia um galpão! Não estava em bom estado de conservação e não sabíamos ao certo para quê estava sendo usado; mas era abrigo, e Wynn saiu da trilha sulcada, liderando a parelha rapidamente.

— Corra para dentro antes que você fique encharcada, Elizabeth —, ele insistiu, me ajudando a descer do assento da carroça. Não parei para discutir.

Wynn se apressou em desatrelar a parelha e então ele entrou, trazendo os cavalos. Ele os levou para o final do galpão e amarrou-os a um gancho na parede. Uma trovoadas me fez pular e os cavalos relincharam assustados. Agora chovia a cântaros. Eu nunca tinha visto tanta chuva.

O abrigo que tínhamos encontrado não era de modo algum à prova d'água. Tínhamos que prestar atenção onde estávamos para impedir que a chuva caísse em nós.

Havia um canto no galpão onde parecia estar bastante seco. Wynn sugeriu que sentássemos ali para esperar a tempestade passar. A construção tinha um piso imundo e novamente fiquei feliz por ainda usar as calças. Sentamos no chão e nos encostamos na parede. Lá fora, a furiosa tempestade continuava a cair sobre nós, despejando trovões e atirando raios enquanto passava sobre nossas cabeças.

Não durou muito. Em menos de meia hora havia terminado. As nuvens escuras seguiram em frente, e o trovão continuava a se ouvir à distância.

A tempestade não havia melhorado nossa estrada. Por onde passamos a seco minutos antes, agora era lama. Wynn dissera que tivemos sorte - uma chuva tão forte como essa tendia a passar mais rápido do que uma chuva mais suave. Mas me perguntava se a trilha poderia ter ficado ainda mais confusa.

Senti pena dos cavalos enquanto eles enfretavam a lama que tornava a ainda mais pesada. Nós dois andávamos sempre que conseguíamos encontrar um caminho decente para diminuir a carga.

Wynn parava com frequência para que recuperassem o fôlego. Seus lombos arfaram e suas costas começaram a emanar vapor; mas eles pareciam impacientes para acabar logo aquilo e ficavam inquietos

a cada parada.

A tempestade trouxe uma bênção. Por poucos minutos misericordiosos, os mosquitos ficaram longe. Eu estava prestes a compartilhar minha alegria com Wynn quando as pragas começaram a zumbir ao nosso redor novamente.

— Disseram-me que existem alguns caçadores que vivem ao longo desta rota —, Wynn me informou enquanto seguíamos em frente. — Eu esperava parar na cabana de um deles hoje à noite.

Fiquei feliz em saber que havia pessoas vivendo ao longo da trilha. Então lembrei de Charlie.

— Apenas homens? — Eu perguntei.

— Não, eles têm mulheres e filhos, acredito.

Essa foi uma notícia ainda melhor.

— Estão longe?

— Não tenho certeza. Eu nunca por aqui antes.

— Você acha que vamos conseguir encontrá-los antes de escurecer?

— Espero que sim, mas, se não, ficaremos bem acampando se precisarmos. Lembre-se, você queria a experiência de dormir sob as estrelas em nossa lua de mel em Banff.

Eu assenti. Bem lembrava. E então nossa lua de mel foi tão curta que não houve tempo.

— Pode ser divertido —, respondi. — Você acha que vai chover mais?

Wynn olhou para o céu.

— Acho que não... Não essa noite. Talvez um pouco amanhã.

— Oh, querido —, resmunguei bastante com a notícia. — Vamos nos chacoalhar de novo amanhã?

— Espero que o tempo não esteja tempestuoso o suficiente para nos impedir, mas pode ser bastante arriscado viajar contando com uma previsão.

O longo e ensolarado dia de verão nos permitiu continuar viajando até depois das dez horas. Nós nem paramos para comer, mastigamos, ao invés disso, alguns sanduíches duros e secos e bebemos a água do cantil que Wynn havia enchido naquela manhã.

— Bem —, disse Wynn, quando eu estava começando a perceber o quão esgotada estava, — receio que teremos que desistir daquela cabana. Nós precisamos parar. Você deve estar exausta, Elizabeth, e os cavalos precisam de uma chance para descansar e se alimentar.

Olhei em volta para os pinheiros desalinhados. Nós havíamos

passado por lugares muito mais bonitos no início do dia.

— Parece que pode haver uma clareira logo à frente. A grama deve ser melhor lá. Vamos dar uma olhada.

Wynn estava certo. Para nossa surpresa, no lado oposto da clareira havia uma pequena cabana de toras.

— Bem, olhe para isso —, disse Wynn, aliviado. — Os caçadores. E exatamente quando precisamos deles.

A cabana parecia ser muito pequena. Eu olhei em volta para outra. Wynn havia mencionado mais de uma família. Não pude ver outra cabana. Devem estar escondidas entre as árvores.

— Você acha que uma das famílias pode ter espaço para nós? — Perguntei.

Wynn sorriu.

— Oh, com certeza eles terão espaço. Mesmo se todos nós tivermos de ficar em pé para caber, haverá espaço.

Fiquei perplexa e Wynn explicou.

— A hospitalidade no Norte faz parte da vida tanto quanto comer e dormir. Eles podem não ter muito, mas o que eles têm, compartilham.

Quando nos aproximamos da cabana me olhei, envergonhada. Wynn disse que havia mulheres, e eu apareceria na porta deles em meu traje masculino, parecendo uma almofada de alfinetes — mordidas, arranhões e contusões, indicando uma almofada de alfinetes bastante usada e gasta.

Não tive tempo nem oportunidade de melhorar minha aparência. Já tínhamos sido vistos.

Fomos recebidos no quintal por quatro crianças pequenas - três meninos e uma menina. Nunca tinha visto mãos e rostos tão maltratados na minha vida. Eu estava horrível, mas eles estavam piores. Eles pareciam bastante ingênuos, conversando conosco e golpeando insetos como se fosse a coisa mais natural do mundo.

As crianças nos levaram para dentro de casa e, para minha surpresa, descobrimos que era o lar de duas famílias. Os homens não viram razão para mobiliar e prover madeira para mais do que uma cabana. Era um longo quarto aberto compartilhado por quatro adultos e quatro crianças.

Outro bebê estava a caminho, provavelmente a qualquer momento.

A mulher que nos recebeu à porta e nos acolheu tinha tantas picadas de mosquitos quanto as crianças, assim como a que saiu de perto do fogão e sorriu em uma recepção tímida. Me tranquilizei

quanto à minha aparência mas, ao mesmo tempo, estremei. Meu aspecto seria assim durante todo o tempo que vivesse no Norte? *Certamente não, Deus*, sussurrei consternada.

Com grande cerimônia, fomos imediatamente levados para uma mesa rústica, enquanto a mulher do fogão trouxe enormes tigelas de um caldo fumegante e os colocou diante de nós. Eles estavam prestes a jantar e, com a nossa chegada, as mulheres haviam nos cedido seus lugares na mesa. Eu queria protestar, mas Wynn me levou para frente e entendi que recusar o convite como hóspedes bem-vindos poderia ofendê-los.

Com sentimentos dúbios, sentei-me e sorri para eles com apreço. Eu estava com fome e a comida tinha um cheiro delicioso.

Não reconheci nenhum dos vegetais que vi no meu prato. Wynn me informou que as mulheres eram especialistas em vasculhar a floresta em busca de plantas comestíveis. Eu sorri para eles novamente, agradecendo-lhes por compartilhar sua refeição.

— É muito bom ver *ocês* por aqui; *cês* tão *fazeno* um favor *pra* gente —, declarou o mais velho com uma cortesia simples.

Ninguém orou antes de comer, então eu sussurrei, discretamente, minha própria prece curta de agradecimento. Também agradei pela comida de Wynn, pois os homens não lhe deram tempo para isso. Imediatamente eles começaram a questioná-lo o mundo lá fora.

As crianças comiam ruidosamente. Era evidente que as boas maneiras não eram consideradas necessárias em torno desta mesa. Um copo comum passava de pessoa para pessoa com a bebida quente que acompanha a refeição. Eu sorri e passei adiante. Para meu desgosto, Wynn ergueu o copo sem hesitar e bebeu profundamente. Orei fervorosamente outra vez - para que Deus o guardasse de contrair alguma doença terrível.

— Estava muito bom —, eu disse à cozinheira quando terminamos. — Gostaria que tivéssemos tempo para você me ensinar a fazê-lo.

Ela baixou a cabeça timidamente.

— Foi nada, não —, afirmou. — É o urso que dá o *gostin*.

— Urso? — Eu repeti, sentindo meu estômago se contrair.

— A carne de urso é a melhor que tem —, observou sua companheira.

Por um momento, pensei que fugiria da mesa; mas então vi o olhar divertido de Wynn me encarando, engoli em seco e sorri.

— Bem, certamente é —, respondi-lhe por educação. — Estava muito saboroso.

Vi um lampejo de incredulidade cruzar o rosto de Wynn e sorri de novo, olhando diretamente em seus olhos.

— Talvez, quando nos acomodarmos, você possa caçar urso —, eu o desafiei, — e posso fazer um ensopado como esse.

Ele gargalhou. Tenho certeza de que mais ninguém à mesa entendeu nossa pequena piada.

Passamos a noite com os caçadores e suas famílias.

Havia duas camas no quarto. Nos cederam uma delas e as duas mulheres ficaram com a outra. Os dois homens, sem comentar ou protestar, pegaram mantas e cobertores de uma pilha no canto e se espalharam no chão com as crianças, todos dormiram completamente vestidos.

Capítulo 13 – O último dia na trilha

Depois que Wynn enfaixou minha perna machucada na manhã seguinte e expressou outra vez o quanto lhe agradava minha recuperação, retomamos a jornada. Com sorte, aquele seria o nosso último dia na trilha. Segui o conselho de Wynn e coloquei um lenço na minha cabeça e ao redor do meu pescoço, mas os pequenos mosquitos e moscas traquinas ainda me alcançavam. Os poucos cabelos na parte de trás do meu pescoço pareciam ser seu prato preferido.

— Como as pessoas suportam isso? — Perguntei a Wynn enquanto coçava os pequenos inchaços.

— É uma das coisas com as quais se aprende a conviver —, ele deu de ombros. Não gostei da resposta. Sobretudo porque implicava que eu deveria aprender a conviver com aquilo também.

Era um lindo dia de julho e, apesar das nuvens sobre nós, não choveu. O calor do sol logo secou da estrada a chuva do dia anterior. Apenas em alguns pontos passamos por lugares ainda lameados e molhados, os cavalos se jogavam contra os arreios e se esforçavam para puxar a carroça pesada. Wynn até os parava para descansar, mas não demorava para que eles estivessem puxando as rédeas e esforçando-se para voltar ao caminho.

Ocasionalmente, viajávamos pelas margens de um riacho ou de um lago. Os peixes saltavam para se alimentar dos insetos que pululavam e ficavam muito perto da superfície da água. Desejei-lhes boa caçada - cada jantar de peixe era um mosquito a menos para me incomodar!

Paramos ao meio-dia em uma área coberta de altos abetos. Reconheci vários tipos diferentes, mas não conhecia o suficiente para poder classificá-los por nome. Wynn estava muito ocupado desarreando os cavalos e acendendo o fogo para responder perguntas, então eu caminhei sozinha, observando enquanto andava e guardando as perguntas para mais tarde.

Mantive Wynn à vista, para não me perder.

Quando o fogo estava queimando vigorosamente, eu estava de volta para ajudar na nossa refeição.

Não paramos por muito tempo.

Em uma área encharcada, vi uma mãe rena e sua cria, mesmo sem Wynn apontá-los para mim. Fiquei muito satisfeita comigo mesma.

— Veja! — Eu disse, emocionada. — Uma rena - duas renas.

Wynn sorriu e acenou com a cabeça enquanto seguia minha indicação. Ele se virou para mim e disse simplesmente:

— Devo corrigir-la, Elizabeth, para que você não seja motivo de riso. São alces - veja como a fêmea adulta não possui chifres. Além disso, as renas vivem, digamos, um pouco mais ao norte.

— Acho que sabia disso; mas, na minha emoção, tinha esquecido.

Assenti em apreço à preocupação de Wynn. Eu também apreciei o fato de ele não ter rido.

Observei os alces até que eles se perderam de vista e então me virei para Wynn.

— O quê mais? — Perguntei.

— O que mais, o quê? — Ele ficou intrigado.

— O que mais diferencia os alces das renas?

— Pêlos. Forma dos chifres. Cascos. — Wynn parou.

— E os ursos? — Perguntei a ele. — Eles têm algum outro nome que eu não saiba?

— Urso? Não, há somente o ‘urso pardo’ e o ‘urso negro’ por aqui.

— Algum outro animal?

— Provavelmente.

— Provavelmente? Você quer dizer que não sabe?

— Eles não vêm à mente agora.

— Como vou saber o que dizer...

Ele sorriu para mim e estendeu a mão para afastar uma mecha rebelde de cabelo que insistia em se enrolar na minha bochecha.

— Você vai aprender. Você é muito rápida.

Corei levemente com seu sorriso e elogio. Era bom saber que Wynn não tinha medo de passar vergonha com sua esposa criada na cidade.

— Estamos chegando? — Perguntei a Wynn como uma criança pela décima vez. Tínhamos parado para a nossa refeição da noite.

Ele sorriu para mim e estendeu o mapa. Estudou cuidadosamente arredores, procurando alguns sinais de identificação. Não pude ver nem pé nem cabeça no mapa de Wynn. Após um momento de estudo, ele apontou para um ponto no mapa.

— Estamos por aqui —, disse ele. — São cerca de catorze ou dezesseis quilômetros a percorrer. Não, não exatamente... — ele se corrigiu. — Mais como onze ou doze.

— Vamos chegar hoje à noite?

— Eu espero que sim - mas não será cedo. O bom é que ainda teremos muita luz do dia[1] para viajar. Receio que vamos precisar.

Coloquei as coisas do nosso jantar de volta na carroça enquanto Wynn arreava os cavalos, e estávamos a caminho novamente. Talvez aquela tivesse sido nossa última parada - era o eu esperava.

O entusiasmo tomou conta de mim ao pensar em quão perto estava da minha nova casa.

Os cavalos também pareciam sentir que estavam chegando; e Wynn teve que impedi-los de correr, apesar do cansaço e da carroça pesada que puxavam.

Me sentia muito empolgada e tensa para falar, então a última etapa da nossa jornada foi bem silenciosa. Mas minha mente estava cheia de perguntas - algumas que nem mesmo Wynn poderia responder, não tendo vivido pessoalmente em Beaver River.

Como será nossa pequena cabana? Como serão nossos vizinhos? Haveriam mulheres brancas na Sede? Os índios vão gostar de mim e me aceitar? Será que algum dia poderei conversar com eles? Os pensamentos giravam na minha cabeça, deixando-me quase tonta.

O sol inclinava-se para oeste, cada vez mais perto do horizonte.

Ainda não tínhamos chegado ao rio Beaver, e eu estava começando a me perguntar se Wynn cometera um erro em sua estimativa - facilmente perdoado, considerando a pouca informação que recebera. Eu estava prestes a perguntar em voz alta quando Wynn falou.

— Você abriria esse mapa no seu colo, por favor? Quero dar uma olhada novamente enquanto ainda está claro o suficiente.

Abri o mapa e, sem comentar, Wynn começou a pensar.

— Se fiz tudo direito, o assentamento deve estar logo depois da próxima colina.

Eu queria gritar de alegria. Na minha emoção, estendi a mão e dei um abraço rápido e inesperado que fez o Stetson de Wynn cair no pó da estrada. Quando ele se desvencilhou dos meus braços e parou a parelha, seu chapéu da Polícia Montada do Noroeste havia sido atropelado pela pesada roda da carroça. Horrorizada, assisti Wynn voltar para recuperar o pobre coitado da terra.

O chapéu agora estava reto onde deveria estar arqueado. Cobri meu rosto arrependido com as mãos, mas Wynn voltou para a carroça sorridente; e, depois de empurrar um pouco aqui e bater ali, ele colocou o chapéu de volta na cabeça - um pouco danificado, mas estava melhor do que eu esperava.

Wynn estava certo. Quando contornamos a colina à nossa frente,

avistamos o pequeno povoado lá em baixo. Eu me abstei de abraçar Wynn novamente. Em vez disso, foi ele quem me abraçou.

— Aí está, Elizabeth —, ele sussurrou contra o meu rosto. — Aí está o nosso lar.

— Lar —, eu repeti. Era uma palavra mágica e trouxe lágrimas aos meus olhos. Tomei o braço de Wynn, mesmo que ele precisasse as duas mãos nas rédeas. Imagina! Estávamos quase em casa.

Sob a luz do crepúsculo, parecia uma pequena vila amigável.

Pudemos ver a bandeira do Canadá tremulando sobre a Sede da Companhia da Baía de Hudson. Espalhadas por todo o prédio da Sede haviam outras de vários tamanhos. Com a nossa chegada, os cães começaram a uivar. As pessoas apareciam nas portas olhando em nossa direção. Algumas delas até acenavam para o pequeno grupo que se aproximava. Suponho que todos no assentamento sabiam bem quem estava na carroça que chegava. Eles estariam esperando para avaliar o novo homem da lei e sua esposa. Eu segurei o braço de Wynn com mais força.

— Diga-me novamente —, perguntei, — qual você disse que era o nome do homem da Baía de Hudson?

— McLain —, disse Wynn. — Ian McLain.

— E ele não é casado?

— Não encontrei ninguém que soubesse. Eu perguntei, mas ninguém tinha ouvido falar de uma senhora McLain.

— Suponho que isso significa que não existe uma —, eu disse em resignação.

— Não necessariamente. Na verdade não existem muitas razões para os registros mostrarem se há uma esposa ou não. O agente está listado, não a família dele.

Tomei isso como uma centelha de esperança, mas eu não contava muito com a presença de outra mulher branca na vila.

Escurecia rapidamente agora que tínhamos passado a colina. As janelas estavam começando a se iluminar com lamparinas. O barulho dos cães aumentava à medida que mais pessoas se reuniam. Olhei para a multidão de homens brancos e muitos índios. Meus olhos continuavam a procurar.

Quem seria o Sr. McLain? Estaria sozinho?

Wynn parou a carroça diante edifício Sede da Baía de Hudson e cumprimentou amigavelmente os homens reunidos ali.

Um homem alto e quadrado com uma barba densa deu um passo à frente.

— Bem-vindo à Beaver River, Sargento — ele disse. — Meu nome

é Ian McLain.

Ele estava sozinho.

Capítulo 14 – Nosso lar

Wynn apertou a mão de muitos dos homens que se reuniram ao redor e acenou com a cabeça para os demais enquanto se movia. Por um momento me senti esquecida. Eu não sabia se descia da carroça ou se devia ficar onde estava até que alguém me notasse. Podia perceber alguns olhos se virando na minha direção. Wynn chamou o funcionário do correio da Baía de Hudson para mais perto da carroça e sorriu para mim.

— Minha esposa, Elizabeth. Elizabeth, Sr. McLain.

McLain me deu um forte aperto de mão.

— Entra. Entra —, gritou o Sr. McLain, mas Wynn o interrompeu depressa.

— Tivemos seis longos dias de viagem e Elizabeth está ansiosa para se estabelecer. Se você pudesse apenas nos mostrar nossa cabana, ficaríamos gratos.

McLain assentiu, compreendendo. Ele apontou para uma plataforma de árvores ao oeste. O contorno de uma cabana era visível no último brilho da luz do dia.

— Logo ali —, ele nos informou.

— Tem lugar para guardar os cavalos?

McLain deu uma olhada na parelha e de repente se lembrou de alguma coisa.

— Cadê o Canoue? — ele perguntou.

— Dormindo, quando o vi pela última vez. Ele começou a beber uísque com os garotos e não consegui despertá-lo. Eu não podia esperar, então saímos e o deixamos para trás.

O homem da Sede da Baía de Hudson balançou a cabeça.

— Ele tem seus problemas com a garrafa. Eu o avisei. ‘Canoue’, eu disse, ‘cê não vai estragar tudo dessa vez. Não posso continuar achando trabalho *procê* se *ocê* não consegue ficar com ele.’ Mas ele precisava desse dinheiro. — McLain encolheu os ombros. — Não tem nenhum lugar para os cavalos, mas *cê* pode trazer aqui. Eu tenho um curral lá atrás —, continuou o homem.

Durante toda essa conversa, eu podia sentir olhos me avaliando. Estávamos cercados na maioria por homens, mas agora eu via poucas mulheres indígenas e alguns jovens e crianças. Sorri para elas, embora deva admitir que nunca me senti tão deslocada e desconfortável na minha vida. Estava ansiosa para que Wynn terminasse sua conversa e

nos levasse direto para casa.

Por fim, ele voltou para a carroça, virou a parelha e dirigiu-se para a pequena cabana que seria nossa primeira casa.

Eu senti um formigamento passar por mim. Como seria? Estaria em bom estado de conservação? Teria aquele quarto privado que eu tanto queria? Lutei contra a tentação de fechar os olhos até chegar ali. Estava ansiosa e com medo - tudo ao mesmo tempo.

Quando Wynn disse “ho” para a parelha, eu sabia que era o momento. Ele se virou para mim e me puxou para perto.

— Bem —, ele murmurou suavemente, — você está pronta?

Não conseguia mexer meus lábios, então apenas balancei a cabeça para ele.

— O que você vai precisar hoje à noite?

Eu realmente não sabia. Eu não tinha ideia do que poderia encontrar na cabana. Então ouvimos vozes atrás de nós e nos viramos para ver um grupo se aproximando. Era McLain quem nos chamava.

— A gente vai descarregar sua carroça hoje à noite e livrar ocê do problema amanhã. Não se preocupa com a gente.

Foi uma oferta atenciosa e tinha certeza de que Wynn a apreciava. Eu teria apreciado também, mas queria entrar em nossa casa nova com privacidade - apenas nós dois. Agora estávamos prestes a ser introduzidos ao nosso novo lar na companhia do comerciante da Baía de Hudson e de uma série de caçadores locais. Senti a decepção tomar conta de mim. Se ao menos Wynn os enviasse rapidamente para longe, dizendo que a carga poderia esperar até de manhã... Ele não o fez.

Ele retirou o braço, desceu da carroça e virou-se para me ajudar.

— Aprecie isso —, ele respondeu. — Não deve demorar muito, com toda a boa ajuda que você trouxe.

Pisquei para afastar as lágrimas na penumbra e sabia instintivamente que Wynn não iria entender como eu, como mulher, me sentia sobre a intrusão. Ele apenas consideraria o fato prático de que a carroça carregada com baús e caixas pesadas precisava ser descarregada.

Eu sentimentalmente pensei que um homem e sua esposa mereciam entrar em sua primeira casa sozinhos e juntos. Talvez futilmente, percebo agora, tive visões de ser carregada pela porta.

Quando meus pés estavam firmemente plantados no chão, os homens já estavam se movimentando sobre a carroça.

— Talvez você queira entrar e mostrar a eles onde você gostaria que as coisas fossem colocadas — sugeriu Wynn.

Queria berrar que preferiria as coisas deixadas exatamente onde elas estavam, mas sabia que isso era tolice e seria mal compreendida; então andei meio tonta até a porta, assim que o Sr. McLain, que havia tomado o primeiro caixote à frente, ficou de lado para me deixar abrir a porta para ele. Que romântico!

A porta estava emperrada; eu tive que colocar as duas mãos na maçaneta e puxar com força. Finalmente consegui e, no processo, esfolei meus dedos.

A mão machucada ardeu rápido e as lágrimas nos meus olhos se multiplicaram e se derramaram em minhas bochechas antes que eu pudesse detê-las.

A casa estava escura. Eu não tinha ideia de onde encontrar luz. Estava já bastante escuro lá fora e as poucas janelas pequenas deixavam entrar pouca luz.

Eu hesitei. McLain arrastava seus pés. Ele estava esperando que eu dissesse o lugar para se livrar da carga pesada que carregava.

— Apenas encoste-a nessa parede —, eu disse a ele.

Acho que ele percebeu que eu estava um pouco perdida, porque se ofereceu:

— Vou ver se acho a lâmpada. — Ele logo acendeu e colocou a caixa onde poderia trazer o maior benefício para os homens que estavam descarregando nossos pertences.

Eles entravam e saíam o tempo todo. Homens que nunca tinha visto antes se aglomerando dentro e fora da minha nova casa, sem ao menos parar para limpar os pés. Um deles até cuspiu no meu chão.

Wynn não entrou. Ele estava muito ocupado supervisionando e ajudando a descarregar. Eu fiquei feito boba no meio da sala, imaginando o que deveria fazer; e então me lembrei que, de fato, tinha uma responsabilidade: eu deveria dizer aos homens onde colocar as coisas. Como eu saberia onde colocar as coisas? Eu ainda nem sabia que cômodos tínhamos para mobiliar. Então eu só apontava com um dedo, o que eles provavelmente não conseguiam enxergar por trás de suas grandes cargas, e dizia “ali”, até que uma parede foi escondida com nossos pertences.

Finalmente, o fluxo de carregadores ofegantes terminou. Houve apenas o som de suas vozes do quintal. Wynn estava conversando com os homens antes de voltarem para suas próprias casas. Batia meu pé impacientemente. Por que ele demorou tanto? Por que ele não apenas os agradece e os manda embora?

Notei um barulho suave, que logo se tornou um zumbido. Então outro, e outro, e eu percebi que tínhamos dado aos mosquitos maravilhosas boas vindas.

A porta aberta, com a lamparina acesa na sala para iluminar a entrada, não havia sido ignorada. Nossa cabana já devia estar cheia com centenas deles. Com um pequeno grito de raiva, corri e bati a porta com força.

Wynn ainda estava conversando com os homens. Virei desanimada para a pilha de nossos pertences e me perguntei onde eu poderia encontrar alguns cobertores para fazer uma cama. Pegando a lamarina, fui até lá e comecei a verificar a pilha.

Os rótulos não me ajudaram muito. Todos os caixotes do topo pareciam ser para o uso de Wynn como agente da lei no Norte e provedor médico da área.

Como eu poderia sequer arrumar uma cama? Nas últimas noites na trilha prometi a mim mesma que precisaria suportar apenas por mais algumas noites ter de dormir naqueles meios improvisados, e então estaria em minha própria casa e dormindo em minha própria cama limpa e cheirosa. E agora não encontrava minha roupa de cama. Na verdade, nem sabia se havia uma cama.

Assim que saí da sala, com a lamparina alta, para descobrir se havia uma cama na cabana, Wynn enfiou a cabeça na porta. Suspirei de alívio ao ouvir suas palavras:

— O descarregamento acabou, Elizabeth. Não devo demorar. Sinta-se em casa.

Eu não acho que ele poderia ter escolhido qualquer palavra que tivesse me chateado mais. *Sinta-se em casa*. Isso era estar em casa? Caixas empilhadas. Sem marido. Sem cobertores para a minha cama. E eu, cansada até os ossos. Tudo o que queria era um banho quente para remover a sujeira da trilha e uma cama limpa para me jogar. Então, talvez, eu pudesse me sentir em casa.

E Wynn. Eu queria Wynn, meu marido. Afinal, foi por causa dele que vim para esta terra estranha e distante.

Deixei as lágrimas fluírem livremente. Limpando os olhos e bufando desanimada, tropecei em outro cômodo com a lâmpada diante de mim.

Havia uma mesa, um fogão, algumas prateleiras ásperas e algo que lembrava vagamente uma cama - mas não era cama, pelo menos não uma que comportasse duas pessoas.

Não parei para procurar mais, mas entrei por outra porta.

O quarto tinha cabides ao longo de uma parede, um suporte em ruínas com gavetas e, sim, uma cama de casal. Tinha até um colchão em vez de galhos entrelaçados - pelo menos era uma espécie de colchão. Não estava muito limpo, estava bastante irregular; mas era um colchão. Não havia roupa de cama. Procurei uma prateleira e

encontrei uma, mas não havia roupa de cama nela também.

Voltando ao outro cômodo novamente, olhei em volta, mas ainda assim não encontrei nada que pudesse fornecer roupas de cama para a noite. Havia três cadeiras que eu não tinha visto antes. Duas delas eram de madeira e a terceira, uma cadeira estofada, colocada em frente a uma lareira. Estava satisfeita com a lareira, e então percebi que provavelmente ela era mais funcional do que a maioria. Provavelmente era a única fonte de calor na cabana.

Passei a lâmpada ao redor do aposento mais uma vez. Estava completamente vazio – e não muito limpo. E então vi algo que eu tinha perdido na minha primeira inspeção. Acima da lareira, pendia uma grande pele curtida que parecia ser usada como decoração ou retentor de calor - eu estava na dúvida.

Coloquei a lâmpada no chão e caminhei até ela. Eu dei um puxão. A pele estava firmemente presa. Eu puxei novamente. Ainda ficou no lugar. Agarrei-o com minhas duas mãos e coloquei toda a minha força na tração. Com um som rasgado e uma onda de poeira, a pele caiu da parede e eu caí no chão.

Afastei a pele pesada e me levantei. Era um tanto inflexível e arrepiada, não macia como as peles que eu estava acostumada a ver. Puxei para o quarto e passei pela porta. Então voltei para a lâmpada. Finalmente consegui colocar a pele na cama e espalhar de alguma forma.

Olhei ao meu redor. Este era o meu novo lar! Estava vazio e sujo e tinha uma cama irregular, sem lençóis, sem cobertores e com uma pele fedorenta. Não havia cortinas, tapetes macios, janelas brilhantes - nada. Até o vidro da crepitante lamparina estava sujo de fuligem.

Mas, pior de tudo, eu estava sozinha! Esse pensamento fez as lágrimas correrem pelo meu rosto novamente. Levei a lamparina de volta para o outro cômodo e coloquei-a sobre a mesa - temi que fosse mais para persuadir os mosquitos a saírem do quarto do que para fornecer uma luz segura e bem-vinda para Wynn.

Então voltei para o quarto, tirei meus sapatos, rastejei sob a estranha pele de animal, e comecei a chorar de verdade. Eu nem tinha tido a minha conversa da noite com Deus. Eu estava tão infeliz que pensei que Ele ia preferir não ter notícias minhas. E, no meu estado atual, eu realmente não queria ouvi-lo. Estava muito cansada, então não chorei por muito tempo.

O sono misericordiosamente me reivindicou para si.

Capítulo 15 – Construindo um lar

Quando acordei na manhã seguinte, levei alguns minutos para entender onde estava. Com a compreensão vieram algumas das mágoas da noite anterior, mas não era tão doloroso quanto antes. Me olhei de cima abaixo. Tinha cobertores sobre mim. A pele com que tinha lutado estava espalhada no chão ao lado da cama, parecendo macia e até convidativa.

Ainda estava vestida, minha saia e blusa agora enrugadas, bem como manchadas da viagem. Sabia que meu cabelo devia estar um caos - eu não tinha nem tirado os grampos na noite anterior. Eles se soltaram à noite, então agora parte do meu cabelo pendia selvagem no meu rosto enquanto parte dele ainda estava presa com um grampo ou outro. Removi os últimos e deixei meus cabelos caírem sobre meus ombros, penteando-os com meus dedos para colocar alguma ordem naquela bagunça. Bastou um simples movimento e Wynn veio, o olhar cheio de preocupação e dor.

— Você está...? — Mas ele não terminou. Em vez disso, ele me puxou para seus braços e me segurou com tanta força que tive que lutar para respirar. — Sinto muito, Elizabeth — ele sussurrou, com tremor em sua voz.

Ao olhar para ele e ver que seus olhos estavam marejados. Aquilo trouxe minhas lágrimas novamente. Agarrei-me a Wynn e coloquei para fora todos os sentimentos que eu tinha represado na noite anterior. Ele me deixou chorar.

Quando as lágrimas finalmente pararam, Wynn inclinou minha cabeça e olhou profundamente nos meus olhos. Talvez ele estivesse procurando respostas para algumas perguntas não feitas. Eu ainda não estava pronta para sorrir, mas estava pronta para continuar. Eu evitei encará-lo. Ele me beijou suavemente e então me soltou.

— Está com fome? — Ele perguntou. Foi só então que senti o cheiro de café. Surpreendentemente, percebi que estava com fome. Olhei novamente para minhas roupas e minhas mãos.

— Não tenho certeza do que preciso mais, se comida ou banho.

— Que tal a comida primeiro? Depois cuidaremos do banho.

Coloquei meus sapatos e o inutilmente alisei minha saia. Então olhei para Wynn.

— Onde vou? — Perguntei a ele.

Ele entendeu minha pergunta.

— Lá fora —, ele respondeu.

— Apenas ... fora?

Ele assentiu.

— Você quer dizer que eles não têm nenhum - nenhum - *banheiro* aqui no vilarejo?

— Estamos a uns quinhentos metros do vilarejo.

— Ainda...

— Vou providenciar o mais rápido possível —, afirmou Wynn e voltou-se para o que estava fazendo antes de eu acordar. A dor aparecia em seus olhos novamente. Supus que ele poderia estar pensando que estava certo - uma garota como eu não pertencia ao Norte. Me livrei de algumas lágrimas novas que ardiam em meus olhos e saí.

O dia estava ensolarado. Um grande bando de pássaros tagarelava nas árvores próximas onde estavam reunidos, fazendo seus planos para retornar às terras onde a neve do inverno não caía.

No vilarejo, um pouco longe, ouvi vozes distantes e latidos de cães. Respirei profundamente o ar da manhã. As encostas estavam cobertas com sempre-vivas e salpicadas de álamos e bétulas.

Era uma região bonita. Eu faria isso dar certo. Eu me daria bem! Consertaria a casa e... e... me limparia, e provaria a Wynn que poderia ser feliz aqui, contanto que ele estivesse comigo.

Então, um medo persistente tomou conta de mim. E todas as vezes que os deveres de Wynn o levassem a outro lugar? Como na noite passada? Ele teve que cuidar dos cavalos emprestados. Ele não podia simplesmente entregá-los ao empregado da Sede da Baía de Hudson. Aquele homem tinha suas próprias responsabilidades. Wynn tinha feito apenas o que precisava ser feito, e ainda... Seria preciso muita resolução da minha parte para formar um lar, um lar feliz, na floresta de Wynn. Eu não podia desmoronar como na noite passada toda vez que enfrentasse dificuldades, toda vez que as conveniências modernas não estivessem à minha disposição. Eu queria ser feliz aqui. Acima de tudo, eu queria fazer Wynn feliz. Eu precisaria de ajuda. Eu conhecia apenas uma Fonte verdadeira prontamente disponível para mim. Parei por alguns momentos para orar.

Quando voltei para a cabana, já estava mais controlada.

Wynn estava ocupado com as caixas. Ele carregara meu baú para o quarto e colocou-o ao lado da parede sob a única janela.

Abri a tampa, esperando encontrar uma saia e blusa mais adequadas para vestir no café da manhã; mas as que levantei do baú estavam tão enrugadas quanto aquelas que eu usava. Eu desisti e fui

ver se poderia encontrar uma bacia para lavar minhas mãos. Wynn já havia colocado uma, e uma toalha estava pendurada em um cabide ao lado.

Lavei-me e fui para o fogão. O bule emanava um aroma delicioso de café e Wynn fez uma massa de panqueca que só precisava ser derramada na chapa. Estava quente e pronta, então comecei a espalhar a massa. O chiado e o cheiro bom fizeram meu estômago implorar por um pouco daquilo.

Wynn logo estava na cozinha ao meu lado.

— O cheiro é bom —, disse ele, colocando suas mãos no meu ombro. — Foi difícil esperar.

— Por que você não me acordou?

— Eu achei que você precisava repousar. E eu não queria começar meu primeiro dia sem você.

Engoli em seco e afastei as lágrimas. Tinha terminado. Precisava colocar o passado firmemente para trás.

— Então, o que você acha? — Eu disse, para iniciar uma conversa.

— O que eu acho? — Perguntou Wynn.

— Da cabana —, continuei.

— É maior do que eu esperava. — Wynn parecia satisfeito, e percebi pela primeira vez que ele estava certo. Eu tinha visto três cômodos na escuridão. Esperava pelo menos dois. Não tinha sequer pensado agradecer até agora.

Sorri para Wynn.

— Está certo. Eu esperava um quarto privado, e aqui tem uma sala de estar também.

Olhei ao meu redor. A sala de estar não era muito espaçosa, mas vi possibilidades. Tinha uma lareira, com a pele que eu havia puxado uma noite anterior. Havia uma janela cuja vista dava para o leste e para a vila. Havia a cama com uma cobertura de aparência ruim e, enfim, uma poltrona. Mais perto estava o fogão, alguns armários improvisados, a mesa e duas cadeiras, e um suporte onde uma bacia e dois grandes baldes de água se abrigavam.

— De onde eles vieram? — Perguntei a Wynn. Não tinha notado os baldes na noite anterior, e eles não eram os que eu havia entregue a Wynn para trazer.

— Eu os tomei emprestado —, ele respondeu simplesmente. — Pensei que você quisesse tomar um banho ontem à noite, então pedi a McLain. Demorou algum tempo aquecer tanta água - acho que teria sido mais sensato ter voltado depressa em vez de ter ficado lá

esperando.

Olhei para os baldes pesados. Eles estavam cheios quase até a borda.

Wynn os carregara cheios de água quente na noite anterior - por quatrocentos metros - correndo e tropeçando no escuro, para que eu pudesse tomar um banho. E o que ele encontrou? Uma mulher infantil que chorara até dormir debaixo de uma pele velha e mofada.

Me aproximei de Wynn com a panqueca ainda na minha mão. Joguei meus braços para cima e apertei-os em torno de seu pescoço.

— Me desculpe — sussurrei.

Ele me abraçou e me beijou. Não dissemos nada. Acho que estávamos ocupados escolhendo pensamentos. O cheiro de panquecas queimadas me puxou de volta à realidade. Felizmente, elas não estavam tão queimadas que não pudéssemos comer. De fato, depois da ração seca e enlatada, o sabor era bom.

Wynn ajudou a desempacotar nossas caixas e baús. Levamos a manhã toda para organizarmos as nossas coisas e levá-las para os lugares onde seriam usadas.

Depois de um almoço leve, Wynn tinha algumas coisas para resolver na Sede. Garanti a ele que ficaria bem. Estaria muito ocupada com uma escova, água quente e sabão.

Estava limpando as prateleiras que seriam nossos armários de cozinha quando ouvi vozes masculinas. Esperava uma batida na nossa porta, mas depois de alguns minutos, quando ninguém veio, fui até a janela e olhei cautelosamente para fora. Dois homens, com uma parelha de cavalos e uma velha carroça estragada cheia de madeira, estavam ocupados estudando uma grande folha de papel e discutindo sobre o melhor jeito de realizar a tarefa que lhes fora atribuída.

Eles devem ter descoberto algo, porque logo pás, martelos e serras foram postas para trabalhar. Fiquei intrigada no começo; e então, quando a pequena construção começou a tomar forma no final da tarde, percebi que Wynn não havia perdido tempo para cumprir sua promessa. Haveria um banheiro privado - e rápido. Senti uma pontada por ter causado a Wynn esse problema adicional, mas ao mesmo tempo estava muito aliviada. Eu não conseguia imaginar viver por muito tempo sem algum tipo de privacidade.

Continuei esfregando e limpando, e os homens lá fora continuaram batendo. Minhas costas começaram a doer e tive câimbra nos braços. Continuei o trabalho. Estava determinada a ter uma casa limpa ao cair da noite.

Limpei os armários, as janelas, o chão. Limpei o colchão e consegui arrastá-lo para fora para tomar um pouco de ar e sol. Puxei a

cobertura do assento duro da cama para o sol, também. Então lavei todos os nossos pratos, tachos e panelas e os coloquei nas prateleiras recém lavadas. Arrumei conservas e comida enlatada no restante das prateleiras, empilhando algumas coisas no chão.

Simplesmente não havia espaço para guardar tudo. Certos itens, como a panela de louças, a frigideira e alguns utensílios, pendurei nos pinos da parede.

Não era uma cozinha de aparência particularmente arrumada, mas era limpa, e fiquei satisfeita.

Afastei o pensamento de pedir a Wynn portas para meus armários para esconder toda a bagunça. Era suficiente estar recebendo o pequeno banheiro anexo e, como eu o considerava o mais importante dos dois, eu ficaria sem as portas do armário – ou pensaria em alguma maneira de esconder as prateleiras eu mesma.

Já estava ficando tarde quando saí para recolher o colchão dos tocos onde eu o apoiara ao sol. Foi mais difícil arrastar de volta do que levá-los para lá; mas depois de muitos trancos e puxões, finalmente consegui colocá-lo em cima da cama. Eu arrumei a cama então com lençóis e cobertores limpos.

Como seria bom ter nossa própria cama limpa para dormir novamente.

Tirei minhas roupas do baú e as pendurei nos suportes da parede. Elas ainda estavam enrugadas, mas eu teria que esperar para chegar a esse trabalho.

Não pude fazer tudo em um dia.

Quando Wynn chegou, a casa estava em muito bem organizada - isto é, os dois cômodos que consideramos nossa casa. A grande sala que será o escritório de Wynn ainda precisava ser arrumada, mas ele me disse para deixar isso com ele.

Ficamos encantados e surpresos com a descoberta de um pequeno depósito fora do quarto. Nossos baús, caixas e suprimentos poderiam ser mantidos ali, fora de nossas acomodações. Wynn colocou as caixas no pequeno cômodo assim que nós as esvaziamos naquela manhã.

Nossa ceia naquela noite foi comida enlatada da Real Polícia Montada do Noroeste. Eu não tinha nenhuma outra carne ou vegetais de qualquer espécie. Foi uma refeição simples, mas comemos com um profundo sentimento de satisfação. Estávamos onde pertencíamos, fazendo o que fomos chamados a fazer. Tínhamos um lar e tínhamos um ao outro. É verdade que tinha muito mais a ser feito para nos estabelecermos, mas começamos bem.

Esqueci dos meus braços e costas cansados e conversei com Wynn sobre todas as possibilidades que a pequena cabana oferecia. Olhei

pela minha janela para o pequeno cômodo rústico com sua porta torta e telhas rudes e me senti mais agradecida por isso do que pelo banheiro mais extravagante.

— Obrigada, Wynn — falei — por ter providenciado a construção do anexo tão rápido. Foi muito gentil.

— Quero fazer você feliz e deixá-la o mais confortável possível —, ele disse com um sorriso.

Este foi o nosso começo da nossa nova vida. Depois de um bom banho quente na banheira que encontrei pendurada na parede externa, tive certeza que ficaria contente com o meu mundo.

Capítulo 16 – Vizinhos

Wynn estava muito ocupado cuidando de suas responsabilidades como Montado nos dias que se seguiram, e eu consegui me manter tão ocupada quanto ele. Estava dando meu melhor para transformar nossa pequena cabana em um verdadeiro lar. O material que eu havia comprado em Calgary já estava fora dos baús e comecei a trabalhar duro com agulha e linha. Não era uma tarefa fácil. O material era pesado e, como não tinha acesso a uma máquina de costura, precisava fazer toda a costura à mão. Não havia frescura. Eu fiz as coisas tão simples quanto pude. Logo as janelas receberam cortinas e a cama parecia um sofá com sua nova cobertura sobre o estrado. Costurei à mão algumas almofadas para jogar na cama, e ela assumiu uma aparência caseira. Wynn me surpreendeu com alguns tapetes de peles que ele comprou de um velho caçador que sabia curtir couro. Eles eram muito melhores do que o antigo que eu tinha tirado da parede. Wynn moveu aquele para o chão do escritório. Coloquei os dois novos no chão em frente à lareira e ao lado da nossa cama. Eles deram um toque agradável aos quartos, embora ainda não conseguisse me acostumar com o cheiro estranho que pairava ao seu redor.

Havia encontrado os ferros que Wynn tinha embalado para nós e fiz uma tábua de passar improvisada na qual pude desamassar algumas de nossas roupas. Não estava satisfeita com o trabalho, no entanto, mas encolhi os ombros diante do melhor que poderia ser feito nessas circunstâncias. Chegamos ao nosso primeiro domingo no Norte. Era estranho não ter uma igreja para participar. Perguntei a Wynn o que faríamos no lugar de um culto de domingo. Sugerí que pudéssemos realizar nosso próprio e convidar as pessoas do vilarejo para se juntar a nós, mas ele sentiu que seria prudente dedicar tempo a esses planos. Então ele propôs que, se eu gostasse, poderíamos almoçar e fazer uma caminhada ao longo do rio.

Fiquei satisfeita com a ideia e logo fui ver o que seria adequado para um delicioso piquenique.

A paisagem era linda. Algumas das árvores já estavam começando a mostrar suas cores de outono. Parecia muito cedo para mim, mas me lembrei que agora estávamos muito mais ao norte do que eu estava acostumada.

Nós fomos longe. Tudo era tão novo para mim que eu ficava parando para dar uma boa olhada e fazer perguntas. Wynn respondia a todas pacientemente.

Vimos algumas cabanas em meio aos arbustos, não muito longe do riacho, e perguntei a Wynn se ele sabia quem morava ali.

— Ainda não —, ele respondeu. — Na próxima semana, espero descobrir mais sobre nossos vizinhos. Eu vou ficar fora boa parte dos dias da semana, Elizabeth. Algumas noites não chegarei em casa até muito tarde.

Eu balancei a cabeça, mas não disse nada.

— Isso te incomoda?

Eu demorava a responder. Eu não esperava longos dias sem Wynn. Mas eu havia passado algum tempo em oração na minha primeira manhã no assentamento, e algumas das minhas orações foram sobre esse mesmo assunto.

Pude dizer honestamente:

— Sentirei sua falta, certamente. Mas ficarei bem. Eu tive uma... uma longa conversa com Deus sobre isso e... eu entendo. Sei que você não pode ficar no seu escritório o tempo todo. Ou mesmo por perto. Vou ficar bem. Eu ainda tenho muitas coisas para me manter ocupada.

Tentei um sorriso.

Wynn pegou minha mão.

— Sei que você está muito ocupada. Nossa casinha já parece muito diferente com os seus ajustes, e estou orgulhoso de você. — Seu sorriso de gratidão me aqueceu.

— Tenho pensado, no entanto, que agora você poderia encontrar algum tempo para familiarizar-se com alguns de nossos vizinhos —, continuou ele. — Nós vamos viver entre eles; seria bom se você pudesse fazer alguns amigos logo.

— Eu pretendia —, disse a ele. — Todo dia venho dizendo a mim mesma ‘Hoje, vou até a sede para conhecer algumas das pessoas.’ Mas sempre encontro algo mais que precisa ser feito, então acabo adiando novamente.

Wynn compreendeu.

— Vou arranjar algum tempo esta semana. Amanhã preciso lavar a roupa, mas talvez terça-feira possa ir à sede.

— Seria bom. Gostaria que você conhecesse algumas das mulheres, para ter companhia nos dias em que eu estiver fora.

Fiquei quieta por alguns momentos. Wynn percebeu.

— Algo está te incomodando —, comentou ele, mais como uma constatação do que uma pergunta.

— Não ‘incomodando’ realmente. É só que... bem, me preocupo um pouco sobre como... Eu nunca ... — Eu não sabia exatamente como expressar esse medinho estranho dentro de mim. Por fim,

apenas soltei:

— Como você conhece pessoas quando não consegue falar com elas?

— Você vai conseguir conversar com eles. Oh, eu sei que vai ser difícil e haverá momentos em que você terá problemas para se expressar. Mas você vai pegar algumas de suas expressões rapidamente - muitos dos índios já conhecem várias palavras em inglês. Dá para falar por sinais. Os índios são muito bons em fazer alguém entendê-los usando seu inglês limitado e suas mãos. Eles gesticulam todo tipo de mensagens. Você entenderá depressa, mas não poderá aprender sobre eles se você não estiver com eles.

Sabia que Wynn estava certo e decidi que não iria mais me esconder atrás do meu trabalho, mas me aventuraria e conheceria meus novos vizinhos.

Seria muito mais fácil para mim se Wynn pudesse estar junto, mas eu sabia que seus deveres não permitiriam que ele me escoltasse por aí.

O céu estava começando a nublur, então peguei as sobras do nosso piquenique e corremos para nossa cabana. De repente, o dia foi de ensolarado para nublado, e então, virou uma tempestade. Wynn acendeu o fogo na lareira e nos espreguiçamos diante dela no tapete de pele de urso. Conversamos sobre as pessoas que havíamos deixado para trás e as pessoas que eram nossos novos vizinhos aqui.

Até agora, meu contato com os moradores tinha sido apenas na noite em que chegamos. Eu tinha visto e sido vista por alguns rostos de aparência amigável. Pensando bem, entretanto, eu os chamaria mais de curiosos do que amigáveis. Eu não conseguia me lembrar de nenhum sorriso, exceto do grandalhão, Ian McLain.

Da minha janela eu tinha visto como os dois trabalhadores haviam construído nosso pequeno anexo lá atrás, e tinha visto algumas mulheres e crianças indígenas à distância enquanto caminhavam para um ou outro destino que as levavam a passar diante da nossa cabana. Eles sempre olhavam na direção da nossa casa com muito interesse. Mas nenhum deles tinha parado e, como eu não sabia o que dizer, não fiz nenhuma saudação ou convite para que entrassem.

Bem, tudo isso deve mudar. Mesmo que isso significasse aprender um novo idioma difícil, devo de alguma forma derrubar as barreiras e conhecer meus vizinhos nortenhos. *Se ao menos - lamentei - um deles fosse uma mulher branca. Haveria algo em comum, um vínculo, com ela.*

— Você nunca esteve na sede da Baía de Hudson, não é? — Wynn estava perguntando.

— Ainda não.

— Acho que você ficará surpresa com o número de coisas disponíveis lá. Claro, elas são um pouco caras. As despesas de envio adicionadas ao custo torna muito mais sensato trazer tudo o que você puder, em vez de pagar o preço extra.

Lembrei-me da carroça pesada carregada com todos os caixotes, barris e caixas que trouxeram nossos pertences para o assentamento

— O condutor apareceu? — Eu perguntei de repente, com meus pensamentos voltando à nossa experiência na trilha.

— Condutor?

— Aquele que deveria ter nos trazido aqui, mas que estava dormindo?

— Ah, ele. Sim, ele chegou andando alguns dias atrás – com todos os tipos de desculpas e histórias. Ian deu uma boa bronca – como se estivesse repreendendo uma criança. Então a Sra. McLain encheu o sujeito de pato assado e biscoitos.

— Sra. McLain?

— Eu não contei? Existe uma Sra. McLain, afinal.

Meu rosto deve ter ficado radiante. Mal podia esperar agora pela oportunidade de entrar no assentamento para minha primeira visita. Seria tão bom poder conversar com outra mulher. Talvez eu até fosse capaz de convidá-la para o chá em uma das tardes enquanto Wynn estivesse longe. Ajudaria a preencher um longo dia.

— Como ela é?

— Eu não a conheci. Acabei de ouvir McLain falando sobre o condutor rebelde, o sermão, e depois ela o alimentando.

Tentando imaginar a senhora McLain, comecei imaginando uma mulher da minha idade, então rapidamente alterei isso. Se ela era casada com McLain, deveria ser bem mais velha que eu.

— Eles têm família? — Interroguei.

— Não ouvi falar.

— Bem, descobrirei tudo sobre eles quando for à sede —, eu disse, bastante satisfeita com a ideia do meu novo empreendimento.

No café da manhã do dia seguinte, compartilhei com Wynn meus planos de ir à sede naquela tarde. Ele parecia satisfeito que eu estivesse planejando me familiarizar.

— O que posso dizer? — Perguntei a ele.

Ele pareceu intrigado.

— Como assim, o que você pode dizer?

— Bem, eu não posso simplesmente entrar lá e anunciar que cheguei!

Wynn sorriu.

— Não tenho certeza de que isso seria tão ruim. As pessoas ficarão felizes em pensar que você está ansiosa para conhecê-las. Mas se você hesita em fazer isso, faça suas compras primeiro; e então, se você tiver uma chance de conversar um pouco com McLain, não deve se sentir envergonhada de mencionar o fato de que está mais ansiosa para conhecer a esposa dele.

— Compras? Eu não tinha pensado em comprar nada.

— Deve haver útil para você. Dê uma olhada.

Hesitei. Wynn olhou para mim interrogativamente.

Continuei, lentamente, escolhendo as palavras para expressar minha preocupação.

— Você disse que é um posto comercial, certo? Bem, eu nunca estive... nunca negocie nada em um posto comercial. Não sei como... nunca troquei coisas antes. O que eu troco? Eu não tenho nenhuma pele ou ...

Wynn começou a rir. Ele estendeu a mão e levantou meu queixo e me beijou no nariz, mas o riso ainda estava em seus olhos. Sabia que tinha acabado de mostrar meu lado *mocinha da cidade*. Ou eu poderia ficar com raiva de Wynn por rir de mim ou optar por rir com ele. Por um momento me senti muito tentada a me irar. Então me lembrei da oração do meu pai - a parte sobre humor para os tempos difíceis - e comecei a rir com Wynn. Bem, não ria... mas pelo menos sorri.

— Estou enganada, imagino?

Ele sorriu e beijou meu nariz novamente.

— Um pouco. É verdade que é um posto comercial e que os caçadores levam suas peles para lá. Mas o Sr. McLain fica muito feliz em aceitar um bom dinheiro vivo também. No entanto, para você nem será necessário. Temos uma conta de cobrança lá com Sr. McLain. Você escolhe o que precisa e ele anota em seu pequeno caderno abaixo do meu nome. Eu também gostaria que você mantivesse uma caderneta com o que você gasta, para que eu possa acrescentar aos meus registros. Dessa forma, quando Sr. McLain e eu acertarmos as contas todos os meses, espero que nossos valores estejam iguais.

Eu assenti. Tudo parecia bastante simples.

Depois que Wynn se foi, corri com a roupa. Wynn já tinha enchido todos os baldes disponíveis e a caldeira já estava aquecida em nosso fogão a lenha.

As roupas foram todas lavadas à mão em uma placa galvanizada que trouxemos conosco de Calgary. Em qualquer outro dia eu teria sido mais vagarosa, mas hoje estava tão empolgada com as

perspectivas de conhecer a Sra. McLain que me apressei em tudo. Eu esperava terminar a lavagem por volta do meio dia. Então teria tempo para descer para a sede enquanto as roupas secavam nos varais do quintal.

Wynn não apareceu para almoçar, então fiz uma refeição simples e depois me apressei em me arrumar para minha viagem à sede. Eu estava ainda um pouco preocupada em saber exatamente como abordar o assunto de conhecer a esposa do Sr. McLain. Talvez, se tiver muita sorte, ela possa estar na sede, também.

A brisa soprava à tarde, e meu cabelo cuidadosamente arrumado ameaçava se bagunçar. Tinha escolhido um dos melhores vestidos que eu trouxe. Sacudi a poeira que trouxemos do caminho para o assentamento. Segurei meu chapéu com uma mão e minha saia com a outra.

Muitas choupanas pequenas, às vezes surradas, alinhavam-se nas laterais da clareira quando me aproximei da sede. Elas não foram colocadas em nenhum padrão regular mas eram construídas onde quer que um homem tivesse vontade de construir. Algumas soltavam fumaça por suas pequenas chaminés. Outras não tinham chaminé, e a fumaça subia pelas janelas sem vidro. Crianças de vários tamanhos e tipos de roupas brincavam nas empoeiradas áreas ao redor delas, parando para me olhar com seus olhos escuros e seus redondos rostos morenos. Os cães pareciam estar em toda parte. Alguns deles pareciam ferozes, e fiquei feliz por alguns dos mais malvados estarem amarrados. Não ousei imaginar o que poderia acontecer se eles recebessem a liberdade. Uma ou duas vezes fiz um breve desvio para permanecer um pouco mais longe de um cachorro que não parecia ser amigável.

As crianças pequenas também não eram muito amigáveis. Sorri para muitos deles, mas a expressão nos rostos pequenos não mudou. Não poderia culpá-las.

Para elas, eu devia parecer muito estranha com meus cabelos loiro-avermelhados e minha saia longa e cheia, que se arrastava no chão enquanto eu caminhava. Decidi que na próxima vez que me aventurasse por ali eu usaria algo menos visível, mas desta vez queria causar uma impressão favorável apenas na avaliação de outra mulher branca.

Quando cheguei à sede da Baía de Hudson, o Sr. McLain estava ocupado com outro cliente. O homem não parecia ser totalmente branco nem totalmente índio. Presumi que era um dos mestiços que Wynn disse ser comum no Norte. Ele falava inglês, mesmo que um pouco atrapalhado, e havia algumas palavras misturadas que eu não entendi. McLain parecia não ter dificuldade. Os dois se deram muito

bem. De fato, o próprio McLain também intercalou seu inglês com palavras que eu nunca tinha ouvido antes.

O Sr. McLain falou com o homem e depois voltou-se em minha direção.

— Bom dia *procê*, senhora —, disse ele com um grande sorriso, — posso te ajudar em alguma coisa?

— Vou precisar de um tempo para olhar —, respondi. — Vá em frente com o seu cliente. Não estou com pressa.

Ele acenou para mim e voltou para o outro homem.

Eu olhei em volta. Wynn estava certo. Estava surpresa com a quantidade e variedade de mercadorias transportadas. Também fiquei chocada com os preços. Três vezes eu selecionei algo da prateleira e três vezes minha natureza frugal me fez recuar. Estava quase pronta para desistir e deixar o lugar envergonhada quando vi algumas tachinhas. Eu precisava de algumas. Elas também eram caras; mas como realmente precisava delas e como não poderia obtê-las em nenhum outro lugar, decidi comprá-las.

Tinha acabado de escolher quando o outro cliente saiu e o Sr. McLain apareceu ao meu lado.

— Achou o que *tava* querendo? — Ele perguntou.

— Sim. Sim, acho que estas servirão — Gaguejei bastante.

McLain me guiou até o balcão. Coloquei a caixa de tachinhas na bancada de madeira perto do caixa. Elas pareciam muito pequenas e insignificantes.

— Isso é tudo? — Perguntou o Sr. McLain.

Imaginei que ele estava acostumado a ver seus clientes entrando e comprando suprimentos para durar por muitas semanas. E aqui estava eu, comprando apenas uma caixa de tachinhas. Para ele, deve ter parecido muito com uma viagem desperdiçada. Eu corei.

— Ainda não estou instalada por tempo suficiente para saber minhas necessidades —, tentei explicar, — e trouxemos a maioria dos nossos suprimentos conosco. Então eu me perguntei se aquela era uma boa notícia para o homem que dirigia o único comércio local. Senti meu rosto corar ainda mais. — Quero dizer, certamente precisaremos de muitas coisas como o inverno chegar e tal...

O Sr. McLain pareceu não perceber meu desconforto.

— Tudo certo na cabana? — Ele perguntou.

— Tudo bem —, respondi, não muito certa do que ele queria dizer. — Bem.

— O homem antes *docê* não era nenhum dono de casa —, comentou. — Eu tive que mandar uma das esposas dos caçadores *pra*

meio que varrer o lugar depois que ele saiu. O sujeito antes dele... ele era um tanto exigente. Fazia os homens tirarem as botas quando iam *pro* escritório – e aí recebeu tantas reclamações que o departamento disse que tinha que parar com isso.

McLain balançou a cabeça.

— Era muito exigente, aquele sujeito.

Apreiei sua consideração ao enviar uma mulher para limpar nossa cabana. Achei suja quando cheguei - então não podia imaginar como estava antes.

Enquanto o Sr. McLain falava, ele pegou um grande livro preto e virou para uma página marcada como “Delaney, R.P.M.N.” [2] e começou a fazer uma anotação de entrada.

Já havia vários itens listados na página. No meu breve olhar notei que alguns deles tinham a ver com madeira - provavelmente o anexo que os dois homens construíram para nós.

Dei mais uma olhada pelo lugar e deixei minha mente se voltar para a Sra. McLain. Como abordar o assunto do encontro com a esposa do negociante? O Sr. McLain resolveu o problema para mim.

— Minha esposa já *tá* de volta *pra* horta. *Tá* ansiosa *pra* te conhecer. Tem um minuto *pra* dar uma volta comigo e dar um oi?

Um sorriso apareceu no meu rosto.

— Eu adoraria —, afirmei enquanto guardava a pequena caixa de tarrachas na minha bolsa e me preparava para seguir o Sr. McLain.

A horta era livre de ervas daninhas e muito produtiva. Eu desejei de todo o meu coração ter uma igual. Tentaria no próximo ano. Seria muito bom ter alguns legumes frescos. Alguns deles eram desconhecidos para mim, embora não houvesse muita variedade. Eu sabia que as geadas vinham muito mais cedo aqui no extremo norte. Também me disseram que, por causa dos longos dias de verão, alguns vegetais se saíam muito bem, com a adição de horas de sol para fazê-los crescer rapidamente.

Tirei os olhos das plantas e procurei por alguma mulher.

Ela estava no outro extremo do lugar, a cabeça escura inclinada sobre um canteiro de beterrabas à qual ela estava dando total atenção.

— Nimmie! — McLain gritou. — *Tô* com a Sra. Delaney aqui.

A cabeça escura levantou; então, em um movimento gracioso, a mulher estava de pé e de frente para mim. Um sorriso calmo se espalhou por seu rosto. Ela moveu-se para me encontrar, estendendo sua mão quando chegou.

— Estou tão feliz em conhecê-la —, disse ela suavemente.

Ela era indígena.

Capítulo 17 – Ajustes

Voltei para casa devagar, prestando pouca atenção às crianças que me encaravam ou aos cães que latiam. Não fiquei muito tempo para conversar com a Sra. McLain. Depois do meu choque inicial, realmente não parecia haver muito a dizer. Eu esperava de todo o meu coração que meu choque não tivesse ficado aparente nas minhas expressões. Por que Wynn não me avisou? Ou ele nem sequer sabia? E por que eu não esperava por isso? Wynn me disse que muitas vezes os homens do Norte se casam com mulheres indígenas. Elas estavam acostumadas com o estilo de vida, com as dificuldades, com o trabalho e o clima, e não ficavam sempre importunando seus maridos para levá-las de volta à civilização. Então, por que não me preparei para essa possibilidade?

Acho que era simplesmente porque eu queria muito que houvesse uma mulher branca na área, e parecia que o homem da Baía de Hudson era o único candidato a ter uma. Apesar de dizer a mim mesma que estava sendo tola, senti uma intensa decepção. Não existia uma mulher, no fim das contas, com quem eu pudesse compartilhar intimidades. Ninguém para pequenos *tête-à-têtes* com uma xícara de chá da tarde. Ninguém para entender as modas e os medos das mulheres. Os próximos anos seriam tempos solitários. E eles certamente me derrubariam, se não tomasse algumas providências drásticas para evitar ser apanhada na armadilha da autopiedade.

Não estava preparada no momento para tomar essas providências ou fazer planos futuros. Por enquanto, bastava escolher bem meus pensamentos e passar algum tempo em oração a respeito dos meus sentimentos.

Orei assim que cheguei em casa e já estava me sentindo muito melhor no momento em que fui recolher e passar as roupas.

Ao passar, refletia: o que posso oferecer aos índios? Que coisas nós, esposas, temos em comum? O que eu poderia fazer para melhorar suas condições de vida? Eu sabia que Wynn não queria que eu me apressasse em querer mudar o modo de vida deles, mas será que não havia alguma coisa que poderíamos gostar de fazer juntos?

Talvez uma aula de costura? Eu era uma boa costureira em geral, apesar de ter de admitir dificuldade em me adaptar à costura manual. Parecia tão desajeitado e lento para quem estava acostumada à máquina, e meus pobres dedos sempre pareciam estar cheio de buracos, apesar de um dedal.

Costurar poderia ser uma boa ideia. Então poderíamos tomar chá. Talvez as senhoras indígenas gostassem tanto de chá tanto quanto as senhoras brancas.

Comecei a me sentir animada com as perspectivas.

Quando acabei de passar a roupa, meus planos já tinham começado a tomar forma.

A primeira coisa a fazer era travar amizade com elas. Na primeira oportunidade. Não importa quão difícil parecesse, eu ia falar com as índias. Mesmo se cometesse gafes, seria um começo. Eu nunca aprenderia a menos que tentasse.

Mas, antes, eu tinha outro pequeno projeto. As prateleiras expostas do armário me incomodavam. Eu tinha muito material que havia trazido; e, agora, com a ajuda das tarrachas obtidas do Sr. McLain, eu faria algo para cobri-las.

Assim que minha roupa foi passada, guardei tudo e fui ao escritório de Wynn em busca de um martelo. Encontrei um pendurado em um gancho com o resto de suas poucas ferramentas e fui trabalhar.

Com material, tesoura, martelo e tarrachas, logo tive as prateleiras expostas bem cobertas por cortinas. Elas pendiam em dobras atraentes e fiquei bastante satisfeita. Certamente foram uma melhoria para as louças, tachos e panelas e alimentos.

Cortei jogos americanos para a mesa, remendando suas bainhas e emendando minhas cantigas.

Acabei bem a tempo de me ocupar com os preparativos do jantar. Mal podia esperar que Wynn chegasse em casa e visse como a cozinha parecia melhor. Mais uma vez, desejei que houvesse uma mulher branca com quem compartilhar. Ela teria entendido minha satisfação e prazer com as realizações do dia. Wynn, sendo homem e ocupado com os deveres de um oficial da lei, poderia não ser capaz de apreciar plenamente quão importante esse pequeno detalhe era para mim. Uma mulher apreciaria, eu tinha certeza.

Wynn notou minha cozinha e elogiou-me por ter ficado muito agradável. Aquilo me deixou alegre.

Enquanto fazíamos nossa refeição da noite juntos, ele me perguntou se eu tinha conhecido a Sra. McLain como planejado. Eu não queria que Wynn soubesse da minha grande decepção por não encontrar uma mulher branca, então tentei evitar comentários que revelassem meus verdadeiros sentimentos.

— Ela parece ser um pouco mais jovem que o Sr. McLain —, comecei.

— Eu acho que ele foi casado antes —, comentou Wynn.

— Ela tem uma horta —, eu disse com algum entusiasmo. — Eu adoraria ter uma como a dela no ano que vem. Seria muito bom ter alimentos frescos.

Wynn concordou.

— Você terá sua horta no próximo ano —, ele sorriu. — Vou garantir que o terreno fique preparado para você. Acho que legumes frescos seriam um deleite, também. É uma das coisas, devo confessar, de que sinto falta em Calgary.

— Eu não reconheci muito do que ela plantava —, confessei, — mas tinha muitas cenouras, beterrabas, batatas e cebolas.

— Como ela é? — Wynn perguntou, lembrando que a aparência poderia ser considerada importante para uma mulher. Hesitei. Eu realmente não tinha olhado a Sra. McLain muito de perto. Tirei da minha memória os breves olhares que eu tinha lhe lançado.

— Ela é morena, não muito alta, e muito magra.

Não era uma boa descrição; mas eu realmente não conseguia me lembrar muito mais.

— Ela foi agradável?

— Ah, sim. Muito agradável — apressei-me com minha resposta.

— Isso é legal —, disse Wynn. — Estou feliz que você tenha uma mulher branca para...

Então ele não sabia.

— Oh —, eu o interrompi, imaginando que minha observação tivesse soado muito superficial, afinal, — ela não é branca. Ela é indígena.

Virei de costas para Wynn para pegar o bule, então não vi se a surpresa dele era equivalia à minha ou não. Quando me virei para ele, seu rosto não dizia nada.

— Tenho certeza que ela será uma boa companhia —, ele incentivou. — Espero que vocês sejam boas amigas.

Na manhã seguinte, ouvi vozes de algumas mulheres se aproximando de nossa cabana na trilha que levava para o oeste; e, fiel à minha determinação, saí para que pudesse cumprimentá-las. Três mulheres indígenas se aproximaram de mim, conversando enquanto passavam.

Elas estavam vestidas com uma combinação de camurça indígena e chita comprada na sede. O lindo bordado com miçangas dava um toque de cor ao castanho natural das camurças macias.

Quando apareci, as coisas ficaram subitamente muito calmas.

Eu não conhecia suas palavras. Tive que arriscar a hipótese de que elas pudessem conhecer algumas das minhas.

— Bom dia —, eu disse com um sorriso.

Não houve resposta.

Tentei novamente.

— Olá.

Eles entenderam isso.

— Olá —, todas responderam em uníssono.

— Eu sou Elizabeth —, eu disse, apontando para mim mesma. Mas parecia um nome muito longo para esperar que alguém aprendesse. Eu mudei isso. — Beth —, eu disse, empurrando meu dedo contra meu peito.

A mulher mais jovem sorriu e acenou para as outras.

— Beth —, eu disse novamente.

Ela ria, escondendo o rosto atrás da mão.

Não sabia o que tentar a seguir. Queria convidá-las para entrar, mas não sabia quais palavras usar. Bem, se eu só tinha inglês, era o que usaria.

— Vocês gostariam de entrar? — Eu perguntei, acenando com a mão em direção a cabana.

Elas pareceram intrigadas.

— Entrar? — Eu repeti.

A do meio parecia entender o significado. Ela levantou uma cesta que estava carregando e disse distintamente:

— Frutas.

Entendi então que eles estavam a caminho de colher frutas silvestres e não sentiam que tinham tempo para parar. Pelo menos, minha lógica sugeriu essa informação.

Balancei a cabeça, para garantir que tinha entendido. As outras duas levantaram seus recipientes para me mostrar que elas também eram apanhadoras de frutas.

Assenti novamente. Como alguém lhes diria que desejava grande sucesso em sua colheita? Eu procurei em minha mente por algumas palavras; mas antes que pudesse pensar em algo, a mais jovem me surpreendeu apontando um dedo para mim, levantando sua cesta no ar, acenando com a mão para a trilha à frente e dizendo: “Vem?”

Isso me pegou de surpresa, mas fui rápida em responder.

— Sim —, sorri. — Sim, eu adoraria. Apenas espere até eu pegar um balde.

Corri para dentro de casa, esperando que elas não entendessem mal e fossem embora sem mim. Eu rapidamente escrevi uma nota para Wynn, caso ele voltasse enquanto eu estava fora, peguei um balde

pequeno, meu grande chapéu *floppy* [3] e um lenço para afastar os mosquitos e saí correndo pela porta.

Elas ainda estavam me esperando. Deram uma olhada no meu chapéu, apontaram para ele e começaram a rir alto. Não havia vergonha, nem descortesia. Elas pensaram que parecia divertido e acharam graça.

Eu ri com elas, até fazendo o chapéu dançar para cima e para baixo mais do que o necessário para lhes dar um bom show. Elas riram mais, e então seguimos juntas no caminho para onde estavam as frutas.

Não tinha ideia de onde estávamos indo. Decidi observar atentamente alguns marcos na trilha para o caso de eu ter que encontrar meu próprio caminho de casa. Eu não era lá uma habitante das florestas, e odiaria exigir que Wynn deixasse seus outros deveres para vir me procurar.

Seguimos o caminho da cabana até o riacho, e do riacho até o rio, e depois seguimos a trilha que acompanhava as voltas e reviravoltas do rio. Eu tinha certeza de que poderia encontrar o caminho de casa até agora.

Tínhamos andado, talvez, uns seiscentos metros quando as mulheres se afastaram do rio e atravessaram os arbustos. Não havia trilha agora e comecei a ficar preocupada. Nunca poderia encontrar meu caminho de casa sem a ajuda de uma trilha. Eu sinceramente esperava que as outras mulheres pudessem. Nós podemos estar todas perdidas!

Andamos por mais quatrocentos metros antes de chegarmos ao lugar das frutas. Os arbustos haviam crescido entre elas, e estavam com uma aparência deliciosa. As mulheres conversaram animadamente enquanto apontavam aqui e ali. Então elas começaram a trabalhar.

Não pude nem começar a acompanhá-las. Suas mãos pareciam instantaneamente encher seus recipientes com frutas e mais frutas. Tentei seguir seus exemplos, mas derrubando mais delas do que colocar no meu balde, então decidi que era mais sensato que eu tivesse meu próprio ritmo e depositar as frutinhas com segurança onde elas pertenciam.

Enquanto as mulheres conversavam, eu ouvia atentamente. Tentava tanto identificar algum padrão em sua fala para escolher uma palavra repetida e entender seu significado; mas era inútil. Enquanto conversavam, elas costumavam parar para se dobrar em risos alegres e infantis.

Estava claro que elas eram pessoas que sabiam como se divertir.

Desejei poder compartilhar de suas piadas. Então me perguntei se eu poderia ter me tornado o alvo de suas piadas; mas não, elas não pareciam estar rindo de mim.

Era quase meio dia quando a mais nova veio para onde eu estava escolhendo. Ela olhou no meu balde e parecia estar mostrando aprovação pelo meu bom trabalho. Então ela me mostrou sua cesta. Ela havia colhido duas vezes mais. Ela se ajoelhou ao meu lado e rapidamente pegou alguns punhados e jogou no meu balde. As outras vieram com seus recipientes cheios. Elas reuniram-se ao meu redor e também começaram a colher e depositar amoras no meu balde. Eu era a única que ainda tinha espaço a preencher. Com quatro de nós colhendo, o balde estava cheio em pouco tempo. Agradei-lhes com um sorriso, e todas nós nos levantamos e nos espreguiçamos para aliviar a dor em nossas costas.

— Ai —, disse a senhora mais velha, e todas riram.

Começamos a volta para casa, com recipientes cheios de frutas cuidadosamente transportadas.

Já passava do meio dia quando chegamos à minha casa e nenhuma de nós tinha o que comer. Eu estava faminta. Me perguntei se elas também estavam.

— Vocês gostariam de entrar? — Perguntei a elas, apontando para a porta.

Eles balançaram a cabeça e acenaram em direção às suas cestas, informando-me que tinham que ir para casa para cuidar das frutas. Levantei meu balde, então.

— Algumas delas são suas —, lembrei-as, apontando para as frutinhas e depois para suas cestas. Comecei a pegar algumas para adicionar aos seus recipientes já cheios, mas elas balançaram a cabeça e puxaram as cestas para longe.

— Fique —, uma disse, e as outras ecoaram, — Fique.

Eu as agradei, e elas então seguiram seu caminho, enquanto fui procurar algo para comer e depois cuidar do meu próprio abundante suprimento de frutas. Que surpresa maravilhosa! As bagas eram doces e suculentas e seriam um acréscimo muito bem-vindo às nossas refeições simples. E o contato com as índias foi uma surpresa igualmente agradável.

Fiquei me perguntando onde elas moravam e se as veria novamente. Eu disse a Wynn que tinha uma surpresa para o jantar naquela noite.

— Onde você conseguiu isso? — Ele perguntou com espanto quando eu trouxe a torta.

— Eu colhi...bem... pelo menos a maioria delas.

— Como você as encontrou?

— Você não vai acreditar! — Comecei com entusiasmo. — Algumas índias passavam por aqui hoje; e quando eu as cumprimentei, disseram que estavam indo colher frutas e me convidaram para ir junto. . . então eu fui. Não enchi meu balde sozinha. Elas me ajudaram.

— Então você encontrou algumas mulheres que sabiam falar inglês?

— Não. Na verdade, não.

— Então como...?

— Ah, elas disseram ‘olá’ e ‘frutas’ e ‘venha’.

Wynn sorriu.

— Nós meio que preenchemos o resto com gestos. Oh, Wynn, gostaria de poder entendê-las! Elas se divertiram tanto.

— Tenha paciência. Você logo estará participando. Quem eram elas?

— Isso é parte do problema. Eu nem sei o nome delas! Não poderia perguntar onde elas moram ou algo assim.

Wynn estendeu a mão e acariciou meu cabelo.

— Isso é difícil, não é? — Ele disse.

— Eu acho que fiz algumas amigas - e as perdi - no mesmo dia — Lamentei.

Estava trabalhando na minha cozinha na manhã seguinte, pensando em como preencheria o meu longo dia, quando um grito - quase no meu ouvido - me fez girar. Lá estava o membro mais jovem do trio que havia compartilhado o canteiro de frutas no dia anterior. Depois do meu susto inicial, consegui sorrir para ela e indicar uma cadeira. Ela sacudiu a cabeça e levantou sua cesta. Ela ia colher frutas novamente.

— Sim, eu vou —, assenti para ela. — Obrigado por parar por mim. Vou levar apenas um minuto para pegar minhas coisas.

Eu pensava, enquanto procurava meu chapéu e meu balde, que ela provavelmente não tinha entendido uma palavra do que acabei de dizer.

Saímos para o dia ensolarado e lá, esperando no final do nosso caminho, havia mais quatro mulheres. Duas delas estavam conosco no dia anterior e as outras duas eram novas para mim. Eu sorri para todas elas, apontei para mim e disse: “Beth”, que elas repetiram com muitos risos e graus variados de sucesso, e começamos a caminhar.

Desta vez nós fomos em uma direção diferente quando chegamos ao rio. Durante todo esse tempo, as mulheres conversavam e riam. Eu

só conseguia sorrir.

Colhemos frutas até o meio dia novamente. Como antes, elas encheram suas cestas antes de mim e me ajudaram a terminar.

Nós caminhamos de volta da mesma forma, as mulheres rindo e conversando enquanto andavam. Como eu gostaria de poder participar. Queria pelo menos perguntar seus nomes e onde moravam. Eu poderia muito bem ser muda, considerando tudo o que consegui falar com elas.

Quando chegamos à nossa cabana, acenei novamente para que eles viessem.

Elas me mostraram seus baldes cheios e apontaram para o assentamento. Eu não as deixaria ir sem algumas informações. Eu tentaria de novo. Então, apontei para mim mesma e disse:

— Beth. — Então apontei para a mulher mais jovem que tinha entrado em nossa casa. As mulheres se entreolharam e sorriram.

— Estrela da Noite —, a jovem disse com cuidado, e então ela foi ao redor do pequeno círculo apontando o dedo para cada uma das senhoras e dizendo seus nomes. Foi uma mistura estranha. A mulher de meia idade era Kinawaki, a mulher mais velha, Sra. Sam, e as duas novas que tinham ido conosco eram Pequena Corça e Anna. Revi cada um dos nomes mais uma vez para garantir que os acertasse. As senhoras assentiram. Voltei-me para Estrela da Noite, ansiosa por me comunicar.

— Onde você mora? — Eu tentei.

Ela balançou a cabeça, sem entender. Eu olhei para as outras mulheres agrupadas ao seu redor. Todas pareciam inexpressivas.

— Sua casa? Onde fica sua casa? — Apontei para minha casa.

O rosto de Estrela da Noite se iluminou.

— Lei —, disse ela. Deve ter pensado que eu estava perguntando algo sobre minha própria casa.

Apontei para o assentamento.

— Vocês moram lá? — Perguntei novamente.

— McLain —, disse a mulher. Pelo menos ela sabia o nome do negociante da Baía de Hudson.

Sabia que não podia segurá-las mais. Sorri e dei um passo atrás, acenando para elas um bom dia. Elas sorriram em troca e começaram, uma a uma, a voltar para a trilha. Anna, a mulher pequena e magra com um dente faltando, foi a última a virar e ir embora. Assim que ela passou por mim, parou e inclinou-se para a frente levemente.

— Ela não entende inglês — ela sussurrou, e depois seguiu as outras pelo caminho. Eu olhei para ela boquiaberta.

Capítulo 18 – Chás e coisas do tipo

Também fomos buscar frutas no dia seguinte. Anna estava lá, e dirigiu minhas perguntas a ela. Eu não ficaria novamente fora da conversa. Descobri que as cinco mulheres viviam no assentamento.

Duas delas, Sra. Sam e Anna, eram casadas com caçadores brancos. Sra. Sam queria ser chamada como as mulheres brancas são chamadas, pelo nome do marido. Ela não entendeu muito bem como o sistema funcionava. Sam era o primeiro nome do marido; o sobrenome dele era Lavoie.

Anna falava bem o inglês porque participara de uma escola missionária em outra área. Beaver River não tinha escola. Anna não se considerava superior, apenas diferente dos outros. Descobri mais tarde que ela teve mais escolaridade do que o marido caçador, mesmo que fosse apenas o equivalente da quarta série. Era ela quem fazia as negociações quando ela e o marido iam ao posto de troca.

Também perguntei a Anna sobre as famílias das mulheres. Anna não oferecia muito por conta própria, mas respondia minhas perguntas diretas. Estrela da Noite era casada com O Alto e tinha quatro filhos. Ela teve outros dois que haviam sido perdidos em tenra idade devido ao *sangue escuro*. Me perguntei o que '*sangue escuro*' significava para os índios. Esperei para perguntar a Wynn.

Kinawaki havia sido casada duas vezes. Os dois maridos dela morreram. Decidi que seria impróprio e insensível investigar detalhes.

Kinawaki deu à luz nove filhos, cinco deles ainda vivos. Sra. Sam nunca teve filhos. Ela teve muito tempo para não fazer nada, segundo Anna. Pequena Corça, a mulher baixa e redonda, tem dois filhos que estão sempre atrapalhando; e ela, Anna, tinha cinco - dois em sepulturas e três em casa.

A taxa de mortalidade me assustou. A maneira resignada como elas pareciam aceitar isso me incomodava ainda mais. Era de se esperar que alguém criasse apenas metade dos seus filhos?

Estava aprendendo a encher meu balde mais rapidamente do que antes, mas as mulheres ainda me deram uma mão antes de voltarmos. Na volta para casa, andei ao lado de Anna. A trilha não permitia que duas pessoas caminhassem lado a lado - de vez em quando chegávamos a um trecho mais estreito onde eu tinha que dar um passo atrás, permitindo que ela continuasse sem mim, e então me apressar para alcançá-la novamente. Queria ter certeza que ela soubesse que eu gostaria de receber qualquer uma das mulheres em minha casa a

qualquer momento.

— Hoje não —, disse Anna. — Hoje temos muito trabalho. Nós devemos secar essas frutas para o inverno. Dá muito trabalho.

Eu concordei.

— Frutas quase acabaram —, ela continuou. — Ursos e pássaros pegam resto. Não colhe mais.

— Quando as mulheres terminarem com suas frutas, elas terão tempo para vir?

— Vou perguntar. — Ela falou rapidamente com as outras senhoras, que estavam caminhando em fila única pela trilha. Ninguém parou e ninguém virou para entrar na conversa; elas apenas passavam as mensagens para frente e para trás na fila. Depois de alguns minutos de trocas de palavras, Anna virou-se para mim.

— Por que você quer que a gente venha? — Ela perguntou abertamente.

Fiquei um pouco surpresa.

— Bem, apenas para... para... conhecer vocês melhor. Fazer amigos, talvez tomar um chá...

Ela me interrompeu então.

— Chá —, disse ela. — Isso é bom.

Ela falou novamente com suas companheiras. Ouvi a palavra “chá”, que parecia ser um argumento persuasivo. Houve um aceno geral de cabeça.

— Nós iremos... algum dia —, disse Anna.

— Ótimo! — Exclamei. — Que tal amanhã?

Anna parecia confusa.

— Por quê? — Ela disse. — Porque amanhã?

— Bem, eu... eu gostaria que vocês viessem o mais rápido possível.

— Iremos quando estivermos prontas —, respondeu Anna, e balancei a cabeça.

— Venham quando estiverem prontas —, concordei.

Dois dias depois, levantei os olhos da costura e vi Pequena Corça parada na minha porta. Eu não a ouvi bater. Ela veio sorrindo e tomou o assento que lhe ofereci. Peguei o bule e fiz o chá.

Não podíamos conversar, então apenas ficamos sentadas sorrindo e acenando uma para a outra.

Ela observava com grande interesse enquanto eu tirava xícaras de porcelana do meu armário. Não tinha bolo nem biscoitos, então cortei fatias de pão fresco e espalhei com a geleia que eu fiz com algumas

das minhas frutinhas.

Tínhamos acabado de bebericar nosso primeiro gole nas xícaras quando Estrela da Noite entrou. Ela também não havia batido. Peguei outra xícara e continuamos nossa festa do chá. Quando terminamos, decidi mostrar às duas senhoras a nossa casa. Eles olharam cuidadosamente para tudo, e seus rostos mostravam pouca emoção. Eu não sabia dizer se eles estavam satisfeitas, intrigadas ou provocadas com o que viram. Elas não reagiam a nada.

Fui para a minha cozinha e demonstrei orgulhosamente como eu podia abrir minhas cortinas e revelar os pratos e alimentos empilhados nas prateleiras. Estrela da Noite estendeu a mão e tentou por si mesma. Ela levantou a cortina, deu uma espiada e deixou-a cair no lugar. Então ela fez isso de novo. Ela se virou para Pequena Corça e falou uma palavra no dialeto natal.

Ela disse não só uma vez, mas ela repetiu, e Pequena Corça repetiu depois dela. Por fim, encontrei algo que as impressionara! Repeti a palavra várias vezes na minha mente, para que me lembrasse. Queria perguntar a Wynn quando ele chegasse em casa.

Não muito depois da nossa pequena festa do chá, Wynn já estava em casa para o jantar. Eu ainda tinha a palavra indígena na ponta da minha língua. Queria me certificar de perguntar a ele antes que esquecesse.

Quase assim que ele entrou pela porta, perguntei a ele. Era uma palavra difícil e fazia minha língua dançar, e não tinha certeza de que poderia dizer corretamente.

— O que é *winniewishy*? — Perguntei a ele.

Wynn ficou intrigado por um momento e depois corrigiu minha pronúncia.

— É isso aí. O que isso significa?

— Onde você ouviu isso? — Perguntou Wynn.

— Duas das senhoras estavam aqui hoje para o chá —, eu o informei animadamente. — O que isso significa?

— Bem, na nossa língua, acho que diríamos ‘incômodo’. Por quê?

Incômodo! Eles viram e tocaram minhas cortinas e diziam ‘incômodo’? Por um momento fiquei perplexa e magoada, e então me pareceu tão engraçado que comecei a rir.

— O que é tão engraçado? — Perguntou Wynn.

— Oh, nada, sério. Aquela era apenas a opinião das mulheres sobre as bonitas e nada práticas cortinas sobre meus armários.

Era domingo de novo, embora eu tivesse dificuldade em me convencer desse fato. Parecia muito estranho não estar me preparando

para ir à Igreja. Sentia falta do culto. Sentia falta do contato com os amigos. Sentia falta de estar com minha própria família. Mas, acima de tudo, sentia falta da sensação de refrigério que resultava de passar tempo com outros crentes em louvor e oração.

Reservamos algum tempo, apenas nós dois, de uma maneira que tornou-se nossa prática para os próximos anos no Norte; e, com a Bíblia na mão, fizemos nosso próprio culto de adoração dominical.

No dia seguinte, meu dia de cuidar das roupas, estava ocupada passando quando uma voz de dentro da minha casa anunciou outro visitante. Era Estrela da Noite. Logo atrás dela vinham Sra. Sam e Pequena Corça. Deixei minha roupa de lado e fui providenciar o chá. As mulheres pareciam gostar, estalando seus lábios com prazer enquanto bebiam. Quando terminamos, Anna apareceu. Fiz outro bule e começamos tudo de novo.

Com a chegada de Anna, eu pude conversar com as mulheres.

— Achei que vocês gostariam de costurar — falei para elas. — Eu tenho tudo aqui.

Fui até a mala do meu quarto e trouxe o material que eu tinha já preparado para fazer travesseiros. Eu também trouxe agulhas e linha e passei a mostrar às mulheres como proceder para costurar travesseiros. Elas começaram um pouco desajeitadas com o material leve, mas pareciam aprender rápido. Quando elas terminaram, devolveram os travesseiros para mim.

— Oh, não —, disse a elas. — Vocês podem ficar com eles. Leve-os para casa com vocês. — Apontei para os muitos travesseiros que tinha. — Vocês podem usá-los em suas próprias casas — falei, e Anna passou as informações. As mulheres ainda pareciam um pouco hesitantes, mas todas foram embora com seus travesseiros.

No dia seguinte, as mulheres voltaram, todas entrando assim que chegavam. Eu decidi que falaria com Anna sobre isso - explicaria que não deviam entrar na casa de outra pessoa sem bater primeiro. Ela iria ser capaz de informar as outras senhoras. Era desconfortável para mim, não saber quando alguém pode aparecer de repente.

Mais uma vez tomamos nosso chá. Comecei a me perguntar o que exatamente eu havia começado ali.

As senhoras achavam que precisavam vir à minha casa todos os dias da semana para tomar chá? Fiquei feliz por elas gostarem de vir, mas não tinha a intenção de fazer daquilo um evento diário.

Depois do chá, eu estava preparada para costurar mais um pouco. Elas pareciam ter dominado facilmente a almofada simples; agora talvez gostariam de tentar algo um pouco mais difícil. Pedi licença e fui para o meu quarto. Enquanto eu estava fora, houve uma confusão

na cozinha. Pequena Corça saiu da sala e foi para fora. Eu havia retornado à sala-cozinha quando ela voltou com algumas cestas no braço. As senhoras tinham trazido a sua própria costura. Fiquei boquiaberta enquanto observava os dedos hábeis se moverem rapidamente para dentro e para fora do material. Projetos complexos em trabalhos com fios e miçangas estavam se formando rapidamente sob mãos habilidosas. Podia sentir a vergonha inundando meu rosto com cores profundas. E pensar que eu, Elizabeth Delaney, tinha tido a tola noção de que poderia ensinar essas mulheres a costurar! Ora, o trabalho delas sempre ultrapassaria o meu. Eu nem conhecia as palavras certas para me desculpar.

Bem, Elizabeth, disse para mim mesma, *you certainly tem muito a aprender.*

Falei com Anna sobre o meu desejo de que as mulheres batam antes de entrar. Ela parecia confusa. Parecia que mesmo na escola missionária bater não era um costume. No entanto, ela acenou com a cabeça e passou a mensagem para as outras mulheres. Eles também pareciam não entender a razão por trás disso, mas também assentiram. Fiquei aliviada que o assunto foi bem resolvido.

No dia seguinte, estava no quintal sacudindo um tapete quando Anna chegou. Ela estava sozinha, mas esperava que várias outras em breve a seguissem. Eu a conduzi para dentro de casa, abrindo a porta para ela e deixando que passasse adiante.

Ela hesitou. Nenhuma de nós se mexeu por um momento e, finalmente, Anna disse:

— Você não bate.

— Oh, não —, tentei explicar. — Tudo bem. Continue. É apenas às sua casa que eu iria bater. Não na minha casa.

Ela olhou para mim como se eu realmente tivesse perdido o juízo, mas entrou.

Naquele dia fomos acompanhadas para o chá pela Sra. Sam e Kinawaki, e ambas bateram antes de entrar, apesar de terem chegado juntas. Estrela da Noite e Pequena Corça não vieram.

Quando Wynn chegou em casa naquela noite, ele tirou as botas pesadas e esticou as longas pernas para descansar os músculos cansados. Eu sabia que ele estava trabalhando muito durante essas primeiras semanas. Ele queria conhecer sua área completamente antes do mau tempo chegar, para que pudesse estar bem preparado para problemas. Eu estava correndo com as últimas preparações para o jantar.

— Sabe —, ele me disse, — vi uma coisa muito estranha quando voltei do vilarejo hoje à noite. Anna estava batendo na própria porta.

Eles não têm fechadura nas portas, então ela não poderia ter ficado trancada para fora. Não conseguia imaginar o que, no mundo, ela estava fazendo. Perguntei ao McLain. Ele disse que em algum lugar ela havia aprendido a noção de bater, para espantar quaisquer espíritos malignos que estavam na casa antes que ela entrasse.

Eu suspirei. Como ela poderia ter me entendido tão mal? Certamente não tive nenhum desejo de promover ideias falsas sobre o mundo espiritual. Expliquei tudo para Wynn e ele sorriu para o meu dilema. Eu estava horrorizada.

A próxima vez que Anna veio me ver, a informei que estava errada, que não era necessário bater, afinal. Ela poderia entrar a qualquer momento e livre como sempre havia feito.

Anna assentiu impassivelmente, mas eu tinha certeza que ela estava pensando em como aqueles brancos loucos não conseguiam se decidir! Desde então, nunca sabia ao certo se tinha companhia a não ser que olhasse ao redor, e adquiri o hábito de fazer isso com frequência.

Capítulo 19 – Amigos

Certa manhã na mesa do café Wynn me perguntou:

—Você sabia que a irmã de Ian McLain mora aqui? Olhei espantada para ele. Certamente não sabia daquilo. Eu me perguntava onde ela estaria se escondendo. Então analisei - isso não era justo. Eu não estive no assentamento mais de duas ou três vezes.

— Não —, eu disse. — Você a viu?

— Apenas à distância.

— Como ela é?

— Ela é um pouco alta, como Ian. Mas não é quadrada, porém. Ela anda muito ereta e rapidamente - é tudo o que sei. Tudo o que vi foi ela se afastando.

— Onde ela mora? — Perguntei em seguida, pensando em visitá-la em breve.

— Eu acho que ela tem um quarto nos fundos da sede, mas nem disso eu tenho certeza.

Bem, eu descobriria. Quando a encontrasse, a convidaria para o chá. Talvez em alguma manhã. As senhoras indígenas ainda vinham com frequência à tarde.

Voltei meus pensamentos para Wynn.

— Você ouviu o nome dela?

— Senhorita McLain. Não sei o primeiro nome dela.

— Ela não se casou? Ela é um pouco mais nova que o irmão?

— Não sei, mas acredito que não.

Wynn levantou-se da mesa e pegou seu *Stetson*. O pobre chapéu ainda tinha as marcas da roda da carroça.

— Vou chegar em casa bem tarde, hoje à noite —, disse ele. — Eu tenho muito território para cobrir.

Temia que ele fosse da manhã ao anoitecer. Isso tornava o dia muito longo. Não disse nada, mas fui até ele e coloquei meu braços em volta do pescoço para o meu beijo de despedida.

— Tenha cuidado —, eu sussurrei. — Volte para casa em segurança.

Ele me segurou por alguns minutos antes de gentilmente se desvencilhar do abraço; e então se foi, saindo pela porta e descendo a trilha em passos longos e uniformes.

Eu o observei até desaparecer. Com um suspiro me virei e comecei a limpar a mesa. Então me lembrei da senhorita McLain.

Então havia outra mulher branca no assentamento! Mal podia esperar para conhecê-la. Eu me perguntava como ela seria. Seria mais velha que eu, certamente. Talvez até o dobro da minha idade. Será que ela foi criada no Norte? Ou ela veio da cidade, como eu?

Precisava de alguns itens, de qualquer maneira, então faria uma caminhada depois das tarefas domésticas da manhã para ver o que descobriria.

Eu não estava muito ansiosa para entrar no vilarejo. Não confiava muito nos cães que latiam e rosnavam. Seria bom se ficassem amarrados; mas os caçadores e suas famílias às vezes eram um pouco descuidados com isso, sendo eles mesmos tão acostumados com cães.

Tinha visto algumas índias carregando uma vara grossa e pesada enquanto caminhavam. Quando perguntei a Wynn, ele observou com indiferença que era a vara era útil para se proteger dos cães.

Nesta manhã, estava tão entusiasmada por conhecer a mulher branca que decidi até desafiar os cães. Assim que terminei a louça, arrumei os dois cômodos que compunham nossa casa e varri o chão, me refresquei e fui para a sede.

Dessa vez, tinha uma longa e respeitável lista de itens necessários.

Felizmente, os cães não me deram muito motivo de preocupação. Os mais ferozes estavam bem presos. As crianças brincavam na sujeira da estrada. Agora que estávamos em setembro, eu estava muito consciente - como professora - de que elas realmente deveriam estar na escola. Mais uma vez, desejei começar a dar aulas, mas então me lembrei que não sabia nenhuma das palavras de seu dialeto - bem, apenas “incômodo” - e eles sabiam apenas algumas das minhas.

McLain estava ocupado atendendo algumas índias. Uma delas era a Sra. Sam. Eu a cumprimentei como uma velha amiga, mas ainda éramos incapazes de dizer mais do que oi uma à outra.

Comprei meus itens, inclusive adicionando algumas coisas em que não tinha pensado, mas vi nas prateleiras empilhadas. Sr. McLain listou os itens em nossa conta, e eu cuidadosamente discriminei cada um no meu livrinho para dar a Wynn uma informação precisa para seus registros.

— Quer tomar um café? — McLain ofereceu de maneira informal, empurrando o polegar para o bule que já estava pronto atrás do seu grande aquecedor. Algumas xícaras estavam espalhadas sobre um suporte próximo. Algumas estavam limpas, mas a maioria estava suja, tendo sido usado por outros clientes naquela manhã. A princípio relutei, mas mudei de ideia.

— Uma xícara de café seria bom —, disse e caminhei até o fogão para me servir. Ainda queria uma chance de conversar um pouco com Sr. McLain, e uma xícara de café poderia prolongar minha estadia o suficiente para poder fazê-lo.

— Meu marido me disse que você tem uma irmã que mora aqui — me aventurei, depois de respirar fundo. Para fazer a declaração parecer menos importante, tomei um gole de café.

Era terrível. Era tão fraco que mal tinha gosto de café - e tão velho que o pouco sabor que tinha foi quase completamente eclipsado. Estava quente - tive que dar crédito ao Sr. McLain por isso. Queimei minha língua.

McLain continuou pensando. Finalmente, ele levantou a cabeça.

— Katherine. Sim, ela mora aqui. Vive aqui há quase vinte anos.

Eu não tinha certeza do que dizer a seguir. Katherine era um nome muito bonito. Tentei visualizar a dama a quem pertencia.

— De onde ela veio? — Eu perguntei timidamente. Talvez a resposta me dissesse algo sobre ela.

— De St. John.

— St. John? Puxa, ela percorreu um longo caminho, não?

— Acho que sim —, concordou McLain. — Ela tá com uma aluna lá atrás.

— Sério?

Eu já estava me simpatizando por essa desconhecida. Ela tivera um professor, recebera educação e cultura. Estava confiante que teríamos muito em comum.

— Eu também era professora —, continuei. — Adoraria conhecer sua irmã. Tenho certeza de que teremos muito o que conversar.

McLain olhou para mim de uma maneira estranha e interrogativa. Ele ficou em silêncio por um momento e disse simplesmente:

— É—, muito abrupta e bruscamente.

Esperei, tentando descobrir como eu poderia me apresentar à mulher. O Sr. McLain não disse nada.

Finalmente, arrisquei:

— Ela... ela mora por aqui?

Foi uma pergunta estúpida. 'Por aqui' era o único lugar para se viver - isto é, se ela morasse aqui no assentamento.

— Lá atrás —, disse McLain rapidamente. — Ela tá no quarto da esquerda.

Eu gaguejei:

— Você - você acha que ela se importaria se eu chamasse?

McLain olhou para mim pelo que pareceu um longo tempo e depois apontou a porta com sua cabeça grande.

— Se importar por quê? Vai lá. Pode deixar suas coisas aqui, depois cê pega.

Agradei, saí pela porta e voltei para a parte de trás do prédio para procurar a porta à esquerda.

A esposa do Sr. McLain estava no quintal, pendurando roupas. Eu me senti envergonhada. E se ela me visse? Mas o que isso importava?

De qualquer maneira, ela estava de costas para mim, enquanto cantava baixinho.

Bati gentilmente. Não houve resposta. Bati mais alto. Ainda sem resposta. Eu hesitei. Claramente a Srta. McLain não estava. Decidi tentar mais uma vez. A essa batida, ouvi um “Pode entrar”, abri a porta timidamente e entrei.

O lugar estava escuro, por isso levei alguns minutos para me acostumar à falta de luz e localizar sua ocupante. Ela estava sentada em um canto, com as mãos entrelaçadas à toa no colo, encarando a parede vazia à sua frente. Me perguntei se ela poderia estar doente e estava prestes a me desculpar para voltar em um momento mais adequado, mas ela falou.

— Você é a esposa do homem da lei.

Sua voz era seca e rouca.

— Sim —, quase sussurrei, me perguntando se a declaração dela era uma constatação ou uma condenação.

— O que você quer?

— Bem, eu... acabei de saber... que uma mulher branca morava aqui, e queria te conhecer.

— Mulher branca? — As palavras estavam cheias de desprezo. — Isso não é lugar para uma mulher branca. Pode-se também perceber que quem mora aqui não é nem branco e nem mulher.

Eu não conseguia acreditar nas palavras e certamente não conseguia entender o significado por trás delas. Virei-me para sair, mas ela me parou.

— De onde você é? — Ela interrogou.

— Calgary. Era professora perto de Lacombe antes de vir pra cá. Eu nasci e cresci em Toronto.

— Toronto? Nada de errado com Toronto. Por que você veio para cá?

— Bem, eu... eu... casei com um membro da Real Polícia do Noroeste. Eu...

Ela se virou e cuspiu com desprezo no canto.

Quando se voltou, seus olhos expeliam fogo.

— Isso é a pior razão que já ouvi na vida para ter vindo a este lugar esquecido por Deus —, ela disse. — Algumas pessoas vêm porque precisam. Meu irmão veio pelo dinheiro. Nada mais, apenas o dinheiro. Enterrou sua primeira esposa aqui, e ainda ficou. Mas você... — Ela não terminou sua frase, mas me deixou ciente de que eu tinha feito algo incrivelmente errado ou estúpido, talvez ambos.

Me senti condenada. Também me senti desafiada. De repente ergui todos os meus cento e sessenta centímetros de altura e perguntei:

— Por que você veio pra cá?

Novamente, seus olhos fulminavam. Por um momento, tive medo de que ela atirasse algo em mim; sua raiva era muito evidente. Mas ela precisaria levantar da cadeira para fazer isso - não tinha nada ao seu alcance.

— Eu vim —, disse ela deliberadamente, vociferando cada palavra. — Eu vim porque não havia mais nada que pudesse fazer - nem outro lugar onde pudesse ir. Por isso vim.

Fiquei abalada.

— Sinto muito, — murmurei através dos lábios rígidos. Congelei no local por um momento e então disse suavemente:

— Acho que é melhor eu ir.

Ela não comentou, apenas indicou a porta com a cabeça, com raiva, mostrando que eu estava livre para fazê-lo e, quanto mais cedo, melhor, na sua opinião.

Fiquei feliz em sair para o sol quente e fechar a porta atrás de mim deixando a mulher furiosa lá dentro. Eu estava tremendo.

Nunca tinha visto alguém se comportar dessa maneira. *Puxa, que profunda amargura está controlando essa mulher?* Eu pensei. Poderia destruí-la completamente se algo não fosse feito. Mas o que se poderia fazer? Particularmente, eu esperava nunca precisar encontrá-la novamente.

Uma música suave chamou minha atenção e me lembrei da Sra. McLain. Ela ainda estava lá pendurando suas roupas. Eu não queria fazer contato com a mulher, especialmente instável como me sentia. Rapidamente segui o caminho na esperança de me esquivar, mas ela me viu.

— Bom dia, senhora Delaney —, ela chamou agradavelmente.

Eu tive que parar e responder. Eu consegui um sorriso vacilante.

— Bom dia, senhora McLain —, respondi. — É uma manhã

adorável, não é?

— É, sim. Estou acabando de estender as roupas e já vou tomar uma xícara de chá. Você quer se juntar a mim?

Então me atentei sobre sua excelente gramática. Ela tinha apenas um leve sotaque.

Ainda queria ir para a segurança da minha pequena casa, mas isso seria muito rude; então sorri e disse:

— Isso é muito gentil. Obrigada.

Ela colocou o último pano de prato no varal, pegou sua cesta e abriu o caminho até porta. A sala era muito agradável e acolhedora, uma combinação do mundo branco e do indígena. Contemplei o toque agradável que a mistura conferia ao ambiente.

Ela cuidou para que eu me sentasse e saiu para sua pequena cozinha. Logo ela estava de volta com bule e xícaras de porcelana. Ela também trouxe algumas fatias de um pão doce feito com mirtilos locais. Estavam uma delícia.

— Então, você já conseguiu se estabelecer em Beaver River? — Ela me perguntou.

— Ah, sim. Muito bem.

Continuamos trocando amenidades por alguns momentos, e então ela ficou mais pessoal. Eventualmente, ocorreu-me que este era o tipo de conversa que eu desejava ter com uma mulher. O tipo de conversa que eu só esperava de uma companhia branca.

— Não te incomoda ficar tanto tempo sozinha? — Ela perguntou simpaticamente.

— Um pouco, eu acho. Sinto falta de Wynn, e os dias ficam muito longos quando ele se vai por muito tempo. Não sei como fazê-los passar mais rapidamente. Costurei quase todo o material que trouxe, e realmente não há mais nada que eu possa cobrir, armar ou estofar —, eu disse, com verdade e desespero.

— Quando se tem uma família, não há muito tempo livre —, ela observou. — De fato, quando o inverno chegar, você estará mais ocupada. É preciso muito mais tempo para realizar tarefas simples no inverno —, ela continuou a explicar. Eu não tinha pensado nisso, mas tinha certeza que ela estava certa.

Voltei ao seu comentário anterior.

— Você tem família? — Eu perguntei.

— Não —, foi sua resposta simples, mas pensei ter visto dor em seus olhos.

— Sempre morou aqui? — Perguntei, em parte para mudar de assunto.

Esperava que ela dissesse que tinha vindo de outro lugar para Beaver River e fiquei surpresa quando ela disse:

— Sim. Nunca vivi mais do que a alguns quilômetros daqui. Meu pai tinha uma cabana cerca de uns dois quilômetros rio acima. Foi onde nasci.

Sei que minha surpresa deve ter aparecido no meu rosto.

Ela sorriu.

— Você está se perguntando por que eu falo sua língua?

Eu assenti.

— Sou casada com um inglês. — Ela riu. — Na verdade, não é inglês. Ele é um escocês. Ele foi criado desde a infância por uma família sueca. Certa vez, ele foi para uma escola francesa, aprendeu alemão e fala três dialetos indígenas - mas a língua materna é o inglês.

— Puxa —, eu disse, pensando em McLain com novo respeito. Tinha me perguntado por que ele não falava com sotaque escocês. *A irmã dele também não tem nenhum sotaque*, pensei.

— Puxa —, eu disse novamente. — Ele fala todas essas línguas?

— Um pouco de francês, um pouco de sueco, um pouco de alemão e muito indígena. — Ela disse com orgulho.

— Mas isso ainda não explica o seu inglês.

Ela olhou para mim como se pensasse que eu deveria ter entendido, e talvez eu devesse, mesmo.

— Se meu marido pode falar sete idiomas —, ela disse, — eu poderia aprender pelo menos o dele.

Eu assenti. Que espírito ela tinha!

— E como você aprendeu? — Eu persisti, me sentindo muito à vontade com ela.

— Livros. Quando ele viu que eu estava realmente interessada, ele me comprou livros; e me ajudou. Nas longas noites de inverno, líamos um para um outro e ele corrigia minha pronúncia e me ajudava com as novas palavras. Eu amo este idioma. Eu amo ler. Queria que meu povo tivesse todas essas histórias maravilhosas para ler para seus filhos.

Uma empolgação tomou conta de mim.

— Você já pensou em escrever histórias para eles? Você sabe, colocando as histórias indígenas no papel para as crianças lerem.

— Nenhum deles sabe ler —, disse ela com muita tristeza.

— Mas nós poderíamos ensiná-los —, respondi rapidamente.

Ela sorriu, e seu sorriso parecia resignado e triste.

— Eles não desejam aprender. Dá trabalho. Eles preferem brincar.

— Você tem certeza? — Eu perguntei, incrédula.

— Tenho certeza. Eu tentei. — Ela pareceu mais velha, então. Mais velha e um pouco cansada.

— Vou te ajudar. Nós podemos tentar novamente.

Uma nova faísca surgiu em seus olhos.

— Você o faria? Se importaria o suficiente para tentar?

— Ah, sim. Eu já queria muito, mas Wynn disse que eu deveria esperar. Que eu não deveria me apressar. Eu até trouxe alguns livros para que eu possa...

Eu parei. Eu estava me deixando levar por tudo isso.

Ela estendeu a mão e segurou a minha.

— Agradeço —, disse ela, sinceramente. — Agradeço por se sentir assim. Por se importar. Talvez nós possamos fazer alguma coisa.

— Vou mostrar meus livros e as coisas que tenho e...

Ela me parou.

— Seu marido está certo, senhora Delaney. Nós não devemos nos apressar nisso despreparadas. O povo indígena esperou por muitas gerações pela chance de ler e escrever. Mais algumas semanas ou meses farão pouca diferença.

Eu supunha que ela estava certa. Engoli minha decepção e olhei para o relógio na parede. Me surpreendi ao ver que era quase meio dia.

— Oh, puxa vida —, eu disse, — olhe a hora. Eu não fazia ideia. Preciso ir.

Levantei-me rapidamente, colocando minha xícara vazia na mesinha próxima.

— Muito obrigada pelo chá e pela visita. Eu gostei muitíssimo.

— Também gostei. Espero que você volte em breve, Sra. Delaney.

— Meu nome é Elizabeth —, eu disse. — Elizabeth, ou Beth, você pode escolher. Ficaria feliz se você me chamasse pelo meu nome em vez de Sra. Delaney.

Ela sorriu.

— E meu nome, Elizabeth —, disse ela, — é Nemelaneka. Quando me casei com Ian, pensei que ele gostaria de uma esposa com um nome inglês, então passei dias estudando livros e finalmente encontrei o nome Martha. ‘Martha’, eu disse a ele, ‘será meu nome agora.’ ‘Por que Martha?’, Ele me perguntou. E eu disse: ‘Porque acho que Martha parece legal. Existe outro nome que você gosta mais?’ ‘Sim’, ele disse, ‘eu gosto de Nemelaneka, seu nome indígena’. Então permaneci Nemelaneka, embora Ian me chame de Nimmie.

— Ne-me-la-ne-ka —, repeti, uma sílaba de cada vez. — Nemelaneka, esse é um nome bonito.

— E muito longo e difícil —, riu a mulher. — Martha teria sido muito mais fácil dizer e soletrar.

No momento em que me despedia, Nemelaneka falou suavemente.

— Não julgue a pobre Katherine precipitadamente — ela disse. — Há muita tristeza e mágoa em seu passado. Talvez com amor e compreensão... — parou e suspirou. — E tempo —, acrescentou. — Vai levar muito tempo, mas, talvez, com o tempo ela supere.

Olhei para ela com espanto nos meus olhos, mas não fiz perguntas. Eu assenti, agradeci novamente e corri para casa depois de buscar minhas compras.

Capítulo 20 – Um dia difícil

Ninguém veio tomar chá naquele dia. Pensei que seria bom ter um dia só para mim, mas me perguntava como iria parar as visitas diárias; agora que ninugém tinha vindo, descobri que realmente sentia falta delas. Fiquei inquieta a tarde inteira, sem saber como me ocupar. Finalmente, deixei de lado o livro que estava tentando ler e decidi dar um passeio à margem do rio.

Não me afastei da margem do rio, pois ainda estava insegura do meu senso de direção.

Era um dia muito agradável. As folhas ficaram coloridas e, misturadas ao verde escuro das sempre-vivas, criavam uma linda pintura nas encostas.

O rio ondulava e cantava enquanto seguia seu curso. Ocasionalmente eu via um peixe saltar e, ao dobrar uma curva na trilha, vi um inquieto veado pular para se esconder.

Estava gostando desta terra selvagem. Mas Nimmie estava certa. Às vezes eu também era solitária.

Pensei na minha família que me ficou em Calgary e Toronto. Também pensei em meus amigos e nas crianças da escola em Pine Springs. Gostaria de saber se a escola tinha um novo professor. Tinha esperança que tivesse.

As crianças que finalmente conseguiram iniciar os estudos precisavam da oportunidade de continuar.

Gostaria que houvesse alguma maneira de saber o que estava acontecendo. Eu parecia tão distante de todos, tão isolada. Ora, algo terrível poderia acontecer com um deles e eu nunca saberia! Esse pensamento me assustou e tive que fazer um grande esforço para colocá-lo de lado ou a depressão me esmagaria.

Decidi pensar em outras coisas. Foi fácil voltar a pensar no meu encontro com Nimmie. Fiquei tão feliz por ter encontrado um espírito irmão. Alguém que estava tão preocupado - não, mais preocupado - com a necessidade de educação para as crianças do vilarejo. Mal podia esperar para começar alguma coisa, mas sabia que Nimmie e Wynn estavam certos. Deveria ir devagar e fazer as coisas corretamente.

Relutantemente, retomei o caminho para casa. Sinceramente esperava que Wynn não voltasse tarde demais. Tinha tantos sentimentos dentro de mim, e queria muito poder compartilhá-los com alguém - alguém que ouvisse e entendesse.

O dia passou devagar. A noite estava caindo e Wynn ainda não havia voltado. Andei pelos dois cômodos que chamamos de casa, procurando algo para fazer, mas não encontrei nada que me interessasse.

Andei de um lado para o outro e tentei formular na minha mente, exatamente onde plantaria minha horta do ano seguinte.

Misturei o ensopado do jantar, reorganizei os pratos na mesa e misturei o ensopado novamente.

Sentei-me com um livro perto da lâmpada tremeluzente e fingi para mim mesma que estava interessada na história. Ainda estava inquieta e nervosa. Minha agitação começou a se transformar em raiva.

Por que ele tinha que chegar tão tarde? O trabalho era realmente tão importante?

O trabalho dele importava mais do que a esposa? Essa dedicação ao seu trabalho era realmente necessária, ou ele estava apenas preenchendo o tempo, escolhendo chegar tarde todos os dias?

Meus pensamentos enraivecidos começaram a se acumular, um em cima do outro. *Wynn poderia estar em casa há muito tempo se ele quisesse!* Eu concluí.

Agora estava muito escuro. Nem mesmo Wynn não esperava chegar tão tarde. Meus pensamentos tomaram outro rumo.

E se algo tiver acontecido? E se ele estiver perdido? Ou sofrido um acidente? E se algum caçador enlouquecido atirou nele? Montados estavam cientes dessa possibilidade. De repente, fiquei preocupada - não apenas um pouco preocupada, mas doentamente preocupada.

Tinha certeza de que algo terrível tinha acontecido com meu marido e ali eu estava, sentada e sem saber como ou onde obter ajuda. E se ele estiver largado lá fora, em algum lugar, ferido e morrendo, enquanto estou sentada ociosamente na minha cadeira, atrapalhada com as páginas de um livro e fumegando de raiva porque ele estava atrasado?

O que eu poderia fazer? Não poderia ir atrás dele. Eu nunca encontraria meu caminho na escuridão. Ora, eu mal conseguia encontrar meu caminho em plena luz do dia! Além disso, eu não tinha ideia de onde Wynn pudesse ter ido. O que deveria fazer?

Índios! Eles eram bons em rastrear. Eles não tinham algum tipo do sexto sentido sobre essas coisas? Eu não conhecia nenhum dos homens, mas conhecia as esposas deles. Pediria a ajuda a eles.

Corri para buscar o meu xale leve. Eu iria ao vilarejo e bateria nas portas até encontrar alguém.

Então me lembrei dos cães. Eles ficavam desamarrados à noite, pois os donos não esperavam ninguém depois do anoitecer. Ali fora, na escuridão da floresta, procurei no chão da trilha por uma vara pesada.

Ouvi passos no caminho que me assustaram. Eu me virei, com a respiração presa na garganta, sem saber o que enfrentaria.

— Elizabeth! — Wynn disse surpreso. — Você perdeu alguma coisa?

Queria correr e me jogar em seus braços, mas meu constrangimento e raiva me impediram. Eu queria deixar claro o quanto estava preocupada, mas temia que Wynn me achasse boba.

Queria correr para o meu quarto e me jogar na cama e colocar para fora todo o meu medo e frustração à base de lágrimas, mas não queria ser acusada de ser uma mulher histérica. Não queria explicar o que estava fazendo saindo no mato emaranhado na escuridão, e não o faria; então simplesmente disse bruscamente:

— Por que você demorou tanto? O jantar está um horror. — E passei por ele na cozinha.

Wynn não disse mais nada. Ele comeu o jantar quase arruinado e eu simplesmente engoli a comida. O jantar foi uma refeição longa e silenciosa.

Eu tinha tanto o que contar a ele, tanto sobre o que conversar; e ali estávamos, em silêncio, sem dizer nada. Era tolice e, bem, eu sabia disso.

Olhei de relance para Wynn. Ele parecia cansado, mais do que eu já tinha visto antes. Ocorreu-me que ele também poderia ter coisas sobre as quais conversar. O que aconteceu no dia dele? Havia coisas que ele gostaria de falar?

Respirando fundo, decidi que deveria deixar de lado meu orgulho ferido e perguntar a ele.

— Você demorou muito. — Comecei. — Na verdade, estava preocupada. Aconteceu alguma coisa?

Wynn olhou para cima, com alívio nos olhos.

— Várias coisas. — Ele respondeu. — Nosso barco teve um vazamento, fomos rebocados por um touro bravo, o caçador que fomos ver escolheu não estar em casa, tivemos que procurá-lo e acabamos tendo que trazê-lo algemado; e o índio que eu levei para me guiar sofreu uma queda desagradável e teve que praticamente ser carregado nas minhas costas no último quilômetro.

Eu olhei para Wynn, incrédula. Certamente ele estava brincando. Mas o olhar no rosto dele me disse que não estava.

— Puxa vida! — Era tudo o que conseguia dizer. — Puxa vida!

Wynn sorriu então.

— Bem, acabou. — Disse ele. — Essa é a única boa coisa que posso dizer sobre esse dia.

Mas ainda não tinha acabado.

Nós nem tínhamos terminado nossa modesta refeição quando alguém chamou à janela. Um homem do vilarejo atirou acidentalmente na própria perna enquanto limpava a arma e Wynn estava sendo solicitado para cuidar da ferida.

Sem dizer nada, ele colocou o chapéu e seguiu o garoto aflito.

Era muito tarde quando Wynn voltou para casa. Eu ainda estava esperando por ele. Ele veio até mim e me beijou.

— Sinto muito, Elizabeth — ele disse; — Você deveria ter ido para a cama.

— Não conseguiria dormir de qualquer maneira —, eu disse honestamente.

A verdade era que, enquanto Wynn se fora, pude pensar com calma. Realmente não tinha ideia de como Wynn preenchia seus dias. Quando ele chegava em casa à noite, depois de um longo dia estando - bem, em algum lugar - eu falava sobre o que tinha feito no meu dia. Eu nunca perguntei sobre o dia dele antes. Como seriam os dias de Wynn? Certamente eles não eram tão difíceis quanto hoje.

Estava ansiosa para contar sobre meu chá com Nimmie e sobre ter conhecido a senhorita Katherine McLain. Ele enfrentou graves problemas e possivelmente a morte e provavelmente não teria feito nenhum comentário sobre isso se eu não tivesse dado a oportunidade.

Me senti envergonhada. A partir de agora, decidi, vou prestar mais atenção ao meu marido e me preocupar menos com minhas pequenas tolices.

Quando Wynn terminou de cuidar da ferida, estava me sentindo bastante tranquila. Não vim para o Norte com ele para ser sua companheira e apoio? Eu estava vivendo como se tivesse vindo apenas para fazer parte da decoração.

Inclinei meu rosto agora para receber o beijo de Wynn e perguntei:

— Como está o homem?

— Ele ficará bem, apesar de ter uma ferida desagradável. Além da infecção, ele não deve ter nenhum problema.

Eu tremi só de pensar.

— Você está com frio —, disse Wynn. — Você deveria estar na cama.

- Não, não estou com frio, apenas sensível —, respondi. — Gostaria de uma caneca com algo quente para beber? Café? Chá?
- O chá parece bom. A água ainda está quente?
- Eu mantive o fogo aceso. Só vai demorar um minuto.
- É muito tarde, Elizabeth. Eu sei que você está cansada. Não precisa...
- Não é problema —, assegurei quando voltei para a cozinha.
- Wynn sentou-se na única poltrona e pude ouvi-lo tirar as botas de cano alto. *Ele deve estar morto de cansaço*, pensei.
- Trouxe o chá de Wynn e ele engoliu tudo em poucos instantes.
- Você queria conversar? — ele disse, levantando os olhos cansados para mim.
- Pode esperar pela manhã.
- Não precisa esperar —, afirmou Wynn.
- Não é tão importante. Acabei de conhecer a senhorita McLain hoje e tive um chá com a Sra. McLain. Vou contar tudo sobre elas no café da manhã.
- Peguei o copo vazio de Wynn e o levei para a mesa. Então virei-me para ele.
- Venha —, eu disse. — Este dia já foi longo o suficiente.

Capítulo 21 – A contadora de histórias

As semanas que se seguiram foram bastante monótonas. Wynn ainda estava ocupado; mas agora que ele havia patrulhado cuidadosamente toda a área para a qual fora designado, conseguiu trabalhar mais no seu pequeno escritório.

Gostava de tê-lo por perto, e isso também me ajudou a me tornar mais familiarizada com o que ele fazia.

Ele era policial, médico, advogado, conselheiro, faz-tudo e muitas vezes conselheiro espiritual - e muito mais. As pessoas o procuravam por inúmeras razões. Ele era sempre paciente e justo, embora às vezes me perguntava se ele não era um pouco franco demais. Eles pareciam esperar isso.

Se ele dissesse: “Não, Raposa Astuta, esse não é o seu território para caçar; e, se você insistir em usá-lo, precisarei prender você”, o índio não piscava. Pelo menos ele sabia exatamente o que esperar.

As índias vinham frequentemente para o chá, embora não tão regularmente quanto antes. Sra. McLain, minha amiga Nimmie, aparecia, também: e eu sempre apreciava suas visitas. Srta. McLain não vinha, embora eu tivesse reforçado minha coragem para convidá-la em mais de uma ocasião.

Ainda não tínhamos escola. Nimmie e eu passávamos horas debruçadas sobre livros, tanto dela quanto meus. Estava muito empolgada para começar; mas ela achava que era bem mais provável ter sucesso se pudéssemos convencer o chefe, ou pelo menos alguns dos mais velhos, de que seria bom para as crianças que houvesse uma escola.

Isso levaria tempo, ela me assegurou. Como o chefe da tribo não morava em nosso vilarejo, mas em uma vila mais a oeste, não havia como apressar nossas negociações.

Numa manhã de quarta-feira, um índio com o rosto inchado veio ver Wynn. Após um breve exame, Wynn entrou na cozinha.

— Tem água quente? — Ele me perguntou.

Eu indiquei a chaleira no fogão, e Wynn pegou uma panela e colocou alguns instrumentos simples nele, depois derramou a água sobre eles e colocou tudo sobre o fogo.

— O que você está fazendo?— Perguntei, curiosa.

— Reneau está com um dente ruim. Vou precisar arrancar.

— Você vai puxar?— Perguntei com espanto.

— Não há mais ninguém —, respondeu Wynn. Então ele se virou provocativamente para mim. — A menos, é claro, que você queira o emprego.

— Não conte comigo —, fui rápida em responder.

Wynn ficou mais sério.

— Na verdade, Elizabeth, eu estou prestes a fazer exatamente isso —, disse ele, virando os instrumentos na panela. — Você gostaria de dar uma volta, por meia hora mais ou menos?

Devo ter parecido intrigada.

— Eu não tenho anestesia. Este homem vai sentir dor.

Percebi então que Wynn estava me dando oportunidade de fugir da casa antes de iniciar seu procedimento.

— Vou à sede —, eu disse rapidamente.

Não demorou muito tempo para estar pronta para sair de casa. Wynn estava ainda com o trêmulo Reneau. Eu me perguntava quem estava com mais medo da provação iminente - Reneau ou Wynn.

Na verdade, não havia nada que eu precisasse da sede, então decidi visitar Nimmie. Ela não respondeu quando bati à porta. Virei-me para olhar ao meu redor, e então eu a vi em um pequeno bosque de álamos logo depois de seu jardim. Ela tinha reunido a seu redor um grupo de crianças do vilarejo. Esperava não estar interrompendo e me aproximei silenciosamente. Nimmie estava contando uma história, e todos os olhos arrebatados estavam focados em seu rosto. Ela deve ser uma boa contadora de histórias - as crianças nem se mexiam! Fiquei maravilhada.

Eu parei e ouvi.

— ... o homem era grande, maior que um urso preto, maior até que um urso pardo. Ele carregava uma longa lança de caça e um enorme arco com flechas de pontas mergulhadas no veneno. Todos o temiam. Eles temiam sua ira, pois ele rugia como o poderoso trovão; eles temiam a sua lança, pois brilhava tanto quanto um raio. Eles temiam o veneno de suas flechas, pois eram tão mortais quanto as mandíbulas de um carcaju[4] encurralado. Todos tremiam de medo. Ninguém enfrentava o inimigo. Todos seriam escravos dele. Toda vez que eles voltassem da caça, teriam que lhe dar as melhores peles. Toda vez que eles puxassem as redes, ele exigiria seus peixes. Toda vez que eles abatessem um alce, teriam que lhe dar a carne. Eles o odiavam e não queriam ser escravos, mas todos tinham medo de sair para lutar com ele. E, então, um garoto deu um passo à frente. “Eu vou”, ele disse. “Você não pode ir”, disseram os chefes. “Você não tem o cocar mágico. Você não tem o remédio secreto. Você não está preparado para a batalha.” “Eu posso”, disse o garoto chamado Davi, “porque eu tenho o meu Deus comigo. Ele lutará por mim.”

Fiquei admirada com o decorrer da história. Eu nunca tinha ouvido a história de Davi e Golias contada daquela maneira. Fiquei surpresa ao ouvir como Nimmie a contava. Onde ela ouviu? Ela não frequentou escola missionária. E por que ela estava contando isso para as crianças em inglês?

Poucos conseguiam entender todas as palavras em inglês.

Fiquei intrigada, mas também curiosa. Quantas vezes Nimmie contava histórias às crianças locais, e com que frequência foram eram da Bíblia? Ela sempre interpretava as histórias com conceitos e costumes indígenas?

— “Veja”, disse Davi, “eu tenho aqui meu próprio arco pequeno e cinco flechas. Deus direcionará a flecha. Não tenho medo do Golias Dorso-de-Urso. Ele falou contra o meu Deus, e agora Ele deve ser vingado”. E então Davi pegou seu pequeno arco, suas cinco flechas e marchou pelo vale rumo ao perverso inimigo. Golias riu com desprezo para Davi. “O que você está fazendo”, ele gritou, “mandando uma criança em vez de um guerreiro? Você me envergonhou. Eu viro minha cabeça para você. Vou deixar este pedacinho de carne para os

corvos e raposas.” Mas Davi chamou o homem tão alto quanto o pinheiro e disse: “não vim como criança, nem como guerreiro; mas eu venho em nome do meu Deus, a Quem você insultou”, e ele posicionou uma das suas flechas no seu arco, e sussurrou uma oração para que Deus guiasse seu vôo nas asas do vento, e puxou o arco com toda a sua força. A flecha atingiu o alvo. Com um grito, o grande guerreiro caiu ao chão.

Se por um momento duvidei que as crianças pudessem acompanhar a história, o grito que surgiu no momento da derrota de Golias me convenceu do contrário. Eles torceram loucamente pelo vitorioso Davi.

Quando o barulho diminuiu, Nimmie continuou:

— E, então, Davi correu para a frente, arrancou a cabeça do guerreiro de seu corpo e colocou seu cocar enorme em sua própria cabeça. Ele pegou a longa lança e seu grande arco e flechas e os levou de volta para sua própria tribo. Eles nunca mais seriam escravos do homem perverso de novo. Davi venceu a batalha porque ele foi lutar em nome do seu Deus.

Mais uma vez houve alegria.

— E agora vocês devem ir —, disse Nimmie, espantando todos eles com as magras mãos.

— Apenas mais uma. Outra. Apenas uma... — pediram uma dúzia de vozes.

— Vocês disseram isso da última vez —, riu Nimmie, — e eu contei mais uma mais e vocês dizem novamente. Agora, vão.

Relutantemente, as crianças começaram a sair e Nimmie se virou. Ela não sabia que eu estava ali. Um olhar de surpresa surgiu em sua face, mas ela não parecia estar perturbada ou envergonhada.

— Que grupo —, afirmou ela. — Eles manteriam alguém sentado o dia todo contando histórias. Entre, Elizabeth. Vamos tomar um chá. Você está esperando há muito tempo?

— Não muito tempo. E eu gostei. Você conta histórias para as crianças frequentemente?

— Frequentemente? Sim, suponho que sim - embora não tanto quanto gostaria. Eu não sei quem se diverte mais, as crianças ou eu. Embora eu finja parecer que estão me incomodando.

Ela riu de novo e tomamos o caminho para a casa.

— Mas você contou em inglês —, comentei. — Eles entendem?

— Eles entendem muito mais do que você imagina. Oh, eles não pegam todas as palavras, pode ter certeza; mas, como eles ouvem as histórias repetidas vezes, eles captam cada vez mais.

— E você contou uma história da Bíblia —, continuei, ainda estupefata.

— Sim, eles gostam das histórias da Bíblia.

Eu queria perguntar onde ela havia aprendido as histórias da Bíblia, mas não o fiz.

— Eu amo as histórias da Bíblia também —, explicou ela, sem ser perguntada. — Quando eu estava aprendendo a ler inglês, a Bíblia foi um dos livros que eu li. No começo, era um dos poucos livros que meu novo marido tinha em mãos, então ele me ensinou com ela. Gostei tanto das histórias que, mesmo agora que tenho muitos livros, ainda leio a Bíblia. Ela tem histórias muito boas.

Ela abriu a porta e me deixou entrar em sua casa.

— Gosto mais das histórias sobre Jesus — continuou ela. — As crianças, também. Eu conto a eles frequentemente. A história sobre o menino com seu peixe e pão; a história sobre a canoa que quase se perdeu em uma tempestade furiosa; a história sobre o cego que podia ver quando Jesus colocou o bom remédio em seus olhos. Ah, são boas histórias — ela concluiu.

— Você sabe, Nimmie —, apontei, — essas não são apenas histórias. Esses são verdadeiros relatos de eventos históricos. Todas essas coisas realmente aconteceram.

Ela parecia tão surpresa e confusa que eu disse:

— Ian não lhe disse isso - que a Bíblia é um livro verdadeiro, que esses eventos, esses acontecimentos...?

— São todos verdadeiros? — perguntou Nimmie, incrédula.

— Sim, todos eles.

— Aqueles sobre Jesus?

— Todos.

— E aquelas pessoas más realmente O mataram - sem razão nenhuma?

Eu assenti.

— Eles o mataram.

Houve silêncio. Nimmie olhou de mim para a Bíblia que estava na mesinha, seus olhos se encheram de admiração e depois de raiva.

— Isso é horrível! — ela protestou, com a voz cheia de emoção. — Como puderam? Somente um homem branco poderia fazer uma coisa dessas - destruir e matar um dos seus! Um índio nunca faria uma coisa tão vergonhosa. Eu cuspiria em seus túmulos. Eu alimentaria os cães com suas carcaças. — Seus olhos escuros brilharam e seu nariz se alargou.

— Foi terrível —, eu admiti, chocada com a intensidade dela. — Mas não foi tão simples quanto você pensa. A razão da morte de Jesus é muito mais complicada do que isso. Poderíamos ler juntas, se você quiser. Eu ficaria feliz em estudar a história com você, desde o início, e te mostrar por que Jesus teve que morrer.

Ela começou a se acalmar.

— Ele não ficou morto, você sabe —, continuei.

— Isso também é verdade?— ela perguntou, incrédula.

— Sim, isso também é verdade.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Eu gostaria de estudar isso.

Eu sorri.

— Bem. Por que não começamos amanhã de manhã? Em minha casa?

Ela assentiu e se levantou para preparar o chá. Ela se virou levemente.

— Elizabeth, desculpe; desculpe pelo que disse sobre o homem

branco. É apenas... apenas que às vezes... às vezes não consigo entender as coisas que os homens fazem. A maneira como eles se mordem e se devoram - é pior do que lobos ou raposas. — Desta vez, ela não disse homem branco, embora eu me perguntasse se ela ainda pensava nisso.

— Eu sei —, concordei, envergonhada. — Às vezes não consigo entender também. Não é assim que deveria ser. Não é assim que Jesus quer que seja. Não é o jeito certo. A Bíblia nos diz que Deus abomina isso também. Ele quer que amemos e cuidemos uns dos outros.

— O homem branco sabe disso?

— Alguns sabem.

— O homem branco não tem a Bíblia há muitos anos?

— Sim, por muitos anos.

— Então por que ele não lê e faz o que diz?

Balancei minha cabeça. Era uma pergunta preocupante.

— Eu não sei —, eu finalmente admiti. — Realmente não sei.

Capítulo 22 – Estudos bíblicos

Nossos estudos bíblicos começaram no dia seguinte, conforme planejado. Não nos encontramos todos os dias, mas o fazíamos regularmente. Ian não parecia se importar, e Wynn foi muito encorajador.

Nimmie era uma boa aluna e quando começamos a juntar as peças do plano de Deus para a criação, ela ficou animada.

— Katherine deveria estar aqui! Ela precisa ouvir isso — ela insistiu.

Eu me perguntava sobre Katherine. Eu duvidava que ela sáísse de sua amargura por tempo suficiente para ouvir, mas Nimmie continuou insistindo.

— Você se importa se eu a trazer? — Ela continuou.

— Bem, não. Eu não me importo. Não tenho certeza - não tenho certeza de que ela viria. Convidei-a muitas vezes, e nunca consegui fazê-la vir.

— Para estudar a Bíblia?

— Bem, não; não necessariamente para estudar a Bíblia. Apenas para o chá. Mas se ela não vem para o chá, certamente não acho que ela queira vir para os estudos.

— Talvez ela venha—, persistiu Nimmie. — Vou perguntar.

Quando Nimmie chegou para o próximo estudo, trazia Katherine. Nunca saberei como ela realizou o milagre. Tentei esconder minha surpresa quando as recebi.

Katherine fez uma careta quando abrimos nossas Bíblias e começamos a ler. Ela trouxe sua própria Bíblia, que não parecia ter muito uso. Ela não disse nada a manhã toda, nem mesmo quando Nimmie parava, frequentemente, a leitura, para comentar ou pedir uma explicação. Ela estava ansiosa para conhecer não apenas as palavras, mas o significado delas, agora que ela sabia que todas as histórias eram verdadeiras. Quando as duas partiram naquela manhã,

disse a elas que ficaria ansiosa pelo nosso próximo encontro. Katherine franziu a testa e me informou em tons inconfundíveis:

— Não me espere de novo. Eu vim só para tirar essa mulher daqui das minhas costas. Não há nada neste livro que eu já não saiba. Eu não sou uma pagã, você sabe - fui criada na Igreja.

— Então você deve sentir falta —, eu disse com suavidade.

Ela voltou a olhar para mim.

— Também fui criada na igreja —, continuei, — e se há uma coisa no Norte que eu sinto mais falta do que qualquer outra, é de ir à igreja no domingo.

Ela bufou seu desgosto, apertou os lábios e marchou para fora.

Nimmie olhou para mim com tristeza e seguiu a outra mulher.

Eu não sei como isso aconteceu mas, na próxima vez que Nimmie veio para o estudo, Katherine caminhava relutantemente atrás dela, com a Bíblia debaixo do raço.

Não fiz nenhum comentário, exceto para dar as boas-vindas, e prosseguimos com nossa leitura e discussão.

O tempo estava ficando mais frio. Diariamente, grandes bandos de patos e gansos revoavam, em busca de climas mais quentes. Quase todas as folhas dançavam ao chão ao invés de se agarrarem aos galhos agora vazios. As peles dos animais começaram a engrossar; e homens falavam sobre um inverno longo e difícil.

Wynn contratou alguns homens para transportar um bom suprimento de madeira para o fogo, e nos preparamos o melhor possível para o clima de inverno que se aproximava.

O dia inevitável chegou. Os ventos do norte uivavam, carregando temperaturas abaixo de zero e neve em turbilhão. Estávamos no meio da nossa primeira nevasca de inverno. Fiquei muito agradecida por Wynn estar em casa, são e salvo, em vez de em algum lugar, lá fora, averiguando um caçador distante.

Apesar do fogo no fogão, a temperatura na cabana caiu drasticamente. Wynn acendeu a lareira e pendurou alguns cobertores nas janelas para barrar o frio. Ainda assim, o frio continuava.

Vestimos várias camadas de roupa para manter o calor do corpo.

Naquela noite, mantivemos nosso fogo e nos retiramos cedo, esperando que o dia seguinte pudesse trazer uma pausa na tempestade. Durante a noite, Wynn levantou mais de uma vez para ter certeza de que ainda havia lenha para o fogo.

— Espero que não haja baixas —, disse Wynn. — Está frio demais para esta época do ano. Algumas pessoas podem não estar preparadas para isso.

Eu também esperava que não houvesse baixas. Seria terrível ser apanhado em uma tempestade.

Quando acordamos na manhã seguinte, ficamos desapontados ao ver que a fúria da tempestade não havia diminuído. Ela ainda se enfurecia sobre nós.

— Olha —, eu disse a Wynn quando encontrei a água na bacia congelada, — está realmente frio aqui!

Eu estava prestes a esvaziar o pedaço de gelo no balde de lixo quando Wynn me parou.

— Não jogue fora —, ele instruiu. — Aqueça e reutilize-a.

— Usar isto?

— Quem sabe quando poderemos conseguir mais água. Nós temos apenas três quartos de um balde, e precisaremos disso para beber e cozinhar. Faremos com que a água da lavagem dure o maior tempo possível.

Quando terminei a louça do café da manhã, não joguei fora a água também. Em vez disso, deixei na bacia na parte de trás do fogão. Isto teria que servir para lavar a louça do jantar e talvez até os pratos da ceia também.

Eu estava pronta para desfrutar de um dia adorável com Wynn, apesar do tempo que estava fazendo lá fora; mas ele veio do quarto vestindo uma jaqueta de pele pesada.

— Onde você vai? — Eu questionei alarmada.

— Eu preciso ir até a sede e garantir que não há problemas. Não devo demorar muito; mas se algo aparecer e eu não voltar imediatamente, você não precisa se preocupar. Há muita madeira. Você não deve ter problemas em se manter quente e seca.

Ele parou para me beijar.

— Não saia, Elizabeth —, alertou ele, — Por motivo nenhum. Se acontecer alguma coisa, e não puder voltar para você ao anoitecer, enviarei outra pessoa.

Ao anoitecer? Que pensamento terrível!

Wynn partiu rumo ao turbilhão de neve e fiquei em pé, na janela, observando sua forma desaparecer muito rapidamente.

Não me lembro de nenhum dia mais longo. Não havia nada para fazer além de cuidar do fogo. Mesmo com fogão e lareira acesos, a cabana estava fria. Peguei emprestado um par de meias pesadas de Wynn e calcei as botas. Meus pés continuaram frios.

Eu andava em círculos pela pequena sala, balançando os braços em um esforço para me aquecer e evitar o tédio total. A tempestade não se acalmava. Estava escurecendo novamente. Não que já tivesse existido luz neste dia, mas pelo menos, dava para ver que era dia, e não noite.

Eu fiz um chá. Tinha me esquecido de comer qualquer coisa o dia inteiro. Estava arrependida por não ter pensado nisso. Poderia ter ajudado a preencher alguns dos meus minutos.

Logo que eu acendi a lâmpada e a deixei no beiral da janela, ouvi passos se aproximando. Eu corri para a porta. Era Wynn. Ele estava de volta, são e salvo. Eu poderia ter chorado de alegria.

— Está tudo bem? — Eu perguntei, abraçando-o com a jaqueta suja de neve e tudo.

— Tanto quanto sabemos —, ele respondeu, tirando a neve de suas botas.

— Tivemos que ir buscar Mary. Ela não tinha madeira para o fogo e não o teria conseguido durante a tempestade, tenho certeza.

— Quem é Mary?

— Ela é uma mulher que mora sozinha desde que perdeu o marido e a família há uns três ou quatro anos. Eles a chamam de Mary Louca – talvez ela seja; talvez não, eu não sei. Mas ela se recusa a mudar para o assentamento, e tem uma tendência a cismar com as coisas. Ela estava brava comigo esta noite por removê-la fisicamente de sua cabana e trazê-la para o assentamento.

— Fisicamente?

Ele assentiu.

— Ela absolutamente se recusava a ir sozinha.

— O que ela fez? Ela brigou?

— Ah, não. Ela não brigou; ela simplesmente não se mexia, só isso. Eu levei-a para fora e coloquei-a no trenó, e ela entrou na cidade como uma boa menina. Mas eu tive que buscá-la e carregá-la de novo para a cabana de Lavoie.

Eu sorri, pensando naquela senhora índia determinada. Ela certamente tinha conseguido se fazer entender.

— Bem, ela deve estar bem agora —, disse Wynn. — Sra. Sam garantirá que ela ficará onde está enquanto a tempestade continuar.

Fiquei feliz por Mary Louca estar segura. *Qual será a verdadeira história por trás daquele nome?* Pensei.

Capítulo 23 – O inverno

Com a chegada do inverno, muitos homens tinham que sair de suas cabanas quentes e ir às trilhas de caça. As peles que abatiam no inverno eram as mais rentáveis devido à sua espessura, e cada caçador tinha sua própria área designada. Quando perguntei a Wynn como eles decidiram, ele disse que parecia ser por algum tipo de acordo de cavalheiros, nenhuma forma jurídica de contrato. Aprendi que caçar no território de outra pessoa era considerado uma ofensa grave.

Havia o problema do roubo também. Roubar não era muito comum no Norte. Ninguém ficava preocupado demais trancando o que possuía. Casas eram deixadas abertas e, pertences, deixados no quintal. As cabanas construídas pelos caçadores para proteção durante as caçadas eram deixadas livres para serem usadas por outros que estavam passando. A maioria dos caçadores ainda se certificava de que havia provisão adequada de madeira e cobertores, fósforos e comida para quaisquer hóspedes que pudessem aparecer durante sua ausência. Claro, eles sabiam que os outros caçadores praticariam a mesma cortesia.

Então, em um lugar onde o roubo comum não era um grande problema, era uma tentação e uma ofensa muito séria roubar o território de caça de outra pessoa. Esse criminoso era considerado o mais vil de todos, não apenas um ladrão de peles de animais valiosas, mas também do sustento de uma família. A vingança era muitas vezes imediata e mortal, e poucos achavam que o homem injuriado poderia ser culpado por fazer justiça com as próprias mãos.

Os homens da Real Polícia do Noroeste deviam estar alerta o tempo todo à repeito disso. Suspeitos de roubo devem ser identificados e os culpados presos imediatamente antes de um possível espancamento brutal ou mesmo um assassinato. Wynn observava as trilhas de caça e mantinha olhos e ouvidos abertos para quaisquer denúncia de infração.

Eram principalmente os homens que trabalhavam nas trilhas de

caça, mas Mary Louca também reivindicou um pequeno território para si. Então, uma vez que a tempestade se acalmou, ela se recusou a ficar com os Lavoie e voltou, mal vestida, para proteger seus interesses. Ela insinuou muito diretamente que poderia ter alguém brincando com algumas de suas armadilhas.

A maioria das pessoas ignorava a história, como mais uma das fantasias de Mary Louca, mas Wynn não pôde descartá-la tão facilmente. Teria que verificar e comprovar sua veracidade para tranquilizar a todos. Quando a tempestade terminou, Wynn levou esquis e os cães para investigar.

Wynn não mantinha seus cães conosco, mas em um recinto da sede. Uma motivo era que a ração para os cães estava lá e, a outra, que seus latidos não nos manteriam acordados à noite.

Cada cão havia sido cuidadosamente escolhido pelos homens da Força que precederam Wynn. Os cães foram escolhidos por sua resistência, confiabilidade e força, não particularmente por sua boa disposição. Muitos deles eram rottweilers e, por esse motivo, tinham que ser mantidos longe um do outro. Alguns deles tinham as orelhas esfarrapadas ou cicatrizes feias das lutas passadas. Eu não me importava muito com os cães de trenó de Wynn. Atrelá-los era uma tarefa difícil. As coisas poderiam estar correndo bem; e então um dos cães fica enlouquecido com alguma coisa que outro cachorro havia feito, e uma briga começava. Em pouco tempo, toda matilha estaria em frangalhos, emaranhando os fios dos cintos e fazendo uma bagunça generalizada. No entanto, a equipe canina era muito necessária. Wynn usou seus cães quase todos os dias durante o inverno.

Ele estava falando sobre escolher sua própria matilha e treiná-la ele mesmo. Com um treinamento diferente, ele pensava que os cães poderiam ter um temperamento melhor e causar menos problemas na trilha.

Gostei dessa ideia. Levaria tempo e daria trabalho, mas Wynn estava procurando por filhotes promissores.

Quando ele saiu depois da tempestade para verificar a história de

Mary Louca, me informou que também planejava dar uma volta e ver uma ninhada de filhotes que um caçador chamado Smith tinha à venda perto do braço oeste do rio. Gostaria de ir com ele, mas nem mencionei o pensamento. Ainda estava muito frio e a neve estava alta. Os cães já eram problema suficiente na trilha. Ele certamente não precisava de mim para complicar as coisas.

Wynn não voltou até tarde da noite. Ele conversou com Mary e repassou suas linhas de caça com ela. Ela lhe mostrou “sinais” e falou sobre suas suspeitas. Este foi o território que seu falecido marido tinha conseguido, e Mary acreditava firmemente que agora era sua propriedade exclusiva. Mas alguém estava se mudando, ela sustentava, infringindo sua área. Ela ainda não encontrou nenhuma evidência de peles roubadas, mas as novas armadilhas estavam chegando muito perto. Eles não encontraram armadilhas que pertencessem a outro caçador, mas Mary tinha certeza de que uma ou duas haviam estado lá. Ela podia ver as marcas no chão; ela cavou na neve para provar seu argumento. Mas Wynn não pôde aceitar sua “evidência” como válida. Ele a deixou, prometendo manter uma vigia rigorosa e pedindo que entrasse em contato com ele se ainda suspeitasse de algo.

Então, como planejado, Wynn puxou seus cães e foi ver Smith.

Ele estava longe de sua cabana quando Wynn chegou, então entrou, ele acendeu o fogo e preparou uma xícara de chá. Os filhotes estavam em um canto da cabana, então ele pode dar uma boa olhada em busca de cães de trenó em potencial. Havia algumas possibilidades. Wynn os observou enquanto brincavam e brigavam, gostando do que viu.

Já estava ficando tarde e Smith ainda não havia voltado; então Wynn ajeitou o fogo para tentar manter a cabana quente para o retorno do caçador, transportou mais um suprimento de madeira e guiou o trenó de volta para casa.

Wynn aprendeu a apreciar uma coisa sobre seus cães de trenó. Enquanto estavam na trilha, eles geralmente deixavam de lado todos os rancores e se juntavam. Eles foram considerados uma das equipes mais rápidas da região. Rapidez, às vezes, poderia ser importante para

um policial. Alguns minutos podem significar a diferença entre vida ou morte.

A equipe estava com pressa de voltar ao assentamento, então Wynn foi pressionado a acompanhar seus cães. No terreno mais suave, ele os colocava para correr; quando o caminho era difícil, ele acoplava raquetes de neve ao trenó, guiando-o sobre a neve com crosta.

Quando Wynn me contou sobre o seu dia enquanto nos acomodamos em frente à nossa lareira naquela noite, me vi quase com inveja dele. Parecia emocionante e até divertido correr ao longo da trilha de neve atrás dos cães de trenó. Wynn deve ter percebido o entusiasmo nos olhos, pois ele me surpreendeu alguns dias depois.

— Quer dar uma voltinha?

Eu olhei pela janela. O dia estava cheio de luz do sol, o vento não estava mais soprando e a neve que repousava sobre o campo parecia uma cena de cartão de natal da *Currier and Ives*.

— Vou voltar para verificar Mary Louca.

— Temos que chamá-la de Mary Louca? — Questionei.

Wynn sorriu.

— Existem quatro Marys na região: Pequena Mary, Velha Mary, Mary do Joe e Mary Louca. Todos se referem a elas assim.

— Bem, eu não gosto disso. É degradante.

— Você está certa. Mas, pelo que ouvi, os vizinhos dela provavelmente estão certos. Eu acho que ela tem problemas mentais. Parece que começou quando ela perdeu seus filhos em uma epidemia de varíola. O marido estava ausente na época e Mary estava sozinha. Ela assistiu a morte dos cinco, um de cada vez. Ela não é mais a mesma desde então. Se ela estivesse em uma de nossas áreas civilizadas, teria sido institucionalizada e cuidada. Aqui, ela ainda está sozinha. Ela não se importa com as pessoas e não recebe ajuda quando é oferecida. De vez em quando, se o tempo está realmente ruim, um ou outro dos homens deixa um pouco de carne à sua porta. Eles nunca receberam agradecimento, mas a carne desaparece; então eles presumiam que ela pegava.

Senti pena de Mary. *Que maneira terrível de viver! Que horrível maneira de ser conhecida*, eu lamentei. Eu nunca a tinha visto, mas tinha certeza de que se as pessoas realmente tentassem, algo poderia ser feito.

— Você não respondeu à minha pergunta —, a voz de Wynn interrompeu meus pensamentos.

— O passeio? Eu adoraria, embora não tenha ideia do que você tem mente.

— Quero dar uma atenção especial ao problema de Mary. Também planejo ver se Smith está em casa. Gostaria de ficar com dois ou três dos filhotes.

Então meu rosto se iluminou.

— Adoraria —, disse novamente.

— Vou buscar os cães. Use as roupas mais quentes que você tem. Aquela calça velha é uma obrigação.

Corri para me arrumar. Não queria deixar Wynn esperando. Peguei emprestado um par das longas ceroulas de Wynn e puxei a calça velha sobre elas. A combinação dos dois significava que eu mal podia me mexer. Também peguei emprestadas as meias de lã de Wynn e vesti meu próprio suéter pesado.

Me preocupei com o que calçar. Tudo o que eu tinha eram as velhas botas de caminhada, e o bom senso me disse que não manteriam meus pés quentes.

Wynn logo retornou, deixando os cães deitados em círculo no chão e veio até mim. Eu ainda lutava com as botas pesadas.

— Aqui —, disse ele, — acho que estes serão muito mais quentes.

Ele me entregou um par de lindos mocassins indígenas forrados de pele com desenhos elaborados em trabalhos com miçangas e penas, e eu exclamei quando os peguei:

— Eles são maravilhosos! Onde você os conseguiu?

— Encomendei da Sra. Sam. Sabia que você precisaria de algo mais quente para os seus pés. Felizmente ficaram prontos esta manhã.

— Eles são tão bonitos —, continuei.

— Eles são bonitos —, concordou Wynn. — E quentes.

Peguei a dica de que eles eram mais para calçar do que para admirar, e me apressei. Então, colocando minhas luvas pesadas, segui Wynn até o trenó.

Como não conseguia manobrar os esquis, tive o privilégio de andar. Wynn corria ao meu lado ou atrás de mim, gritando ordens para os cães.

Eles obedeceram imediatamente. Talvez os cães de “segunda mão” de Wynn não fossem tão ruins. Eles certamente se comportaram melhor nos arreios do que fora deles. Eu estava começando a respeitá-los enquanto deslizávamos sobre a neve de inverno.

— Isto é divertido! — Gritei para Wynn quando o trenó voou sobre uma ligeira elevação na trilha. Ele riu da minha empolgação infantil.

Chegamos a uma área onde o vento varreu o caminho, deixando a neve com apenas alguns centímetros de altura.

— Você gostaria de andar um pouco? — Wynn me pediu. Pulei do trenó e parti para segui-lo a pé.

Os cães teriam me deixado para trás se eu tivesse caminhado devagar. Eu tinha que correr. Poderia dizer que Wynn estava segurando a equipe com seus comandos. Ainda assim, eles pareciam ganhar terreno. Eu corri mais rápido, mas era difícil continuar com todas as roupas que eu estava vestindo. Wynn logo parou o bando, e eu voltei para o trenó aos risos.

Eu estava sem fôlego e ofegante, mas tinha sido bom para mim.

Wynn encontrou Mary Louca trabalhando em suas armadilhas. Ela era uma mulher pequena. Muito pequena para lidar com esse trabalho masculino, pensei, e minha preocupação por ela aumentou.

Ela tinha cabelos pretos e lisos que haviam sido cortados na altura do queixo. Sob o sol da manhã, ela usava o capuz da jaqueta e o cabelo dela continuava caindo para frente, cobrindo seu rosto. Ela espiou de entre os fios, com seus olhos negros e brilhantes. Havia algumas cicatrizes em seu rosto, e eu percebi que de alguma forma ela havia sobrevivido à epidemia de varíola. Nas costas, ela carregava

uma espécie de saco de peles, e eu podia ver pedaços saindo dela. Aparentemente, Mary Louca esfolou os animais exatamente onde os encontrou, depois jogou de lado as carcaças e enfiou o pêlo no saco. Wynn me disse que assim que o caçador voltava para sua cabana, ele limpava e esticava as peles em uma moldura de madeira para secagem. Mary Louca ainda teria trabalho a fazer quando chegasse em casa ao final do dia.

Fiquei perto do trenó enquanto Wynn falava com ela. Não pude ouvir a conversa deles. Mas poderia dizer que ela ainda estava agitada. Ela agitou os braços e bateu os punhos e depois deu um grito como um animal ferido. Eu não sabia se ela estava dando a Wynn uma demonstração de algo que aconteceu ou apenas expressando seus sentimentos.

Depois de alguns minutos, Wynn voltou ao trenó.

— Bem? — Eu perguntei.

— Ela ainda diz que alguém está avançando em seu território.

— Você concorda?

— Eu não sei. É difícil dizer quando realmente não há linhas visíveis, em primeiro lugar.

Acenei para Mary Louca quando nos afastamos. Lá estava ela, uma pequena mulher solitária lutando contra os elementos e um inimigo desconhecido e invisível. Eu senti pena dela. Me recusei a me referir a ela como “louca”. Se ela tivesse que ser identificada, eles poderiam chamá-la de Mary Valente ou Mary Caçadora. Não havia necessidade de chamá-la de Mary Louca.

Na cabana de Smith, seus cães estava amarrada no quintal e começaram a uivar e quando nossa matilha apontou. Ele apareceu à porta. Vendo o uniforme de Wynn sob seu casaco, ele acenou para que entrássemos. Não acho que ele recebia muitos visitantes.

Ele não gostava muito de conversar, mas sorriu e preparou um bule de chá muito forte e quente.

Bebemos devagar. Tive a honra de ocupar a única cadeira na sala, e os homens ficaram meio agachados, apoiados na parede da cabana.

Eles conversaram sobre fronteiras, peles e economia. Eu não participei. Estava muito ocupada assistindo a ninhada de filhotes que nos ignoraram e continuaram a brincar. Que bolinhas fofas eles eram, com brilho nos olhos e caudas encaracoladas. Era difícil acreditar que poderiam crescer até se tornarem cães barulhentos, briguentos e cruéis. Eles já eram de bom tamanho, e sabia que eles estavam bem além do estágio de desmame.

Depois de alguns minutos, Smith pareceu sentir que já havia tido conversa fiada o bastante.

— Então, o que o traz para estas bandas, sargento? — ele perguntou a Wynn.

Parte do trabalho de Wynn era reunir informações onde pudesse, e outra parte, era espalhar um pouco de informação também.

— Mary relatou que alguém está se aproximando um pouco demais das armadilhas —, disse Wynn, estudando cuidadosamente a reação do homem.

— Aquela louca! Foi ela quem aumentou seu território. Ela administra mal suas armadilhas há anos; e agora que ela não consegue encontrar os animais, ela está mudando as trilhas. Você viu onde ela conseguiu suas armadilhas?

Wynn concordou.

O caçador tirou um mapa desenhado à mão da prateleira no canto e espalhou sobre a mesa.

— Olha aqui —, disse ele, agitado. — Este aqui é o meu território por anos. Vai bem ao longo do rio aqui, segue para o norte por aquele banco de pinheiros, segue o desenho, abaixo para aquela pequena represa de castor, vira para oeste aqui e volta ao longo desta cadeia de colinas. Todo caçador no território sabe que essas são minhas fronteiras. E daí o que ela faz? Ela está escondendo armadilhas aqui e algumas aqui. — Ele apunhalou o mapa pontuando cada afirmação. — E, na última vez que estive fora, ela ainda tinha um par delas aqui.

Estava claro que Smith estava chateado.

— Se ela não fosse mulher —, o homem explodiu, — e ainda por cima louca, eu... — Mas ele não terminou a declaração.

Wynn continuou a estudar o mapa.

— Vou checar —, ele disse, calmamente. — Está claro que precisamos descobrir quem está invadindo o território de quem.

Então Wynn voltou sua atenção aos filhotes que latiam e brigavam de brincadeira no chão de terra.

— Estou procurando por novos cães de trenó —, disse ele. — Ouvi que você cria bons animais. Eles parecem muito bons para mim. Planeja vendê-los?

Foi a primeira vez que Smith sorriu, se abaixou e pegou um filhote fofo que o recompensou mordendo seu polegar. Ele esfregou o pelo denso das costas e puxou suas orelhas de brincadeira.

— Detesto, mas preciso. Tenho todos os cães de trenó que preciso. Outra ninhada deve vir em algumas semanas. Em qual você está de olho?

Eu sabia em qual estava de olho. Era um rapazinho com uma cauda cheia e fofa que se enrolava atrás de si. Ele era cinza prateado com olhos negros brilhantes, uma pegajosa língua vermelha e estava lambendo a neve das minhas botas.

Eu esperei sem fôlego que Wynn nomear seu cachorro.

— O que você acha, Elizabeth? — ele me surpreendeu. — Quais você escolheria?

— De quantos você precisa?

— Pensei em começar com dois.

— Para cães de trenó?

— Para que mais precisamos deles?

Abaixei-me e peguei o filhote fofo. Ele se virou lambendo minhas botas e começou a lamber minhas mãos. *Acho que ele gosta de mim*, eu exultei.

— Bem, eu estava pensando que não seria uma má ideia ter um cachorro em casa. Quero dizer, seria companhia e...

— Você quer um cachorro?

Não hesitei. Em vez disso, respondi com a mesma intensidade

com que ele fez sua pergunta incrédula.

— Sim.

Ele riu com prazer.

— Eu pensei que você tinha medo de cães.

— Os do vilarejo, sim. Eles latem e rosnam quando você passa. Mas em geral eu gosto de cães. De verdade. Um cachorro meu, lá na cabana, pode me fazer sentir bem menos solitária e mais segura quando você estiver fora.

Wynn podia ver que eu realmente queria o filhote.

— Ok —, ele sorriu. — Você, primeiro.

— Eu primeiro?

— Você escolhe primeiro.

Isso não foi problema para mim. Eu segurei o filhote que já estava em meus braços.

— Este —, eu disse sem um momento de hesitação.

Smith e Wynn estavam sorrindo para mim quando olhei para cima.

— O que você acha, Smith? — perguntou Wynn provocando.

— Acho que a pequena dama te venceu —, sorriu Smith.

Eu devo ter parecido intrigada.

— Eu também acho. Escolheu o melhor do grupo. Eu estava de olho naquele cão para liderar. — Wynn estendeu a mão e acariciou o pêlo de filhote. Ele rosnou de brincadeira e deu uma patada na mão dele.

Me senti muito feliz comigo. Tinha escolhido um vencedor! Ainda assim, se Wynn o quisesse para líder, talvez eu devesse...

— Fique com ele, se quiser — falei, oferecendo o filhote. — Você precisa dele. Eu apenas quero.

Wynn levantou a mão do filhote e tocou minha bochecha.

— Pode ficar com ele. Eu acho que ele será perfeito para você. Existem muitos outros para eu escolher. Eles também parecem bons para um trenó de cães.

Wynn escolheu dois. Eram lindos cachorrinhos também, mas fiquei feliz por poder escolher primeiro. Wynn pagou Smith, empacotamos nossa carga de filhotes e fomos para casa.

Os filhotes não eram fáceis de transportar. Wynn se saiu melhor. Ele os colocou em uma mochila deixando apenas suas cabeças peludas para fora e prendeu-os nas costas. Eles assistiam, com os olhos arregalados, enquanto nós corremos pela trilha.

Meu amiguinho era mais difícil. Insisti em carregá-lo no colo. Ele não gostava de ser confinado, e se mexia, se contorcia, choramingava e latia. Estava prestes a desistir dele quando decidiu que já teve o suficiente, se enrolou e foi dormir.

Mantive minha mão nele, acariciando suavemente seu pêlo macio. Estava muito feliz por finalmente ter meu próprio cachorro. Sendo criada na cidade, meus pais pensavam que nossa casa e quintal eram muito pequenos para animais de estimação. Acho que secretamente sempre quis ter um. Talvez por isso me diverti com o pequeno rato, Napoleão, pelo pouco tempo que esteve comigo na casa dos professores. E agora eu tinha um cachorro! E seria um cachorro lindo.

Eu mesma lhe daria um nome. Comecei a procurar nomes em minha mente. Um cachorro assim deve ter um nome bastante majestoso, como Rei ou Príncipe ou Duque. Mas eu os rejeitei, por serem muito comuns.

De repente, pensei em algo. Me virei levemente no trenó.

— Wynn —, gritei contra o zunido das lâminas do trenó e o latido dos cães. — Preciso de um nome de menino ou de menina?

Ele riu quando me respondeu:

— Um nome de menino, Elizabeth.

Capítulo 24 – A adaptação

Chamei meu cachorro de Kip. Se alguém tivesse perguntado, realmente não saberia explicar o porquê. Apenas parecia lhe servir de alguma maneira. Ele era uma coisinha inteligente e Wynn disse que nunca era cedo demais para começar seu adestramento. Então eu comecei. Eu não sabia muito sobre adestrar cães. Wynn me disse que a obediência era de primordial importância. Um cachorro, para ser útil e companheiro, deve ser obediente. Wynn me deu dicas e, à noite, se os deveres não o chamassem, ele trabalharia comigo e com o cachorrinho.

Foi incrível a rapidez com que Kip cresceu. Um dia ele era um filhote fofo, e no dia seguinte parecia um cão grande atrevido. Ele passou de fofo para bonito. Seu rabo se enrolava acima do pêlo escuro de pontas prateadas. Ele era curioso, sensível e aprendia rápido.

Eu o amei imediatamente e ele me ajudava a preencher meus dias. Ciente de suas necessidades físicas e emocionais, minha própria vida foi enriquecida. Kip precisava de exercício, então eu o levava para passear, me agasalhando contra o frio. Era uma boa maneira de fazer meu exercício, também.

Quando a neve ficou mais alta e mais intransponível, pedi sapatos de neve para que pudesse continuar com o programa diário de exercícios.

Wynn trouxe um par e me ensinou a usá-los. Eles eram muito mais difíceis de calçar do que parecia quando Wynn me mostrou. Levei muitos tombos na neve no processo de aprendizado. Kip pensou que era um jogo; cada vez que eu caía, ele estava lá para lambear meu rosto e espalhar neve no meu pescoço.

Por fim, peguei o jeito dos sapatos de neve. O frio ou a neve não me mantinham mais confinada. Eu andei pelas trilhas do rio, pelas linha de árvores a oeste e ao povoado. Sempre que ia à sede com Kip, o pegava e o carregava. Ele estava ficando pesado e também estava ficando impaciente comigo. Ele odiava ser carregado; queria correr.

Mas eu estava com medo de todas as brigas de cães que eu tinha visto nas minhas idas ao vilarejo. Eu não queria que Kip fosse atacado. E então, com o passar das semanas, cada vez que nossos passeios incluíam a sede, ou o estudo bíblico de Nimmie, pegava no colo meu cão reclamão que não parava de crescer.

Me perguntei quanto tempo mais eu poderia lidar com aquilo. Ele odiava ficar preso em casa, e eu odiava deixar Kip sozinho. Imaginei que eventualmente todas as nossas caminhadas teriam que se direcionadas para a floresta, longe dos cães do vilarejo.

Com o passar das semanas, mais neve se amontoou ao nosso redor. As pessoas começaram a se preocupar com alimentos e suprimentos de madeira. Direcionaram toda a sua atenção e tempo para fornecer uma refeição ou duas ao dia e manter suas casas razoavelmente aquecidas.

O Natal parecia irreal para mim. Não houve festa na vila, deixaram de lado esse dia importante. Wynn e eu comemoramos em silêncio em nossa casa. Lemos a história de Natal, e eu derramei algumas lágrimas de solidão. Tentei não deixar que Wynn as visse, mas acho que ele estava desconfiado. Não tivemos um peru de natal, com todas as guarnições. Tivemos, em vez disso, um assado de veado e torta de mirtilo feita com as frutas que eu havia colhido e enlatado. As índias secaram a delas, mas eu não sabia nada sobre o processo de secagem. Além disso, pensei que preferiria a fruta enlatada; na minha maneira de pensar, elas estavam deliciosas naquela torta do jantar de Natal.

À tarde, Wynn sugeriu que levássemos Kip para correr. Foi divertido sairmos juntos, mas estava muito frio, então não ficamos fora por muito tempo. Acho que até Kip ficou feliz quando voltamos para a cabana aquecida pela lareira.

Logo estaríamos começando um novo ano. Repetidamente, Wynn tinha que nos desenterrar de uma nova nevasca pela manhã. Se não fosse por Kip, estou certa de que nunca teria saíria da minha cozinha. Ele choramingava e corria até a porta, tentando nos convencer a sair.

De vez em quando, os caçadores traziam carne para suas famílias.

As mulheres complementavam com alguma pesca do rio gelado nas proximidades. Era um trabalho frio e miserável; e meus ossos doíam por elas.

Crianças e mulheres saíam frequentemente para buscar madeira da floresta próxima. Me perguntava por que eles não se preparavam para o inverno, empilhando um bom suprimento de lenha. A maioria dos índios se unia quando eles precisava, e era uma grande tarefa manter o fogo aceso dia e noite.

Ainda me encontrava para os estudos com Nimmie e Srta. McLain, embora ela ainda fosse fria. Ela parecia muito amarga e desconfortável. Pouco a pouco eu conheci sua história. Ela ficou órfã aos três anos; Ian tinha cinco, na época. Uma boa família sueca no Leste teve pena das duas crianças e as criou junto com seus seis filhos. Eles foram tratados com gentileza, mas a família era pobre e frugal, e todas as crianças eram obrigadas a trabalhar precocemente.

Educação era uma coisa que a família achava importante, então todas as crianças puderam frequentar a escola local até onde as séries iam. Quando chegavam à adolescência, ficavam por conta própria. Quando Ian deixou a família, tornou-se aprendiz de comerciante em uma cidade vizinha, trabalhando como contador e estoquista. O homem era alemão; Ian morava com ele e aprendia a língua.

Katherine estava decidida a ser professora, e então encontrou emprego na casa de um médico como empregada doméstica e tinha aulas sempre que podia.

A dona da casa era impossível de agradar, e a jovem Katherine frequentemente se via vítima de acessos de fúria. Ela teria ido embora, se tivesse para onde ir. Por fim, seus estudos foram concluídos e ela conseguiu uma vaga em uma escola local. A esposa do médico subitamente percebeu que estava perdendo uma boa ajuda e tentou impedir a Srta. McLain de conseguir o emprego.

Não deu certo. Senhorita McLain foi contratada e saiu de casa para uma pensão. Havia também um rapaz na pensão; depois de alguns meses, eles se atraíram e, ficaram noivos. Srta. McLain conheceu a felicidade. Pela primeira vez desde que se lembrava, ela

tinha um emprego que amava, um salário do qual poderia viver e, o mais importante, alguém para amá-la.

O rapaz também parecia feliz e estava ansioso pelo casamento. A Srta. McLain disse a ele que teria que esperar até ela poder comprar seu vestido e todas as outras coisas que precisava. Ele declarou que odiaria esperar mais tempo e, em seguida, veio com um plano adorável. Sua irmã morava na cidade e ele tinha certeza de que ela ficaria muito feliz em ajudá-los.

Eles entraram em um bonde e foram ver a irmã. Srta. McLain estava animada. Se o John dela estava certo ao assumir que sua irmã ajudaria, ela logo seria uma mulher casada, com seu próprio marido e lar.

Quando o bonde parou e eles caminharam a curta distância até a casa da irmã, a Srta. McLain ficou perplexa! Alguma coisa deveria estar errada. Eles estavam na casa da sua antiga patroa!

Eles entraram e as coisas não foram bem. Não só a zangada mulher se recusou a ajudá-la, como também se enfureceu e falou sobre sua desonestidade, seu mau humor, sua preguiça e até seu má fama. John apenas ficou ali, como uma estátua, sem nem ao menos defender sua Katherine.

No final, o rompimento entre eles foi tão grande que não pôde ser reparado, e John cancelou o noivado. Srta. McLain deixou sua escola e seus sonhos para trás e foi viver com seu irmão, que já morava no Norte.

Ela jamais enterrou sua amargura. Durante seus vinte anos no Norte, ela a alimentou, até que se tornou uma ferida terrível e profunda em sua alma. Ela estava infeliz; ela merecia ser infeliz; eu acho que ela até gostava de ser infeliz; e ela fazia um ótimo trabalho deixando as pessoas ao seu redor infelizes também.

Apesar de sua amargura e desgosto com a vida, comecei a gostar da Srta. McLain. Eu sentia compaixão e raiva dela. Outras pessoas também sofreram; outros também foram tratados injustamente. Isso era comum. Não havia nenhuma razão para que Srta. McLain não conseguisse sair de sua miséria, se ela decidisse fazê-lo. Nimmie

sempre foi paciente e amorosa com ela. Srta. McLain, por sua vez, era maldosa e cortante com Nimmie. Ela não se incomodava muito comigo. Talvez pensasse que não valia a pena, ou talvez achasse que eu não seria intimidada por ela; não sei.

Apesar da dificuldade, conseguimos prosseguir com a nosso estudo bíblico. Enquanto estudávamos as lições, eu sentia uma verdadeira mudança em Nimmie.

Havia uma ansiedade, uma suavidade, uma abertura que realmente me emocionava. Ela ficava muito decepcionada quando uma tempestade impedia nosso encontro. Depois de numa manhã de estudo, ela sempre compartilhava com Ian, à noite, as coisas que aprendia. Fiquei surpresa e encantada por Ian parecer interessado no que Nimmie lhe dizia. Ele também parecia ansioso para ouvir a verdade da Palavra de Deus.

Em meados de janeiro, uma forte tempestade desabou. Em toda a minha vida eu nunca vira tanta neve cair em tão pouco tempo. Eu estava preocupada com Wynn; ele estava em algum lugar, lá fora, nessa brancura, com seu trenó de cães. Eu sabia que os cães tinham um senso de direção incomum, mesmo em um tempestade, contudo, orei o dia todo para que os animais não nos decepcionassem.

A temperatura baixou e a água na bacia voltou a congelar. Eu trabalhei duro para manter a cabana aquecida, alimentando o fogo regularmente. Kip choramingou na porta para corrermos juntos, mas eu o coloquei para fora. Ele insistia tanto que, às vezes o enviava por alguns minutos sozinho. Eu ainda não o havia deixado sair sozinho antes e estava com medo de que ele não voltasse. Mas ele logo estava chorando à porta para entrar na cabana quente.

Alimentei Kip e fiz chá para mim. Wynn ainda não chegava.

Estava escuro lá fora quando houve uma batida na porta. Eu corri com meu coração na garganta. Quem poderia ser? Wynn não bateria na sua própria porta. Quem mais viria e por quê? Algo aconteceu com Wynn?

Mas era Wynn, trazia um embrulho nos braços. Escancarei a porta para ele.

— É Mary Louca —, disse ele. — Ela estava sozinha em sua cabana sem calor e sem comida.

Corri à frente de Wynn e tirei as almofadas da cama para abrir espaço para ela. Ele abriu os cobertores, e ela estava tremendo. Por um momento me perguntei se se ela estava consciente, e então suas pálpebras tremeram e ela olhou para nós. Eu sorri, mas não fui retribuída.

— Tem alguma comida pronta? — perguntou Wynn.

— Tem sopa na panela e acabei de fazer chá.

— Um pouco de sopa. Não muito. Vou ter que alimentá-la.

Enquanto fui buscar a sopa, Wynn terminou de separar os cobertores de Mary e agora ele tirava os mocassins e as peles em volta de seus pés. Ele estava trabalhando nos pés dela quando vim com a sopa. Ele tentou pegar a tigela, mas indiquei seus pés.

— Vou alimentá-la —, eu disse. — Cuide dos pés dela.

A princípio, ela recusou a sopa na colher; mas quando gotejei um pouco em sua boca, ela a abriu levemente e pude lhe servir mais. Ela engoliu várias colheradas antes de eu decidir que já era o suficiente.

— Devo oferecer-lhe um chá? — Perguntei a Wynn.

— Um pouco —, ele respondeu; peguei uma xícara de chá e coloquei um pouco na boca da mulher.

Ela ainda tremia. Eu nunca tinha visto alguém sentir tanto frio. Eu busquei mais cobertores.

Arrumamos uma cama para Mary e cuidamos dela durante toda a noite. Várias vezes acordei e vi que Wynn tinha se levantado. Ele estava inclinado sobre a velha, dando sopa quente ou massageando seus pés congelados.

Os dias seguintes foram dedicados ao cuidado de Mary. Os dedos dos pés incharam a um tamanho perturbador. Não parecia haver mais que pudesse ser feito por eles. De hora em hora eu a alimentava com uma colherada. Ela agora comia com mais entusiasmo, embora ainda não conseguisse se alimentar sozinha.

Eu sabia que ela podia falar, mas não falava comigo. Tinha

ouvido Mary conversando com Wynn no dia em que a visitamos em sua trilha de caça. Ela tinha falado bastante. Eu sabia que o silêncio dela agora, não era porque não conseguia falar, mas porque optou por não falar. Qualquer que fosse o motivo, decidi respeitá-la. Ah, eu falava com ela. Eu falava enquanto a alimentava e cuidava de seus pés. Conversava com ela sobre o clima enquanto me movia pela casa, lavando a louça ou alimentando o fogo. Falava com ela, como conversava com Kip, incluindo-a em minhas atividades, mas sem esperar resposta.

Ela estava deitada na cama, seus olhos negros observando cada movimento que eu fazia; mas ela não dizia nada.

Quando o pior da tempestade havia passado, a Sra. Sam e a Estrela da Noite vieram para o chá. Fazia algumas semanas desde que tive a companhia delas, e fiquei muito feliz em vê-las. Suspeitava que elas tivessem vindo para ver Mary.

Elas podem ter vindo, mas se o fizeram, certamente o mantiveram em segredo. Depois de um olhar na direção da mulher, elas a ignoraram completamente. Atravessaram para a minha mesa da cozinha onde sabiam que seriam servidas, e sentaram-se.

Elas conversaram sobre a tempestade, a necessidade de madeira para o fogo, a dificuldade na pescaria - se comunicando principalmene com acenos e mãos expressivas, embora tenham acrescentado uma palavra aqui e ali. Estrela da Noite brincou com Kip, e parecia gostar do meu cachorro. Os indígenas não estavam acostumados a ter cachorros em casa, e deve ter parecido estranho para ela.

Quando se levantaram para sair, eu as segui até a porta.

— Mary está melhorando muito —, eu disse calmamente, para introduzir na conversa o assunto de sua estadia conosco. — Em alguns dias, nós esperamos que ela consiga sentar um pouco.

Não houve resposta.

— Assim que ela puder se sentar, achamos que ela será capaz de se alimentar sozinha e, em breve, ela poderá se locomover novamente. Vai demorar um pouco, mas ela está melhorando.

Eu não tinha certeza de quantas das minhas palavras em inglês as

duas mulheres entenderam, então usei gestos para acompanhá-los.

A Sra. Sam estava balançando a cabeça. Ela virou-se para a porta e me olhou.

— Não ficar —, disse ela claramente.

— Oh, ela deve ficar —, persisti. — Ela ainda precisa de muitos cuidados. Ela provavelmente não poderá cuidar de si mesma por muitos dias.

Mas a Sra. Sam ainda balançou a cabeça.

— Não ficar —, ela insistiu. — Ela vai logo.

A Sra. Sam estava certa. Quando acordamos na manhã seguinte, Mary não estava lá. Como ela conseguiu se arrastar de nossa casa e voltar para a sua cabana, jamais saberei. Ela estava tão fraca e seus pés tão inchados, e ainda assim ela se foi. Wynn foi imediatamente atrás dela.

Ela já estava em casa - sentada em sua cabana fria, enrolada em seus escassos cobertores. Ela se recusava a sair.

Ele juntou lenha, acendeu uma fogueira e fez uma xícara de chá com os suprimentos que sempre carregava. Então passou a manhã reunindo um suprimento de madeira para ela. Ele saiu com seu rifle e foi recompensado em sua caçada com um cervo que limpou e pendurou em uma árvore perto da cabana de Mary. Preservado pelo frio, ele forneceria carne por muitas semanas para a mulher solitária. Ele lhe deu instruções sobre como cuidar de seus pés, descarregou todo o suprimento de comida que levava e a deixou.

Chorei quando Wynn me contou. Senti muito pela pequena mulher solitária.

— Não há mais nada que possamos fazer —, Wynn me confortou. — Se nós a trouxermos de volta, ela fugiria novamente; e da próxima vez ela pode não conseguir.

Eu sabia que ele estava certo. Ele fez o melhor que podia por Mary.

Esperávamos que fosse o suficiente para mantê-la viva.

Capítulo 25 – A tempestade

Uma tempestade após a outra atingia o pequeno povoado. Vivíamos um dia de cada vez, aceitando o clima como estava. Nos dias bons, quando o vento se acalmava, eu saía com Kip. Nos dias de neve e vento, tremia e ficava dentro de casa. Passei a detestar o vento. Ele não só era frio e infeliz, mas aprisionador e, como eu logo aprenderia, mortal.

Em uma manhã de ventania, Wynn voltou da Sede de Hudson Bay, onde ele foi buscar alguns suprimentos necessários e informou que teria que fazer uma viagem ao sul.

— Hoje? — Eu perguntei incrédula. Estava muito frio. O vento frio deve ter baixado a temperatura para uns 10 ° ou menos.

— Agora —, respondeu ele, — devo sair assim que preparar os cães.

Wynn entrou na cabine por tempo suficiente para adicionar algumas roupas extras ao que ele já estava vestindo e para embalar seu saco de suprimentos com mais alimentos e equipamentos médicos. Senti o pânico tomando conta de mim quando notei suas precauções. Parecia que ele esperava contratempos.

— Eu não posso voltar para casa hoje à noite, Elizabeth —, disse ele, me endireitando e me puxando para seus braços. — Não se preocupe comigo. Existem várias barracas de caçadores ao longo da trilha e, se a tempestade piorar, posso me esconder. Você tem tudo o que precisa?

Eu? Eu estava bem. Era ele quem estava saindo para a tempestade.

Wynn verificou o suprimento de madeira.

— Há muito mais madeira empilhada do lado de fora da porta se essa acabar —, ele me informou. — Não saia da cabana até ter certeza que a tempestade acabou. E então, se você sair, não deixe de levar Kip.

Assenti. Parecia que ele estava planejando ir embora para sempre! Lágrimas brotaram nos meus olhos.

— Vou ficar bem —, disse ele, limpando as lágrimas com ternura.
— Eu amo você.

Tentei dizer a ele que também o amava; mas foi difícil encontrar as palavras. Minha garganta estava apertada e seca.

— Para onde você está indo? — Finalmente consegui perguntar.

— Chegou a notícia de que um caçador perto de Beaver Falls não tem sido visto por algumas semanas. Um amigo diz que ele sempre vai em sua casa para um jogo de cartas na sexta à noite, mas há duas semanas que ele não aparece. Ele está preocupado.

— Ele não tem cabana?

— Eles deram uma olhada. Ele não está lá.

— Se ele se foi por duas semanas —, eu disse, irritada, — por que alguém não denunciou isso antes - quando o tempo estava bom?

— Eu não posso responder isso; mas já foi notificado e tenho que ir.

Eu estava com raiva do caçador descuidado. Estava aborrecida com ele e com o amigo que deixou passar tanto tempo sem avisar. Eu estava até um pouco chateada com Wynn por levar seu dever tão a sério. Com certeza seria mais sensato esperar até que o tempo melhorasse.

Dei-lhe um beijo de despedida e o soltei, porque não havia nada mais que pudesse fazer. Nem Kip conseguiu me ajudar a preencher o longo dia. Falei com ele, o alimentei e acariciei, mas meu coração estava em Wynn. *Espero que ele chegue em casa antes do anoitecer, angustiei-me.*

A noite chegou e, Wynn, não. Sentei-me, enrolada em um cobertor e enfiada entre travesseiros, em nossa cama. Kip aconchegou-se aos meus pés levantando a cabeça de vez em quando para ouvir atentamente os sons da noite.

Ouvi o uivo de um lobo através do vento, e Kip também. Ele mexeu-se inquieto, mas não respondeu ao uivo.

Cuidava do fogo atentamente. Se Wynn retornasse - não, *quando* Wynn retornasse - ele estaria gelado e precisaria do calor.

Cochilei de vez em quando; cada vez que acordava, esforçava-me para ouvir passos se aproximando da cabana. Eles não vinham. Com a manhã se aproximando, eu finalmente desisti e adormeci.

Acordei e encontrei a cabana chacoalhando bastante com o vento. O fogo estava quase apagando, e rapidamente coloquei mais lenha para avivá-lo. O vento parecia gritar através de cada fresta da nossa casinha. A temperatura caía ainda mais e a neve rodopiava ao redor da cabana. Até Kip parecia desconfortável.

Durante todo o dia mantive o fogo aceso. Eu sabia que logo estaria buscando lenha na provisão lá de fora. Me perguntava sobre as famílias indígenas.

Eles não estavam tão bem abastecidos de madeira quanto eu. Certamente agora eles teriam esgotado seus suprimentos. Queria que houvesse alguma maneira de trazê-los para o calor e proteção da nossa cabana.

Com os dedos, abri uma brecha no gelo da janela e olhei para fora. Não conseguia ver as construções do assentamento. Nem mesmo conseguia ver a bétula que crescia a cerca de cinco metros da porta.

Tudo o que pude ver foi a neve furiosa e agitada.

Tentei beber uma xícara de chá, mas minhas mãos tremiam quando levantei o copo à minha boca. Eu estava à beira das lágrimas, mas sabia que lágrimas não fariam bem.

Alimentei o fogo, orei, andei pela casa, orei, li minha Bíblia, orei; e, de alguma forma, este longo segundo dia de tempestade passou, uma hora de cada vez.

Outra noite, e Wynn ainda não tinha chegado. Mais uma vez eu não fui para a cama. Kip gemeu inquieto e pressionou o nariz contra a minha mão. Eu acariciei seu pêlo rico e macio e falei com ele em tons carinhosos, mas não consegui impedir que minhas lágrimas caíssem quando fiz isso.

De alguma forma, conseguimos passar por mais uma noite. Acordamos para mais um dia de neve e vento. Pensei que não

aguentaria mais. O vento estava me deixando maluca com seu uivo incessante. Me agarrei à minha Bíblia e orei até me sentir totalmente exausta. No meio da manhã, depois de ler, prantear e orar pelo que pareceram horas, adormeci.

Os longos dias e noites sem dormir cobraram seu preço, e meu corpo exigia um pouco de descanso, mesmo que minha mente lutasse contra isso.

Quando acordei, mal podia acreditar no que via. Sol! O vento parou. A neve não estava mais caindo. A tempestade tinha passado. Eu queria gritar; queria correr. Eu queria sair do confinamento da minha cabana e ver gente. Como todos se saíram na tempestade? E eu me perguntava sobre Wynn. Agora que a tempestade acabou, ele logo estaria em casa. Eu deveria ter uma refeição quente pronta para ele.

Foi então que percebi que o fogo não estava mais queimando. Eu devia reacendê-lo rapidamente. Tinha apenas mais alguns pedaços de madeira que havia trazido de fora, mas havia muito mais perto da porta. Corri para pegar um pouco. Mas não consegui abrir a porta. Empurrei de novo, sem entender; mas não dava. A neve! Ela tinha nos prendido. Tentei novamente. Certamente não ficaríamos fechados aqui por longo tempo. Certamente, com força suficiente, eu poderia abrir. Tentei de novo e mais uma vez, mas a porta não se mexia.

Deixei o fogo no fogão da cozinha apagar e apenas mantive a lareira queimando para economizar o pouco combustível que eu tinha. Wynn estaria em breve aqui. Certamente o combustível duraria até então. Quando chegasse, ele iria nos desenterrar e tudo ficaria bem novamente.

Mas o dia passou e Wynn não chegou.

Fui até minha janela e arranhei um local para olhar para o assentamento. Eu podia ver a fumaça subindo das cabanas. Havia movimento de pessoas e cães entre as construções. Tentei acenar mas sabia que isso era tolice. Não havia como alguém detectar uma mão acenando na minha pequena janela coberta de gelo. Coloquei o último pedaço de lenha no fogo e esperei novamente. *Certamente Wynn logo estará aqui*, eu disse a Kip, calmamente.

O fogo ardia. Me envolvi em cobertores e me aconcheguei na cama. Mesmo assim, estava frio. Comecei a temer por minhas mãos e pés.

Peguei o tapete de pele pesada do chão e me envolvi nele também. Era grosso, mas oferecia alguma proteção. Kip choramingou para sair, mas não havia como. Pensei em tentar empurrá-lo pela janela, esperando que ele pudesse correr para o assentamento e atrair a atenção de alguém em relação à minha situação.

Mas a janela era pequena demais para o corpo quase adulto de Kip.

A noite estava chegando novamente. Me envolvi da melhor maneira que pude e tentei dormir. Adormeci orando.

Lembro-me vagamente de me mexer uma ou duas vezes durante a noite, sentindo o frio terrivelmente. No meu estado entorpecido, eu não conseguia entender a razão para o frio. Kip também se agitou, e puxei mais os cobertores firmemente ao meu redor e cochilei novamente, Kipp enrolou-se aos meus pés.

Ele era pesado, mas eu não o toquei.

— Olá! Olá! — uma voz finalmente me trouxe à consciência. Lutei para sair debaixo do cobertor e corri para a porta.

Ainda não abria.

— Não consigo abrir a porta —, gritei o mais alto que pude. Ouvi pás, então. Alguém estava nos desenterrando. Era Sr. McLain e alguns índios. Fiquei feliz em vê-los, mas fiquei decepcionada por Wynn não estar com eles. Quando a porta estava finalmente liberada o suficiente para eles entrarem na casa, minha primeira pergunta foi:

— Você teve notícias do meu marido? — McLain parou por um momento e olhou em volta. — Teve notícias de Wynn? — Eu perguntei novamente.

— Não, *inda* não, senhora; mas ele vai ficar bem.

Peguei o conforto que pude de suas palavras. Gostaria de saber se McLain sabia o que estava falando ou se ele estava simplesmente tentando me acalmar.

— Como *cê* está? — ele perguntou.

— Estou bem, eu acho —, respondi, testando meus braços e pernas para me certificar de que ainda se moviam corretamente. Eu nunca fiquei tão feliz em ver alguém na minha vida! — Obrigada.

— Há quanto tempo *cê* está sem fogo?

— Só da noite para o dia.

— Isso é muito tempo — disse o grandalhão, pegando minha mão. — Como *tão* seus dedos?

— Bem.

— E os pés?

— Ok.

— *Vamu vê*. — Comecei a protestar, mas ele não aceitou. — *Vamu vê* seus pés, Sra. Delaney.

Fui para o meu quarto para remover minhas longas meias e voltei andando sobre meus pés descalços. O chão da cabana estava gelado. Sr. McLain me fez sentar em uma cadeira e analisou meus pés, um de cada vez.

— *Cê* é uma moça de muita sorte —, ele disse, finalmente. — Não sei como *num* congelaram.

— Kip dormiu em cima deles —, eu disse, me lembrando de repente.

— O quê?

— Kip. Meu cachorro. Ele dormiu neles. Lembro-me de acordar à noite e sentir o peso do corpo dele nos meus pés.

— Bem, — disse McLain, e então começou a rir. — Bom garoto —, disse ele, passando a mão pelo excelente pêlo de Kip, — eu acho que *ocê* é mais que um cachorrinho bonito.

Um dos índios estava cuidando do fogo da lareira que agora queimava rapidamente.

— Temos que descongelar isso aqui, — disse McLain e cruzou para o fogão da cozinha. — A água no balde *tá* congelada.

Estava mesmo. O mesmo aconteceu com a bacia, e descobri, para

meu desespero, meu bule de porcelana. Ele havia rachado na lateral com a pressão do chá congelado. Todos aqueles dias aproveitando um chá com amigas ficaram para trás. Queria sentar e chorar, mas os homens estavam agitados e não queria que eles vissem minha dor. Além disso, ainda estava preocupada com Wynn.

— Melhor calçar suas meias de novo —, disse McLain, e eu percebi que ainda estava andando com os pés descalços.

Obedeci, deslizando os pés em meus agradáveis mocassins quentes e depois fui à minha cozinha para ver que outros danos haviam sido causados. Algumas latas de alimentos também racharam com a frio. O balde estava inteiro. A abertura dele fez o gelo expandir para cima, não para os lados.

Quanto à chaleira, não tinha certeza. Eu teria que esperar até derreter antes que soubesse se ainda aguentaria água sem vazar.

A bacia estava boa, também. Tinha lados inclinados e o gelo parecia subir por eles. Realmente não houve muito dano. E, felizmente, ainda tinha todos os dedos das mãos e dos pés.

— Não *vimu* fumaça na sua chaminé hoje de manhã. *Assustamu* um tanto —, dizia McLain.

— Eu também fiquei com medo —, admiti. — Eu não sabia quando alguém viria.

— A tempestade foi dura para todos. Nimmie tem um Forte cheio de pessoas que ela *tá* tentando *colocá* comida quente. Um número bem grande de famílias ficou sem madeira.

— Alguém...? — Comecei a perguntar se alguma vida havia sido levada pela tempestade, mas não consegui terminar a pergunta. A preocupação com Wynn estava me deixando doente.

O Sr. McLain supôs a pergunta e hesitou por um momento, então respondeu devagar.

— Perdemos alguns; principalmente os mais *véio*. Uma garotinha morreu também. Ela estava sempre doente, e esse frio foi demais para ela. Tem sido difícil para Nimmie. A garota era uma das preferidas.

Pobre Nimmie.

O fogo crepitava intensamente, e a sala estava se aquecendo de vagar. Levaria algum tempo até que estivesse realmente quente novamente. Os dois índios foram embora. O Sr. McLain trouxe para dentro um bom suprimento de madeira do estoque ao lado da porta e, então, ele também se virou para sair.

— *Cê* vai ficar bem, agora —, ele me assegurou. — Teremos uma visão melhor a partir de agora. Eu não acho que vai ficar nublado hoje à noite. Céu parece claro.

— Posso ir com você? — Perguntei rapidamente. Sabia que Nimmie precisava da minha ajuda. Estava dividida entre ir até ela e esperar na cabana no caso de Wynn chegar em casa. Minha consciência finalmente conquistou meu coração e peguei meu casaco pesado.

Kip se moveu para me seguir, mas o empurrei de volta.

— Você espera aqui —, disse a ele. — Não vou demorar.

— Não me importo se *ocê* trouxe ele, se quiser —, disse McLain.

— Ele pode brigar com algum cachorro na cidade —, ponderei.

— Ele pode.

— Bem, eu não gostaria que ele se machucasse.

— É por isso que *cê* costumava carregá-lo?

Tínhamos fechado a porta e deixando Kip ganindo e abrimos caminho através dos montes de neve rumo ao assentamento.

Minha respiração estava evaporava como nuvens brancas diante de mim. Eu não respondia a McLain; ele estava andando muito rápido para eu manobrar meus sapatos de neve, acompanhá-lo e conversar ao mesmo tempo. Eu apenas balançava a cabeça em concordância.

— Então *cê* planeja trancá-lo o tempo todo, agora?

Balancei minha cabeça.

— O que *cê* vai fazer, então?

— Vou acompanhá-lo até lá —, eu disse, apontando com o braço na direção oposta ao vilarejo.

— *Cê* não vai poder deixar ele longe dos outros cães para sempre,

cê sabe.

Tinha pensado nisso.

— Acho —, disse o homem rouco, — que Kip ia se *dá* muito bem em uma luta. *Cê tá* alimentando bem, e ele é muito mais pesado do que os outros cães, que tem que procurar a própria comida. Ele faz exercícios, então tem osso e músculos fortes. Ele é inteligente. Acho que ele se daria bem contra outro cachorro.

Eu não tinha certeza do que o homem estava tentando me dizer.

— Você está falando...? — Comecei, mas o Sr. McLain interrompeu:

— *Tô* falando que, com uma criança ou um cachorro, *cê* precisa dar a eles a chance de crescer, naturalmente. *Cê* não pode *mimá* para sempre ou vai *estragá*. Eles nunca poderão ser o que devem. Kip é um husky. *Tá...* eles são *tudo* malucos quando necessário. Ele um dia vai *sê*. Aqui no Norte, ele é obrigado. Eu acho que *cê* deveria dar a Kip a chance de se provar antes que enfrente um animal e sua vida dependa de *podê lutá*.

Queria discutir com ele - dizer que Kip nunca precisaria lutar, que eu o manteria longe de tais circunstâncias.

Mas sabia que o Sr. McLain provavelmente estava certo. Kip era um cão do Norte. Ele teria que estar preparado para viver no Norte. Detestei aquele pensamento, mas era verdade.

Andei em silêncio, lentamente remoendo em minha mente as palavras do homem ao meu lado. Eu teria que deixar Kip crescer. Teria que expô-lo aos rigores da vila e às presas dos outros cães.

Primeiro, eu conversaria com Wynn à respeito e veria se ele concordaria.

Oh, se ao menos Wynn chegasse em casa! Ele estava fora há três dias. Certamente sua missão não deveria ter demorado tanto.

Pisquei as lágrimas que formavam pequenos pingentes de gelo em minhas bochechas e corri atrás do Sr. McLain. Nimmie precisava de mim.

Capítulo 26 – Consequências

A situação na sede era ainda pior do que eu esperava. As pessoas estavam amontoadas em todos os lugares. Nimmie, ocupada em encher tigelas em uma panela fumegante de sopa rala, me deu um sorriso acolhedor. Sra. Sam era a única no grupo que reconheci. Também estavam ali algumas das crianças que eu tinha visto ao redor de Nimmie enquanto contava histórias.

Algumas pessoas tinham curativos nas mãos ou nos pés, e deduzi estarem sendo tratadas por congelamento.

Fui até a Sra. Sam.

— Onde está seu marido? — Perguntei a ela. Quando ela olhou para mim sem expressão, eu disse:

— Sam? Cadê o Sam?

— Armadilha —, ela respondeu, fazendo um movimento com as mãos como uma armadilha se fechando.

— E quanto à outras? Estrela da noite, Pequena Corça e Anna? Você as viu?

Ela balançou a cabeça.

Nós nos entreolhamos, reconhecendo as perguntas e preocupações nos olhos uma da outra. Eu não sabia se seus maridos estavam nas linhas de caça ou não, e não tinha certeza de quanta diferença faria tê-los em casa ou fora.

Nimmie ficou aliviada ao me ver.

— Estou tão feliz que você esteja bem — ela disse quando terminou de servir a última tigela. — Essa foi a pior tempestade de que posso me lembrar. Eu tinha medo de você não ter madeira suficiente.

Aparentemente, o Sr. McLain não havia contado a Nimmie sobre a chaminé sem fumaça, não querendo alarmá-la até que tivesse resolvido.

— Oh, eu tinha muita madeira —, foi tudo o que disse. — O que posso fazer para ajudar? — Perguntei.

— Aquelas pessoas ali - elas ainda não tiveram nada para comer. Fiquei sem tigelas ou xícaras. Eu não sei.

— E a Srta. McLain? — Eu perguntei. — Será que ela teria algumas tigelas que poderíamos usar?

— Não pensei nisso.

— Vou olhar. — Corri para a porta e fui para a parte de trás do galpão.

Uma voz me deu permissão para entrar. Encontrei Srta. McLain em uma sala quente sentada diante da lareira, com os pés sobre um bloco de madeira para absorver o calor, suas mãos cruzadas no colo.

Fiquei olhando para ela com espanto, me perguntando se ela estava totalmente alheia a tudo o que estava acontecendo ao seu redor. Finalmente encontrei minha voz.

— Vim por causa de Nimmie —, comecei. — Ela tem duas ou três dúzias de pessoas para alimentar e ficou sem pratos. Estávamos pensando se você poderia nos emprestar.

Ela nem olhou para mim.

— Acho que posso —, ela disse categoricamente sem interesse.

Sua atitude me deixou zangada, mas segurei minha língua.

Engoli em seco e depois disse uniformemente:

— Onde eles estão?

— Agora, onde você acha que pratos ficam? — ela respondeu, com um sarcasmo exagerado.

— Posso pegar? — Eu perguntei, ainda procurando.

— Não sei quem vai pegar se não for você —, foi sua resposta mordaz.

Respirei fundo, fui até seus armários e comecei a empilhar louça. Coloquei tudo dentro de uma bacia em uma prateleira próxima. Quando tinha pegado tudo o que pude encontrar, virei-me para ir embora.

— Certifique-se de fervê-los quando terminar —, afirmou Srta. McLain, sem tirar os olhos do fogo.

Me virei para encará-la.

— Você percebe —, vociferei — que tem gente lá fora lutando por suas vidas? Você sabia que algumas delas podem muito bem perder os dedos dos pés ou das mãos? Você sabia que Nimmie ficou acordada a noite toda cuidando deles? E aqui está você, toda - toda empacotada em sua grande autopiedade - pensando apenas em si mesma e no seu amor perdido! Bem, você quer saber o que acho? Acho que foi bom pra você ficar livre daquele homem. Se ele não pensava mais em você do que em abandoná-la por causa de uma irmã reclamona e acusadora, então ele não era muito homem. E sabe o que mais? — Eu tinha certeza que a Srta. McLain não estava nem um pouco interessada no que eu pensava, mas continuei mesmo assim. — Acho que, se depois de vinte anos, você ainda está sentada diante da lareira e cuidando de sua *magoazinha* enquanto as pessoas lá fora estão sofrendo com frio e fome, você também não é muito mulher. E talvez - talvez, a esposa do médico estivesse certa. Talvez o pobre John esteja melhor sem você.

Saí da sala, batendo a porta. Eu estava no meio do caminho de volta à sede quando o que eu acabara de fazer me atingiu em cheio. Mordi meu lábio e as lágrimas começaram a fluir. Estava orando tão diligentemente por essa mulher. Estava tentando tanto mostrar amor verdadeiro e compaixão. Nimmie estava tentando quebrar as barreiras por tantos anos... e acabei de apagar todas as fracas possibilidades de progresso em um momento de raiva. Teria que me desculpar. Não esperava que ela aceitasse minhas desculpas. Jamais poderia reparar o dano que tinha causado.

Oh, Deus, me perdoe, lamentei com remorso. *Não deveria ter dito isso.*

O pedido de desculpas teria que esperar. Nimmie precisava de mim e precisava de mim *agora*.

Trabalhamos durante toda a manhã. As pessoas foram alimentadas e cuidadas no melhor de nossa capacidade. McLain e

alguns dos homens fizeram uma visita de inspeção a todas as casas do vilarejo. Foi ainda pior do que havíamos pensado. Além da garotinha, a tempestade havia reivindicado outras cinco vítimas: um casal idoso que viviam isolados em uma cabana nos limites da vila; uma avó do condutor da carroça da viagem para o assentamento e um idoso que já estava muito doente antes da tempestade. A opinião geral era que ele teria morrido independentemente da tempestade por sua condição enfraquecida. Uma mulher de meia idade também morreu ao tentar reunir mais madeira e se perder na tempestade.

Por causa da neve pesada e do tempo frio, abrir covas era impossível, então os corpos eram enrolados com cobertores e amarrados nos galhos das árvores para aguardar a primavera. Os indígenas tinham uma área especial de árvores que serviam a esse propósito - as “árvores-túmulo”, como Sr. McLain as chamava. Mas antes que os corpos pudessem ser preparados para as árvores-túmulo, eles tinham que ser examinados pela Real Polícia do Noroeste e ter liberação. Então seriam colocados em uma cabana vazia para aguardar o retorno de Wynn.

Cuidar das necessidades das pessoas do vilarejo de certa forma ajudou a tirar minha mente de Wynn, embora eu não tenha conseguido ignorar sua ausência completamente. Durante todo o dia, Nimmie e eu mantivemos nossas mãos ocupadas, cuidando de todos aqueles que precisavam de nossa ajuda. No início da tarde a sede estava começando a esvaziar. Muitos já haviam juntado madeira para queimar e retornaram para suas próprias cabanas. Os que ficaram para trás precisaram ser alimentados novamente; e então preparei um ensopado, preparando outra sopa muito rala para eles.

Nimmie tinha acabado de avaliar uma mão inchada quando ouvi sua exclamação:

— Katherine! Você está bem?

Me virei e lá estava a Srta. McLain. Sabia que meu pedido de desculpas estava atrasado e que não deveria ser adiado, mas dificilmente parecia ser a hora ou o lugar. Eu não sabia o que fazer.

A Srta. McLain não disse nada, então Nimmie continuou:

— Você quer alguma coisa?

— Sim —, disse Srta. McLain com naturalidade. — Quero ajudar.

Não sei quem ficou mais surpresa: se Nimmie ou eu. Nós duas olhamos para Srta. McLain boqueabertas. Os olhos dela estavam vermelhos e inchados, e poderia se dizer que ela estivera chorando.

— Quero ajudar —, ela repetiu. — Você poderia me dizer o que posso fazer?

— Bem... hum... bem; estamos preparando algo para comer novamente. Algumas dessas pessoas acabaram de chegar e não comem nada há dias. Elizabeth está fazendo ensopado.

— O que eu posso fazer? — A Srta. McLain perguntou mais uma vez.

— Bem, precisamos... precisamos da louça. Não tivemos tempo de lavar os pratos, ainda. Nimmie apontou para a panela cheia de louça suja ainda na parte de trás do grande fogão. Sem uma palavra, a Srta. McLain virou-se para a panela, arregaçou as mangas e começou a trabalhar.

Nimmie olhou para mim e apenas dei de ombros, impotente. Não tinha ideia do que havia causado a mudança. E não aqui que eu iria perguntar.

No meio da tarde, tínhamos feito tudo o que podíamos pelas pessoas do vilarejo.

Todos já haviam retornado para suas casas. A fumaça subia das cabanas, circulando a clareira da cidade. Nimmie sugeriu que nos sentássemos e tomássemos uma xícara de chá, mas eu disse que preferia voltar para casa. Kip ainda estava preso lá, sem companhia, e eu tinha certeza que Wynn logo estaria em casa. E a essa altura, o fogo já teria acabado, deixando a cabana fria novamente.

Com todas essas razões, Nimmie me deixou ir.

Kip ficou feliz em me ver, e quase me derrubou com seu entusiasmo. Eu o soltei para correr um pouco enquanto reacendia o fogo. Demorou um pouco para os cômodos aquecerem e para a chaleira começar a apitar. Vazava um pouco ao redor do bico, mas

ainda era útil. Lamentei novamente a perda do meu bule. Agora eu só queria uma xícara de chá quente. Finalmente encontrei uma panela pequena que usei para fazer o chá. Podia ser coisa da minha cabeça mas, por algum motivo, não tinha o mesmo gosto.

Quando a escuridão chegou, a cabana estava bastante quente e aconchegante, mas ainda sentia calafrios passarem por mim. Onde estaria Wynn? Quanto tempo levaria para encontrar um caçador perdido? Me sentei diante da minha lareira, lendo e orando.

Finalmente deixei minha Bíblia de lado e comecei a andar, de um lado para o outro, deixando as lágrimas fluírem livres pelo meu rosto.

Por fim, avivei o fogo, embrulhei-me em cobertores e me enrolei na cama novamente. Kip subiu para deitar nos meus pés. Dessa vez eu não iria repreendê-lo por estar na cama. Lembrei-me da noite anterior e o fato de que Kip poderia ter salvado meus dedos.

Era lua cheia e os seus raios fluíam através da pequena janela congelada. Ela brilhava tanto, refletindo na neve que caíra a pouco. Estava tentando orar novamente quando houve um barulho na porta; e, antes que pudesse tirar meus cobertores, Wynn estava ali.

Não pulei nem corri para ele; apenas enterrei o rosto nas mãos e comecei a soluçar até todo o meu ser tremer. Estava tão aliviada, tão agradecida por vê-lo em casa em segurança. Ele se aproximou e me pegou em seus braços. Quando o abracei, ele me segurou por um longo tempo, acariciando meu cabelo e batendo nas minhas costas.

— Estou aqui, Elizabeth —, ele murmurou como a uma criança pequena.

Nós não tentamos conversar. Não havia necessidade. Mais tarde ouviríamos um do outro todos os detalhes dos quatro miseráveis dias de separação. Por enquanto, bastava ficarmos juntos novamente.

Wynn teve um dia agitado e bastante desagradável após seu retorno.

Além dos corpos que aguardavam sua verificação, ele também trouxera um com ele no trenó. Ele encontrou o homem desaparecido, mas não a tempo de impedir sua morte.

Parecia que o sujeito havia pisado acidentalmente em uma de

suas próprias armadilhas. Ele conseguiu se libertar; mas, com a perna mutilada, foi incapaz de chegar à sua cabana ou encontrar ajuda. Wynn encontrou o corpo ao lado da trilha.

Perguntei se ele tinha esposa e família.

— Não —, disse Wynn, — sua esposa morreu no parto há três anos.

Foi um momento triste para todos nós. Depois que os corpos foram inspecionados e Wynn havia preenchido os relatórios necessários, os indígenas tiveram permissão para sepultar seus mortos.

Naquela tarde, uma assembleia solene os transportou, com uma solenidade ímpar, para fora da aldeia rumo às árvores-túmulo. Wynn e eu nos unimos à procissão sombria. O som do luto dava calafrios na espinha. Nunca tinha ouvido nada parecido antes. Não era som de choro; era um grito, um gemido, um profundo lamento gutural que aumentava e diminuía enquanto a processão avançava. Aquilo rasgou a minha alma, e chorei em silêncio com os presentes.

Em casa novamente, quando o crepúsculo chegou, os tambores retomaram sua batida. Enquanto ecoavam pelo assentamento, batendo sua mensagem de morte, até Kip se inquietou e choramingou.

— Eles vão continuar a noite toda? — Perguntei a Wynn, me sentindo inquieta e nervosa com a intensidade das batidas.

— Ah não. Eles devem parar a qualquer momento.

Pela janela, podia ver as fogueiras na área central do assentamento lá em baixo. Circulando o fogo, os índios se moviam num tipo de dança. Os que batiam tambores estavam sentados à luz do fogo e cantavam uma música monótona que subia e descia no ar da noite.

Wynn estava certo. Os tambores silenciaram tão abruptamente quanto haviam iniciado. Olhei pela janela novamente e vi silhuetas que desapareciam nas sombras dos edifícios. O fogo arrefeceu para um brilho fraco. Os mortos tiveram um respeitável e adequado enterro.

Capítulo 27 – A vida no vilarejo

Janeiro tornou-se fevereiro. Tivemos mais tempestades, mas nenhuma com a violência da nevasca de meados de janeiro. Para a maioria, a vida parecia deslizar para algum tipo de rotina. Ainda continuamos nossos estudos bíblicos, e a Srta. McLain nunca perdeu um estudo. Embora ela ainda fosse difícil às vezes, sua atitude havia mudado por dentro e por fora. Eu nunca pedi desculpas pelo meu desabafo - não que eu não estivesse disposta a fazer isso. Só não parecia a coisa apropriada a ser feita sob tais circunstâncias. *Obrigada, Senhor, eu orei, por transformar algo ruim em algo bom.*

Quando novos bebês eram acrescentados às famílias do vilarejo, as parteiras faziam o parto. Quatro nasceram entre o primeiro de outubro e meados de janeiro. E até agora, apesar do inverno frio, nós não tínhamos perdido crianças, exceto a garotinha. Foi um choque quando ouvi pela primeira vez Nimmie e Srta. McLain discutirem esse fato com gratidão.

Você quer dizer que esperam perder filhos? Eu quis perguntar. Mas a conversa delas me disse claramente que, no Norte, a morte era quase tão aceita quanto a vida. Por causa do mau tempo, da falta de assistência médica, poucos cuidados e desnutrição, eles realmente perdiam crianças com frequência.

Fiquei chocada. Especialmente por saber que medicamentos e médicos poderiam salvar muitos deles.

Wynn ficou de olho na situação *Mary versus Smith*. Ele saía muitas vezes para ver Mary. Ela estava novamente trabalhando em suas trilhas de caça. Como ela conseguia, Wynn não sabia. A resistência daquela pequena dama era notável. Ela perdeu alguns dedos dos pés devido ao severo congelamento, mas mancava por aí, verificando e rearmando suas armadilhas e esfolando suas peles.

— Ela estava ficando bastante empolgada —, disse Wynn. Ele também disse que todas as evidências apoiavam a avaliação de Smith: Mary estava invadindo seu território.

— Deve haver algum erro —, argumentei. — Se ela está invadindo o território de outra pessoa, ela não deve perceber. Tenho certeza que ela não faria isso de propósito. — Wynn apenas sorriu.

Kip era um cachorro bonito. Eu discuti com Wynn o que o Sr. McLain tinha dito, sobre permitir que Kip encontrasse seu próprio lugar na comunidade canina do assentamento.

— Você acha que ele está certo? — Perguntei com relutância, temendo que Wynn pudesse concordar com o Sr. McLain.

— Acho que sim, Elizabeth —, disse ele. — Isso aconteceria mais cedo ou mais tarde, você querendo ou não. Kip será desafiado, e será preciso enfrentar o desafio ou fugir.

Não conseguia imaginar Kip fugindo. Não tinha certeza se o queria fugindo. Mas lutar? Também não queria isso.

— Você acha que ele já está pronto? — Perguntei, com tremor na minha voz.

Olhei para o belo pêlo com pontas prateadas de Kip e a adorável curva de sua cauda. Estremeci ao pensar nele com as orelhas sangrando, rasgadas e cheias de cicatrizes.

— Não apresse as coisas —, disse Wynn e apertou minha mão. — Falta muito pra isso.

Wynn passava muitas horas treinando seus novos cães. Eles estavam crescendo como seu irmão Kip, mas ainda levaria meses até que Wynn os colocasse nos trenós. Ele queria que seus ossos e músculos estivessem totalmente desenvolvidos. Ele havia escolhido outros dois filhotes da segunda ninhada sobre a qual Smith havia falado quando o visitamos. Wynn estava muito satisfeito com os novos cães. Eles eram inteligentes, fortes e aprendiam muito rapidamente. Até o momento, não havia evidências de brigas. Wynn os treinara com firmeza e bondade, em vez de aspereza.

Eles obedeciam a ele com respeito e devoção.

Minhas amigas do vilarejo estavam ocupadas demais mantendo o fogo aceso e suas famílias alimentadas para terem tempo para o chá. Ocasionalmente, uma ou duas apareciam por alguns minutos. As mulheres às quais eu havia me juntado no canteiro de frutas às vezes

traziam novos vizinhos para eu conhecer.

Ainda não conseguíamos falar muito uma com a outra. Muitas das senhoras sabiam algumas palavras em inglês, mas na maioria das vezes eram palavras necessárias para negociação na sede, e não palavras que pudessem ser usadas em um bate-papo com uma xícara de chá. Combinando nossos conhecimentos e usando nossas mãos extensivamente, conseguíamos conversar um pouco; mas, frequentemente, sentávamos por um período de tempo sem dizer nada, apenas desfrutando da companhia. Foi uma nova experiência para mim. Estava acostumada a tagarelar. Ficar sentada em silêncio não foi fácil. No entanto, com tempo e paciência, estava aprendendo.

Estrela da Noite estava esperando outro bebê. Eu esperava por notícias diariamente, e orava para que tudo desse certo e que ela também tivesse uma criança saudável.

Ela não tinha certeza sobre a hora prevista de chegada. Quando lhe perguntei sobre isso, apenas deu de ombros. Pensei que ela não tinha me entendido, então coloquei a questão de outra maneira. Novamente ela deu de ombros, respondendo apenas:

— Vem quando estiver pronto —, essa foi a tradução de Anna.

Fomos acordados na calada da noite por alguém abrindo nossa porta e chamando por Wynn. Nos sentamos na cama, e então Wynn pegou suas roupas no escuro e correu.

Meu coração estava na garganta ao ouvir as vozes ansiosas que vinham do outro cômodo. Logo Wynn estava de volta ao lado da cama, e com lanterna na mão.

— É Estrela da Noite —, ele disse. — Ela está tendo problemas no parto.

Wynn terminou de se vestir e depois se virou para dar um beijo em minha testa.

— Tente não se preocupar —, disse ele. — Volto assim que puder.

Tentei não me preocupar, mas não estava me saindo muito bem. Se as experientes parteiras não puderam ajudar Estrela da Noite, o que Wynn poderia fazer?

Finalmente saí da cama e colocar mais lenha no fogo. Coloquei o abajur na mesinha, enrolei-me em um cobertor e peguei minha Bíblia. Folheei os Salmos, escolhendo versículos sublinhados aqui e ali de promessa e segurança. Era um daqueles momentos em que realmente não conseguia me concentrar na minha leitura. Finalmente fechei os olhos e comecei a orar. Por Estrela da Noite e seu bebezinho; por Wynn, para que ele tivesse sabedoria e orientação; por mim mesma, para que Deus mantivesse meu espírito trêmulo bom o suficiente para ser capaz de me concentrar em Sua Palavra.

Depois de alguns minutos, voltei à Bíblia. Mais uma vez meus olhos vasculharam as páginas. Agora meu espírito estava mais calmo. Meu tremor havia cessado. Li passagem após passagem até chegar ao Salmo 27:14. Parei e reli. *“Espere no Senhor: tenha bom ânimo, e Ele fortalecerá o teu coração; espera, digo eu, no Senhor.”*

Sim, Senhor, eu orei. Tudo o que posso fazer é esperar. Peguei o suéter de malha que tinha quase terminado para o bebezinho e trabalhei enquanto esperava.

Era quase luz do dia quando Wynn voltou. Ele estava cansado, mas seus olhos sorriram para mim no momento em que ele passou pela porta, e eu sabia que trazia boas notícias.

— Ela está bem? — perguntei.

— E o filho dela também —, Wynn respondeu.

Fechei os olhos para um momento de agradecimento, as lágrimas escorrendo sob minhas pálpebras. Então olhei de volta para Wynn, sorrindo.

— Você deve estar muito cansado —, comentei. — Gostaria de um copo de café antes de voltar para a cama?

— Voltar para a cama? — ele riu. — Minha querida, não pretendo voltar para a cama. Está na hora de começar outro dia.

Então, fiz café da manhã enquanto Wynn fazia a barba; e depois de comermos e termos nosso tempo de oração em família, ele de fato saiu para começar outro dia - ou continuar o que já tinha iniciado.

Cortando toras congeladas para lenha, uma das crianças sofreu um acidente com um machado. Eles o trouxeram para Wynn que,

felizmente, ainda estava em casa. Bastou um olhar para a perna machucada para sentir que poderia perder o meu jantar. Removemos as almofadas de nossa cama e Wynn esticou o garoto no fino colchão.

A perna da calça estava esfarrapada, rasgada e coberta de sangue. A primeira coisa que Wynn teve que fazer foi limpar a área para que ele pudesse ver a profundidade da ferida. Ele pediu minha tesoura para cortar a calça esfarrapada e depois água quente na bacia e seu kit de suprimentos médicos.

Os jovens índios que trouxeram o menino ficaram ao redor, impotentes. Eles entendiam muito pouco inglês e não pareciam muito menos nauseados que eu.

De alguma forma, consegui seguir todas as ordens de Wynn – trazendo água e panos limpos, fervendo os instrumentos em uma panela no fogão e entregando a Wynn tudo o que ele precisava.

Wynn limpou a bem ferida, conseguindo estancar o sangramento, e depois suturou. A única indicação da dor que o garoto devia estar sentindo era um rosto pálido e sua mandíbula cerrada. Eu olhava apenas quando precisava. Na maioria das vezes, eu conseguia manter meus olhos na perna e olhar para minhas mãos, ou para o chão, ou para o rosto de Wynn. Pareceu uma eternidade, mas, na realidade, tudo foi resolvido com bastante rapidez.

Suspirei quando Wynn disse:

— É isso aí.

Agora eu poderia entrar em colapso.

Mas não o fiz. De alguma forma, consegui ficar de pé. Os dois índios avançaram para pegar o corajoso menino; ele estava pálido e exausto da provação. Me adiantei para falar:

— Talvez ele deva ficar aqui por um tempo —, sugeri a Wynn. — Ele está fraco demais para se mover, e eu vou cuidar dele.

Wynn, surpreso, virou-se e falou com os índios que haviam carregado seu amigo. Após um diálogo breve, eles assentiram e foram embora. Wynn certificou-se de que o rapaz estivesse confortável e depois pegou o chapéu.

— É melhor eu ir ver a mãe dele —, disse ele. — Eu quero que ela saiba exatamente o que está acontecendo.

Cerca de quinze minutos depois, Wynn estava de volta com uma mulher de expressão preocupada. Ela foi até o filho e suavemente lhe disse algumas palavras. Ele abriu os olhos e respondeu. A mãe falou de novo, acenou com a cabeça para nós e saiu da sala. O nome do garoto era Nanook. Ele ficou conosco por cinco dias antes de cambalear para casa com duas varas desajeitadas. Eu gostei de tê-lo conosco. Ele podia não falar comigo, mas podia rir. E podia comer - puxa, como aquele garoto comia! A perna dele não ficou infeccionada, pelo que ficamos gratos. Wynn observava com muito cuidado, trocando os curativos de manhã e à noite. Quando Nanook nos deixou, estava começando a cicatrizar.

Antes dele sair, lhe dei um pedaço de pão fresco para levar com ele. Ele vestiu o casaco com os olhos brilhando. Então deu um tapinha em Kip, a quem ele havia aprendido a amar, e saiu mancando pela porta.

Capítulo 28 – Março

Quando março chegou, comecei a pensar na primavera, mas Wynn avisou-me que ainda era muito prematuro. Ninguém mais em todo o vilarejo aguardava a primavera tão cedo. Eu me irritei. O inverno me pareceu uma eternidade.

Estava inquieta e sozinha. Já há um bom tempo, minhas amigas indígenas estavam muito ocupadas para tomar um chá. Nimmie tinha caído com uma gripe, então nosso estudo bíblico em conjunto havia sido suspenso. Ainda não me sentia muito à vontade com a Srta. McLain, embora agora tivesse recebido a permissão para chamá-la de Katherine. Poderia ter me convencido a visitá-la, mas ela estava ocupada cuidando de Nimmie. Eu teria gostado de ser enfermeira de Nimmie, mas sabia que era importante para Katherine fazê-lo. Então fiquei em casa.

Não tinha mais nada para costurar, meus consertos já tinham sido concluídos. Tinha lido todos os meus livros várias vezes. Parecia que todos os meus deveres do dia se resumiam a fazer três refeições e lavar a louça. Estava cansada das refeições também. Parecia que sempre cozinhava as mesmas coisas: enlatados. Latas disso e latas daquilo. Tínhamos peixe fresco e carne selvagem fresca. Mas também estava cansada deles. Na verdade não gostava da carne selvagem e ansiava por apenas um pouco de bife ou presunto assado.

Eu ansiava pela primavera. Mas, no Norte, a primavera demora a chegar.

Decidi dar um passeio até a sede. Talvez eu achasse algum alimento nas prateleiras que não fosse muito caro e que fosse uma novidade agradável para o nosso cardápio diário.

Me arrumei e coloquei minhas luvas. Kip já estava esperando perto da porta e balançava o rabo em antecipação.

— Você quer dar um passeio? — Perguntei desnecessariamente. Lutei com meus esquis e saí. Era um brilhante dia ensolarado e me

atrevi a esperar que talvez, dessa vez, Wynn estivesse errado.

Talvez a primavera realmente estivesse chegando.

Andamos pelo sol da manhã, Kip ia brincando à frente ou correndo para o lado para verificar algo que apenas os cães sabiam ou se importavam. Estava me sentindo bem com o mundo novamente.

Eu não pensei nos cães da aldeia nem por um momento, de tão focada que estava em sair para caminhar, novamente. Se tivesse pensado, não teria procedido de forma diferente. Finalmente tinha me decidido que Sr. McLain e Wynn estavam certos: eu não poderia continuar protegendo Kip da vida real.

O Sr. McLain me cumprimentou com entusiasmo quando eu estava quase chegando à vila.

Perguntei como estava Nimmie, e ele parecendo aliviado, disse que ela estava indo muito bem.

Estávamos caminhando juntos em direção à sede, então houve uma corrida e um borrão ao meu lado, quando um cachorro passou correndo por mim. Eu dei um salto com a velocidade dele; então um latido à minha esquerda me fez virar.

Kip estava ocupado enfiando o nariz em uma toca de coelho, e um dos cães do vilarejo estava indo na direção dele. Ofegante, coloquei minha mão na minha garganta.

Surpreendentemente, o cachorro parou a alguns metros de Kip e se preparou. De onde estávamos, podíamos ouvi-lo rosnando com raiva. Kip ficou enraizado no chão, sem saber o que era aquilo.

O Sr. McLain estendeu a mão e a colocou no meu braço.

— Eles vão lutar, não vão? — Eu disse, com tensão em minha voz.

— Vamos ver —, disse McLain. — Kip pode ser sábio o suficiente para não aceitar o desafio.

— Sábio o suficiente? Mas você disse que ele teria que lutar.

— Com esse não. Não é o Buck de Lavoie.

Me virei para olhar para McLain.

— O que você quer dizer? — Atirei a pergunta para ele,

alarmada.

— Ele é o chefe aqui, Sra. Delaney. Ele derrotou todos os cães do assentamento.

Olhei desesperada ao meu redor em busca de um pedaço de pau, uma rocha ou qualquer coisa que pudesse usar para parar a luta. Não havia nada.

— Temos que detê-los! — Eu chorei. — Kip pode morrer! — Dei um passo à frente, mas McLain me parou.

— *Ocê não pode entrar lá. Se houver uma luta, cê pode ficar toda mordida.*

O cachorro de Lavoie estava rodeando Kip, com suas presas à mostra, e rosnando. Ele dava voltas e mais voltas, e acho que ele deve ter dito algumas palavras muito desagradáveis na linguagem canina. Kip parecia insultado e bravo.

Esperava que a qualquer momento os cães atacassem a garganta um do outro.

E então uma coisa muito estranha aconteceu. A cauda de Kip abaixou e começou a balançar levemente para frente e para trás. Ele gemeu gentilmente como se pedisse desculpas por estar no território do outro cão. O cachorro grande ainda estava arrepiado. Ele avançou e deu uma mordida forte em Kip. Kip não retaliou. O cão de Lavoie deu a Kip um último olhar de desprezo, rodeando-o mais uma vez, e - ainda eriçado e rosnando - correu de volta em direção às casas da vila.

Não sabia se estava aliviada ou envergonhada.

O Sr. McLain apenas sorriu.

— Um cachorro esperto —, ele disse. — Mas é melhor Buck tomar cuidado daqui a um mês ou dois.

Não sabia o que o Sr. McLain queria dizer, mas comecei a respirar novamente e corri para o vilarejo. O dia não parecia tão brilhante como antes, e eu estava ansiosa para fazer minhas compras e ir para casa.

Finalmente Anna e Sra. Sam vieram tomar um chá. Fiquei especialmente feliz em receber Anna, porque isso significava que eu

receberia algumas notícias da vila. Conversamos sobre as famílias e como estavam passando. A vida na aldeia parecia ter sido feita para atravessar o inverno e passar pelo verão; e os verões eram muito curtos.

Estrela da Noite e seu bebê muito bem. Não a vi desde que eu entreguei o novo suéter e um pote de sopa logo após o bebê ter nascido em segurança. Ele era um amiguinho simpático e Estrela da Noite estava orgulhosa, com razão.

Tivemos outra morte. Uma índia na casa dos quarenta tinha morrido de gripe. Ela não estava bem há alguns anos. Ela dera à luz quinze filhos, e a cada vez que outra criança nascia, parecia enfraquecer ainda mais. Dos quinze, apenas sete estavam vivos.

O corpo dela também estava coberto e fora deixado nas árvores-túmulo. Os rituais com os tambores divulgaram a mensagem e as fogueiras ao ar livre clarearam a noite.

Outro bebê nasceu. Desta vez, as parteiras não precisaram da ajuda de Wynn. Houve doença, mas nenhuma epidemia. Todos pareciam prender a respiração e falar baixinho quando a possibilidade de uma epidemia era mencionada. As pessoas viviam com medo de que alguma terrível de doença varresse o lugar enquanto eles permaneciam impotentes, sem médicos, hospitais e com pouco medicamento.

Nossa conversa voltou-se para coisas mais agradáveis. Eu falei sobre o meu anseio pela primavera. De aprender com as mulheres sobre encontrar ervas e plantas comestíveis nas florestas. De plantar minha própria horta. De encontrar os canteiros de mirtilos. Todas esperávamos pelos dias de sol e chuva. Até os temidos mosquitos seriam suportados quando a primavera chegasse.

— Como está Nanook? — Eu perguntei.

— Ele corre —, disse Anna, seus olhos se iluminaram.

— Isso é maravilhoso. Bom. Isso é bom.

— Muitas vezes me pergunto sobre a pobre Mary —, continuei. — Não sei como ela consegue cuidar de seu território sem alguns dedos dos pés.

— Ela é louca —, murmurou Anna, tomando um gole de chá.

Eu queria discutir, mas disse:

— Sinto muito por ela. Primeiro, ela perdeu todos os filhos, e depois o marido morreu. Pobre mulher.

Mas Anna apenas disse, com muita calma:

— Marido não morre.

Olhei para ela. Certamente ela sabia de alguma coisa. Ela morava aqui, e morava há muitos anos.

— Você tem certeza? Disseram-nos que o marido dela estava morto.

— Morto. Mas ele não morre.

Eu não entendi. Anna terminou o chá e levantou-se para ir embora. Sra. Sam Lavoie também se levantou e começou a se arrastar em direção à porta. Anna a seguiu e eu segui Anna. Quando chegamos à porta, ela se virou para mim.

— Ela matou —, disse ela, de forma deliberada e simples. — Ela matou pelas armadilhas. Meu Joe vê. — E foi embora.

Eu mal podia esperar Wynn chegar em casa para poder dizer a ele o que Anna havia dito. Ela certamente deve estar errada. Certamente, a pobre Mary não tinha feito isso. Se ela tivesse, e Joe a tivesse visto, ele denunciaria. Algo devia estar muito errado.

Quando Wynn chegou em casa, ele tinha novidades para mim. Mary agora estava trancada na prisão improvisada do assentamento. Wynn teve que prendê-la. Ela precisaria ser escoltada para julgamento e sentença.

Ela não só levou suas armadilhas para o território de Smith, mas Wynn a pegou em flagrante roubando as armadilhas de Smith.

Era um crime grave e Mary teria que responder pelo que fez.

Me senti indisposta.

— Onde ela está? — perguntei.

— Há um pequeno espaço nos fundos da loja de McLain. Ele usa para armazenar peles, quando não é necessário. Mas agora, seria

necessário para prender Mary.

— Eu posso vê-la? — perguntei.

Wynn pareceu surpreso; então ele respondeu.

— Certamente. Se você quiser.

Eu queria. Fui no dia seguinte, levando pão fresco e ensopado. Mary pegou a comida, mas sequer olhou para mim. Falei com ela, mas ela me ignorou completamente. Pude ver que ela realmente não precisava da minha comida. McLain ou Nimmie cuidaram bem dela.

Tentei falar com ela. Ela ainda não olhava para mim.

— Quero ajudá-la —, eu disse. — Há alguma coisa que possa fazer ou buscar para você? — Ela deu as costas e voltou a se enrolar com um cobertor na cama num canto.

Cheguei em casa me sentindo ainda mais indisposta que antes. Decidi discutir aquilo com Wynn. Certamente havia alguma outra maneira de lidar com a situação.

— Você realmente tem que fazer desse jeito? — Perguntei a ele.

— Temo que sim, Elizabeth. Não há como mascarar as evidências. Eu a peguei em flagrante. Ela estava roubando as armadilhas de Smith.

— Mas ela não poderia ser... ser repreendida e ter outra chance?
— Eu continuei.

— Ela não é uma colegial travessa. Ela sabe da seriedade do seu crime.

— Mas certamente, se ela sabe que você estará de olho nela, ela não fará de novo — eu insisti.

— Elizabeth, se eu deixar Mary impune, depois ninguém terá respeito pela lei. Além disso, Mary Louca tentaria novamente - oh, talvez não imediatamente, mas ela tentaria, com certeza. Ela tem um impulso de acumular peles, e nada irá impedi-la.

Pensei em Anna e em suas palavras. Eu não havia falado ainda Wynn. Lembrei-me delas com o coração pesado.

Wynn continuou.

— Ela terá um julgamento justo —, ele me garantiu. — Eles levarão em consideração seu estado mental. Ela será cuidada melhor do que ela estaria sozinha nas linhas de caça.

— Mas isso vai matá-la —, eu soltei. — Ela não suporta ser confinada. Ela nem conseguiu ficar aqui conosco!

Havia tristeza nos olhos de Wynn. Prender Mary, mesmo com dignidade, não seria bom para o estado emocional dela. Ela precisava de liberdade. Sem isso, ela poderia não sobreviver.

— Temos que pensar em outra coisa, Elizabeth —, disse Wynn. — Se eu não lidasse com isso adequadamente e não cumprisse as exigências da lei, Smith ou outra pessoa resolveria à sua maneira, de acordo com suas próprias leis. Mary poderia ser morta ou espancada com tanta severidade que ficaria fraca demais para trabalhar em seu território ou até para cuidar de si. De qualquer maneira, isso poderia terminar em morte.

Não tinha pensado nisso.

Wynn descartou mais discussões.

— Fui enviado para o Norte para defender a lei, Elizabeth. E é exatamente o que pretendo fazer, dentro da minha capacidade, com a ajuda de Deus.

Eu sabia que Wynn seguiria os ditames da lei, não seus próprios sentimentos.

Mary não teve julgamento ou sentença. Duas manhãs depois, Nimmie a encontrou morta no canto da cama, onde ela morreu enquanto dormia.

Capítulo 29 – Nimmie

Março avançou lentamente sobre pernas bambas. Ansiava que a primavera chegasse dançando com vitalidade e frescor. Acho que todos do vilarejo também ansiavam por isso. Para algumas mulheres do assentamento, significaria rever seus maridos pela primeira vez em muitos meses. Algumas das trilhas de caça ficavam a uma grande distância do vilarejo e, uma vez que os homens tinham saído no outono, eles não voltariam até que as neves do inverno estivessem derretendo.

Os homens que trabalhavam nos territórios mais próximos de casa iam e vinham, passando algum tempo com suas famílias e algum tempo na floresta. Nimmie estava bem, novamente, então retomamos nossos estudos bíblicos. Sempre que nos encontrávamos, ela me dava uma lição. Ela era uma pessoa paciente, bonita, com um coração amoroso e uma mente aberta à verdade. Falei com o Wynn sobre ela, uma noite, quando estávamos estendidos diante do fogo.

— Aprendi a amar a Nimmie —, eu disse. — Ela é uma boa pessoa. É estranho... quando a vi pela primeira vez, fiquei tão desapontada. Não te disse isso antes, disse?

Wynn abanou a cabeça, com os seus olhos a estudar os meus.

— Acho que não o fiz porque tinha vergonha de mim mesma. Fui preconceituosa, você sabe. Não sabia que era. Amo os índios, mas queria alguém com quem partilhar coisas. E eu... eu pensei... que... bem... que... a pessoa precisava ser como eu... branca. Bem, eu estava errada. Eu queria uma mulher branca, e em vez disso encontrei uma amiga, uma amiga muito especial, em Nimmie.

Wynn segurou minha mão. Acho que ele percebeu o que eu estava tentando dizer. À medida que os dias passavam, Nimmie e eu partilhávamos mais intimamente os nossos pensamentos e sentimentos, e nossa compreensão das Escrituras.

Um dia, Nimmie veio me ver sozinha. Não era dia de nosso

estudo bíblico, e fiquei um pouco surpresa.

— Tem um tempo para conversar um pouco? — ela perguntou.

Tempo era uma coisa que tinha em abundância. Então convidei Nimmie para entrar. Ela pôs o casaco de lado e levou uma cadeira à mesa da cozinha. Empurrei a chaleira para a frente no fogão, adicionei mais lenha, e esperei que ela começasse.

— Estive pensando sobre aquele versículo que estudamos ontem —, ela começou, — aquele sobre Cristo morrer pelos ímpios.— Acenei com a cabeça, lembrando.

— Sou ímpia —, continuou Nimmie, suavemente.

— Sim, todos nós estamos sem Deus —, concordei, em um sussurro próximo.

Os olhos de Nimmie se abriram.

— Você também?

— Ah, sim, eu também.

— Mas...? — Começou Nimmie, mas não continuou.

— A Bíblia diz, “Todos pecaram”, lembra-se? Foi um dos versos que estudamos há duas semanas.

— Eu me lembro — disse Nimmie. — Não pensei nisso na época, eu acho.

— Bem, é verdade. A Bíblia também diz que “não há nenhum justo, nenhum”.

Nimmie sentou-se silenciosamente.

— Também me lembro disso —, ela finalmente afirmou.

— Também diz que “enquanto ainda éramos pecadores”, ele nos amou.

— Essa é a parte que é tão difícil de entender —, disse Nimmie. — Não consigo imaginar alguém morrendo por ... — Nimmie parou outra vez. — Elizabeth —, ela disse, olhando nos meus olhos, — eu sou uma pessoa terrivelmente má.

Queria protestar, mas Nimmie disse:

— Você não me conhece, Elizabeth. Não sabe o que eu quase fiz.

— Ela não chorou. Chorar não era costume do seu povo, mas baixou a cabeça total desprezo e os seus olhos recusaram-se a olhar para os meus.

— Quer me contar? — Finalmente perguntei, percebendo que Nimmie estava profundamente perturbada.

— Tratei da Mary Louca. Levei todas as refeições para ela, e a bacia para lavar suas mãos. Fiz curativos em seus dedos infectados que se recusavam a se curar do congelamento. Sempre que ia, conversávamos. Tentei encorajá-la, dizendo que as coisas iam ficar bem. Mas sempre, ela me imploravasó por uma coisa. Ela implorava para que eu levasse e eu sempre recusava. Ela queria a sua faca de caça.

Não conseguia entender as palavras de Nimmie. Houve silêncio enquanto eu me confundia com elas. Porque é que ela era malvada por cuidar de Mary de um modo tão especial? Nimmie levantou a cabeça.

— Eu sabia para que ela queria a faca. Ela não suportava estar confinada como... como uma galinha. — Então entendi. Mary Louca intencionava tirar a própria vida.

— Bem, eu sempre dizia “Não, Não.” E naquela manhã eu já não aguentava mais. Ela estava enlouquecendo no quartinho, e logo seria levada para longe de sua terra e de seu povo e trancada de novo... para sempre. Isso a mataria. Mataria lentamente. Não seria mais misericordioso deixá-la morrer de uma vez? Então, encontrei a faca dela, escondi no meu vestido e levei quando fui servir o café da manhã. Só que quando cheguei lá, Mary Louca estava...

Sim, eu sabia. Mary, misericordiosamente, já tinha falecido. Minha mente rodopiou e meu coração acelerou. O que poderia dizer à angustiada Nimmie? Ela percebia a gravidade do seu quase crime? Wynn teria que prendê-la. Ela teria sido trancada no pequeno quarto atrás da loja do marido.

Ela teria sido enviada para julgamento e sentença. Ela teria sido acusada de um crime terrível. O pavor tomou conta de mim, fazendo-me tremer, mas Nimmie continuou.

— Sou muito injusta —, disse Nimmie. — Sou uma pecadora. Antes, quando ouvi aqueles versículos, pensei que estava falando de outra pessoa. Agora sei que falam de mim. O meu coração está muito pesado, Elizabeth. Não consegui dormir ontem à noite. Eu amo este Jesus. Mas O entristeci com o meu pecado.

Não poderia dizer a Nimmie que o que ela tinha feito não era errado; eu acreditava que era. Teria sido terrível se ela tivesse participado no suicídio de Mary. Mas Deus a tinha mantido afastada daquilo. Agradei a Deus pela sua intervenção e misericórdia.

Não disse nada sobre o ato que Nimmie quase cometeu. Em vez disso, falei sobre o que deveria ser feito.

— Nimmie, quando percebi que era uma pecadora, que não podia fazer nada para expiar os meus pecados, fiz a única coisa que se pode fazer - que é necessário fazer. Aceitei o que Deus providenciou para toda a humanidade, o Seu perdão. Seu perdão através da morte de Seu Filho, Jesus. Ele morreu pelos nossos pecados para que não precisássemos morrer. Também não entendo esse tipo de amor, Nimmie. Mas sei que é real, pois já o senti. Quando orei a Deus, pedi o Seu perdão e recebi Seu Filho como meu Salvador; esse amor encheu o meu ser. Onde havia miséria e medo, agora tenho paz e alegria.

— E Ele faria isso por mim?

— Ele quer fazer! Ele anseia fazer! Foi por isso que Ele veio e morreu. Ele te ama tanto, Nimmie.

Mesmo que os olhos de Nimmie permanecessem secos, os meus estavam cheios de lágrimas. Curvamos nossas cabeças, orei e depois Nimmie orou. A oração dela foi bela e simples, começando na fé e no arrependimento e terminando com alegria e louvor.

Aproximei-me e segurei Nimmie por um momento quando acabamos de orar. Agora seu olhos também estavam molhados. Passamos algum tempo lendo as maravilhosas palavras de segurança e promessas de Deus na Bíblia, e então Nimmie correu para casa para compartilhar as boas novas com Ian.

Quando ela saiu de casa naquele dia, o meu coração estava cantando. Nimmie era ainda mais do que uma amiga muito especial.

Ela também era uma irmã amada.

Não fazíamos ideia da rapidez com que a nova fé de Nimmie seria testada. Menos de uma semana depois de Nimmie e eu termos passado o nosso tempo em oração, um desastre aconteceu. Todo o assentamento sofreria as consequências, mas Nimmie e o marido seriam os mais atingidos.

Era cerca de duas da manhã quando vozes - barulhentas e desesperadas - chegaram à nossa cabana. Ambos saímos da cama e corremos para a janela. O mundo inteiro estava iluminado com um furioso brilho vermelho.

— Fogo! — gritou Wynn antes mesmo de chegar à janela.

— Meu Deus, não! — Orei em voz alta. Mas era. Parecia, por um momento, que toda a aldeia estava ardendo em chamas.

Wynn se vestiu no tempo que levei para perceber a cena diante de mim.

— Fique aqui, Elizabeth —, disse ele.

— Mandarei pessoas se precisarem da sua ajuda. Você sabe onde ficam guardados todos os medicamentos. Leve-os para fora e os prepare para o caso de serem necessários.

Wynn se foi antes que eu sequer falasse com ele. Me vesti com pressa, com medo de precisarem de mim antes que os pudesse antender.

O barulho lá fora ficou mais alto. Já era possível ouvir o crepitar das chamas. Kip ganiu e foi em direção à porta. Seus instintos disseram-lhe que havia perigo.

— Está tudo bem, Kip —, falei calmamente com ele. — Está seguro aqui.

Ainda não sabia o que estava queimando. Depois de ter seguido todas as instruções de Wynn e de ter preparado os medicamentos, ataduras e pomadas de queimadura que encontrei, adicionei mais lenha ao fogo e coloquei uma chaleira de água para ferver, caso fosse necessário.

Havia fumaça no ar, que se infiltrava em todos os espaços da

nossa cabana. O cheiro me enjoava, pois significava dor, perda e possivelmente morte. Fui à janela para ver se podia dizer quanto da nossa pequena colônia estava sendo tomada pelo fogo.

Era a sede da Baía de Hudson que estava queimando. As chamas selvagens saltavam para o céu. Os homens rodeavam o edifício, mas não podiam fazer muito. Não havia equipamento de combate a incêndios no vilarejo - apenas baldes e montes de neve e, contra tal fogo, não faziam muito efeito.

Uma cabana perto da sede também estava queimando, e eu orei pela segurança dos ocupantes. Então comecei a observar. Havia homens nos telhados de outros edifícios. Havia homens com baldes entregando-lhes baldes cheios de neve. Mulheres e crianças rodeadas ou amontoadas impotentes em grupos. Toda a cena era de desespero e horror.

Um barulho na porta me afastou da janela. Três mulheres enfrentaram a noite. Uma segurava um bebê em seus braços, outra segurava uma criança pela mão. Já os tinha visto antes, na sede, onde Nimmie e eu tínhamos servido sopa na tempestade. Não as conhecia pelo nome.

— Entre —, eu disse. — Como está a Nimmie? Viram Nimmie?

Uma senhora abanou a cabeça. As outras pareciam não entender.

Elas empurraram a menina para a frente. Seu rosto estava cheio de fuligem e molhado de lágrimas. Tinha uma queimadura feia na mão.

Tirei o casaco dela e ajoelhei-me da sua frente. Não tive treinamento para tratar queimaduras. Peguei um frasco de pomada e li o rótulo. Não dizia tanto quanto precisava saber. Senti que devia limpar a ferida de alguma forma, mas como?

Peguei uma bacia de água e a aqueci ao meu toque. Não queria danificar ainda mais o tecido queimado. Com um pano, limpei a maior parte da fuligem e da sujeira, me esforçando para não machucar a criança. Depois, apliquei generosamente a pomada e enfaixei a ferida com uma atadura limpa.

Assim que terminei, a mãe com o bebê o trouxe para mim. Ela

tossiu para mostrar que o bebê tinha um problema. Ela apontou na janela para o fogo e tossiu novamente.

— Fumaça —, disse ela, conhecendo essa palavra.

— Ele se engasgou com a fumaça? — perguntei.

— Fumaça —, disse ela outra vez.

Inalação de fumaça. O que posso fazer quanto a isso? Não fazia ideia de como tratar e, se fizesse, tinha quase certeza de que não tínhamos o que era necessário para tratar.

Peguei o bebê. Para acalmá-las, tinha que fazer alguma coisa. *O quê, Deus?* O que fazem para facilitar a respiração? A única coisa de que já tinha ouvido falar para aliviar a respiração era vapor, e poderia ser a pior coisa que eu poderia fazer. Não sabia. Peguei o bebê e deitei-o na cama. Depois vasculhei o material médico de Wynn à procura de alguma coisa, - qualquer coisa, - que pudesse ajudar a criança. Não encontrei nada rotulado para inalação de fumaça. Finalmente tomei uma pomada que dizia que era bom para a congestão do tórax e esfreguei uma pequena quantidade no peito.

Não tinha terminado com o bebezinho quando a porta se abriu novamente. Mais mulheres e crianças entraram na nossa pequena cabana, mais por medo do que por ferimentos. Algumas tinham uma ou duas pequenas queimaduras, mas, felizmente, nada de grave. O cheiro da fumaça estava em suas roupas e o medo do fogo em seus rostos.

Sempre que um novo grupo se juntava a nós, eu fazia a mesma pergunta.

— Nimmie? Você viu Nimmie? Os McLain? Eles estão bem?

A resposta que tive foram ombros encolhidos e olhares inexpressivos. O sol da manhã estava se levantando quando Wynn chegou com um jovem que tinha queimado seriamente um pé. Fiquei contente por ver Wynn e lamentei pelo rapaz.

— Nimmie? — Perguntei outra vez. — E os McLain?

— Eles estão bem —, Wynn respondeu. — Os três.

Fiquei muito aliviada. Depois, Wynn começou a dar instruções

sobre o que precisaria para cuidar do pé, e eu as executei o melhor que pude. Depois de o jovem receber medicação para aliviar a dor, Wynn fez o que pôde para tratar a queimadura feia. Então ele enfaixou o pé levemente e, deixando o jovem em nossa cama, voltou novamente para ajudar a combater o fogo.

Antes de partir, ele me puxou para perto, embora ele não tenha me segurado por muito tempo; havia uma porção de olhos em cima de nós.

— Acho que conseguiremos salvar as outras casas. O pior do fogo já passou. Não deve demorar muito até que você comece a mandá-los para casa.

Depois, ele foi embora. Olhei em volta para os rostos ainda assustados.

— Sargento Delaney diz que o fogo vai acabar em breve —, informei-os, gesticulando com as minhas mãos também, — e, então, todos vocês serão capazes de voltar para as suas cabanas. O resto das suas casas estão a salvo. Vocês poderão voltar para elas.

Não tinha a certeza de quantos deles compreenderam as minhas palavras. Eu ainda sabia apenas algumas palavras em sua língua e nenhum deles lidavam com o fogo.

— Mas primeiro, — eu disse, — vamos tomar um chá.

Foi preciso muito chá naquela manhã, e tivemos de revezar os copos. Mesmo assim, pareceu levantar o espírito de melancolia da sala. Algumas das senhoras até começaram a conversar. Foi um grande alívio para mim.

Fui ver o rapaz com a queimadura. Ele parecia descansar o mais confortavelmente possível, dadas as circunstâncias. Perguntei a ele se queria chá, mas abanou a cabeça.

À medida que a manhã avançava, o fogo morria para dar lugar a uma mancha de escombros e, dois a dois, ou em pequenos grupos amontoados, as senhoras e as crianças deixavam a nossa cabana. O jovem tinha adormecido, se devido à medicação ou de exaustão, eu não sabia.

Comecei a lavar a louça e a arrumar o pequeno cômodo. Quando

Wynn chegou, o jovem tinha acordado e estava me fazendo perguntas que não conseguia compreender nem responder. Fiquei contente por ver Wynn, pois ele saberia o que o rapaz queria.

Recebi Wynn na porta. Depois de dar uma olhada rápida para me assegurar que ele estava bem, eu indiquei o homem na cama.

— Ele tem tentado me perguntar alguma coisa —, disse eu a Wynn. — Não faço ideia do que ele está dizendo.

Wynn atravessou até o jovem e ajoelhou-se ao lado dele. Ele falou com o rapaz nos suaves sons da sua língua nativa. Wynn falou de novo e depois, com um aceno de cabeça, ele se levantou e colocou o jovem em pé.

— Vou levá-lo para casa —, disse Wynn.

O jovem parecia prestes a cair.

— Não devia carregá-lo? — Perguntei, apreensiva.

— Gostaria —, disse Wynn, — com prazer. — Mas isso o envergonharia, se o levasse pela sua aldeia.

Olhei para o orgulhoso rapaz. Seu rosto estava contorcido de dor, e ainda assim ele estava determinado a andar em vez de ser carregado. Acenei com a cabeça.

— Espero que ele consiga —, disse fervorosamente.

— Farei com que consiga —, falou Wynn suavemente, e eles saíram juntos.

Quando Wynn voltou, trouxe os McLain.

— Tem comida suficiente para cinco pessoas famintas? — ele perguntou.

Olhei para o meu fogão. Era quase meio-dia e ninguém tinha comido nada.

— Vou providenciar—, disse, sem hesitar. Mas antes de ir aos armários e ao fogão, tive de me assegurar que Nimmie e Katherine estavam mesmo bem.

Eles se juntaram à nossa porta, tirando casacos sujos e chutando a neve das botas. Os seus rostos estavam cobertos de fuligem e ensopados de lágrimas, quer de choro, quer do odor acre da fumaça;

eu não sabia e nem perguntaria.

Os ombros estavam caídos de fadiga. Tinha sido uma longa, difícil e desanimadora noite. A casa deles tinha desaparecido. O seu sustento tinha desaparecido. Em uma noite perderam o passado, o presente e o futuro.

Me aproximei, incapaz de encontrar palavras para expressar meus sentimentos. Olhei nos olhos de Nimmie. A minha pergunta não foi feita, mas ela respondeu. Com um aceno rápido, ela garantiu que ficaria bem. Virei-me para a Katherine e estendi a minha mão.

— Vocês estão bem? — Eu perguntei.

A resposta dela foi mais do que eu esperava.

— Não tenho queimaduras nem lesões exteriores.

Ela estava me dizendo que o lugar onde estava realmente machucada era por dentro. Ela iria se curar, agora que descobriu o segredo da cura. Mas levaria tempo.

Voltei para o Sr. McLain.

— Sinto muito —, sussurrei vacilante, — realmente sinto muito.

Sr. McLain conseguiu dar um sorriso vacilante.

— Somos duros, Dona Delaney —, disse ele. — Sobreviventes. Vamos nos recuperar.

Respondi ao sorriso dele e fui buscar algo para comerem.

Depois de termos terminado a nossa refeição, nos sentamos à volta da lareira, conversando em tons calmos.

— Quais são seus planos, Ian? Podemos fazer alguma coisa? — perguntou Wynn.

Sr. McLain encolheu os ombros.

— Ainda não resolvi tudo.

— Pode ficar aqui até encontrar outras acomodações—, disse Wynn.

— Katherine pode ficar com a cama —, apressei-me a acrescentar. — Há algum lugar onde possamos encontrar outra cama?

Nimmie abanou a cabeça.

— Não há camas na vila —, disse ela. — Mas não se preocupe. Posso fazer a cama que Ian e eu precisamos.

Fiquei confusa.

— Ramos de abeto e peles —, explicou Nimmie. — Sei fazer uma cama que até os brancos mais ricos do mundo invejariam! Admirei a tentativa da Nimmie de aliviar a situação e nos trazer um pouco de humor.

— Na verdade, não é com a gente que eu tô preocupado —, continuou McLain, com ombros caídos apesar de seu esforço para manter o ânimo. — Sabe como é nessa altura do ano —, continuou, dirigindo a conversa a Wynn. — Foi um inverno longo e duro. A maioria das famílias está quase sem mantimentos. Eles dependiam da sede para passar o resto do inverno até que nova safra trouxesse comida fresca novamente. Aposto que a maioria tem menos de cinco copos de farinha na cabana. Como vão fazer o *bannock* [5] sem farinha? E sal, chá e...?

Mas Wynn o interrompeu.

— Vamos nos unir para cuidar deles. São pessoas resistentes. Eles conseguirão.

Houve silêncio por alguns minutos. Sr. McLain o quebrou.

— E os mantimentos *procês* dois? O que têm aqui?

Wynn abanou a cabeça.

— Não o suficiente para uma aldeia inteira, isso é certo. Teremos de racionar cuidadosamente para aguentarmos até à primavera.

McLain concordou.

— É uma boa ideia —, disse ele com um pouco de tristeza. — Não dividam o pouco que têm. Assim, não servirá de nada a ninguém. Alguém tem de se manter saudável e de pé, e parece que foi eleito, Sargento.

O impacto da realidade da nossa situação começou a me atingir. *Deus*, orei silenciosamente, *por favor, não deixe que chegue ao ponto de ter que afastar as pessoas famintas da minha porta*. Prefiro dar a minha última migalha de comida e sofrer com eles. McLain tinha razão? As

coisas se tornariam tão desesperadoras que seríamos forçados a reter as nossas próprias para termos força para atender às necessidades da comunidade? Orei para que isso não acontecesse.

— Bem, eu acho que a primeira coisa que precisa ser feita é uma pequena pesquisa —, disse Wynn. — Vamos passar pelas famílias da aldeia e descobrir qual é a situação. Eu vou te arranjar um livrinho, McLain, se quiser vir comigo, e pode registrar à medida que avançamos.

McLain acenou com a cabeça e se levantou, pegou o seu casaco pesado e coberto de fuligem e o seu chapéu de castor, e preparou-se para seguir Wynn.

Wynn virou-se para mim.

— Gostaria que fizesse o mesmo aqui, Elizabeth, se encontrar tempo. É importante saber exatamente com o que temos para trabalhar.

Acenei com a cabeça. Parecia tudo tão sério. Depois que os homens foram embora, virei-me para Nimmie e Katherine.

— Porque não tentam dormir um pouco? — Perguntei. — Vocês duas parecem, mesmo, estar bem.

— Eu te ajudo com o inventário —, ofereceu Nimmie.

— Não, não vou demorar. Na verdade, não há muito para contar. Descansem um pouco.

Nimmie ainda estava hesitante, mas eu insisti. Finalmente, ela foi convencida, e ela e Katherine foram para o nosso quarto, tiraram as roupas sujas e adormeceram depressa. Lavei a louça e arrumei novamente a pequena sala; e depois, com o caderno e o lápis na mão, comecei a fazer o que Wynn tinha sugerido. Contei tudo. Cada xícara de farinha, cada colher de chá. Separei e contei todas as latas de comida. Medi o sal e o açúcar, o café, o feijão e o arroz. Tudo na minha cozinha e depois na minha despensa foi medido e registrado.

No início, me parecia ser bastante; e então comecei a pensar no número de dias até que os suprimentos fossem reabastecidos, e percebi que não era muito. Sr. McLain tinha razão. Íamos ficar sem comida antes de o inverno acabar. Com o coração apertado, voltei

para a cozinha. Seria preciso um planejamento muito cuidadoso para fazer as coisas durarem.

Era final de tarde; Wynn e Sr. McLain tinham desaparecido há várias horas. Olhei pela janela nervosamente, ansiando para que voltassem. Nimmie saiu do quarto parecendo descansada.

— Elizabeth —, disse ela, — me empresta seus sapatos de neve?

— Claro, mas tem certeza que está pronta?

— Estou pronta —, disse ela com um sorriso suave. — Até ficaria grata com o exercício e o benefício de respirar o ar puro.

— Estão à sua disposição —, disse. Eu mesma precisava de um pouco de ar puro, por isso a compreendi.

Wynn e Sr. McLain voltaram antes de Nimmie. Eles não tinham boas notícias. A contagem da comida na aldeia foi listada em duas páginas curtas. Os índios começaram a confiar cada vez mais na sede e não armazenavam mais comida, exceto pelas raízes e ervas que carregavam e as frutas que secavam. Agora, essas também estavam em falta.

O futuro parecia ainda mais sombrio do que antes do levantamento. *Senhor, por favor, antecipe a primavera!*

Quando escureceu e Nimmie ainda não tinha voltado, comecei a ficar preocupada. Não gostava de mencionar o meu medo porque sabia que Sr. McLain e Wynn já tinham muito no que pensar.

Furtivamente, observei pela janela. Queria ter sugerido que ela levasse Kip. Sr. McLain parou o que estava dizendo a Wynn no meio da frase e virou-se para mim.

— Se está preocupada com Nimmie —, disse ele, tendo me apanhado olhando pela janela outra vez, — não fique. Nimmie está tão em casa na floresta quanto na cozinha. Quer esteja escuro ou claro, Nimmie não corre perigo.

Corei ligeiramente.

— Queria que ela viesse —, disse, me desculpando.

Katherine veio do quarto, e também ficou muito melhor depois do cochilo.

— Quase dormi o dia todo —, ela confessou. — Me desculpe. Queria te ajudar mais cedo, mas não acordei. Devia ter me chamado.

— Não tinha nada com que precisasse de ajuda —, assegurei-lhe. — Além disso, você precisava dormir.

Preparamos uma refeição. Katherine pôs os pratos e talheres na mesa. Como a nossa mesa era pequena e tínhamos apenas duas cadeiras, enchíamos os pratos e nos sentávamos à volta da sala.

Estávamos quase prontos para comer quando ouvimos Nimmie. Suspirei aliviada. Quando abrimos a porta, ela entrou na sala quase escondida sob ramos de abeto. Como ela aguentava, eu não conseguia entender. Ela sorriu debaixo da carga, e Sr. McLain o ajudou a descarregar.

Comemos juntos e, depois, Nimmie desapareceu outra vez. Quando voltou, ela tinha arranjado peles em algum lugar, com as quais começou a fazer uma cama numa das extremidades do quarto que Wynn usava como escritório.

Wynn liderou o nosso pequeno grupo em oração, e todos nos recolhemos mais cedo. Tinha sido um dia longo e cansativo, e não parecia haver mais nada que pudéssemos fazer para melhorar a situação no momento. Teríamos que cuidar do nosso futuro um dia de cada vez.

Capítulo 30 – Mãos à obra

Nos dias que se seguiram, Wynn convocou uma reunião com todos. Eles se reuniram em frente aos escombros do que até recentemente fora a fonte da vida do assentamento; olhos ansiosos vigiando a pilha de escombros de onde não havia nada a se reaproveitar.

Wynn apresentou-se diante das pessoas e falou na língua delas. Nimmie, ao meu lado, com a cabeça erguida, sussurrava a tradução.

— Nos reunimos porque somos um. Temos de cuidar uns dos outros. Perdemos o posto comercial e a comida que ele fornecia. Agora temos de encontrar o nosso próprio caminho. Não é um caminho novo. Ele já foi percorrido durante muitas luas pelos nossos pais. Mas é difícil. Vai exigir que trabalhemos juntos. Vocês têm um pouco de farinha e sal para o *bannock*. Vocês devem observar cuidadosamente suas provisões e usar apenas um pouco todos os dias. Pode durar muitos dias se os usarem com moderação. Temos as florestas e os riachos. Eles não nos abandonarão. Eles têm carne para oferecer. Caçaremos juntos e compartilharemos o que encontrarmos. Temos plantas que podem ser colhidas debaixo da neve. Vocês as conhecem bem. Enviaremos grupos para colher. Os que ficarem cuidarão da fogueira. Temos armadilhas e laços se ficarmos sem munições para as nossas armas, para não morrermos de fome. Temos medicamentos se ficarmos doentes, por isso não tenham medo. E, mais importante, temos um Deus que nos vê e sabe que estamos em necessidade. Ele prometeu cuidar dos Seus filhos. Viveremos, e chegaremos ao tempo do fluxo dos rios, da agitação da nova folhagem das árvores e do ajuntamento do verde selvagen.

Senti que deveríamos ter aplaudido este discurso, mas quando Wynn acabou de falar, as pessoas da aldeia afastaram-se - silenciosamente. No entanto, os seus ombros tinham se erguido um pouco e o olhar de desespero em seus rostos fora substituído por uma aceitação silenciosa e até mesmo um vislumbre de esperança.

Agora, Wynn quase nunca estava em casa. Ele organizou grupos

de caça, distribuindo cuidadosamente cartuchos contados aos melhores atiradores. Ele enviou grupos de pesca para abrir buracos no gelo e passar horas silenciosas, longas e frias na tarefa de trazer peixes para casa.

Ele enviou as mulheres mais velhas, agasalhadas contra o frio, para as florestas com cestas para escavar em busca de plantas comestíveis entre as raízes das árvores, enquanto as mulheres mais jovens ficaram responsáveis pela fogueira dos vizinhos, além das suas próprias. As crianças assumiram novas responsabilidades, como cuidar de bebês e coletar lenha.

Toda a aldeia foi convocada a trabalhar em conjunto. Mesmo aqueles que eram muito velhos e fracos para serem engajados ativamente tiveram uma função. Eles mexiam os caldeirões e mantinham o fogo aceso enquanto outros estavam ocupados com as suas tarefas. Uma cabana anteriormente vazia foi reparada o suficiente para a família que havia perdido sua casa no incêndio, e a vida na aldeia continuou. Alguns dos caçadores da vizinhança, que viram o terrível brilho vermelho no céu na noite do incêndio, voltaram para casa para verificar a família. Eles ficaram com as cabeças baixas enquanto percebiam o que o desastre significava para toda a população da aldeia. Acho que eles também devem ter orado, à sua maneira, por uma primavera antecipada.

Nimmie e eu estávamos sozinhas uns dias depois. Eu sabia que ela devia estar muito triste por ter perdido a sua linda casa com todo o belo trabalho manual e sua história. Ela admitiu que “fez seu coração doer”, mas conseguiu sorrir apesar de tudo.

— Ainda tenho Ian —, disse ela, emocionada. — Se o tivesse perdido, tudo estaria perdido.

Pensei em Wynn e entendi o que Nimmie queria dizer.

— Tenho pensado muito —, disse Nimmie, lentamente. — Talvez este tenha sido o castigo de Deus pelo meu pecado.

Queria protestar, mas não sabia o que dizer. Nimmie continuou.

— E depois pensei: “não, acho que não”. Veja, eu era pecadora muito antes de levar a faca para Mary Louca. Agora entendo uma

coisa que não entendia antes. Eu não me tornei pecadora porque eu peguei a faca, mas, sim, peguei a faca porque eu era pecadora. Compreende, Elizabeth?

Acenei devagar. Eu entendia e concordava.

— Sou pecadora há muito tempo. Só não sabia. Oh, eu sabia que tinha uma infelicidade, uma dor no meu coração que às vezes me contorcia e me trazia tristeza e vergonha, mas eu não sabia porquê ou o quê era. A dor já se foi. Mesmo depois do fogo, tenho paz. Se Deus me tivesse castigado, não O sentiria comigo como sinto agora, como O senti quando vi o fogo queimar tudo o que já foi meu. Não, Ele não estava me punindo, mas talvez esteja me fazendo passar pelo ritual de teste para ver se vou ser forte.

Voltei a acenar com a cabeça. Parecia que Nimmie tinha tudo resolvido. As lágrimas encheram-me os olhos. Ela era forte, a nossa Nimmie!

— Ian e eu conversamos muito ontem à noite, — Nimmie fez uma pausa. — Nós vamos embora.

A minha boca abriu-se para protestar e segurei o braço dela.

— Nós voltaremos —, Nimmie informou-me rapidamente. — Voltaremos assim que os corvos voltarem. Construiremos novamente a sede assim que a madeira puder ser retirada da floresta. E vamos trazer mantimentos de volta ao povo.

Aliviada por saber que voltariam, ainda não percebi porque acharam que deviam ir.

— Ian tem muito o que fazer, para os planos para o novo prédio da sede —, explicou Nimmie. — Ele tem que arranjar mantimentos para serem enviados assim que os rios estiverem livres de gelo. Vamos estar muito ocupados. O tempo vai passar rapidamente. Ian vai até me mostrar as grandes cidades sobre as quais li.

O rosto de Nimmie ficou radiante. Por um momento, eu desejei poder ir com ela; e então rapidamente pensei em Wynn, e qualquer desejo de deixar Beaver River passou.

— Além disso, — disse Nimmie concluindo, — os suprimentos estão baixos... até mesmo os suprimentos em sua casa. Se formos em

breve, isso significará menos pessoas para alimentar e mais vida para a aldeia.

— E quanto a Katherine?

— Ian vai perguntar o que ela deseja. Temos certeza de que ela irá conosco.

Só me restava uma pergunta.

— Quando vocês vão?

— Amanhã. Amanhã, assim que o sol nascer.

Katherine escolheu ir com eles.

Eles tinham muito pouco para levar. Sr. McLain ainda tinha a sua boa matilha e o seu trenó. Não tinham vestimentas, nem provisões, a não ser o que lhes havia sido doado.

Wynn certificou-se que tinham uma boa espingarda e alguns cartuchos.

Os aldeões vieram timidamente para a frente enquanto os McLains se preparavam para viajar e ofereceram comida, roupas ou armadilhas como ofertas de amor. Eu sabia que as pessoas precisavam desesperadamente das coisas que estavam dando, mas os McLains também.

Os presentes não foram recusados porque isso teria ofendido os doadores. Eles foram dados com amor, e foram aceitos em amor.

Por fim, o trenó estava carregado, a matilha foi amarrada, e os viajantes estavam prontos para a trilha.

No último minuto, Nimmie me chamou de lado. Não tinha certeza se conseguiria falar com ela sem chorar.

— Tenho um segredo maravilhoso —, disse ela, com os olhos brilhando, — e queria compartilhá-lo com você antes de sair. Vou ter um bebê. Pensa só ... depois de dez anos de casamento, vou ter um bebê!

— Oh, Nimmie, — era tudo o que eu podia dizer. Tomei Nimmie nos meus braços e chorei, molhando toda a sua jaqueta de peles.

Eu era a única a chorar, pois o povo índio expressava-se de outras formas. Sabia que seus corações estavam pesados, também.

Foi difícil ver os nossos amigos partirem. Foi difícil entregá-los aos elementos e ao inverno. Orei para que chegassem em segurança. Se alguém sabia como lidar com os rigores da trilha, eram os McLains.

Nimmie tinha vindo da floresta, e o próprio Sr. McLain tinha passado muitos anos trabalhando em uma trilha de caça antes de se tornar gerente da sede. Eles saberiam o que fazer em quaisquer circunstâncias.

Seria difícil para Katherine. Ela não tinha sido preparada para os rigores do Norte. A viagem seria longa, difícil e muito cansativa. Orei para que Deus a ajudasse. E ajudasse Nimmie. A futura mamãe. A animada mamãe. Orei de todo o meu coração para que as coisas corresse bem para ela e para que Deus protegesse o seu filho que estava a caminho.

Fiquei e os vi desaparecer sobre a brancura da colina além do nosso assentamento, um aceno final para nós foi o nosso último vislumbre deles. Então coloquei uma mão na cabeça peluda de Kip e comecei a voltar para a cabana, enquanto as lágrimas borravam minha visão. Sabia que Wynn estava me vigiando, para ter certeza que eu ficaria bem.

Capítulo 31 – À espera

Wynn estava trabalhando quase dia e noite desde o incêndio, a fim de garantir que o assentamento tivesse comida. Eu não tinha feito nada - exceto sofrer por Nimmie.

— Não há nenhuma maneira de eu poder ajudar? — Perguntei.

— Aqui está, Elizabeth. Uma maneira muito importante —, me informou Wynn. — Gostaria que você ficasse de olho em todas as famílias, atenta a possíveis doenças. Acho que vamos sobreviver a este inverno se não enfrentarmos nenhum tipo de epidemia. A única maneira que vejo para evitar que isso aconteça é detectar cedo qualquer pessoa com sintomas e tentar isolá-las.

— Então o que você quer que eu faça? — Questionei. Certamente não era enfermeira, nem tinha conhecimento médico de qualquer tipo.

— Apenas visite as casas. Faça tantas visitas quanto o tempo permitir. Mantenha os olhos e ouvidos abertos para qualquer tosse, febre ou sintomas de qualquer tipo. Anote a cabana e eu trato do resto.

Não me pareceu muito difícil.

— Como estão indo as coisas, Wynn? De verdade? — Perguntei a Wynn.

Ele olhou para mim e eu sabia que teria uma resposta honesta.

— Não estão boas. Estamos conseguindo, até agora, manter a comida nas cabanas, mas a disponibilidade de um pouco de carne cozida com algumas raízes deixa muito a desejar. Mesmo assim, conseguiremos se pudermos manter a doença afastada. Todos estão cooperando bem até agora. Se conseguirmos manter a moral elevada e impedi-los de desistirem, ficaremos bem.

— Certamente não vai demorar muito —, disse, esperançosa.

— Até a neve desaparecer ... não. Talvez não. Mas, quando a neve desaparecer, o resto dos homens voltará. É verdade que serão mais homens para caçar e pescar, mas também serão mais bocas para

alimentar. E ainda serão várias semanas depois disso até que as florestas e os campos comecem a dar frutos.

Wynn me puxou para perto e me abraçou por vários minutos antes de partir para retomar seus deveres de mais um dia longo e cansativo. Fui cuidar da louça e da limpeza.

Desde o incêndio, não jogava mais fora folhas de chá ou grãos de café usados. Em vez disso, os secava e colocava num recipiente para serem usados novamente. Também guardava as sobras da nossa comida, por menor que fosse a porção. Poderiam ser usadas de alguma forma.

As nossas refeições eram bastante ralas e cuidadosamente racionadas. A carne se tornou também o nosso principal alimento, com apenas pequenas porções de quaisquer legumes enlatados para complementá-la. Agora, as sobremesas eram apenas uma memória distante. O mais próximo que tínhamos era quando borrifávamos uma pequena quantidade de açúcar numa fatia ocasional de pão.

O pão também era racionado. Nos permitíamos apenas uma fatia por dia e, às vezes, eu as cortava bem finas, embora tenha tentado tornar a de Wynn um pouco mais espessa do que a minha - não muito diferente, ou ele reparava e me repreendia gentilmente.

Fiquei muito feliz por Nimmie quando ela me contou sobre seu bebê. Eu ansiava pelo nosso bebê. Wynn e eu falávamos sobre isso muitas vezes. Todos os meses esperava de todo o meu coração que Deus decidisse nos abençoar; mas agora agradecia a Deus por não estar carregando um filho. A nossa dieta não era boa o suficiente para nutrir um bebê a caminho.

— Vou esperar, Deus —, orei. — Eu vou esperar.

Assim que as minhas tarefas foram concluídas, vesti o casaco, as luvas e saí. Estávamos em abril. Certamente não precisaria de roupas pesadas por muito mais tempo.

Visitei várias casas naquela manhã. Em cada casa eu tinha que insistir com a anfitriã, “Nada de chá”, e esfregava meu estômago como se o chá não me caísse bem. Eu não queria que elas usassem nenhuma das suas escassas provisões toda vez que eu os visitasse.

Muitas daquelas mulheres eu conhecia pelo nome. Elas tinham aprendido a confiar em mim, embora estivessem se perguntando por que eu não tinha nada melhor para fazer do que vaguear pelo assentamento enquanto todos os outros estavam ocupados trabalhando.

Continuei atenta a qualquer coisa que parecesse um potencial problema. No início, não havia nada mais do que um ou dois narizes escorrendo. Tomei nota deles mentalmente, para o caso de Wynn querer conferir.

Na cabana de Arbus, uma das crianças estava tossindo, uma tosse que soava mal e que trouxe medo ao meu coração. *Por favor, coqueluche não*, orei silenciosamente e disse à Anna para o manter dentro e longe de outras crianças até que Wynn o visse.

— Mas ele pega madeira —, disse Anna. — Trabalho dele.

— Hoje, não. Vou ajudar com madeira hoje. Mantenha-o perto da lareira.

Anna ficou surpresa com o que eu disse e com minha convicção, mas não discutiu mais. Eu era a Senhora Sargento e devia ser ouvida.

Fui buscar madeira como tinha prometido. Não foi um trabalho fácil. A neve era profunda e, os machados, lentos. Achei muito difícil andar com sapatos de neve e carregar madeira nas costas. Não era tão habilidosa como as crianças indígenas. Tive de fazer viagens extras para ter uma pilha tão alta como as outras e, quando acabei, estava escurecendo e sabia que, em breve, Wynn estaria em casa. Eu não tinha feito a ronda completa das cabanas, mas eu terminaria o resto no dia seguinte.

Quando Wynn voltou para casa, relatei o que tinha encontrado.

— Bom trabalho —, disse ele. — É melhor eu visitá-los.

— Porque não vai depois de comer? — Sugeri, — E vou com você.

Wynn concordou e fizemos uma refeição simples. Caminhamos juntos ao luar sobre a neve que rangia, longas sombras a brincar sobre nós. Das cabanas que rodeavam a pequena clareira, uma luz suave tremeluzia nas ondulações da neve.

— É bonito à noite, não é? — Eu disse a Wynn.

— Mas não é bonito de dia? — Wynn indagou.

— Na verdade, não é o que eu quis dizer. É que ... de dia, toda a tristeza e os escombros da tragédia aparecem, também. Alguns dias —, continuei, — desejava que nevasse três metros só para enterrar aquela terrível lembrança que se acumulou na aldeia.

— Não é uma visão bonita, não é? Mas pensei que você estivesse muito ansiosa para que a neve desaparecesse.

— Eu estou. Realmente não me importo com a neve em si - é bonita e eu gosto - gosto de andar nela, de olhar para ela. É o vento que eu odeio. Não suporto o vento. Me dá arrepios por todo o lado. Parece tão... tão... vingativo, de alguma forma. Eu odeio!

Wynn se aproximou para pegar na minha mão e me abraçar enquanto continuávamos a andar.

— Gostaria que aprendesse a apreciar o vento, Elizabeth. Deus fez o vento, também. Ele tem muitos propósitos e faz parte do nosso mundo. Você não estará realmente em paz aqui enquanto não fizer amizade com o vento. Tente entendê-lo para encontrar beleza nele.

Ele parou.

— Veja, ali. Vê aquele banco de neve? Observe a forma como os picos descrevem uma curva - a suavidade de veludo da sombra púrpura criada pelo brilho da lua. Veja como é bonito.

Wynn tinha razão. Ele continuou a mostrar outras esculturas criadas pelo vento em torno da clareira. Eu ri.

— Está bem —, assegurei. — Tentarei encontrar a beleza no vento.

— A sua maior beleza é a sua canção —, continuou Wynn. — Ainda não tive a oportunidade de te levar para acampar sob as estrelas, mas quando chegar a primavera, faremos isso. Acamparemos num local onde poderemos nos deitar à noite e ouvir o vento cantando entre os abetos. É um som delicioso.

— Vou me lembrar da promessa —, disse a Wynn. Estávamos na primeira cabana. Wynn olhou cuidadosamente para a garganta da

criança e sentiu febre. Não parecia haver motivo para alarme aqui, mas ele deu à mãe um pouco de medicação, dizendo a ela para dar uma colherada todas as manhãs. Ela acenou com a cabeça e fomos para a próxima cabana.

Mais uma vez, não encontramos motivos de preocupação. Wynn nem deixou medicamentos com a família. Ele me disse para ficar de olho na criança durante os próximos dias.

Quando chegamos à terceira cabana, conseguíamos ouvir a tosse antes mesmo de chegarmos à porta. Wynn parou e ouviu com atenção.

— Tem razão —, disse ele. — Não gosto nada do som disso.

A coqueluche era um dos temidos assassinos no Norte.

— Temos remédios? — Perguntei, contando com o pior.

— Não é o suficiente se for coqueluche —, disse ele calmamente. Nós entramos e Wynn fez um exame minucioso na garganta, peito e ouvidos da criança, com o pequeno equipamento que tinha.

— Há quanto tempo está tossindo? — ele perguntou a Anna.

— Dois dias —, disse ela.

— A tosse dele é ruim, Anna. Quero que o mantenha dentro de casa. E mantenha as outras crianças longe dele, se puder. Lave a louça que ele usar em água muito quente. Deixe de molho na água e no vapor. Dê este remédio - uma vez quando o sol nascer, uma vez quando estiver alto no céu, e uma vez quando o sol se pôr. Você entende?

— Entendo —, disse Anna.

Wynn repetiu todas as suas instruções na sua língua materna para ter a certeza de que Anna tinha compreendido completamente.

— Entendo —, disse ela novamente.

— Sra. Delaney volta amanhã para ver como ele se sente.

— A Beth vem —, disse ela com satisfação.

Senti um calor no meu coração ao ouvi-la usar o meu primeiro nome.

— Há alguma maneira de arranjar mais medicamentos? —

Perguntei a Wynn a caminho de casa.

— Não a tempo. Teríamos de enviar alguém para buscar. Até que ele voltasse, metade da cidade poderia estar infectada.

— O que faremos?

— Teremos de esperar, Elizabeth, e torcer para que estejamos errados. Espere... e ore.

Capítulo 32 – Armadilhas

Agora que meus dias estavam mais que cheios, tinha pouco tempo para Kip. Eu sabia que ele precisava de exercícios, por isso fui forçada a deixá-lo sair para correr sozinho. Detestei fazer isso, mas ele sempre voltava para casa sem demora.

Uma noite, ele apareceu com marcas em seu pelo denso e comprido. Me aproximei para verificar. Havia um tufo pendurado no canto do seu lábio. Eu o removi e olhei para ele, intrigada com aquilo.

— Parece que ele esteve numa pequena briga —, observou Wynn como se não tivesse importância.

— Você acha? — Perguntei alarmada, me lembrando do mal-encarado Buck.

— Ele não parece ter levado a pior, — Wynn respondeu. — Acho que ele se deu bem.

Afaguei o pêlo de Kip. Não percebi ferimentos e ele não parecia sentir dores. Na verdade, ele parecia bastante satisfeito com alguma coisa.

— O que vou fazer com ele? — Perguntei a Wynn.

— Como assim?

— Bem, Não tenho tempo para levá-lo para passear, e ele não pode ficar aqui o dia todo.

— Acho que ele vai cuidar de si mesmo muito bem.

— Mas e se ele encontrar Buck? Da última vez, ele se submeteu ao Buck, mas, se ele está lutando com outros cães agora, ele pode tentar enfrentar Buck, também.

Wynn sorriu.

— Alguém tem que segurar esse valentão.

— Oh, Wynn —, resmunguei. — Isto não é engraçado. Ele pode se machucar!

Wynn, agora sério, disse:

— Me desculpe. Não queria caçar da sua preocupação. Você tem razão. Existe a possibilidade de Kip se machucar. Mas é mais provável que ele saia vencedor. Kip não aceitou o desafio de Buck da última vez porque sabia que não estava pronto. É um cão esperto. Se ele decidir enfrentá-lo, é porque acha que está pronto. Agora ninguém sabe se ele está ou não. Só temos de confiar nos instintos do Kip, só isso. Kip tem uma série de vantagens sobre Buck. Ele é um pouco mais pesado. Ele teve melhor nutrição. Ele é mais jovem e ágil, e eu acredito que ele é muito mais inteligente. Se houver luta, acho que Kip tem boas chances.

Bem, uma boa chance não era suficiente para mim. Queria ter certeza. O que eu realmente queria era que Kip ficasse fora do ringue completamente, mas não acreditava que eu seria capaz de evitar isso por muito mais tempo.

— Comporte-se bem —, avisei Kip, balançando meu dedo para ele, — ou vou te amarrar.

Ao fazer a ronda pelo vilarejo, encontrei mais alguns casos de coriza, e não mais as preocupantes tosse. O filho da Anna não estava piorando. Na verdade, o medicamento parecia estar funcionando. A tosse estava passando gradualmente. Anna estava radiante.

Nenhuma das outras crianças tinha desenvolvido a tosse. Eu tinha certeza de que ela também tinha pensado na temida coqueluche; ela provavelmente conhecia os sintomas muito melhor do que eu.

Os raios de sol aqueciam o ar um pouco mais a cada dia. Eu frequentemente me via retirando minha jaqueta e até desabotoando o meu casaco. Os ventos estavam ficando mais brandos e não traziam mais o mesmo frio. Estávamos em meados de abril. A primavera devia estar logo ali, dobrando a esquina! Eu exultei.

— Você quer um dia de folga? — Wynn me surpreendeu em uma manhã.

Olhei para cima ao cortar as finas fatias de pão.

— Adoraria. O que tem em mente?

— Preciso atender um chamado em uma cabana a oitocentos metros do assentamento. Pensei que, visto que você tem feito um bom

trabalho como enfermeira do campo, talvez gostasse de vir comigo.

— Eu adoraria! — foi a minha resposta entusiástica.

— A neve está ficando um pouco fina em alguns lugares. Agora não usaremos tanto o trenó este ano.

Isso também era uma boa notícia.

— Quando devo estar pronta? — Perguntei a Wynn.

— Daqui a meia hora. Estarei esperando.

— Posso levar Kip para correr, também?

— Claro. Traga Kip. Apenas o mantenha longe dos cães do trenó. Para eles, Kip é um estranho e uma ameaça.

Tinha a certeza de que não teria problemas com isso. Kip era obediente e sempre obedecia o que ordenávamos.

Cantarolei enquanto me preparava para ir. É tão bom ter este tipo de passeio! Um dia inteiro com Wynn! O sol estava brilhando. Em breve o nosso inverno terminaria e o nosso mundo voltaria a mudar. Nimmie estaria de volta. O novo posto de negociação seria construído. O nosso povo teria comida e mantimentos adequados outra vez. Tudo ficaria bem. *Obrigado, Deus*, sussurrei. *Obrigado por nos assistir*.

Wynn logo cehgou com o trenó. Chamando Kip para me seguir, eu saí para me juntar a ele. Foi um dia maravilhoso, como prometido. Wynn atendeu seu chamado e atendeu o homem doente na sua cabana.

Wynn transportou madeira e água para dentro e certificou-se de que tinha os mantimentos necessários. Ele deu ao homem medicamentos para tomar por alguns dias e disse-lhe que voltaria para vê-lo em breve. O homem não parecia estar gravemente doente, apenas com gripe; então o deixamos e começamos nossa viagem de volta.

Estávamos a meio caminho de casa quando um grito terrível suspendeu a quietude do dia ensolarado. Parei no caminho com a minha pele formigando.

— O que foi isso? — Perguntei a Wynn, que tinha parado a matilha e se colocado ao meu lado.

— É melhor verificar —, disse ele, e pegou sua espingarda.

O grito agudo voltou.

— Espere aqui —, disse Wynn. — Não demoro. Deve ser um animal numa armadilha.

Me sentei de costas para a direção que Wynn estava tomando, tentando esquecer o som horrível. Observei os cães. Eles descansavam sobre a neve dura, com as cabeças em suas patas ou então lambendo a neve gelada seus dedos dos pés. Pareciam alheios a tudo; só apreciavam a oportunidade de descansar.

Então pensei em Kip. Tinha me esquecido momentaneamente dele. Me virei para procurá-lo. Ele estava desaparecendo à volta do monte de árvores para onde Wynn tinha ido. Pensei em Wynn e em sua espingarda. E se ele tivesse que disparar e não soubesse que Kip estava ali? E se Kip se metesse no caminho?

— Kip! — Gritei, num pulo. — Kip, volte aqui!

Corri atrás do cão, abrindo meu caminho pela neve. Não estava longe. Logo encontrei Kip e Wynn. E então vi...

Deitado no chão, coberto de sangue, estava um animalzinho peludo. O pé estava preso na armadilha, os olhos eram grandes e suplicavam, e a perna... a perna ... e Wynn estava balançando a coronha da espingarda. Eu não conseguia olhar.

Soltei um gritinho e me afastei.

A cabeça de Wynn se levantou rapidamente e ele veio até mim.

— Elizabeth —, ele disse, me envolvendo em seus braços e virando a minha cabeça para longe da horrível visão, — eu te pedi para ficar.

— Mas Kip - ele fugiu. Só o vi quando ... — Wynn me abraçou. Comecei a chorar e a tremer.

— O pobre animal —, continuei a chorar. — Coitadinho.

Wynn me deixou chorar.

— Wynn —, chorei, — é tão horrível.

— Sim —, ele concordou, — é horrível.

— Você o matou?

— Tive que fazer isso, Elizabeth. Você viu como ele estava gravemente ferido.

— Não podia ter libertado?

— Ele caiu na armadilha. E mesmo que ele tivesse escapado, teria morrido.

— É terrível. — Comecei a chorar outra vez. — Não pode parar isso, Wynn? Não pode lhes dizer para não fazerem mais isso? Você é a lei, eles vão te ouvir.

Wynn me deu um pequeno chacoalhão para parar minha histeria e trazer algum juízo à minha cabeça.

— Não consigo parar as caçadas. Sabe que não posso. Caçar é o modo de vida deles. O seu sustento. Se não tivessem peles, não teriam nada. Eu sei que é cruel. Também detesto isso, mas faz parte da vida. Temos de aceitar.

Sabia que Wynn tinha razão. Tentei parar de chorar. Pensei em todas as famílias no assentamento. As peles para negociar eram a única maneira de comprarem os mantimentos necessários. Detestei, mas também teria de aprender a conviver com aquilo. *No entanto, certamente deveria existir uma maneira mais humana*, meu coração me disse.

Lamentava que o nosso único dia juntos após tantas semanas tenha sido estragado. Tentei recompensar Wynn. Não me preocuparia mais e não voltaria a falar disso. Não havia maneira de preparar um jantar especial para Wynn, mas pelo menos podia ser boa companhia no pouco tempo que nos restava. Planejei uma noite diante da lareira, lendo um dos nossos livros favoritos.

Quando Wynn acabou de cuidar dos cães, cansado dos deveres do dia, contei-lhe os meus planos. Ele sorriu e levantou a meu rosto para me beijar no nariz.

— Parece bom.

Tínhamos acabado de nos instalar, e eu estava fazendo a primeira leitura em voz alta, enquanto Wynn se deitava com a cabeça dele no

meu colo. Um tumulto à porta me fez saltar e Wynn gritou. Felizmente, o livro não causou nenhum dano ao cair na cara dele.

Abrimos a porta e nos deparamos com um homem que carregava alguém por cima do ombro.

— Perna —, informou; levou o homem e o largou sem cerimônias no tapete diante da lareira.

O homem ferido gemia de dor. Wynn ajoelhou-se ao lado dele e começou a verificar sua perna.

— Está quebrada —, disse ele calmamente. — Vamos ter que imobilizar. Pelo menos não é fratura exposta, o que não é tão ruim. Sem lascas, nem músculos ou ligamentos rompidos.

Wynn continuou a verificar a perna, e o homem no chão continuava a gemer.

— Isto não vai ser bom —, disse-me Wynn. — Quer dar uma volta?

— Você precisa de mim?

— Você poderia ser útil, mas não vou te pedir para ficar.

— Acho que consigo.

— Boa garota.

Depois, Wynn virou-se para o homem que o trouxera.

— Como é que isto aconteceu?

— Cair.

— Há quanto tempo?

— Uma hora.

— Vamos colocá-lo na cama.

Eles o levantaram e Wynn foi buscar os medicamentos. Ele despejou algo com cheiro forte num pano pequeno e me entregou.

— Quero que fique aqui segurando isto no nariz e na boca dele. Assim. Espere até estarmos prontos para intervir na perna. Não segure aí muito tempo. Eu digo quando deve deixá-lo respirar e quando deve afastá-lo.

Me aproximei do homem com o pano na mão, pronta para seguir

as instruções de Wynn.

Eu não assisti. Estava muito ocupada com o rosto diante de mim e com o pano que segurava. Apesar da minha administração, o homem ainda gemia e tentava atirar-se da cama. O outro homem foi chamado para o segurar.

Finalmente a provação acabou e Wynn amarrou a perna bem firme numa tala improvisada.

— Vá buscar um dos seus amigos —, disse Wynn ao caçador, — e pode levá-lo para a cabana dele.

A testa de Wynn estava molhada de suor. Ele afastou a mecha de cabelo que tinha caído para a frente. Ele foi até o homem na cama e estendeu para ele uma mão gentil.

— Vai correr tudo bem, Cervo Forte —, garantiu ele. — Já acabou. Eles vão te levar para a sua cama. Vou te dar um bom remédio para dor.

O homem acenou. O pior já havia passado. Wynn trouxe o comprimido e a água e ele engoliu agradecido. Os homens logo voltaram e cuidadosamente levaram seu companheiro para sua própria casa para ser recebido por uma esposa ansiosa.

Wynn voltou para a lareira e depois olhou para mim e sorriu.

— Onde está a noite calma e agradável que você organizou, Elizabeth? — ele perguntou.

Fui até ele e coloquei os braços em volta do seu pescoço.

— Há alguma coisa que você não consiga fazer?

Perguntei, com admiração na minha voz.

— Você faz partos, costura cortes feios, cuida de ossos quebrados, arranca dentes infectados, age como médico dos doentes, alimenta toda a aldeia. Há alguma coisa que você não consiga fazer? — Repeti.

Wynn me beijou. Ele deu aquele sorriso lento e fácil que eu tinha aprendido a amar.

— Agora, Elizabeth —, disse ele com lágrimas. — Você acha que eu seria tão tolo a ponto de confessar?

Capítulo 33 – A primavera

Apesar de não termos tido notícias dos McLain, comecei a esperar por eles. “Assim que o rio descongelar,” ou “assim que os troncos puderem ser trazidos das florestas,” não era um prazo muito bem definido para o seu regresso. Bem, o rio estava correndo novamente e a neve estava descongelando rapidamente nas florestas. Comecei a vigiar esperançosamente.

“Voltarei a tempo de plantar a minha horta”, dissera Nimmie. *“Vamos plantar uma horta juntas.”* Estava ansiosa por aquela horta. Estava ainda mais ansiosa por Nimmie.

Também pensei em Katherine. Ela também voltaria? Pobre Katherine! Ela tinha enfrentado tanta coisa na vida, mas ela havia perdido muito da vida por sua própria escolha. Fiquei muito feliz por ela ter conseguido juntar os pedaços outra vez.

Estava pensando no bebê de Nimmie. Este não era um momento conveniente para estar na trilha longa e difícil de Edmonton. Lembrava-me bem da viagem. Mas Nimmie era familiarizada com a floresta e o rio. Ela seria, sem dúvida, uma viajante melhor que eu.

Eu costumava esperar pelo primeiro pássaro azul quando estava em casa em Toronto. Esperava pela primeira canção do pisco-de-peito-ruivo. Esperava ansiosamente por ver o primeiro açafão da primavera. Apreciei quando vi a minha primeira violeta delicada. Mas, agora, estava à espera de Nimmie.

Com a chegada de Nimmie, saberia que era primavera. Com a chegada de Nimmie e Ian, uma nova vida ao triste e cansado povoado.

Os casacos pesados agora foram guardados. As crianças brincavam de novo com vestidos de algodão e camisas de flanela. As mulheres iam para a floresta com cestos nos braços, na esperança de encontrar algumas verduras da primavera. Os homens voltavam das trilhas de caça e desviavam a atenção de capturar os animais para curtir suas peles. A fumaça subia preguiçosamente à deriva das

lareiras das cabanas mas, às vezes, era-lhes permitido morrer. O calor delas não era necessário todos os dias.

Havia um novo sentimento no assentamento, um sentimento de liberdade após um longo confinamento. Mas mesmo assim, afastei-me, sem fôlego, à espera. Era mesmo primavera, ou poderia outro vento cortante do norte trazer a neve novamente? Mal me atrevia a ter esperança.

E, então, aconteceu. Um homem cavalgou empolgado para o acampamento, em seu cavalo ofegante. Ele gritou em inglês mal falado:

— Eles vêm. Muitas carroças.

Todos saíram das cabanas.

— Onde? Onde?

Então ele começou a responder em sua própria língua, e eu estava prestes a explodir com a minha pergunta. Corri entre as pessoas até encontrar Wynn.

— São eles? — Perguntei a Wynn.

— São eles —, garantiu, sorrindo. — Com muitas carroças de mantimentos.

— A que distância?

— Cerca de dois quilômetros e meio. — Dois quilômetros e meio! Ainda faltava muito. Mal podia esperar. Pareceria uma eternidade.

— Vou levar alguma reeição para eles —, disse eu, prestes a disparar. Wynn segurou minha mão.

— Espere —, disse ele, rindo. — Eles só chegam daqui a uma hora.

Com meu olhar de decepção, ele se apressou:

— Estava pensando se você gostaria de ir ao encontro deles.

— Oh, sim! — Chorei.

— Pegue um suéter. O tempo pode ficar um pouco frio até voltarmos.

Corri para buscar o suéter, minhas saias batendo nas minhas

pernas. Levantei-as para correr mais depressa. Eles estão chegando! Bem, eles estavam quase chegando. Estavam a caminho. Voltei correndo para Wynn.

— Vamos —, disse, já sem fôlego. Ele pegou no meu braço e me acalmou.

— Se temos alguns quilômetros para andar, é melhor se acalmar. Você não vai conseguir chegar nesse ritmo.

Ele tinha razão. Diminuí o passo, e as pessoas da aldeia começaram a nos seguir. Eram mães carregando bebês e pais carregando crianças sobre seus ombros. Até os velhos, que precisavam da ajuda de uma bengala, avançavam a um ritmo mais lento. Toda a aldeia ia ao encontro do comerciante e a sua esposa indígena.

Andamos o mais depressa que Wynn permitiu. Respirei profundamente o ar fresco e cortante. Ainda era um pouco frio, mas senti o cheiro da natureza renascendo, pensei. Ou foi só a minha imaginação?

— Você acha que a primavera chegou mesmo? — Perguntei a Wynn.

— Acho que sim.

— Que sinais você vê? — Eu persisti.

— O rio está quase sem gelo. — Acenei com a cabeça. — A neve desapareceu quase toda. — Voltei a acenar com a cabeça. — Está mais quente —, continuou Wynn. — E vi vários bandos de gansos do Canadá passarem. — Ele esperou. — Precisa de mais?

Bati na bochecha.

— Os mosquitos voltaram —, disse eu, lamentando.

— Aí —, disse Wynn. — Mais uma certeza. A primavera chegou!

Rimos com cumplicidade. Kip brincava à nossa frente, cheirando tocas de coelhos e latindo para esquilos atrevidos. Fiquei feliz com a alegria dele.

— Acho que ele também está animado —, disse a Wynn, que segurou minha mão.

— Este inverno foi sido difícil para você, não foi, Elizabeth?

— Foi difícil para todos —, respondi honestamente.

— Mas os outros... eles estão acostumados com as dificuldades. Você não está. Foi difícil demais?

— Admito que ficarei muito feliz com uma cenoura fresca. E admito que ficarei feliz com uma fatia de bolo. Até posso admitir que os espinafres, que odeio, podem ser gostosos. Mas não lamento ter vindo com você, Wynn.

Wynn me parou, afastou meu cabelo e me beijou. Ele olhou profundamente nos meus olhos.

— Fico feliz em ouvir você dizer isso, Elizabeth. Também tenho algo a dizer. Algo que talvez devesse ter dito há muito tempo, mas quero dizer agora, com todo o meu coração, com todo o meu amor. Estou orgulhoso de você, Elizabeth. Orgulhoso da sua força, do seu apoio, da sua capacidade de se adaptar a coisas difíceis. Você tem sido a minha ajuda, o meu apoio, o meu braço direito, Elizabeth. Não sei o que teria feito sem você. Você mais do que provou que eu estava errado - muitas vezes. Seu lugar é aqui, comigo.

Wynn me beijou outra vez, limpei algumas lágrimas de alegria e levantei meu rosto outra vez. Depois ouvi o moer das rodas da carroça. Eles estavam chegando. Logo depois da colina estava Nimmie. Logo depois da colina estavam os suprimentos necessários - e a esperança. O meu coração saltou de felicidade. Dei mais um beijo em Wynn com todo o meu amor envolvido nele, e virei-me para encontrar a carroça que se aproximava.

A primavera chegou.

A Escritora

JANETTE OKE nasceu em Champion, Alberta. Seus pais eram fazendeiros canadenses, e ela cresceu nas pradarias em uma família numerosa, cheia de risos e amor. Graduou-se no Mountain View Bible College em Alberta, onde conheceu seu marido, Edward; eles se casaram em maio de 1957. Após pastorear igrejas em Indiana e no Canadá, os Okes passaram alguns anos em Calgary, onde Edward trabalhou em universidades em várias funções, enquanto Janette continuava a escrever. Ela escreveu quarenta e oito romances adultos e outros dezesseis infantis, e seus livros somam aproximadamente trinta milhões de cópias vendidas.

Os Okes têm três filhos e uma filha, todos casados, e estão curtindo seus quinze netos. Edward e Janette são ativos em sua igreja local e moram perto de Didsbury, Alberta.

[1] *Na região de Beaver River, os dias de Junho e Julho são os mais longos do ano, e o sol se põe depois das 21h.*

[2] *Real Polícia Montada do Noroeste*

[3] *Tipo de chapéu com abas longas, onduladas e que podem ser moldadas com as mãos.*

[4] *Carcaju é um mamífero da família dos Mustelideos, ordem Carnívora. Vive no Hemisfério Norte, nas zonas frias da Sibéria, Escandinávia, Alasca e Canadá.*

[5] *Pão rápido de massa frita ou cozida.*